

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

**INVENTÁRIO DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS DOS
FORROS DAS EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS RELIGIOSAS DE
OURO PRETO**

Luana Lara Safar Redini

Ouro Preto
2015

Luana Lara Safar Redini

INVENTÁRIO DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS DOS FORROS DAS EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS RELIGIOSAS DE OURO PRETO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso Superior de
Tecnologia em Conservação e Restauro
do Instituto Federal de Minas Gerais
como exigência para obtenção do título
de Tecnólogo em Conservação e
Restauro.

Orientador: Alexandre Ferreira
Mascarenhas

Ouro Preto
2015

R317i Redini, Luana Lara Safar
Inventário dos sistemas construtivos dos forros das edificações
histórica religiosas de Ouro Preto. [manuscrito] / Luana Lara Safar
Redini. – 2015.
150 f. : il.

Orientador: Cássio Antônio Mendes Lacerda.

Monografia (Graduação) – Instituto Federal Minas Gerais,
Campus Ouro Preto. Tecnologia em Conservação e Restauro.

1.Sistemas construtivos. – Monografia. 2. Arquiteturas
religiosas. – Monografia. 3. Forros. – Monografia. 4.
Patrimônio histórico – Ouro Preto I. Mascarenhas,
Alexandre Ferreira. II. Instituto Federal Minas Gerais,
Campus Ouro Preto. Tecnologia em Conservação e
Restauro. III. Título.

CDU 726:27

Catálogo: Biblioteca Tarquínio J. B. de Oliveira - IFMG – Campus Ouro
Preto

Agradeço à minha mãe Ana Lucia, minha avó Carmem e minha tia Cristina, por acreditarem em mim e por terem me oferecido tanto suporte durante esses anos; à Giovanna, pela compreensão, paciência, carinho, amor e por me direcionar para os melhores caminhos; ao professor Alexandre Mascarenhas, por toda paciência, dedicação, oportunidades e conhecimento; e aos demais professores e amigos, que estiveram comigo durante mais uma etapa da minha vida.

RESUMO

O trabalho é destinado a produção de um inventário composto por 69 fichas catalográficas referentes aos forros das capelas-mores, naves, sacristias, corredores laterais e capelas do santíssimo das 29 edificações religiosas e históricas dos séculos XVIII, XIX e XX de Ouro Preto, MG e pela descrição de seus respectivos sistemas construtivos – materiais de composição e técnicas, além do desenvolvimento dos breves históricos e dos desenhos das plantas de cada uma das ermidas. Foram feitos levantamentos métricos e fotográficos destes elementos arquitetônicos e pesquisa teórica e documental como embasamento sobre as tipologias de forros identificadas. Ouro Preto possui um vasto acervo artístico e arquitetônico que ainda não foi completamente explorado e documentado o que caracteriza lacuna documental e bibliográfica sobre o tema. Sabe-se que os forros, parte do sistema de coberturas, são os elementos que mais se danificam e desenvolvem patologias ao longo do tempo em uma edificação histórica devido a sua intensa movimentação e que, ao mesmo tempo, estes, além de serem *per si* verdadeiras obras de arte, são ainda suportes de singulares representações pictóricas e escultóricas de valor inestimável. Foi possível alcançar o objetivo geral proposto, identificar que algumas edificações sofreram intervenções parciais ou completas em seus forros ao longo dos anos e relacionar as tipologias formais, presença de pintura artística e materiais de composição aos períodos de construção, categoria e diferentes cômodos da edificação.

Palavras-chave: Sistemas Construtivos, Arquitetura Religiosa, Forros, Patrimônio Histórico, Ouro Preto.

ABSTRACT

The work is intended for the production of an inventory consisting of 69 catalog cards of the ceiling linings of the different interior spaces of 29 religious and historical buildings of the 18th, 19th, and 20th centuries of Ouro Preto, MG and the description of their respective constructive systems-composite materials and techniques, and the development of the brief historical report and drawings of the plants of each of the edifices. Metric and photographic surveys were made of these architectural elements and theoretical research and documentary basis on the types of ceiling linings. Ouro Preto has a wide artistic and architectural collection that has not yet been fully explored and documented that results in a documental and bibliographical gap on the subject. It is known that the liners, roof system, are the elements that most damage and diseases develop over time in a historical building due to his intense movements and at the same time, these, besides being itself true works of art, are still unique brackets pictorial and sculptural representations of inestimable value. It was possible to achieve the overall objective, identify that some buildings suffered partial or complete interventions in their ceiling linings over the years and relate the formal typologies, artistic paintings and composition materials to the construction periods, category and different rooms of the buildings.

Keywords: construction Systems, Religious Architecture, ceilings lining, Cultural Heritage, Ouro Preto.

LISTA DE FIGURAS

Obs. 1: Todas as figuras são da autora, exceto naquelas em que há referência de fonte.

Figura 1 – Tipos de juntas de forros em madeira.	19
Figura 2 – Forro de taquara. Detalhe e assentamento.	19
Figura 3 – Forro em estuque Igreja Nossa Sra. Conceição de Antônio Dias.	21
Figura 4 – Estrutura forro de gamela e esquife.	21
Figura 5 – Desenho ilustrativo catedral gótica.	25
Figura 6 – Desenho ilustrativo de tipos de arcos ogivais.	25
Figura 7 – Desenho ilustrativo de tipos de tesouras tipicamente italianas.	26
Figura 8 – Arco românico.	29
Figura 9 – Desenhos de abóbadas em alvenaria	32
Figura 10 – Forro capela-mor de Bom Jesus	33
Figura 11 – Forro capela-mor Nossa Senhora Rosário de Padre Faria	33
Figura 12 – Desenho planta e perspectiva abóbada de aresta	34
Figura 13 – Forro capela-mor Igreja de Nossa Senhora do Carmo.	34
Figura 14 – Forro capela-mor de Nossa Senhora do Rosário.	34
Figura 15 – Forro capela-mor Igreja de Santa Efigênia.	35
Figura 16 – Desenho planta e perspectiva abóbada barrete de clérigo.	36
Figura 17 – Forro capela-mor Igreja de São Francisco de Assis.	36
Figura 18 – Forro capela-mor Igreja Matriz do Pilar.	37
Figura 19 – Projeção virtual zimbório capela-mor Pila	37
Figura 20 – Forro trifacetado Capela de Nossa Senhora das Necessidades.	38
Figura 21 – Forro trifacetado Capela de Santa Cruz.	38
Figura 22 – Forro nave Capela São João Batista de Ouro Fino.	39
Figura 23 – Forro nave Capela São João Batista de Ouro Fino.	39
Figura 24 – Forro capela-mor Capela São João Batista de Ouro Fino.	40
Figura 25 – Forro capela-mor Capela São João Batista de Ouro Fino.	40
Figura 26 – Forro capela-mor Capela de São José.	41
Figura 27 – Forro capela-mor Capela de São José.	41

Figura 28 – Desenho ilustrativo de tipos de forros planos quanto à junção.	43
Figura 29 – Forro sacristia Capela de Santana.	43
Figura 30 – Forro sacristia Capela Bom Jesus de Padre Faria.	43
Figura 31 – Forro Capela Nossa Senhora de Lourdes.	43
Figura 32 – Forro sacristia Capela de Bom Jesus de Matosinhos.	43
Figura 33 – Forro sacristia Capela de Nossa Senhora da Piedade.	45
Figura 34 – Forro Capela de São José do Manso – Parque do Itacolomi.	45
Figura 35 – Forro sacristia Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.	46
Figura 36 – Forro sacristia Igreja de Nossa Senhora do Carmo.	46
Figura 37 – Forro nave Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.	47
Figura 38 – Forro da nave da Igreja da Sé de Viseu, Portugal.	47
Figura 39 – Desenho corte longitudinal e transversal do forro sanqueado	47
Figura 40 – Forro Capela Nossa Senhora de Lourdes – Vila São José.	48
Figura 41 – Forro Capela Nossa Senhora de Lourdes - Morro S. Sebastião.	48
Figura 42 – Desenho ilustrativo forro abobadado em gamela ou esquife.	49
Figura 43 – Forro nave Igreja de São Francisco de Assis.	49
Figura 44 – Caibro exposto Igreja de Bom Jesus de Matosinhos.	50
Figura 45 – Caibro exposto Igreja de Bom Jesus de Matosinhos.	50
Figura 46 – Detalhe estrutura tesoura Igreja de Sant’Egidio. Fienze, Itália.	51
Figura 47 – Detalhe amarração extradorso abóbada Igreja Sant’ Egidio.	51
Figura 48 – Figura ilustrativa caibro.	52
Figura 49 – Desenho ilustrativo malhete.	53
Figura 50 – Tirante nave Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.	53
Figura 51 – Telhado Capela Santa Cruz.	54
Figura 52 – Telhado Capela Da Cruz e das Almas.	54
Figura 53 – Telhado Capela de Santana.	54
Figura 54 – Telhado Capela de São Sebastião.	54
Figura 55 – Telhado Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia.	55
Figura 56 – Telhado Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.	55
Figura 57 – Telhado Capela Senhor do Bonfim.	56
Figura 58 – Telhado Igreja de Nossa Senhora do Rosário.	56
Figura 59 – Detalhe tesoura Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.	56
Figura 60 – Detalhe tirante Igreja de Santa Efigênia.	56

Figura 61 – Gráfico forro capela-mor – material.	61
Figura 62 – Gráfico forro capela-mor – pintura.	62
Figura 63 – Gráfico forro capela-mor – tipologia formal.	62
Figura 64 – Gráfico forro nave – material.	63
Figura 65 – Gráfico forro nave – pintura.	63
Figura 66 – Gráfico forro nave – tipologia formal.	64
Figura 67 – Gráfico forro sacristia – material.	64
Figura 68 – Gráfico forro sacristia – pintura.	65
Figura 69 – Gráfico forro sacristia – tipologia formal.	65
Figura 70 – Gráfico tipologia formal x data construção.	67
Figura 71 – Gráfico capleas X tipologia formal.	68
Figura 72 – Gráfico igrejas X tipologia formal .	69
Figura 73 – Forro nave Matriz de Caminha.	65
Figura 74 – Forro biblioteca de Funchal.	71
Figura 75 – Detalhe pintura tesoura Igreja de Sant' Egídio.	71
Figura 76 – Detalhe pintura estribado da Igreja de Guimarães.	71

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPAC	Inventário de Proteção do Acervo Cultural

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS DE FORROS NA EUROPA E BRASIL.....	24
3. ASPECTOS TIPOLÓGICOS CONSTRUTIVOS.....	29
3.1 FORROS EM ABÓBADA.....	32
3.1.1 ABÓBADA DE BERÇO.....	33
3.1.2 ABÓBADA DE ARESTA.....	34
3.1.3 ABÓBADA DE BARRETE DE CLÉRIGO.....	36
3.1.4 ABÓBADA FACETADA.....	38
3.2 FORROS PLANOS.....	42
3.2.1 FORRO PLANO ESTEIRA DE TAQUARA.....	44
3.2.2 FORRO PLANO ARTESOADO.....	46
3.2.3 FORRO PLANO SANQUADO.....	47
3.2.4 OUTROS FORROS PLANOS.....	48
3.3 FORROS EM GAMELA.....	49
4. COBERTURA E TELHADO.....	50
5.O INVENTÁRIO.....	58
5.1 RELAÇÃO GERAL ENTRE OS CÔMODOS PRINCIPAIS E AS TIPOLOGIAS FORMAIS, PINTURAS ARTÍSTICAS E MATERIAIS.....	61

5.2 RELAÇÃO ENTRE AS TIPOLOGIAS FORMAIS E AS DATAS CONSTRUTIVAS.....	66
5.3 RELAÇÃO ENTRE O SISTEMA CONSTRUTIVO E A CATEGORIA DA EDIFICAÇÃO.....	68
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
7. BIBLIOGRAFIA.....	74
8. APÊNDICE.....	83

1. INTRODUÇÃO

O rico acervo arquitetônico de Ouro Preto é caracterizado pela diversidade dos sistemas construtivos, técnicas e materiais nele empregados, bem como a distinta expressão da cultura e da arte dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. Dentro deste contexto, destacam-se as igrejas¹ e capelas² e seus diversos tipos de forros. Estes elementos desempenham grande importância nestas edificações históricas e, em sua grande maioria, são acompanhados de ornamentação, seja ela em forma de pintura, em talha na madeira ou elementos em estuque.

É de suma importância documentar as técnicas e os materiais construtivos dos forros do período que abrange os séculos XVIII, XIX e XX, como forma de resguardar e difundir a cultura daquele povo e identificar as influências reminiscentes dos europeus, principalmente dos portugueses nas edificações de Minas Gerais. Sendo assim, este trabalho apresenta como objetivo principal a realização do inventário dos forros das edificações religiosas e históricas de Ouro Preto e seus sistemas de construção.

¹ Recebem uma classificação configurada em quatro fases, sendo a primeira até meados de 1740, apresentando “frontispício simples, em linhas retangulares, com a ênfase ornamental concentrada em seu interior, geralmente construídas de taipa ou adobe”. A segunda fase é acrescida de elementos ornamentais em cantaria e estrutura em alvenaria de pedra. A terceira fase é caracterizada por frontispício e corpo da nave em partido curvilíneo, torres recuadas e redondas com portadas ornadas em pedra-sabão. A quarta e última fase já entre o fim do século XVIII e início do século XIX, retorna-se aos frontispícios de partido retangular e linhas *rígidas e pesadas*. (ÁVILA, A. & GONTIJO, João, 1980, p. 21). As igrejas possuem párcos, que por sua vez estão inseridos em Dioceses, subordinadas aos Bispos.

² “(...) pequenas construções religiosas – urbanas ou rurais -, obedecem elas o partido bem simples, em taipa ou adobe. Os frontispícios eram bastante singelos, sem torres, com o alto da empena funcionando à maneira de frontão, encimado por pequena cruz. (...) Na metade do século XVIII, algumas capelas são reconstruídas em alvenaria de pedra, no mesmo partido, embora mais elaborado. Sem torres, passaram a apresentar campanários isolados. (...) ao final do mesmo século, surgem as capelas de torre única, ao centro do frontispício e capelas com frontispícios chanfrados. (...) Construção religiosa de pequeno porte, geralmente sem torres ou com apenas uma. Na nomenclatura eclesiástica, são também chamadas de *capelas* quaisquer templos que não sejam igrejas matrizes. Recinto de uma igreja onde fica um altar particular” (ÁVILA, A. & GONTIJO, João, 1980, p. 22 e 30). As capelas são locais de celebrações mais simples subordinadas à autorizadas dos Bispos e das Paróquias.

Há de se destacar a intenção em fomentar futuras e aprofundadas pesquisas em torno deste valioso acervo pouco explorado. Projetos de pesquisa com temas relacionados vêm sendo realizados desde 2010 pelo pesquisador e arquiteto Dr. M. Prof. Alexandre Ferreira Mascarenhas junto à Diretoria de Inovação e Pesquisa de Ensino do IFMG - Ouro Preto (DIPE-IFMG) com o intuito de inventariar e estudar elementos da Arquitetura pouco divulgados. Entre os projetos, destacam-se o *Inventário dos Estuques Ornamentais de Edificações Históricas de Ouro Preto*, objeto de estudo aprovado no edital PIBIC de 2010; *Elementos Modernos na Cidade Colonial* do edital PIBEX 2013; e *Inventário dos Estuques Ornamentais de Edificações Históricas de Ouro Preto, Mariana e Distritos*, objeto de estudo aprovado no edital PIBIC de 2014. O terceiro trabalho supra citado foi realizado com a colaboração desta autora como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), durante sua graduação no curso superior de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto.

Este trabalho é inédito, uma vez que observa-se a inexistência de pesquisas e publicações dentro deste âmbito e todas as suas vertentes estilísticas, histórica, formal, construtiva ou tecnológica.

Foi verificado na execução de projetos de conservação e restauro executados por instituições como IPHAN, IEPHA e Prefeitura de Ouro Preto, bem como em estudos e pesquisas do âmbito, que os forros das edificações históricas são demasiadamente solicitados e por esse motivo costumam apresentar sérias e constantes patologias passando, portanto, por diversas intervenções ao longo do tempo, muitas delas, vale dizer, sem registro documental ou porque se perderam ou porque não se efetivaram. Fundamenta-se portanto, que estes elementos de função estrutural, de relevância artística e de singulares técnicas e materiais de sua composição carecem de maior zelo e atenção dentro do âmbito de resguardo patrimonial.

Os forros são elementos desenvolvidos para atender diversos objetivos como a diminuição do pé-direito, possibilitar a livre ventilação cruzada, atender a regras de segurança, conforto térmico, acústico e/ou luminotécnico. A sua principal função é de vedação entre telhado e espaço interno. Em igrejas e capelas apresentam-se como acabamento de função estética, embuçando as estruturas de apoio do telhado como as tesouras simples, lanternim, tirantes ou escoras e recebendo representações artísticas e expressões plásticas pictóricas e escultóricas.

Segundo Silvio Colin (2010), os forros dos séculos XVIII e XIX eram usualmente “planos, assentes diretamente na estrutura dos telhados, ou em um barroteamento complementar”. Quando constituídos de madeira, as tábuas mais antigas possuíam aproximadamente dois palmos de largura e com junções variadas como tipo junta seca, junta de chanfro, junta de saia e camisa, junta macho e fêmea, esquadrinhada ou em corte diagonal (fig. 1). Destacam-se também os forros planos em esteira de taquara (fig. 2), técnica tradicional da região de Ouro Preto e atualmente pouco empregada na atualidade.

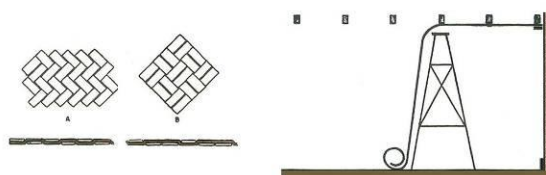
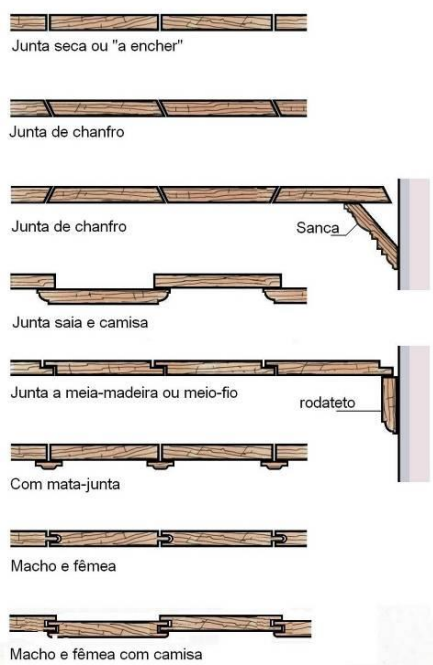


Figura 1: Tipos de juntas de forros em madeira. Fonte: Santos, 1951.

Figura 2: Forro de taquara. Detalhe e assentamento. Fonte: Santos, 1951.

Outro sistema construtivo de forros recorrente nas igrejas e capelas, porém pouco estudadas, é a dos estuques estruturais e ornamentais (fig.3). Na Antiguidade eram empregados como elemento de junção entre os materiais de construção e posteriormente foi designado como base para a realização de pinturas lisas e, sobretudo, artísticas. A técnica é caracterizada pelo baixo custo e pela rápida execução, proporcionando a reprodução de formas plásticas variadas³. Composto basicamente de cal, água e areia, associados a outros elementos disponíveis em cada região, como sangue animal, óleo de linhaça, açúcar, sal, silicato de sódio, estes eram aplicados sobre tramas de madeira chamadas taliscas ou tramas de metal denominadas deployeés (OLIVEIRA, 2011, p. 243).

As tipologias formais mais comuns dos forros das edificações religiosas de Ouro Preto se apresentam abobadados, planos ou em gamela. É possível encontrar outros em caixotão ou em gamela (fig. 4). Alguns forros planos são lisos e outros artesoados. As abóbadas de berço são feitas de tabuado de madeira e se apresentam lisas, algumas com pinturas artísticas e outras monocromáticas. As abóbadas de aresta e de barrete de clérigo possuem adornos⁴ em relevo e são feitas em madeira ou estuque.

³ MASCARENHAS, 2005, p.53.

⁴ Eram elaboradas talhas em madeira de elementos iconográficos como rocalhas, folhas de acanto e de parreira, anjos, querubins, além de molduras em relevo. Alguns destes elementos eram feitos utilizando-se a técnica de estuque.



Figura 3: Forro em estuque Igreja Matriz
Nossa Sra. Conceição, Ouro Preto.
Fonte: Luana Redini, 2015.

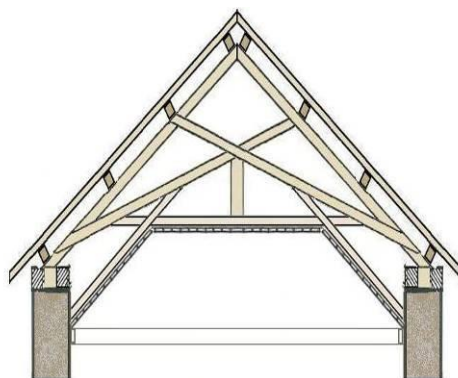


Figura 4: Estrutura forro de gamela ou esquife.
Fonte: Silvio Colin, 2010

Enquanto a Europa desenvolvia tratados sobre os materiais e seu comportamento, bem como técnicas de construção sistematizadas, a exemplo do manual do francês Jean Baptiste Rondelet (1743-1829) e os volumes publicados do “Traite Theorique et Pratique de L’art de Batir”; Ouro Preto recebia artífices vindo do norte de Portugal para avolumar a arquitetura e urbanização da “cidade”⁵. A mão de obra local provinda de escravos e a peculiaridade dos materiais da região corroborou para a “criação” de técnicas peculiares desenvolvidas nas edificações.

Os templos religiosos de Ouro Preto, em estudo neste trabalho são a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, Matriz de Santa Efigênia, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Igreja São Francisco de Assis. Além destas, também foram objetos de estudo deste trabalho os forros das demais igrejas e capelas, sendo elas: Capela de Santa Cruz (Alto da Cruz), Capela de Santa Cruz (Morro de Santana), Capela de Nossa Senhora da Piedade, Capela da Cruz e das Almas, Capela de Nossa Senhora das Dores, Capela de Nossa

⁵ MASCARENHAS, 2014.

Senhora das Necessidades, Capela de Nossa Senhora do Rosário (Padre Faria), Capela de Nosso Senhor do Bonfim, Capela de Santana, Capela de São Cristóvão, Capela de São João Batista de Ouro Fino, Capela de São Miguel Arcanjo, Capela de São Sebastião, Capela do Bom Jesus de Padre Faria, Capela do Senhor Bom Jesus das Flores, Capela de Nossa Senhora de Lourdes (Vila São José), Capela de São José (Manso - Parque do Itacolomi), Capela de Nossa Senhora de Lourdes (Morro São Sebastião), Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, Igreja de São Francisco de Paula, Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos e Igreja de São José. Os *passos* de Ouro Preto, apesar de serem caracterizados como edificações religiosas, não foram considerados nesta pesquisa, por se tratarem de ermidas simplificadas, de medidas de planta reduzidas.

O objetivo principal deste trabalho foi confeccionar um *Inventário dos sistemas construtivos dos forros de edificações históricas religiosas em Ouro Preto*, afim de identificar, analisar e documentar os sistemas construtivos dos forros dos templos religiosos em Ouro Preto compreendido entre os séculos XVIII e XX, bem como as influências europeias e as suas características tipicamente regionais, a partir da execução de uma breve contextualização histórica, arquitetônica e construtiva de cada objeto estudado.

Foram executados levantamentos métricos e fotográficos em todas as edificações religiosas históricas de Ouro Preto e a partir do material coletado, foram elaborados desenhos das plantas de cada uma no programa AutoCad 2013 para composição ilustrativa das fichas catalográficas. Foram ainda desenvolvidas pesquisas bibliográficas e documentais referentes às técnicas e materiais empregados, principalmente a madeira e o estuque, bem como estabelecidas prováveis datações construtivas dos forros encontrados dentro de pequenos textos desenvolvidos com breves históricos e descrição dos forros. Do mesmo modo, houve a tentativa de identificar e sugerir as possíveis influências portuguesas na metodologia construtiva destes elementos arquitetônicos e seus desmembramentos até adquirirem características próprias e regionais no estado de Minas Gerais, coadjuvando para o resguardo

do conhecimento destas técnicas de elevada relevância histórica, artística e cultural.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS DE FORROS NA EUROPA E BRASIL

Os sistemas construtivos de forros foram estabelecidos na antiguidade por métodos empíricos, onde os diversos materiais eram testados em relação às demandas dos projetos, sem que se mensurasse cientificamente todos os resultados e, portanto, quando se obtinha êxito em algum experimento, essa técnica era reproduzida em diferentes escalas, em outras construções, a exemplo da cúpula do Panteão de Roma (27 a.C.–14 d.C) (GAGO, 2004, p. 14).

Dentre estes sistemas, nota-se em especial, os arcos e as abóbadas, cujo emprego se deu largamente nas edificações religiosas de Ouro Preto entre os séculos XVIII e XX e que foi composta pela combinação das regras estipuladas nos tratados provindos de Portugal, com a engenhosidade dos mestres carpinteiros e marceneiros locais. Esta técnica construtiva de forros foi aplicada desde 1000 a.C., pela civilização Etrusca⁶.

A sua utilização (dos arcos e abóbadas) possibilitou vencer vãos de forma notável ao utilizar um material com resistência nula à tração (a alvenaria) e realizar geometrias estaticamente eficientes e pouco deformáveis, permitindo dispor de espaços arquitetônicos válidos e funcionais. Os arcos não existem habitualmente na natureza: são uma invenção do homem, iniciada em 50 construções históricas na Babilônia, possivelmente com mais de 6.000 anos (LANÇA, 2006. p. 2).

No período de Constantino, ao final do Império Romano (século IV), as sólidas coberturas são sucedidas pelo sistema de estruturas vazadas e portando mais leves. Esta tendência se estende às basílicas cristãs do Oriente e Ocidente estimulando ainda o sistema construtivo de forros em *caixotão*, *caixão* ou também chamados artesoados (MOREIRA, 2010, p. 6).

No período medieval, entre os séculos XIV e XV, as catedrais góticas apresentam a necessidade tanto das regras de proporção geométrica quanto uma metodologia de dimensionamento, as quais foram descritas por Villard de Honnecourt, em 1235 e também estabelecidas por influência da escola romana

⁶ Aglomerados de povos civilizados que habitaram a península itálica, entre os rios Arno e Tibre, chamada de Etrúria. Estes povos exerceram grande influência sobre os Romanos (BLOCH, 1981).

(GAGO, 2004. p. 20). As abóbadas são construídas com nervuras, geralmente de pedra, com preenchimento em tijolos que proporcionam maior leveza em relação às outras anteriores. O arco pleno é substituído pelo arco ogival ou *arco quebrado* (figs. 5 e 6). Este é caracterizado pelo cruzamento de dois arcos idênticos quebrados na parte superior formando um ângulo agudo.

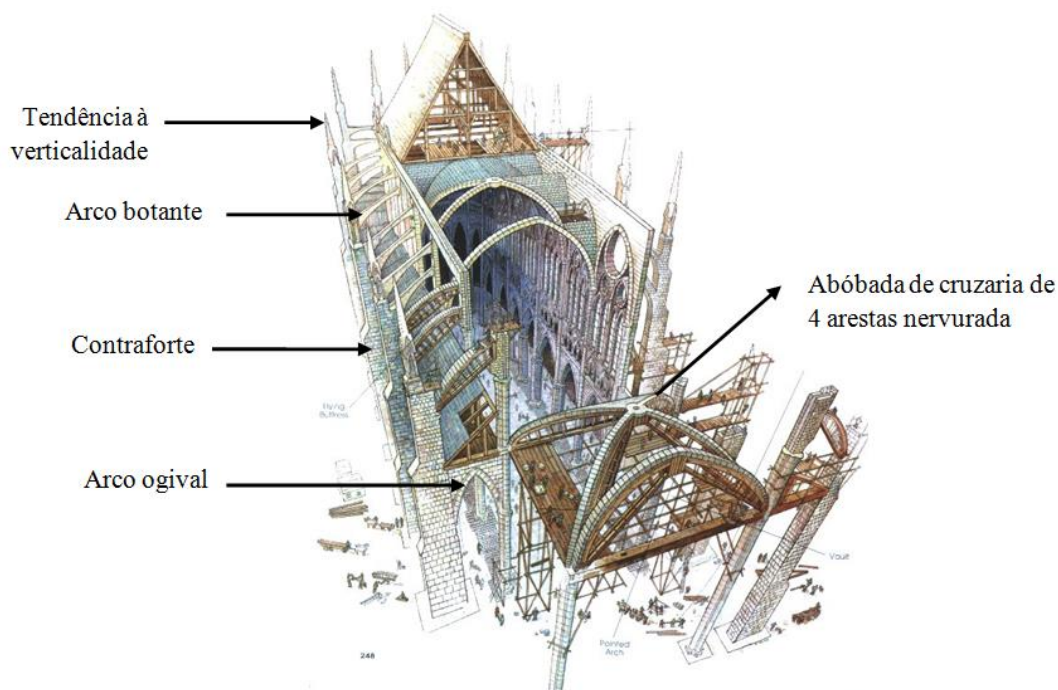


Figura 5: Desenho ilustrativo catedral gótica.

Fonte: Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-bc_t2w3Y9Xw/VOEF-FGwByl/AAAAAAAAAKg/7mdM2SFtb1o/s1600/GOTICO%2B2.png>. Acesso em 21 de maio de 2015.

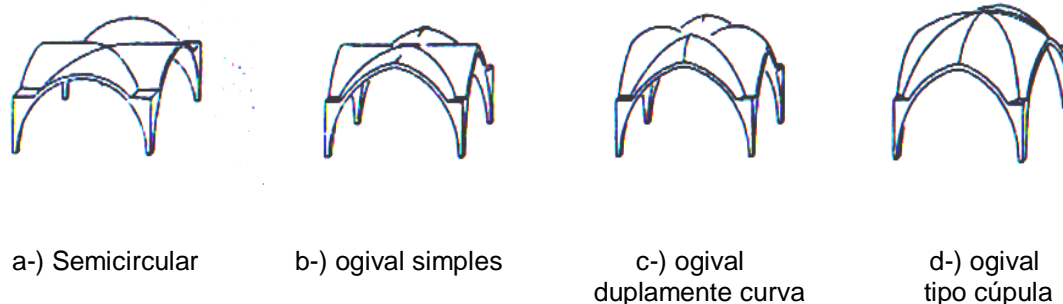


Figura 6: Desenho ilustrativo de tipos de arcos ogivais.

Fonte: LANÇA, 2006, p. 56.

A partir do século XVII, Galileu e Robert Hooke desenvolvem os fundamentos científicos que passam a ser aplicados no século XVIII, observando-se principalmente as leis da mecânica e a resistência dos materiais. Sabe-se que desde o século III a.C., os conceitos de gravidade, equilíbrio, estudo da geometria simples e peso começam a ser elaborados e já no século I a.C., Vitrúvio escreve o primeiro tratado de construção chamado *Os dez Livros de Architectura*, disserta sobre regras de proporção adequadas para garantir a estabilidade dos edifícios.

O Renascimento italiano é inspirado pela arte e arquitetura clássica que combina as diretrizes de Vitrúvio às novas soluções, entre elas, dos tirantes metálicos e dos sistemas construtivos de tesouras ou asnas (fig. 7) nas estruturas das coberturas que seriam adotados consecutivamente por Portugal e herdadas pelo Brasil⁷.

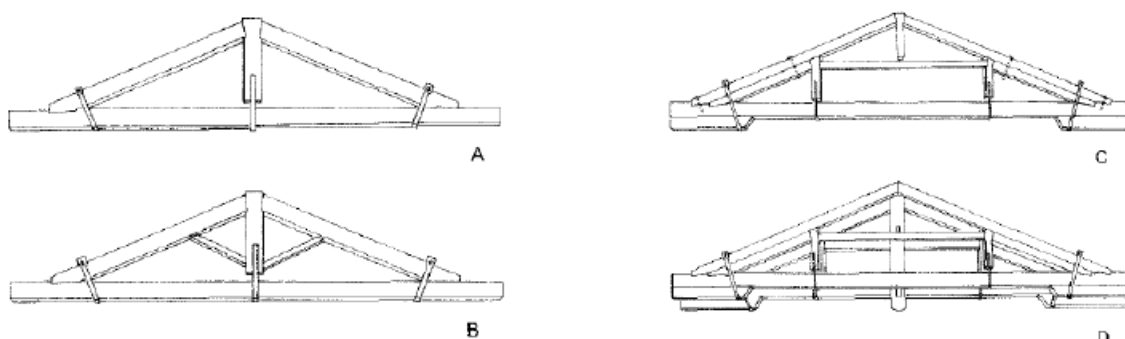


Figura 7: Desenho ilustrativo de tipos de tesouras tipicamente italianas.
Fonte: MOREIRA, Maria Irene Nunes, 2010, p. 8.

Este período também delinea sobretudo a pintura em perspectiva, consagrada na Itália por Pietro da Cortona (1596-1669) e pela publicação do primeiro tratado do jesuíta Andrea Pozzo (1643-1709) nos anos 1693 e 1698 nomeada *Perspectiva Pictorum et Architectorum*⁸.

⁷ MOREIRA, Maria Irene Nunes. *Tectos Decorativos em Madeira em Edifícios Patrimoniais Portugueses*, 2010, p. 7.

⁸ Pozzo, Andrea. *Perspectiva Pictorum et Architectorum* Andreae Putei e Societate Jesu. Pars Prima. In quâ docetur modus expeditissimus delineandi opticè omnia que pertinente ad Architecturam. Romae. MDCXCIII. Typis Joannis Jacobi Komarek Bohemi apud S. Angelum Custodem. Pozzo, Andrea. *Perspectiva Pictorum et Architectorum* Andreae Putei e Societate

Rapidamente o tratado de Pozzo ganhou reconhecimento no campo do desenho de perspectiva, utilizado tanto na arte da pintura quanto da arquitetura. As sucessivas edições, reimpressões e traduções são o exemplo claro da circulação desta obra (SILVA, 2015, p. 65).

A técnica de pintura em perspectiva chega em Minas no século XVIII e explora a verticalidade nas principais igrejas barrocas de Ouro Preto, tendo como exponencial, a pintura do forro da nave da Igreja de São Francisco de Assis de autoria de Manoel da Costa Athayde. O artista consegue nesta obra, dissimular a tipologia formal do forro em gamela. Nesse sentido, Magno Moraes Mello disserta:

A perspectiva no tempo barroco convive com o tema infinito, a ilusória representação do espaço numa espécie de continuidade entre dois mundos diferentes, mas interligados: o espaço visível e real e o mundo divino e celestial (MELLO, 2014, p. 113).

É indubitável que os sistemas construtivos da arquitetura colonial religiosa de Ouro Preto estariam associados aos “tratados italianos, espanhóis e franceses como o *Libri d’architettura* de Serlio, os *Artefactos symmetriacos e geométricos* do padre Inácio da Piedade Vasconcellos, além dos tratados de Palladio, Lorenzo de San Nicolás⁹, Fréart de Chambray, Scamozzi¹⁰ e Christian Rieger” (BURY, 1991, p. 185).

O auge do período aurífero em Minas consagra a construção das edificações religiosas mais ostentosas no século XVIII e princípio do século XIX. Nesse sentido a arquitetura desfruta dos intensos investimentos da coroa e da Igreja.

A vida social foi marcada por intensa religiosidade, com a proibição do estabelecimento de ordens religiosas seculares, afirmaram-se as irmandades e ordens terceiras, geralmente compostas segundo o critério de distinção racial, com preferências devocionais exclusivas (MIRANDA, 2001, p. 772).

Dentro deste contexto, a arquitetura religiosa de Ouro Preto desfruta do intenso investimento da Coroa e da Igreja e há a manifestação das misturas dos estilos

Jesu. Pars Secunda. In quâ proponitur modus expeitissimus delineandi opticè omnia que pertinente as Architecturam. Romae. Anno Jubilei MDCC. Ex Typographya Jo: Jacobi Komarek Boemi, propè SS. Vicentinum, & Anastasium in Trivio. Edição fac-símile: Trento: Provincia autónoma di Trento. Soprintendenza per i beni storico-artistici: Temi, 2009. 3 vol.

⁹ Frei Lorenzo de San Nicolás (1595-1679). *Arte y Uso de la Architectura*, Madrid, 1633.

¹⁰ Vincenzo Scamozzi (1552/57-1616), *Dell’idea dell’Architettura Universale di Vincenzo Scamozzi divisa in X Libri*, Venecia, 1616.

maneirista, barroco e rococó, ou segundo a classificação dos retábulos de BAZIN, 1983, o Barroco separado em três períodos - Estilo Nacional Português, Estilo Joanino e Estilo Rococó¹¹.

¹¹ LEITE, 2009, p. 39-43.

3. ASPECTOS TIPOLÓGICOS CONSTRUTIVOS

As abóbadas de berço, também chamadas cilíndricas, são formadas por arcos de volta perfeita¹² e por isso são consideradas as mais simplificadas. Segundo GAGO, 2004, p. 14, os arcos foram soluções arquitetônicas bastante desenvolvidas pelos construtores romanos para serem empregados não apenas em edifícios civis e religiosos, como em pontes, fachadas e portais, de forma que vencessem os grandes vãos além de suportarem corpos de construção¹³, além de atender a fins decorativos. Após a criação e o desenvolvimento do betão ou concreto armado houve o decréscimo da sua aplicação nos edifícios.

O conjunto de arcos é chamado *arcada* e o sistema de arcos é chamado *arcatura*. Tem-se ainda, dentro da classificação dos arcos perfeitos, os *arcos oblíquos*, *montantes*, *cônicos*, *aviajados*, *extradorsados paralelamente* e de *ressalva* (fig. 8).

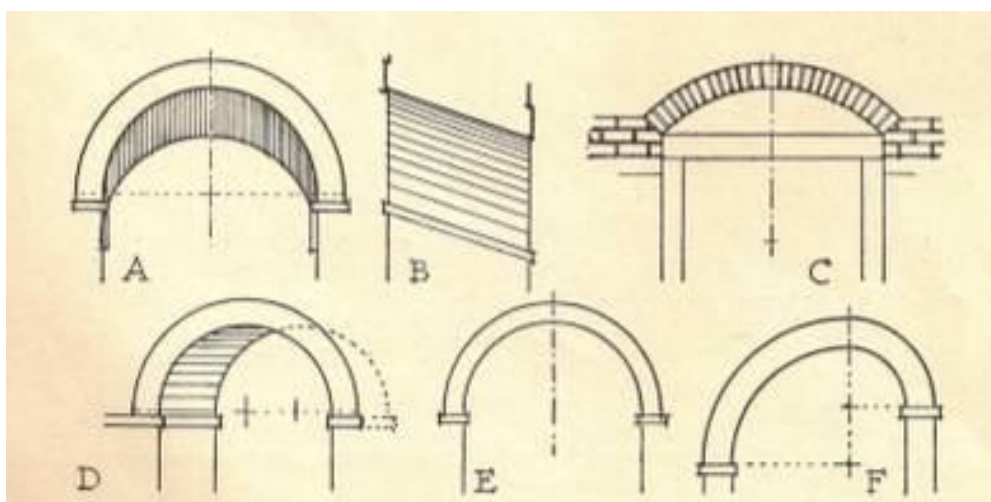


Figura 8: Tipos de arcos.

Fonte: COSTA, F. Pereira, 1955, p. 2.

¹² São considerados *arcos perfeitos*: os *arcos românicos*, *arcos de gearção* e os *arcos de ferradura*. O primeiro é construído a partir do ponto C como eixo da sua largura, na linha do vão A-B (fig.9). O segundo é também conhecido como arco sobrebaixado e sua construção se dá a partir da feitura de seu centro em qualquer ponto da linha do eixo da largura do vão A-B. O terceiro e último, originado na arquitetura nórdica e adotada nas edificações árabes, é obtido pelo ponto C na linha dos pontos A-B (COSTA, 1955, p. 2).

¹³ Entende-se por corpos de construção, neste caso, as paredes, colunas e esquadrias.

A fim de assimilar como os arcos são construídos e por conseguinte as abóbadas, propôs-se discorrer brevemente sobre as etapas de concepção destes. Para cada arco é necessário se construir, ainda no chão, a sua respectiva cambota¹⁴. Cada uma destas deve possuir medida igual a espessura do arco. Previamente é necessário que se encontre o centro do arco, utilizando um cintel ou uma fasquia¹⁵, como função de compasso, caso se trate de arco de volta perfeita. Nos casos de arcos abatidos ou ogivais, deve-se então desenhar no chão todo o traçado de tamanho real da cambota, dispondo as tábuas de madeira sobre este rascunho e deixando o arremate arredondado para o final. A fixação das cérceas¹⁶ são feitas em seu diâmetro por um frechal¹⁷ que posteriormente recebe as escoras que garantirão seu travamento. A armação das cambotas é feita por duas grades, geralmente, e são ligadas entre si por ripas que se localizam na formação dos arcos da mesma, compreendendo seu comprimento à espessura de seu corpo. Estas devem ser assentes em prumos de madeira ou, preferencialmente, sobre os motivos salientes dos pés direitos. Nos casos em que os arcos são estreitos, as cambotas são construídas com madeira grossa, dispensando a estruturação de duas grades, as régua ou ripas. As abóbadas de berço são usualmente formadas por cambotas de maior comprimento e dimensão¹⁸.

Os materiais comumente empregados na construção dos arcos são os tijolos rebatidos ou chatos e a cantaria, unidos por argamassa de cimento e areia, com indicação para os traços 1:4 ou 1:5 (SANTOS, 1951).

As igrejas de Ouro Preto apresentam arcos provavelmente de alvenaria de tijolos, com argamassa à base de pozolanas, pois foi possível perceber por meio de método empírico de percussão utilizando o toque, a rigidez do

¹⁴ Armações de madeira ou ferro em forma de arco com a finalidade de sustentar a construção que será feita na sua parte superior. As madeiras comumente utilizadas na confecção das cambotas eram a Canela Preta e o Cedro (ÁVILA, A. & GONTIJO, 1980, p. 61).

¹⁵ Talisca ou ripas de madeira. Em alguns casos, podem compor as treliças.

¹⁶ Pedacos de tábuas arredondadas.

¹⁷ Viga que arremata o topo das paredes, servindo de apoio aos caibros e ao vigamento do telhado.

¹⁸ COSTA, 1955, p. 1-16.

material. Entretanto, estes dados merecem maiores ensaios e prospecções para elucidar novas pesquisas.

A primeira hipótese provém de que por cima da maioria dessas abóbadas encontram-se para facilitar a circulação no forro, arcos abatidos de tijolos, em forma de ponte, muito delgados (cerca de 40x60cm), ligando a parte mais elevada dos extradorsos das abóbadas ao respaldo das espessas paredes que separam, via de regra, a capela-mor da caixa da escada posterior. As abóbadas das capelas-mores puderam ser feitas de alvenaria, porque os vãos são relativamente pequenos, se comparados com os das naves. Nestas últimas, as abóbadas de alvenaria seriam inadmissíveis (a menos que se recorresse a contrafortes especiais), em vista dos empuxos que provocariam (SANTOS, 1951. p. 93).

A construção dos arcos é executada a partir do assentamento das cambotas e após a construção dos pés direitos. Depois de finalizada esta montagem, começa-se a assentar os tijolos sobre a cambota até a coroa do arco¹⁹, de modo que eles sejam colocados de ambos os lados até alcançarem a prumada da linha do eixo.

Se o arco tem maior espessura do que o comprimento de um tijolo, como por exemplo dois, três ou mais vezes do tijolo, o assentamento destas peças é feito *desencontradamente*, para se obter um bom e forte travamento de toda a obra (COSTA, 1955. p. 11).

É importante destacar, que o arco só é *desamarrado* após ao menos 15 dias do fim das obras, visto que é necessária a completa secagem tanto de sua estrutura, quanto dos corpos de construção que compõem o conjunto edificado.

¹⁹ Considera-se *coroa do arco*, *fecho* ou *coroamento*, o último tijolo da parte superior do arco.

3.1 FORROS EM ABÓBADA

Os forros lisos e curvos, chamados de abóbadas, são basicamente tábuas de madeira assentadas em junta-seca, fixadas em cambotas, sendo estas fixadas nos caibros e peças integradas que no seu todo afere o formato semicircular (PAULA, Geraldo Donizetti; ROZENWAJM, 2008. p. 37). Estas construções de ordem curvilínea podem ser como plana, cilíndrica, de berço, de aresta, de barrete de clérigo, de luneta e de cúpula²⁰. Segundo ÁVILA, A. & GONTIJO, 1980, p. 17, “abóbada é toda a cobertura de seção curva”.

Os forros das capelas-mores dos templos religiosos de Ouro Preto apresentam forma em abóbada de berço, aresta ou barrete de clérigo (fig. 9).

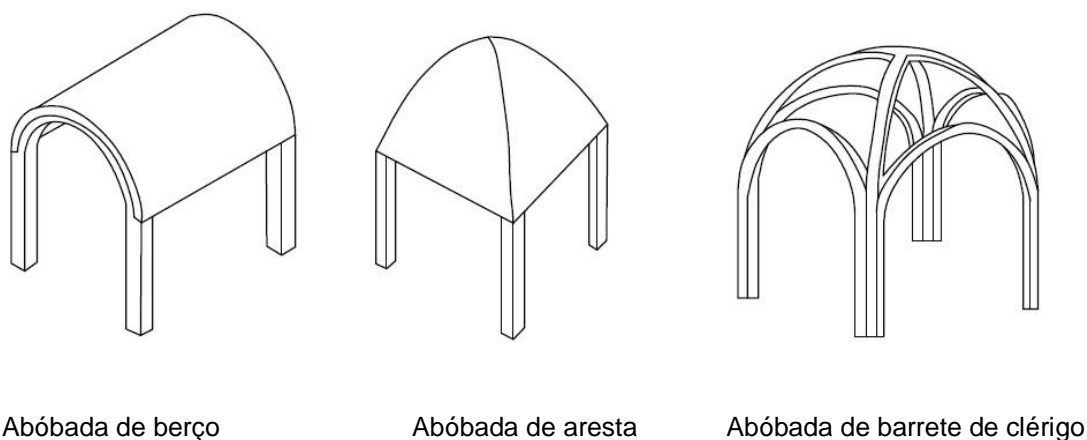


Figura 9: Desenhos de abóbadas em alvenaria.
Fonte: Luana Redini, 2015.

²⁰ COSTA, F. Pereira da, 1955. p. 12.

3.1.1 ABÓBADA DE BERÇO

Nas capelas e igrejas mais elaboradas, a predominância maior é de forros em abóbadas de berço, tanto nas capelas-mores, quanto nas naves, como constatado nas capelas de Bom Jesus das Flores do Taquaral (fig. 10) e de Nossa Senhora do Rosário de Padre Faria (fig. 11). Ambas apresentam pintura artística à têmpera, em perspectiva com falsa arquitetura, e são semelhantes quanto à composição da representação, ao medalhão central de moldura circular e predominam os tons de marrom, azul e vermelho. Nos autos de arrematação são identificados alguns tipos de madeira utilizados para a feitura dos forros de Ouro Preto, sendo elas: Canela Parda, Cedro e Vinhático²¹.

As de berço, feitas de madeira, foram as preferidas para as naves: frisos “a encher”, com mata-junta por cima, ou frisos à meia madeira, pregados contra cambotas apoiadas nas paredes e sustentadas (por meios tirantes) pelas tesouras ou pelos caibros armados (conforme fosse o tipo de madeiramento). Os frisos são geralmente de meio palmo (11 cm) e as cambotas formadas de peças de seção quadrada, também de meio palmo, ou roliças, de igual diâmetro, colocadas à meia madeira, pregadas umas contra as outras e desbastadas a machado ou enxó (para tomarem a curvatura da abóbada) (SANTOS, 1951. p. 93).



Figura 10: Forro capela-mor de Bom Jesus das Flores. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 11: Forro capela-mor Nossa Senhora. Do Rosário de Padre Faria. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

²¹ (ÁVILA, A. & GONTIJO, 1980, p. 61).

3.1.2 ABÓBADA DE ARESTA

Os forros em abóbada de aresta (fig. 12) são encontrados apenas nas capelas-mores das igrejas de Nossa Senhora do Carmo (fig. 13), de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (fig. 14) e de Santa Efigênia (fig. 15). As duas primeiras têm como material de composição o estuque e a última, tabuado em madeira. Estas, por sua vez, se caracterizam pela intercessão de duas abóbadas cilíndricas ou de berço interligadas e seccionadas em ângulo reto (COSTA, 1955. p. 13).

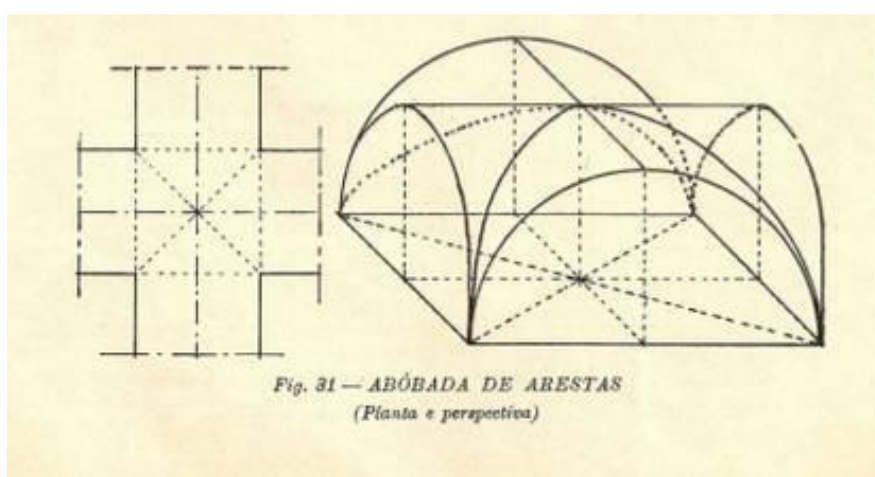


Figura 12: Desenho planta e perspectiva abóbada de aresta.
Fonte: COSTA, 1955, p. 13.



Figura 13: Forro capela-mor Igreja Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 14: Forro capela-mor Igreja Nossa Sra. do Rosário dos Pretos, Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 15: Forro capela-mor Igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

3.1.3 ABÓBADA DE BARRETE DE CLÉRIGO

Os únicos forros em barrete de clérigo (fig. 16) encontrados na pesquisa foram o da capela-mor da Igreja de São Francisco de Assis (fig. 17) e da capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (fig. 18), sendo o primeiro em estuque e o segundo em madeira. Estes por sua vez, são também chamados, segundo COSTA, (1955, p. 13), de *arco de claustro*, e possuem o formato inverso da abóbada de aresta, com as arestas de penetração reentrantes.

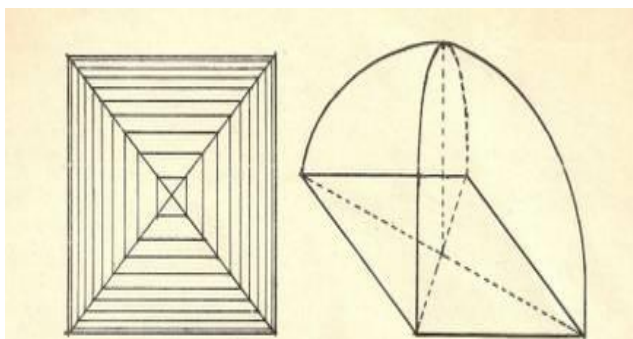


Figura 16: Desenho planta e perspectiva abóbada de barrete de clérigo.
Fonte: COSTA, F. Pereira, 1955, p. 13.



Figura 17: Forro capela-mor Igreja São Francisco de Assis. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

BASTOS, (2009, p. 182), em sua tese de doutorado intitulada “A Maravilhosa Fábrica de Virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)”, disserta sobre a existência de um zimbório²² que havia sido construído no lugar do atual medalhão central do forro da capela-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (fig. 19). Este zimbório teria sido removido em 1770, após apresentar intensa infiltração. Segundo o historiador, este elemento provavelmente foi projetado e construído em madeira, com base em tratados de arquitetura²³ de proveniência portuguesa e italiana e ainda constatou indícios de que antes da consumação em tamanho real desta obra única identificada em Minas Gerais, foi feito uma maquete em menor escala para servir de modelo.

²² Parte externa e superior da cúpula de um edifício.

²³ Exemplos de importantes tratados são: O *Tractado de Architectura*, de Matheus do Couto e *De Architectura*, de Vitruvius.



Figura 18: Forro capela-mor Igreja do Pilar. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 19: Projeção zimbório forro capela-mor Igreja Matriz Pilar. Ouro Preto, MG.
Fonte: BASTOS, 2009, p.167.
(Computação gráfica de Robson Godinho)

3.1.4 ABÓBADA FACETADA

Os forros em abóbada facetada estão presentes em sete edificações religiosas de Ouro Preto, a saber: Capela de São João Batista de Ouro Fino, Capela de Nossa Senhora das Necessidades (fig. 20), Capela de Santa Cruz do Alto da Cruz (fig. 21), Capela de Santana, Igreja de São José, Capela de São Cristóvão e Capela de São Miguel Arcanjo. Esta técnica é praticamente constituída por seções planas de tábuas de madeira de junta-seca ou saia e camisa.



Figura 20: Forro trifacetado capela de Nossa Senhora das Necessidades. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 21: Forro trifacetado capela de Santa Cruz – Alto da Cruz. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

Foi possível identificar através de fotografias documentais de Sylvio de Vasconcellos, que o forro da nave da capela de São João Batista de Ouro Fino era composto por três faces, excepcionalmente por esteira de taquara, sendo a central sem revestimento e as laterais cobertas por estuque e pintura a base de cal (fig. 22). Este foi substituído completamente por tábuas de madeira (fig. 23) em alguma das intervenções que a capela passou, provavelmente em meados de 1940, segundo relatos colhidos por SANTOS, (1951, p. 107). O forro da capela-mor também foi modificado em data não identificada, ao serem retiradas as pequenas estrelas em alto relevo distribuídas por toda sua extensão (figs. 24 e 25).



Figura 22: Forro nave Capela de São João Batista de Ouro Fino. Detalhe forro em esteira de taquara. Ouro Preto, MG, s/ data. Fonte: acervo da Escola de Arquitetura da UFMG, Laboratório de Foto documentação Sylvio de Vasconcellos.



Figura 23: Forro nave Capela de São João Batistade Ouro Fino. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 24: Forro capela-mor Capela de São João Batista de Ouro Fino. Detalhe do forro da capela-mor com estrelas em alto relevo e o barrado de madeira com pintura decorativa. Ouro Preto, MG, s/ data. Fonte: acervo da Escola de Arquitetura da UFMG, Laboratório de Foto documentação Sylvio de Vasconcellos.

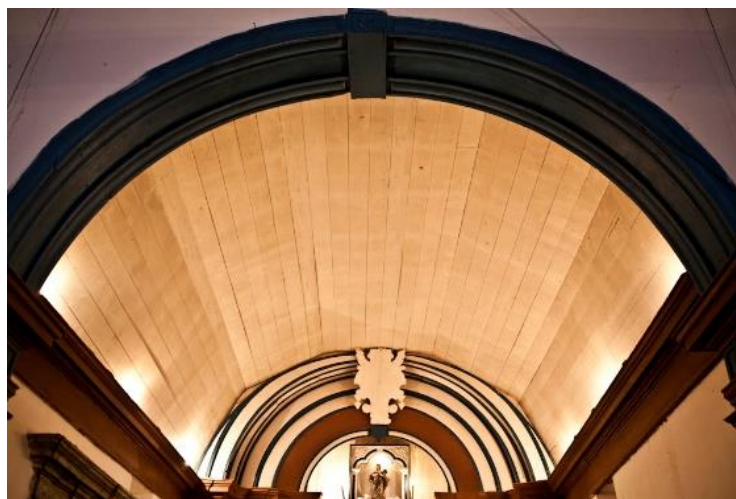


Figura 25: Forro capela-mor Capela São João Batista de Ouro Fino. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

A partir da mesma fonte documental fotográfica acima citada constatou-se que o forro da capela-mor da Igreja de São José também foi alterado, não quanto à sua tipologia formal, mas quanto à pintura decorativa, que antes simulava frisos de moldura (fig. 26) e atualmente, desaparecido ou escondido sobre camada pintura monocromática branca (fig. 27).



Figura 26: Capela de São João José.
Ouro Preto, MG, s/ data.
Fonte: acervo da Escola de Arquitetura da UFMG,
Laboratório de Foto documentação
Sylvio de Vasconcellos.



Figura 27: Capela de São José.
Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

3.2 FORROS PLANOS

Os forros planos identificados podem ser classificados como lisos ou artesoados. Quanto ao material, podem ser em madeira, estuque, pvc ou esteira de taquara. As *condições*²⁴ para a confecção dos forros eram acompanhadas de esboços em desenhos, com princípios de minúcia e rigor quanto às determinações das técnicas adotadas e dos materiais utilizados. SANTOS, (1951, p. 105), transcreve um destes termos de ajuste que trata do forro da igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto²⁵.

Os forros planos e lisos podem se apresentar com pintura artística ou monocromáticos e estão presentes unanimemente nas sacristias²⁶ e nártex, e, em algumas naves das edificações religiosas de Ouro Preto. Estes, quando possuem tábuas de madeira colocadas no mesmo nível, podem ter sua junção esquadrihada, também denominada junta-seca ou em corte diagonal (fig. 28). Ainda existem os forros planos “saia e camisa”, os quais as tábuas são intercaladas em sobreposição umas com as outras²⁷. Observa-se que a utilização destes tipos de forro se deu principalmente nos corredores laterais e sacristia das igrejas e nos forros das naves e capelas-mores das capelas de arquitetura mais simplificada (figs. 29, 30, 31 e 32). Os tabuados que são

²⁴ Recomendações feitas nos termos dos contratos das obras arrematadas.

²⁵ “Condições p.^a se a Justarem afatura dos forros do conçistorio e dois corredores da Veneral ordem 3.^a de N.^a Sr. do Carmo desta Villa Rica em 17 de Março de 1795.

Sera obrigado, o Mestre carpinteiro, que a Justar a ditta obra que he somente desuas mãos, afazella naforma do risco que amesma ordem lhe entregar, declaraçe q. o forõ do conçistorio será feito de armação, como seve na feigura N.^o 3 que semostra sua Thezoura, que serão feitas, to das as mais assim como representa, aq. Esta avista que servir de modelo, para as mais que se gundo asua repartição poderão ser quinze 15, fazendo, toda ar mação comosecostuma comseus espigois como semostra nafegura N.^o 4 – gorniçendo os mês mos espigois, tudo bem destruçido p.^a melhor poder pregar o taBoado”.

²⁶ Haviam regulações decorosas que discorriam sobre alguns requisitos que deveriam ser atendidos pela sacristia e também sobre como esta deveria ser construída. Como disposto nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), estas deveriam proporcionar segurança e serem limpas com frequência a fim de conservar de maneira adequada os *ornamentos dedicados ao culto divino*. O *Tractatus de novorum operum aedificationibus* (Lisboa, 1750), de foro secular, não obstante destaca que: “Em nome do *decoro* e da *decência* relativa aos *ofícios divinos* dever-se-iam ter rebocadas as paredes das ditas sacristias, com tetos também emassados ou pintados, planos ou abobadados” – (BASTOS, 2009. P. 216). Teria alguma sacristia forro original em abóbada, mas que se perdeu ao longo dos anos? Quanto ao material, houve em alguma sacristia, forro em estuque?

²⁷ PAULA; ROZENWAJM, 2008. p. 36.

encaixados entre os barrotes são menos aplicados e não foi identificado em nenhuma das igrejas ou capelas estudadas.

Segundo SANTOS, (1951, p. 105), os forros planos diagonais são definidos como *de chanfro* ou a *meia esquadria*. Há ainda os forros planos com juntas a *meia madeira* ou *de meio fio*, de *macho e fêmea* e os de *mata-junta*.

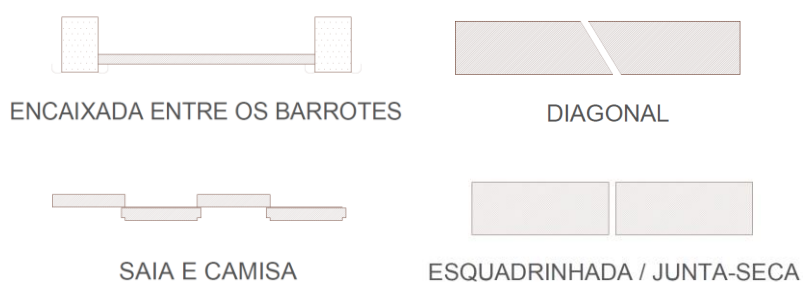


Figura 28: Desenho ilustrativo de tipos de forros planos quanto à junção.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 29: Forro tipo saia e camisa sacristia Capela de Santana, Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 30: Forro tipo saia e camisa capela de Bom Jesus de Padre Faria, Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 31: Forro PVC Capela Nossa Sra. De Lourdes – Vila São José. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 32: Forro junta-seca sacristia Capela Bom Jesus de Matosinhos. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

3.2.1 FORRO PLANO DE ESTEIRA DE TAQUARA

A técnica de produção dos forros planos de esteira de taquara²⁸ se dá através do trançado das meias taquaras planas, ou seja, parte-se a taquara ao meio, no sentido longitudinal e aplaina-se estas faces com batidas utilizando um martelo especial. Estas faces podem ser entrecruzadas formando desenhos geométricos concêntricos, sejam eles quadrados, retângulos ou losangos. O preparo das esteiras é realizado antes de sua montagem no forro, já com as medidas exatas pré-definidas e pintadas, se for o caso. A vantagem deste material como forro de edificações está na facilidade de circulação de ar, proporcionando maior conforto térmico, além de sua singular característica artesanal e estética. Entretanto necessita de constante manutenção, uma vez que o material é mais frágil que a madeira.

As extremidades são fortemente debruadas para que não esgarcem. A esteira é pregada só em um entarugamento de 80 x 80 cm aproximadamente, formado por barrotes de formação adequada para o tamanho do vão. A colocação é iniciada por uma das extremidades. Preparam-se um cavalete com a mesma largura do cômodo e poucos centímetros abaixo. A esteira desenrolada sobre o cavalete mantém-se esticada pelo próprio peso, sendo pregada contra tarugos com pregos de cabeça quadrada de 1 x 1 cm. Às vezes a esteira leva, pela parte de baixo, um ripado (ripas de 1 x 3 cm aproximadamente) – (SANTOS, 1951, p. 108).

Esta técnica é tradicional da região de Ouro Preto, mais precisamente dos distritos de Lavras Novas e Rodrigo Silva, mas foi constatado o seu uso em outras ermidas espalhadas pelo estado de Minas Gerais, como por exemplo, na primitiva Igreja Matriz de São Francisco de Assis do município de São Francisco do Glória²⁹, próximo a Carangola.

Sabe-se que a esteira de taquara era utilizada também na técnica construtiva de pau-a-pique como base para receber o reboco e emboço de barro das paredes ou como fasquias para incorporar a argamassa a base de cal, gesso ou pó de mármore dos forros - estuque. Atualmente esta prática está se

²⁸ Planta pertence à família Gramineae que possui mais de 1.200 espécies, algumas delas foram trazidas ao Brasil pelos portugueses (Disponível em: www.oikos.ufpr.br/produtos/taquaras%20e%20bambus.pdf)

²⁹ Inventário de Proteção ao Acervo Cultural – Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas da Prefeitura de Carangola. Ficha nº1/19.

perdendo e a pequena aplicabilidade consiste na produção de cestas artesanais.

Foram identificados dois forros deste tipo, um na sacristia da capela de Nossa Senhora da Piedade (fig. 33) e outro na capela de São José da Fazenda do Manso (fig. 34), localizada no Parque Estadual do Itacolomy. Segundo documentação encontrada por SANTOS, (1951, p. 107), o forro da sacristia da capela de Nossa Senhora do Rosário de Padre Faria era originalmente deste material, assim como o forro da nave, já mencionado acima, contudo, foi substituída pelo forro em madeira de tipo saia e camisa, pintado de branco.

Na nave da capela de S. João de Ouro Preto a taquara ficou mal esticada (provavelmente por deficiência de entarugamento) e foi caiada de branco, com grande prejuízo para a beleza do conjunto. Ao passo que na sacristia da igreja de S. João Batista de Batão de Cocais, por ex., deixada ao natural e bem esticada, apresenta interesse incomparavelmente maior (SANTOS, 1951, p. 107).

As folhas de taquara possuem coloração diferente na parte de baixo e na de cima possibilitando a composição de desenhos variados ao se alternar as tiras.



Figura 33: forro sacristia Capela Nossa Sra. Da Piedade. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 34: forro capela de São José do Manso. Ouro Preto, MG.
Fonte: Luana Redini, 2015.

3.2.2 FORRO PLANO ARTESOADO

Os forros planos artesoados (figs. 35 e 36) ou também denominados caixões ou caixotões são assim definidos:

(...) o tabuado é dividido em quadros por molduras salientes, formando painéis de forma geométrica. As molduras possuem cerca de 15 cm de altura e são trabalhadas como cimalthas (PAULA; ROZENWAJM, 2008. p. 37).

Trata-se portanto, de caixões de madeira integrados por painéis envoltos por molduras proeminentes, onde as tábuas que preenchem estas molduras são dispostas em direções variadas. Segundo MOREIRA (2010), os forros em caixotão se caracterizam por:

1. Painel reentrante no intradorso da cobertura de um edifício, tecto ou abóbada, limitado por barrotes ou molduras. Tem geralmente a forma quadrada, quadrangular ou poligonal e o seu fundo pode ser pintado ou ornado, tomando neste caso o nome de artesoado.
2. Reentrância moldurada, usada como motivo de decoração num tecto ou abóbada de igreja, sacristia, capela, sala de casa ou habitação. Pode revestir as formas mais diversas: quadrado, losango, oval, poligonal, ornados de molduras; no centro é decorado com motivo de escultura, talha (rosácea, etc.) ou pintura (MOREIRA, 2010, p.142).



Figura 35: Forro plano, artesoado da sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015



Figura 36: Forro plano, artesoado da sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

3.2.3 FORRO PLANO SANQUEADO

O forro da nave da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar é caracterizado como *forro sanqueado*³⁰ e artesoado (fig. 37), assim como o exemplar identificado na sacristia da Igreja da Sé de Viseu (fig. 39), em Portugal.



Figura 37: Forro sanqueado da nave da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 38: Forro sanqueado, artesoado da sacristia da Igreja de Sé de Viseu, Portugal. Fonte: MOREIRA, 2015.

(...) são pregadas, neste caso, cambotas para as sancas, no vigaamento da esteira, encastando-as nas paredes, originando a esteira com o mesmo nome (esteira sanqueada) (fig. 39). As cambotas são encastradas inferiormente nas paredes, pregadas aos tarugos superiormente, e são revestidas por um forro a encher, sendo mais indicado o forro de macho e fêmea, com régua muito mais estreitas (MOREIRA, 2010, p. 65).

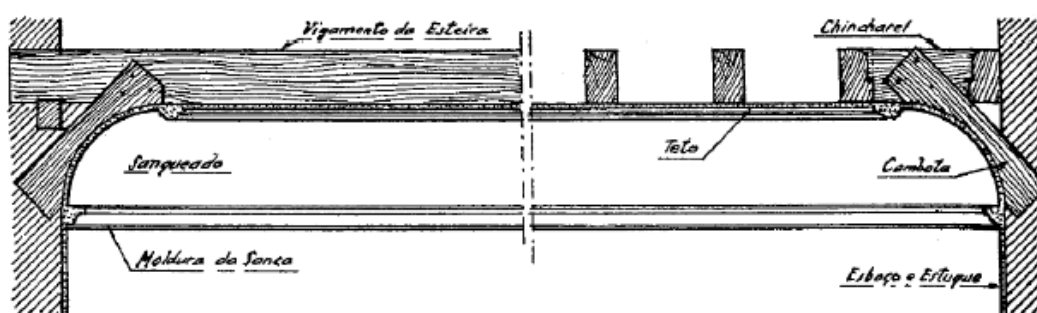


Figura 39: Desenho ilustrativo corte longitudinal e transversal do forro sanqueado. Fonte: MOREIRA, 2010, p.65.

³⁰ “Os tectos sanqueados seguem a forma de estrutura que lhes dá origem: a esteira sanqueada. São caracterizados pela sua forma plana central com ligações curvas para as paredes (MOREIRA, 2010, p. 93).

3.2.4 OUTROS FORROS PLANOS

A capela de Nossa Senhora de Lourdes, localizada no bairro Vila São José (fig. 40), e o corredor da Capela de São Cristóvão possuem forro plano em PVC. Ambas foram edificadas no século XX justificando o uso deste material.

Já a Capela de Nossa Senhora de Lourdes do Morro de São Sebastião (fig. 41) possui forro plano de laje pré-moldada.



Figura 40: Forro plano em PVC
Capela N. Sra. Lourdes – Vila São José.
Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 41: Forro plano em laje pré-moldada
Capela N. Sra. De Lourdes – Morro S.
Sebastião. Fonte: MOREIRA, 2015.

3.3 FORROS EM GAMELA

O forro em gamela (fig. 42) foi identificado apenas na nave da Igreja de São Francisco de Assis (fig. 43). A pintura em perspectiva de autoria atribuída à Manoel da Costa Athayde dificulta esta identificação, dada a complexidade dos pontos de fuga adotados pela técnica pictórica do artista.

Observa-se que este sistema construtivo de forros em gamela se deu mais comumente em edificações residenciais de Ouro Preto, como por exemplo, na casa que abriga a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Este é configurado por “cinco ou mais painéis, sendo quatro ou mais inclinados em forma trapezoidal, fechados pelo alto com o quinto painel, que é nivelado e possui forma retangular” (PAULA; ROZENWAJM, 2008. p. 38).

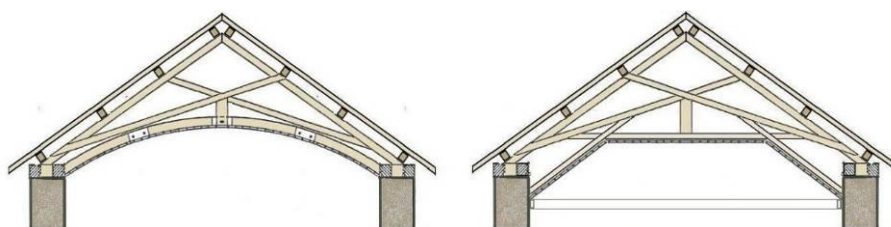


Figura 42: Desenho ilustrativo forro abobadado em gamela ou esquite.
Fonte: SANTOS, 1951.



Figura 43: Forro em gamela da nave da Igreja São Francisco de Assis. Ouro Preto, MG.
Fonte: Redini, Luana, 2015.

4. COBERTURA E TELHADO

A arquitetura religiosa de Ouro Preto apresenta como tipo principal de estrutura de cobertura, o sistema de caibro armado em madeira. Durante o processo de pesquisa deste trabalho, foi possível obter imagens fotográficas deste tipo de estrutura exposta que compõe a nave da capela de Bom Jesus de Matosinhos (fig. 44 e 45), situada no bairro Cabeças, em Ouro Preto. Segundo SANTOS, (1951, p. 93), em seu estudo de campo pelas igrejas e capelas da cidade, as soluções para as cobertas são remotíssimas, não se aplicam atualmente e já haviam sido empregadas nas basílicas romanas ou nas catedrais góticas. O mesmo sistema construtivo foi adotado em Portugal e posteriormente implantado no Brasil, inclusive na nomenclatura tecnológica.



Figuras 44 e 45: Caibro armado exposto da nave capela de Bom Jesus e Matosinhos. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

O madeiramento utilizado nos séculos XVIII e XIX eram falquejados³¹, de seção variável e em sua maioria formados por peças mais quadradas e roliças, com medidas aproximadas de 22 x 22 cm ou 22 x 33 cm, enquanto o sistema moderno adota tesoura simples, com linha, pernas, pendural e escoras e ainda, cumeeiras e terças.

Ao longo das espessas paredes, são colocados dois frechais, ligados em *malhête*, por tarugos separados entre si de 80 cm a 1 m; caibros robustos, ensamblados no vértice superior, dois a dois, à meia madeira, “mordem” em boca de lobo no frechal interno, ou – e com mais frequência – respigam contra os tarugos (SANTOS, 1951, p. 94).

A madeira ser falquejada não é determinante para conferir a originalidade da peça, já que atualmente ainda se utiliza toras roliças (SANTOS, Paulo F., 1951, p.94).

Assim como em Portugal, a estrutura italiana de coberturas também se fazia, em algumas edificações religiosas, pelo sistema de tesoura ou asnas (fig. 46).

As asnas são uma espécie de vigas armadas em forma triangular, constituídas por várias peças de madeira. As asnas de madeira podem ter inúmeras configurações 56 Análise e reforço de coberturas tradicionais geométricas. A escolha da sua tipologia recai sobre vários fatores entre os quais se destacam o vão a cobrir, a natureza das ações a considerar, a inclinação da cobertura, a arquitetura e as operações de montagem e execução. O espaçamento normal entre as asnas, de eixo a eixo, é da ordem de 3 a 4 metros. Sobre as asnas repousam as madres, os rincões e a estrutura secundária de suporte à cobertura (varedo mais ripado). Quanto à posição das várias peças que formam o conjunto da asna: a linha fica sempre em posição horizontal, as pernas assentam sobre a linha em posição inclinada para boa formação das vertentes do telhado, o pendural verticalmente no vértice do telhado formado pelas pernas e as escoras ficam inclinadas, ligando as pernas ao pendural. (BRANCO, 2012, p. 55).

A estrutura era amarrada no extradorso da abóbada por *cintas* de ferro e parafusadas nos suportes de madeira (fig. 47). Interessante notar na primeira imagem, que eram utilizados finos cabos de ferro também chamados de *tirantes* que suspendiam internamente o forro junto à cobertura como auxílio na sustentação.



Figura 46: Detalhe estrutura tesoura da cobertura da igreja de Sant'Egidio. Firenze, Itália.
Fonte: RIEL, Silvio Van, 2009.



Figura 47: Detalhe amarração extradorso abóbada Da igreja de Sant'Egidio. Firenze, Itália.
Fonte: RIEL, Silvio Van, 2009.

Apesar de algumas igrejas e capelas de Ouro Preto adotarem o sistema de tesouras com cumeeiras e terças, as imponentes igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis comportam caibros (fig. 48) com pernas e

olivéis³² de cerca de 18 x 18 cm. O problema mais comum deste sistema decorre do movimento de abertura das paredes que ao longo dos anos evidencia fendas que alcançam cinco ou mais centímetros e comprometem a estabilidade destas edificações.

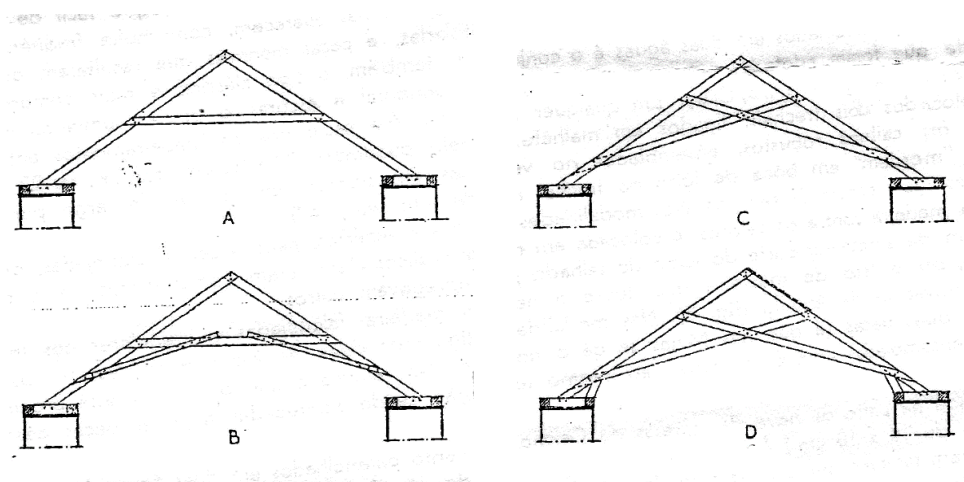


Figura 48: Sistema de madeiramento de caibro armado adotados nas edificações religiosas de Ouro Preto. Fonte: SANTOS, 1951, p. 95.

Desde o período de concepção dos templos religiosos, esta preocupação se fazia presente, como pode-se comprovar em documentos referentes à arrematação das obras. Nestes, há recomendações que sugerem a solução do sistema de “malhete” ou “rabo de minhoto”³³ (fig. 49). Em alguns casos, a linha de tesoura era mantida com a função de tirante, a exemplo das Igreja de São Francisco de Assis, Nossa Senhora do Carmo e Matriz de Nossa Senhora do Pilar (fig. 50).

³² “(...) palavra usada em Portugal para designar peças paralelas à linha e mais próxima do vértice, nas tesouras” (SANTOS, 1951, p.95).

³³ Cavidade ou encaixe nas extremidades de suas peças de madeira, a fim de se adaptarem com justeza (ÁVILA, A. & GONTIJO, 1980, p. 62).

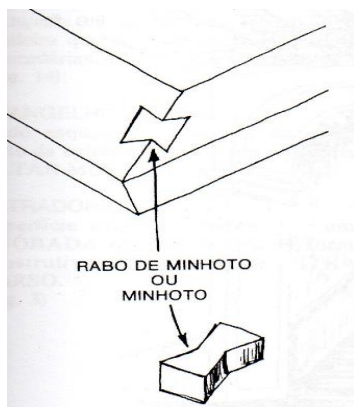


Figura 49: Desenho ilustrativo *malhete* ou *rabo de minhoto*.

Fonte: ÁVILA & GONTIJO, 1980, p. 40.



Figura 50: Detalhe tirante nave Igreja Matriz do Pilar. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

O sistema de caibro armado possui, no entanto, a desvantagem de não eliminar os empuxos oblíquos sobre as paredes.

Os caibros, mais que quaisquer outras peças do madeiramento, costumavam ser de paus roliços, separados aproximadamente 50 a 60 cm de eixo a eixo, com entalhes contra a cumeeira, terças e frechais – a fim de que, apesar das diferenças de diâmetro, a superfície superior formasse, um conjunto, um plano, para receber o ripado. Este, nas construções mais antigas era também formado de varas roliças de “Candeia” ou de “Samambaia” (SANTOS, 1951, p. 99).

Nos autos de arrematação são identificados alguns tipos de madeira utilizados para a feitura da estrutura dos telhados de Ouro Preto, sendo elas: Bagre, Candeia, Canela, Canela Preta, Cangerena (Cangerana), Gendiaíba, Guapeva (Guapeba, Andiroba, Jendiroba), Licorama, Peúna (Peúva, Ipê, Pau D’Arco), Sucupira, Tobu e Upiúna (ÁVILA, A. & GONTIJO, 1980, p. 61).

Os diagnósticos de patologias em estrutura de cobertura apontam como causas comuns, a geometria inadequada; excentricidade nos apoios; madres posicionadas longe dos nós das asnas; falta de contraventamento das asnas; remoção de elementos no âmbito de intervenções anteriores³⁴.

³⁴ CRUZ, Helena; Machado, J S; Nunes, L. *Problemas de conservação de madeira em edifícios*. 2ª ENCORE, LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Junho 1994, p. 219-220.

Todos os telhados das edificações religiosas estudadas apresentam telha cerâmica curva do tipo colonial ou *capa-canal*. As capelas menores, de planta simples, em sua maioria, possuem telhado de duas águas, são elas: Capela de Santa Cruz - Alto da Cruz (fig. 51), Capela da Cruz e das Almas (fig. 52), Capela de Santa Cruz – Morro de Santana, Capela de Nossa Senhora das Necessidades, Capela de Nossa Senhora de Lourdes – Vila São José, Capela de Nossa Senhora de Lourdes – Morro São Sebastião, Capela de São José – Manso e Capela de Bom Jesus de Padre Faria.



Figuras 51: Detalhe telhado duas águas Capela Santa Cruz, Alto da Cruz. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 52: Detalhe telhado de duas águas da Capela da Cruz e das Almas. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

As capelas e igrejas que possuem nave, capela-mor e sacristia lateral apresentam três volumes independentes, sendo dois de duas águas e um de uma água. São elas: Capela de Nossa Senhora da Piedade, Capela de Santana (fig. 53), Capela de São João Batista, Capela de São Cristóvão, Capela de São Sebastião (fig. 54), Capela do Bom Senhor Jesus das Flores e Capela de Nossa Senhora do Rosário de Padre Faria.



Figura 53: Telhado Capela de Santana. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 54: Telhado Capela de São Sebastião. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

As capelas que possuem nave, capela-mor e sacristia posterior possuem dois volumes independentes, sendo o primeiro de duas águas e o segundo de duas ou mais águas. São elas: Capela de Nossa Senhora das Dores, Capela de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (fig. 55), Capela de São Miguel Arcanjo, Capela de Bom Jesus de Matosinhos, Igreja de Santa Efigênia, Igreja de São José, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (fig. 56), Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Igreja São Francisco de Assis e Igreja de São Francisco de Paula.



Figura 55: Telhado Igreja Mercês e Misericórdia. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 56: Telhado Igreja Matriz do Pilar. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

A capela de Nosso Senhor do Bonfim (fig. 57) possui planta de desenho diferenciado, de telhado de três volumes, sendo um de duas águas e dois de meia água.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (fig. 58) possui telhado de três volumes independentes com três águas cada um. Não há em Ouro Preto outra igreja com as mesmas proporções e geometria de partido curvilíneo o que configura a singularidade desta ermida no contexto arquitetônico religioso da terceira fase barroco-rococó³⁵.

(...) as igrejas produzidas no terceiro quartel, são algumas delas internacionalmente reconhecidas pelas suas peculiaridades como a solução decagonal da Matriz do Pilar e os extraordinários planos elípticos da Igreja do Rosário (MIRANDA, 2001, p. 772-773).

³⁵ ÁVILA, 1979, 21.



Figura 57: Telhado Capela Senhor Bonfim. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 58: Telhado Igreja Rosário dos Pretos. Ouro Preto, MG. Fonte: Luana Redini, 2015.

Após buscar semelhanças e influências entre os sistemas construtivos e suas soluções na Europa e no Brasil, foi possível identificar que aqui e em Portugal, a estrutura italiana de coberturas também se fazia presente, em algumas edificações religiosas, pelos mesmos sistemas de tesoura ou asnas. A estrutura era amarrada no extradorso da abóbada por *cintas* de ferro e parafusadas nos suportes de madeira. Interessante notar na primeira imagem referente ao forro da igreja de Sant' Egidio, na Itália, que eram utilizados finos cabos de ferro também chamados de *tirantes* que suspendiam o forro junto à cobertura como auxílio na sustentação. Percebe-se que esta solução também é adotada nas igrejas de Nossa Senhora do Pilar e de Santa Efigênia de Ouro Preto (figs. 59 e 60).



Figura 59: Detalhe do ponto central das tesouras concreto da nave Igreja Matriz de N. Sra. Do Pilar. Ouro Preto, MG. Fonte: IPHAN, 2002.



Figura 60: Detalhe tirante forro nave Igreja De Santa Efigênia. Ouro Preto, MG. Fonte: IPHAN, 2002.

A estrutura de cobertura em tesoura remonta a Roma antiga e os italianos eram adeptos da utilização de carvalho, abeto, pinho, lariço e castanheiro nas

coberturas (VALERIANI, 2003). Os portugueses por sua vez adotaram estas mesmas técnicas e as aplicaram também em Minas Gerais no período colonial.

Os romanos difundiram a prática do uso de asnas de madeira como elemento essencial dos grandes tectos, por todos os seus domínios. O uso destas estruturas tinha como principal vantagem a ausência de acções horizontais transmitidas às paredes sobre as quais se apoiavam e o seu funcionamento estrutural, estando sujeitas, principalmente, a esforços de tracção, de compressão e também de flexão, ocupando este último um papel secundário, bem como a transmissão dos mesmos nos pontos de ligação entre os vários elementos. Para tal era necessária uma correcta execução das ligações ou uniões entre os elementos, recorrendo com frequência a elementos metálicos auxiliares (MOREIRA, 2010, p. 5-6).

5. O INVENTÁRIO

A pesquisa de campo foi desenvolvida em 29 edificações históricas de cunho religioso de Ouro Preto e possibilitou a confecção de 69 fichas de catalogação com a finalidade de inventariar todos os tipos de forros e seus respectivos sistemas construtivos, cumprindo o objetivo principal proposto. São elas:

1. Capela da Cruz e das Almas (Apêndice A - 1) século XIX (1888)
2. Capela de Nossa Senhora da Piedade (Apêndice A - 2) século XVIII (1720)
3. Capela de Nossa Senhora das Dores (Apêndice A - 3) século XVIII (1768-1788)
4. Capela de Nossa Senhora das Necessidades (Apêndice A -4) século XVIII (1751)
5. Capela de Nossa Senhora de Lourdes (Vila São José) (Apêndice A - 5) século XX
6. Capela de Nossa Senhora de Lourdes (Morro São Sebastião) (Apêndice A - 6) século XX (1997)
7. Capela de Nossa Senhora do Rosário (Padre Faria) (Apêndice A -7) século XVIII (1733)
8. Capela de Nosso Senhor do Bonfim (Apêndice A - 8) século XVIII (1776)
9. Capela de Santa Cruz (Alto da Cruz) (Apêndice A - 9) século XVIII
10. Capela de Santa Cruz (Morro de Santana) (Apêndice A - 10) século XVIII
11. Capela de Santana (Apêndice A - 11) século XVIII (1720)
12. Capela de São Cristóvão (Apêndice A - 12) século XX (1964)
13. Capela de São João Batista do Ouro Fino (Apêndice A - 13) século XVIII (1749)
14. Capela de São José (do Manso – Pico do Itacolomi) (Apêndice A - 14) século XX
15. Capela de São Miguel Arcanjo (Apêndice A - 15) século XIX
16. Capela de São Sebastião (Apêndice A - 16) século XVIII (1753)
17. Capela do Bom Jesus do Padre Faria (Apêndice A - 17) século XIX

18. Capela do Senhor Bom Jesus das Flores (Apêndice A - 18) século XVIII (1748)
19. Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Apêndice A - 19) século XVIII (1766-1805)
20. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Apêndice A - 20) século XVIII (1707)
21. Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Apêndice A - 21) século XVIII (1771-1793)
22. Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Apêndice A - 22) século XVIII (1742)
23. Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Apêndice A - 23) século XVIII (1785)
24. Igreja de Santa Efigênia (Apêndice A - 24) século XVIII (1730-1790)
25. Igreja de São Francisco de Assis (Apêndice A - 25) século XVIII (1770-1810)
26. Igreja de São Francisco de Paula (Apêndice A - 26) século XIX (1804-1898)
27. Igreja de São José (Apêndice A - 27) século XVIII (1755)
28. Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Apêndice A - 28) século XVIII (1778)
29. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Apêndice A - 29) século XVIII (1712)

Cada objeto estudado possui uma Ficha Cadastral composta por uma “capa” contendo: título do projeto, nome da edificação, provável data de construção da edificação, provável data de construção do forro, seu proprietário, endereço, contatos telefônicos e de e-mail de seus responsáveis – Paróquias, Irmandades e zeladores, mapa de localização da edificação retirado do *Google Maps*, breve histórico, fotografia do frontispício e desenho técnico em AutoCad da planta sem escala da edificação. As páginas seguintes das Fichas apresentam o levantamento fotográfico dos forros e seus detalhes, planta da edificação e relação do compartimento com a fotografia – facilitando a compreensão da leitura, além da descrição de cada forro, quanto à tipologia

formal, material, técnica construtiva, presença de ornamentação ou representação pictórica e breve leitura iconográfica.

Após o contato inicial com as Paróquias responsáveis, solicitou-se a autorização para as visitas às capelas, igrejas e matrizes mediante carta formal enviada por e-mail e posteriormente foi obtido o contato com os zeladores para o agendamento prévio. Foi necessário fazer algumas visitas de campo em cada uma das edificações para a execução de levantamento fotográfico e métrico e execução de desenhos manuais das plantas, além de colhimento de relatos orais sobre o histórico destas.

5.1 RELAÇÃO GERAL ENTRE OS CÔMODOS PRINCIPAIS E AS TIPOLOGIAS FORMAIS, PINTURAS ARTÍSTICAS E MATERIAIS

Foi realizada uma relação entre cômodos principais das edificações religiosas – capela-mor, nave e sacristia - e as tipologias formais, presença ou ausência de pinturas artísticas e os materiais empregados. Os nártex e corredores não foram considerados nesta relação, uma vez que pode-se consultar sobre eles nas fichas catalográficas em apêndice.

Em relação às capelas-mores, foi possível concluir que 45% dos forros possuem pintura artística (fig. 61). Em relação ao material, 76% são em madeira, 14% em estuque estrutural; 4% em PVC; 3% em esteira de taquara; e 3% em laje pré-moldada (fig. 62). Quanto à forma, 53% são abobadados e lisos; 21% são em abóbada de três ou mais faces; 11% são em abóbada de leque; 11% são planos, tipo junta-seca; e 4% em esteira de taquara (fig. 63).

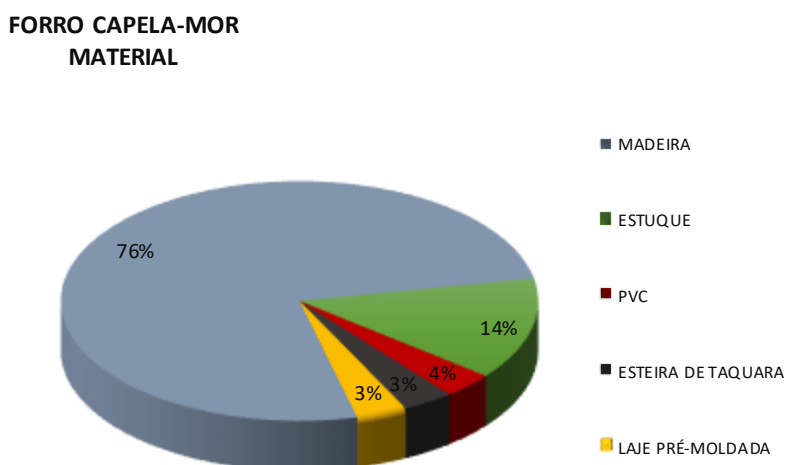


Figura 61: Gráfico forro capela-mor – material.
Fonte: Luana Redini, 2015.

**FORRO CAPELA-MOR
PINTURA ARTÍSTICA**

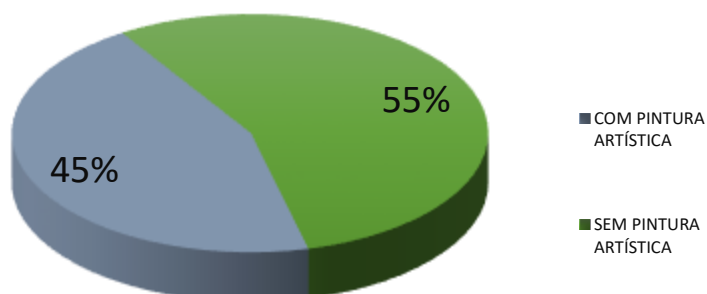


Figura 62: Gráfico forro capela-mor- pintura.
Fonte: Luana Redini, 2015.

**FORRO CAPELA-MOR
TIPOLOGIA FORMAL**

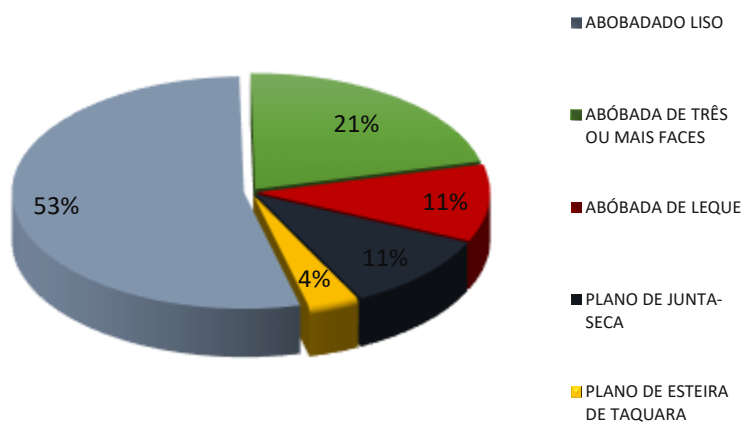


Figura 63: Gráfico forro capela-mor – tipologia formal.
Fonte: Luana Redini, 2015.

Em relação às naves, foi possível concluir que 38% dos forros possuem pintura artística (fig. 64). Em relação ao material, 100% são em madeira (fig. 65). Quanto à forma, 71% são abobadados e lisos; 10% são em abóbada de três ou mais faces; 9% são planos tipo, junta-seca; 5% são em caibro armado; e 5% são planos no centro e curvos nas extremidades (fig. 66).

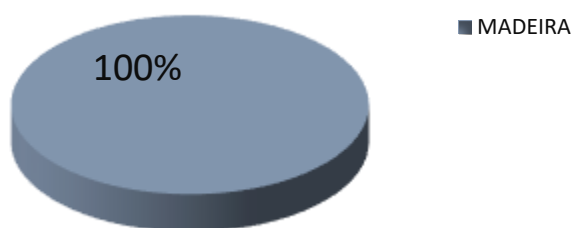
**FORRO NAVE
MATERIAL**

Figura 64: Gráfico forro nave – material.
Fonte: Luana Redini, 2015.

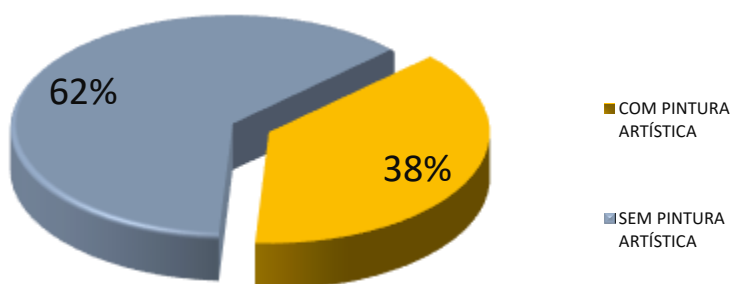
**FORRO NAVE
PINTURA ARTÍSTICA**

Figura 65: Gráfico forro nave- pintura
Fonte: Luana Redini, 2015.

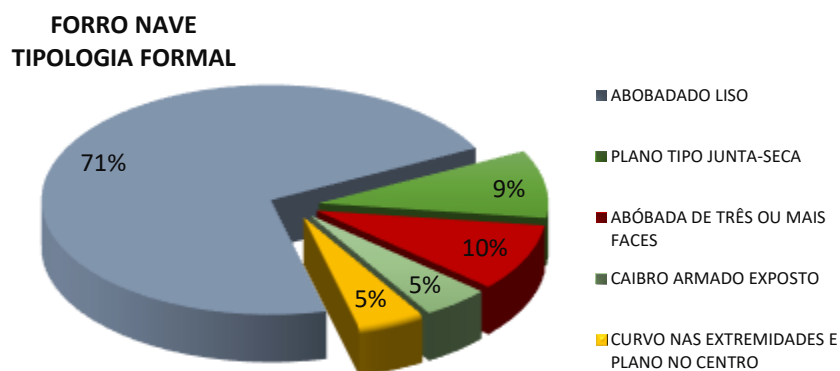


Figura 66: Gráfico forro nave – tipologia formal.
Fonte: Luana Redini, 2015.

Em relação às sacristias, foi possível concluir que 24% dos forros possuem pintura artística (fig. 67). Em relação ao material, 97% são em madeira e 3% em esteira de taquara (fig. 68). Quanto à forma, 40% são planos artesoados; 33% são planos, tipo saia e camisa; 20% são planos, tipo junta-seca; e 7% são planos em esteira de taquara (fig. 69).



Figura 67: Gráfico forro sacristia – material.
Fonte: Luana Redini, 2015.

**FORRO SACRISTIA
PINTURA ARTÍSTICA**

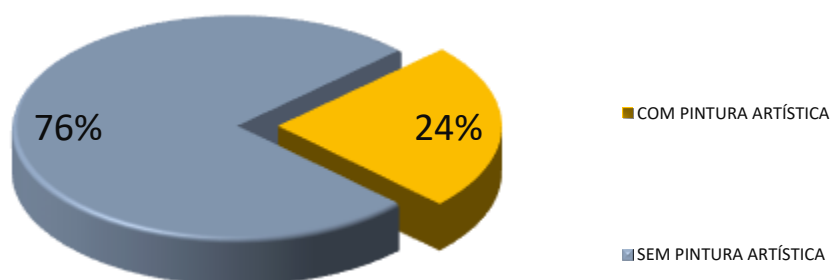


Figura 68: Gráfico forro sacristia- pintura
Fonte: Luana Redini, 2015.

**FORRO SACRISTIA
TIPOLOGIA FORMAL**

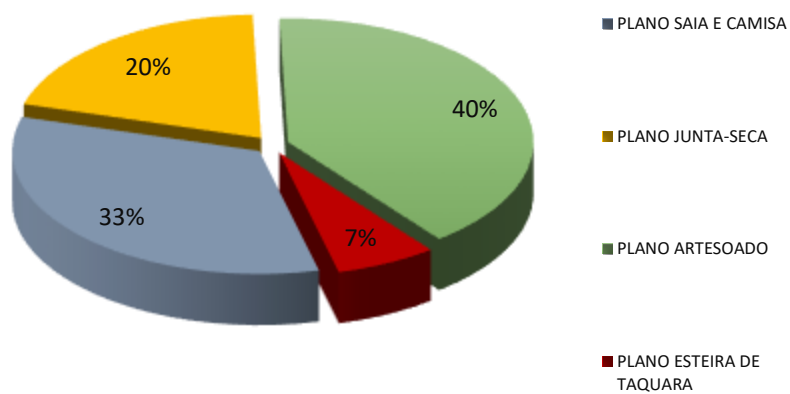


Figura 69: Gráfico forro sacristia – tipologia formal.
Fonte: Luana Redini, 2015.

5.2 RELAÇÃO ENTRE AS TIPOLOGIAS FORMAIS E AS DATAS CONSTRUTIVAS

O propósito desta análise é identificar a predominância de determinada tipologia em cada século – XVIII, XIX e XX. Os dados deste gráfico (fig. 70) foram compostos por todos os forros, sem se discriminar a referência ao cômodo que cada um corresponde. Vale ressaltar que foram considerados os forros das capelas-mores, naves e sacristias, sendo que todos os forros das sacristias são planos.

Foi constatado que no século XVIII houve a predominância dos forros em abóbada de berço, seguido pelos forros planos, forros de três faces ou mais, abóbada de aresta, abóbada de barrete de clérigo e por fim, o forro em gamela. Sendo assim, o século XVIII apresenta a maior variedade tipológica de forros, dentre os séculos em estudo. Observa-se que esta variedade foi reduzida ao passar dos séculos, provavelmente acompanhando a diminuição de riquezas provindas da exploração aurífera e prestígio da Igreja Católica. No século XX todos os forros são planos, com exceção do referente à capela de São Cristóvão, que é de três faces.

A arquitetura religiosa em Ouro Preto no século XVIII é dividida em quatro fases³⁶, sendo a primeira até 1740, a segunda de 1740 a 1760, a terceira de 1760 a 1770 e a quarta do fim do século XVIII e início do século XIX. Cada um destes ciclos caracterizam uma estruturação de planta e de fachada. Se considerar os retábulos e suas respectivas classificações estilísticas percebe-se que os interiores destes templos possuem características do estilo *Nacional Português* (1696-1730), do estilo Dom João V ou *Joanino* (1730-1760) e do estilo *Rococó* (1760-1840). Pode-se concluir portanto, que o século XVIII abarcou a maior diversidade e expressão das artes e da arquitetura, o que possivelmente justifica a multiplicidade de tipologias formais dos forros dos templos religiosos de Ouro Preto.

³⁶ LEITE, Terezinha. *As manifestações Barrocas de Ouro Preto: do Caminho do Tronco aos distritos*. Editora: Ler, 2009, p.33-38.

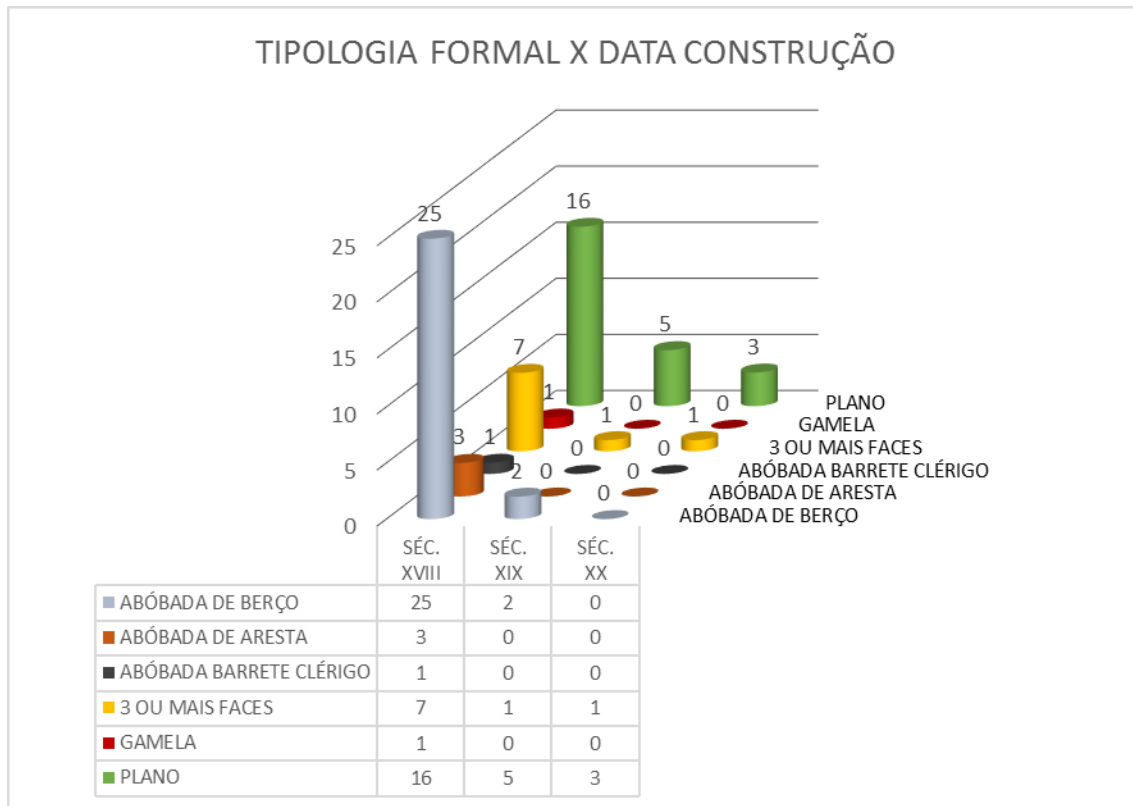


Figura 70: Gráfico tipologia formal x data construção.
Fonte: Luana Redini, 2015.

5.3 RELAÇÃO ENTRE O SISTEMA CONSTRUTIVO E A CATEGORIA DA EDIFICAÇÃO

Nesta correspondência entre as categorias de *igreja* e *capela* em relação à tipologia formal (figs. 71 e 72) foi possível perceber em planta que todas as 11 igrejas possuem a configuração: capela-mor, nave e sacristia. Das 18 capelas, apenas sete possuem sacristia e nove possuem nave. As capelas e igrejas que possuem os três espaços possuem forros mais elaborados, sendo a maioria deles em abóbada de berço ou abóbada facetada, tanto nas naves quanto nas capelas-mores. As igrejas são as únicas a apresentarem forros diversos destes citados nas capelas-mores, como o de abóbada de aresta e de barrete de clérigo.

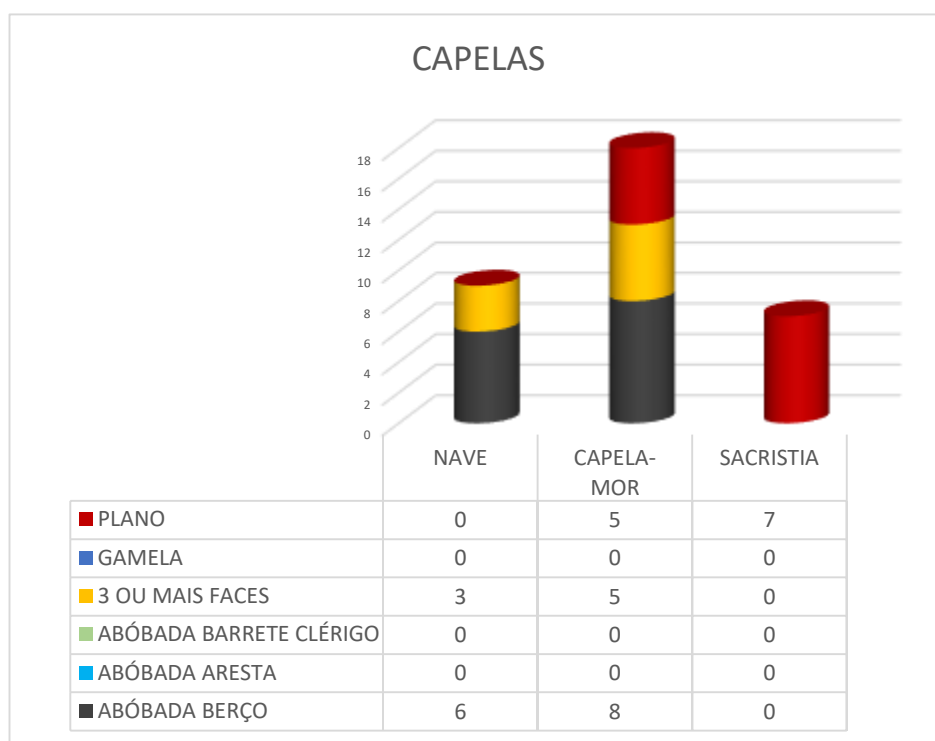


Figura 71: Capelas - tipologia formal.
Fonte: Luana Redini, 2015.



Figura 72: Gráfico igrejas – tipologia formal.
 Fonte: Luana Redini, 2015.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a maior complexidade do sistema construtivo dos forros está relacionada principalmente aos forros encomendados pelas Ordens Terceiras e às Irmandades.

Como se pode perceber, os mais audaciosos exemplos do barroco e do rococó, em Minas Gerais, são as magníficas capelas das Ordens Terceiras e das Irmandades, nas quais trabalharam mestres portugueses e a primeira geração de artistas mineiros, principalmente mulatos – estes últimos com uma nova e mais livre interpretação dos elementos formais, como Aleijadinho (LEITE, 2009, p.36).

Ainda que LEITE (2009) se referira à configuração geral das edificações religiosas de Minas e especialmente à classificação estilística, foi observado nesta pesquisa que esta conclusão cabe também para os forros das edificações religiosas.

Os forros identificados em Portugal são certamente mais elaborados e intrincados pois havia mão de obra melhor capacitada e o acesso às “escolas” de carpintaria italianas e espanholas era mais fácil, assim como aos tratados de arquitetura, escultura e pintura entre outros. A talha em madeira se destaca não só nos retábulos como também nos forros dos templos religiosos portugueses (figs. 73 e 74). Esta técnica é influência da arte mudéjar³⁷ adotada no período Manuelino. O exemplo mais próximo deste ofício elaborado em Ouro Preto está no forro sanqueado e artesoadado da nave da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

³⁷ A arte Mudéjar foi um estilo ibero-mulçumano desenvolvido nos séculos XII e XVI.



Figura 73: Forro nave Igreja Matriz de Caminha, Portugal. Fonte: MOREIRA, 2010, p.28.



Figura 74: Forro Biblioteca da Assembléia de Funchal, Portugal. Fonte: MOREIRA, 2010, p. 27.

A complexidade dos detalhes não foge sequer aos *estribados* das coberturas na européias, como é possível notar na Igreja de Sant 'Egídio (fig. 75) em Firenze, na Itália e na Igreja Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (fig. 76) em Guimarães, Portugal.



Figura 75: Detalhe pintura da estrutura tesoura da cobertura da igreja de Sant'Egídio. Firenze, Itália. Fonte: RIEL, Silvio Van, 2009.



Figura 76: Detalhe estribado da Igreja. Guimarães, Portugal. Fonte: MOREIRA, 2010, p. 32.

Durante o Gótico, a iconografia e a pintura imaginária é usada nos templos paroquiais ou nas Sés estendendo-se pelo travejamento das coberturas das naves e dependências anexas, das quais o exemplo mais importante é o caso da Igreja de Nossa Senhora de Oliveira, em Guimarães. Trata-se de um caso peculiar uma vez que as pinturas ornamentam parte de uma estrutura de suporte, derivada da origem espanhola. As pinturas à têmpera presentes nos elementos deste estribado, atribuídas ao início do século XV, incluem cenas religiosas,

motivos heráldicos, geométricos e de instrumentos musicais, entre outros (MOREIRA, 2010, p. 32).

Foram adotados, neste trabalho, quatro critérios de classificação de forros identificados em Ouro Preto. O primeiro é caracterizado de acordo com sua forma em perfil ou seção transversal³⁸, sendo eles: planos (horizontais ou inclinados); Sanqueado; Três ou mais faces; Gamela; Abóbada de berço; Abóbada de aresta; Abóbada de barrete de clérigo.

O segundo critério de classificação é quanto ao material de preenchimento e composição: tabuado de madeira; Esteira de taquara; Estuque; Placa em PVC; Laje pré-moldada.

O terceiro critério é quanto à junção das tábuas: esquadrinhada / junta-seca; Diagonal; Saia e camisa.

O quarto é quanto à ornamentação: Artesoado / caixotão; Com pintura artística; Monocromático; Douramento sobre a talha; Presença de talhas em madeira ou estuque.

O inventário elaborado preencheu a lacuna existente em relação à catalogação do acervo dos forros das edificações históricas dos séculos XVIII, XIX e XX de cunho religioso de Ouro Preto, MG.

A escassa documentação referente ao tema e as diversas alterações identificadas nos forros ao longo dos anos dificultou precisar as datas construtivas e as intervenções sofridas pelos forros ao longo dos anos. Muitos dos originais se perderam por completo ou parcialmente, como por exemplo, a substituição parcial do forro da capela-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, que teve seu zimbório de madeira do século XVIII substituído em 1770 devido às frequentes infiltrações provenientes do telhado e a alteração da pintura sobre o forro da capela-mor da Igreja de São José.

³⁸ MOREIRA, Maria Irene Nunes. *Tectos Decorativos em Madeira em Edifícios Patrimoniais Portugueses*, 2010, p. 44.

A reunião do material obtido possibilitou discorrer de forma geral sobre a contextualização dos sistemas construtivos de forros, reconhecer seus materiais de composição e suas tipologias formais.

O material constituirá como base para futuras pesquisas de extensão, trabalhos ou monografias acadêmicas e publicações técnicas nas áreas afins para que se possa diagnosticar as patologias que comumente atingem estes elementos e propor soluções preventivas e conservativas, além de intervenções eficazes e adequadas.

7. BIBLIOGRAFIA

Arquitetura Civil I, II e III. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975.

Arquitetura Oficial I e II. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975.

ÁVILA, A. & GONTIJO, João. **Barroco Mineiro - Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980.

BARDOU, Patrick e ARZOUMANIAN, Varoujan. **Arquitecturas de adobe**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. Ed. Letras e Artes. Rio de Janeiro, 1963.

BARRETO, Paulo T. “**O Piauí e sua arquitetura**” In: *Arquitetura Civil I (ver acima)*, p. 191-219.

BASTOS, Rodrigo Almeida. **A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)**. 2009. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo São Paulo.

BAZIN, Germain. **Arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record. 1983, 2 v.

BLOCH, Raymond: **Los Etruscos**. Buenos Aires. 6ªed. Eudeba, 1981.

BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto, um Novo Olhar**. São Paulo: Scortecci, 2011.

BRANCO, Jorge M.; LOURENÇO, P.B. **Análise e reforço de coberturas tradicionais**. Universidade do Minho, ISISE Departamento de Engenharia Civil. In.: Seminário Coberturas de Madeira, P.B. Lourenço. Guimarães, Portugal. 2012, p.55-56.

BURY, John. **Arquitetura e arte no Brasil colonial**. Org. Myriam Andrade de Oliveira. São Paulo: Nobel, 1991.

CAMPOS, Adalgisa. **Roteiro Sagrado: monumentos religiosos de Ouro Preto**. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000.

CARDOSO, Joaquim. “**Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio**” In: *Arquitetura Civil I*, p. 1-46.

CHOAY, F. **A Regra e o Modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Perspectiva. 1985.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro, RJ; Editora UAPÊ, 2000.

CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

COSTA, F. Pereira da. **Enciclopédia prática da construção civil: Arcos e abóbodas**. Lisboa: Editora Portugália, 1955, p. 1-16.

CRUZ, Helena; Machado, J S; Nunes, L. **Problemas de conservação de madeira em edifícios**. 2ª ENCORE, LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Junho 1994.

DANGELO, André Guilherme Dornelles. **A Cultura Arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: Arquitetos, Mestres de Obras e Construtores e o trânsito de cultura na produção da Arquitetura Religiosa nas Minas Gerais Setecentistas**. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2006.

DOURADO, O. **Por um Restauro Arquitetônico**: novas edificações que restauram cidades monumentais. *RUA, Revista de Arquitetura e Urbanismo/ufba*, Salvador, v.1, nº8, p.8-13, julho/dezembro. 2003.

DRUMOND, C. **Morte da Casa de Ouro Preto**. In. *Obras Completas*. Aguilar. Rio de Janeiro. 1976.

ECO, Umberto, **A Estrutura Ausente**, São Paulo, Perspectiva, 2001.

FOGLIATA, Mario; SARTOR, Maria Lucia. **L'arte dello stucco: storia, técnica, metodologie della tradizione veneziana**. Treviso: Edizioni Antilia, 2004. 259p.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO; OURO PRETO (MG); MARIANA(MG). PREFEITURA. **Plano de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana: relatório síntese**. Belo Horizonte: 1975.

GAGO, António Manuel Candeias de Sousa. **Análise Estrutural de Arcos, Abóbadas e Cúpulas: Contributo para o Estudo do Patrimônio Construído**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior Técnico, 2004. 14p.

GOMES, Paulo Varela. **A Cultura Arquitetônica e Artística em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Caminho, 1988.

GOMES, Paulo Varela. **O Essencial sobre a Arquitetura Barroca em Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

LANÇA, Pedro Daniel Neto. **Análise Estrutural de Abóbadas polinervuradas: Aplicação ao Coro Alto do Mosteiro dos Jerónimos**. 2006 5v. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil – Ramo de Estruturas, Geotécnica e Fundações) – Escola de Engenharia Civil Universidade do Minho, Braga, Portugal.

LAPOULIDE, J. **Diccionario gráfico de arte y oficios artísticos – TOMO III**. Buenos Aires : Montesó Editor, 1945.

LEITE, Terezinha. **As manifestações Barrocas de Ouro Preto: do Caminho do Tronco aos distritos**. Ouro Preto: Editora: Ler, 2009.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MARTINS, Judith. **Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Publicações do IPHAN, 1974, 2 vols.

MASCARELLO, Sônia Nara P.R. **Arquitetura Brasileira: elementos, materiais e técnicas construtivas**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1982. 101p. Rio de Janeiro, 2005.

MASCARENHAS, Alexandre F. **Inventario dos estuques estruturais dos forros das edificações religiosas históricas de Ouro Preto, Mariana e distritos**. Programa Institucional de bolsas de iniciação científica e extensão – IFMG Campus Ouro Preto. Ouro Preto, 2014.

MASCARENHAS, Alexandre. **Ornatos: restauração e conservação**. Rio de Janeiro: In-folio, 2008.

_____. **Cadernos Ofícios: Estuque. v. 05**. Ouro Preto: Faop, 2008.

MASCARENHAS, Alexandre F. **Patologias e restauração dos estuques ornamentais e estruturais em edificações históricas**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, da Universidade Federal Fluminense – Niterói.

MATEUS, João Mascarenhas. **Técnicas tradicionais de construção de alvenarias: a literatura técnica de 1750 a 1900 e o seu contributo para a conservação de edifícios históricos**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

MELLO, Magno Moraes. **A pintura de tectos em perspectiva no Portugal de D. João V**. Estampa, Lisboa, 1998.

MENEZES, Joaquim Furtado de. **Igrejas e irmandades de Ouro Preto: a religião em Ouro Preto**. Belo Horizonte, MG: IEPHA, 1975.

MIRANDA, Selma Melo. **Nos bastidores da Arquitetura do Ouro: aspectos da produção da arquitetura religiosa no século XVIII em Minas Gerais.**

Actas del III Congreso Internacional del Barroco Americano: Territorio, Arte, Espacio y Sociedad. Universidade Pablo de Olavide, Sevilha, 2001.

MOREIRA, Maria Irene Nunes. **Tectos Decorativos em Madeira em Edifícios Patrimoniais Portugueses.** Mestrado Integrado em Engenharia Civil - 2009/2010 - Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

OLIVEIRA, Mário Mendonça. **Tecnologia da conservação e da restauração - materiais e estruturas: um roteiro de estudos** [online]. 4th. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2011. 243 p. ISBN 978-85-232-0772-4. Disponível em <http://books.scielo.org>.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Escultura colonial brasileira: um estudo preliminar.** *Barroco*, Belo Horizonte, v.13, 1984/85.

PALLADIO, Andréa. **I quattro libri dell'architettura (riproduzione in fac símile).** Milão: Ulrico Hoepli Editore Libraio, 2000.

PAULA, Geraldo Donizetti de; ROZENWAJM, Uziel K. **Carpintaria: Cadernos Ofícios, 4.** Ouro Preto: FAOP, 2008.

PICCOLO, Sara. **Técnicas Construtivas do Brasil-colônia.** Campo Grande/MS. Trabalho de História e Teoria I, Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFMS, 2006.

PIGNATARI, Décio 1927 - **Semiótica da arte e da Arquitetura**, 3 ed. - Cotia SP: Ateliê Editorial, 2004.

POZZO, Andrea. ***Perspectiva Pictorum et Architectorum***. Andreae Putei e Societate Jesu. Pars Prima. In quâ docetur modus expeditissimus delineandi opticè omnia que pertinente ad Architecturam. Romae. MDCXCIII. Typis Joannis Jacobi Komarek Bohemi apud S. Angelum Custodem. Pozzo, Andrea. ***Perspectiva Pictorum et Architectorum*** Andreae Putei e Societate Jesu. Pars Secunda. In quâ proponitur modus expeitissimus delineandi opticè omnia que pertinente as Architecturam. Romae. Anno Jubilei MDCC. Ex Typographya Jo: Jacobi Komarek Boeemi, propè SS. Vicentinum, & Anastasium in Trivio. Edição fac-símile: Trento: Provincia autônoma di Trento. Soprintendenza per i beni storico-artistici: Temi, 2009. 3 vol.

REIS, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4 ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.

RIEGEL, Silvio Van. ***Problemi di conservazione dell' architettura dipinta su intonaco o su supporti lignei fra Seicento e Settecento***. In: Colóquio Internacional sobre História da Arte e História da Ciência: por um estudo artístico e científico. Belo Horizonte: 25-27 de novembro, 2009.

RODRIGUES, José Wash. **Documentário arquitetônico**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1979.

SANTOS, Paulo F. **Arquitetura religiosa em Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951.

SCHLEICHER, Ferdinand. **Manual del ingeniero constructor**. Barcelona: Editorial labor, 1948. 1114p.

SERRÃO, Vitor. **História da Arte em Portugal - O Barroco**. 1ª. Editorial Presença, Lda, Lisboa, 2003.

SILVA, Mateus Alves. **Perspectiva Pictorum et Architectorum, de Andrea Pozzo, SJ: entre a gênese e a crítica**. In.: Cultura Arte e História: A contribuição dos jesuítas entre os séculos XVI e XIX/ organização Magno Moraes Mello, Adriana Romeiro. – 1 ed.- Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015, p. 65-79.

TASCHEN. **Teoria da arquitetura: do Renascimento até aos nossos dias**. Colônia, 2003. 845p.

TOPOS Revista de Arquitetura. **Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais**. Sylvio de Vasconcellos. Belo Horizonte. Imprensa Universitária. P148-163, jul/dez. 1999.

VALERIANI, Simona. **Historic carpentry in Rome**. In: First International Congress on Construction History, Madrid, 2003, 20th-24th January.

VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999.

VASCONCELOS, Diogo. **História do Bispado de Mariana**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1935.

VASCONCELLOS, Sylvio. **A Arquitetura Colonial Mineira.** Barroco, Belo Horizonte, v.10, 1979.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

VASCONCELOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

Apêndice A

Inventário

Época de Construção da Edificação

Século XIX (Ano provável: 1888)

Época de Construção do Forro

Século XXI

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

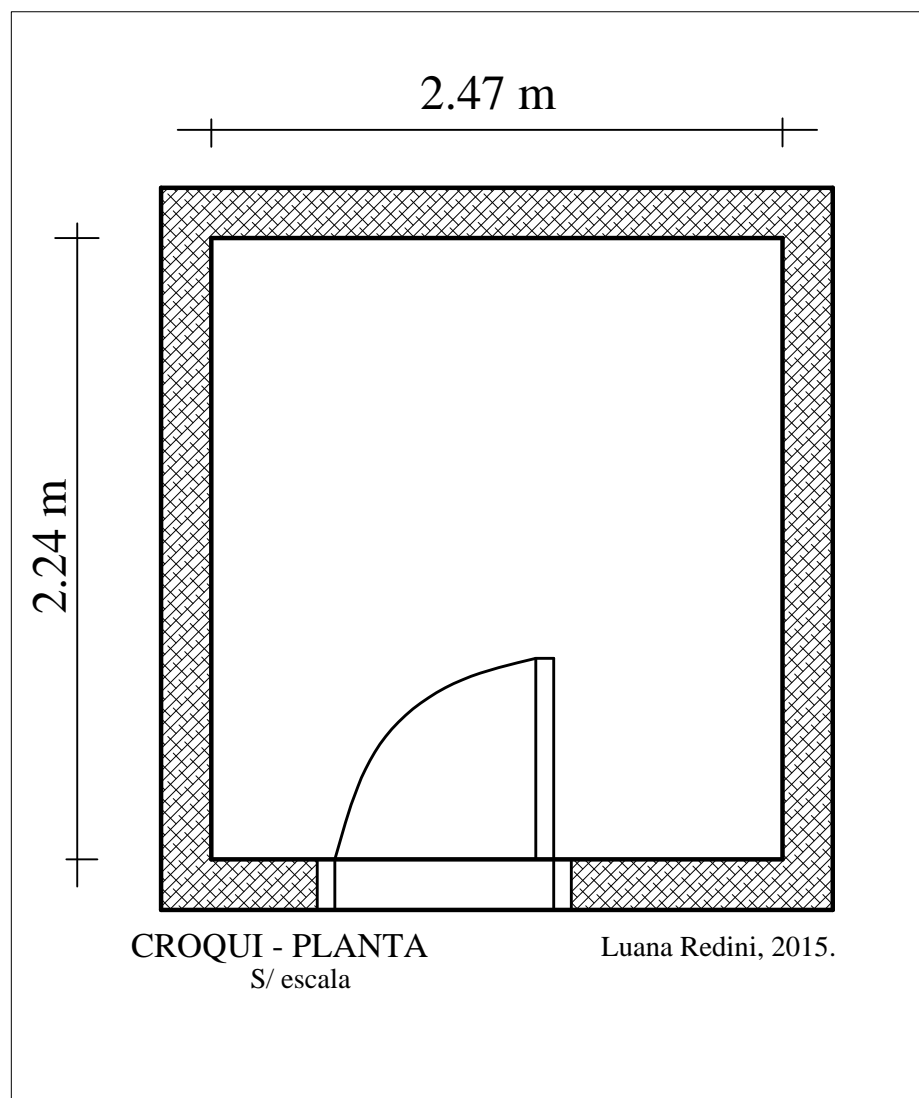
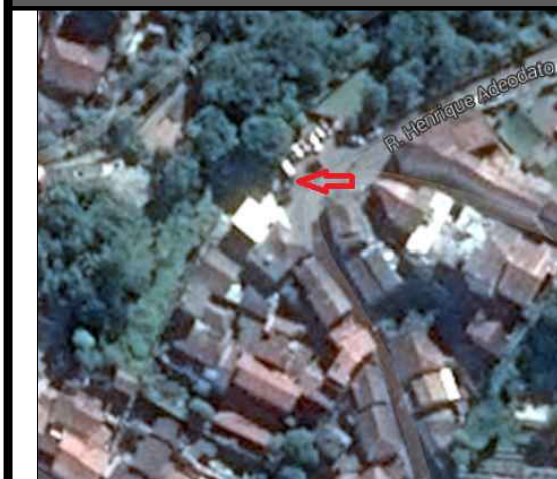
Endereço

Rua Henrique Adeodato, s/nº, São Francisco. Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

 Sra. Nadir
 Paróquia Nossa Senhora do Pilar
 Tel: (31) 3551-1032 / (31) 3551-4736
 ouropretoparoadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização

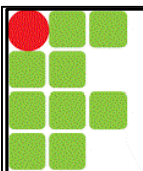


Breve Histórico da Edificação

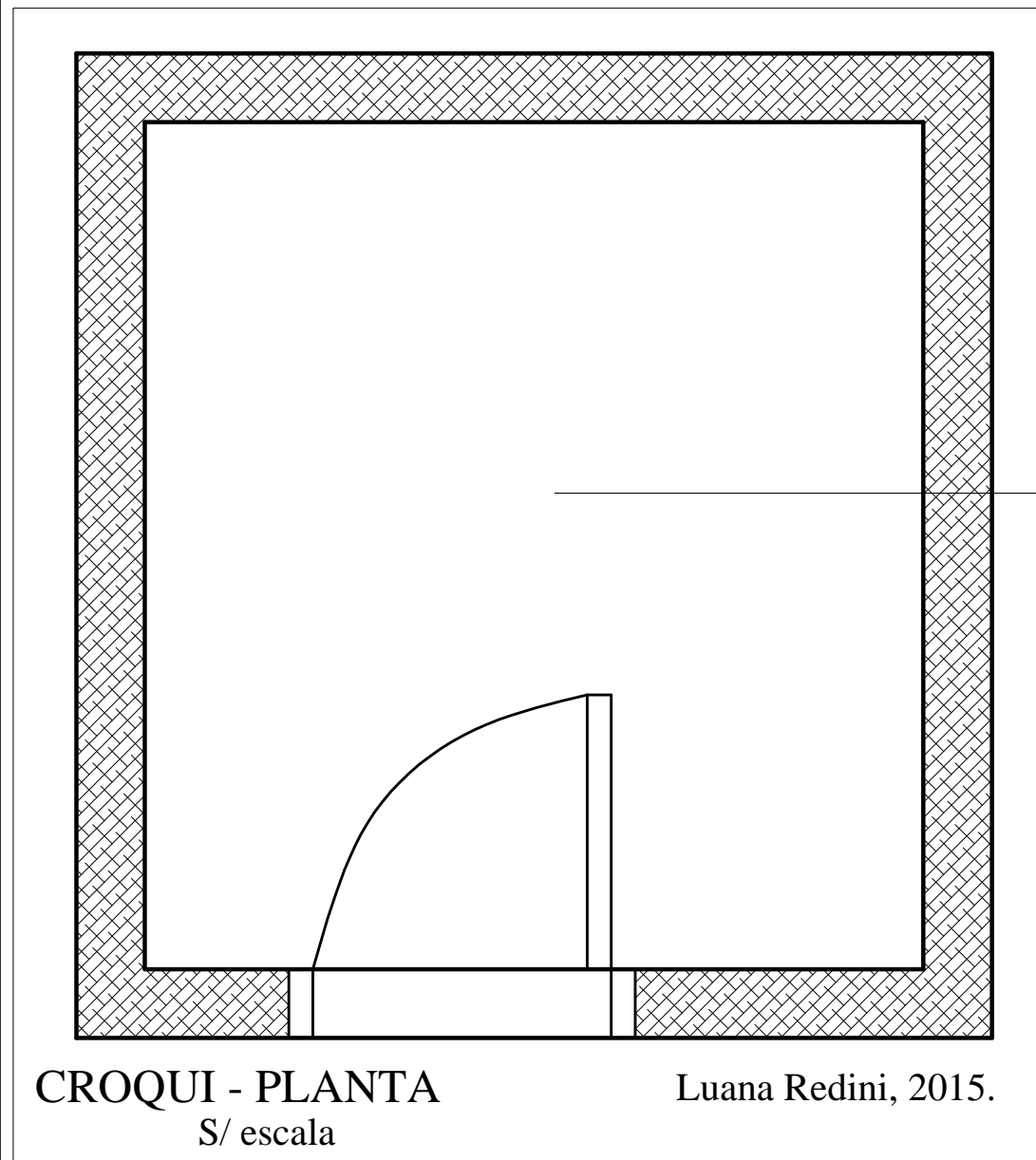
A capela da Cruz e das Almas foi originalmente edificada em homenagem a São Miguel Arcanjo e conforme inscrição em sua fachada, ocorreu em 1888, mesmo ano em que ocorreu a Abolição da escravatura no Brasil. Algumas especulações direcionam que a capela foi demolida e reconstruída posteriormente, já que os materiais nela empregados (tijolos de alvenaria), claramente não são condizentes com os materiais utilizados no período de datação da construção original. Não foi possível encontrar bibliografia que justificasse este fato. Por estar localizada de forma vulnerável, próxima a encosta de uma rua íngreme, a capela sofreu alguns danos ao longo das duas últimas décadas. Em 1980, um carro colidiu em uma das paredes da capela. Reparos foram feitos no mesmo ano para reestabelecer seu estado estético original, entretanto, não é possível precisar se fora feito de maneira adequada. Segundo o relato da atual zeladora, Sra. Nadir, um caminhão perdera o freio no ano de 2007 e batera na lateral direita da capela, destruindo grande parte da parede, da fachada posterior e provocando o deslocamento do telhado. A Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Ouro Preto foi responsável pelo projeto e pela execução da restauração ainda no mesmo ano. Em 08 de setembro de 1939, a capela foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

 Autora: Luana L. Safar Redini
 Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO
2015
FOLHA
1/2



1. Forro plano em madeira



Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, de forma geométrica quadrada, em ripas de madeira de aproximadamente 10 cm de largura, de junção do tipo junta-seca e pintado de azul. O forro é emoldurado por frisos do mesmo material, de aproximadamente 5 cm de largura e também pintados de azul. No centro está uma saída de boquilha com lâmpada incandescente.

INVENTÁRIO DOS FORROS DAS EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS HISTÓRICAS DE OURO PRETO

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1720)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

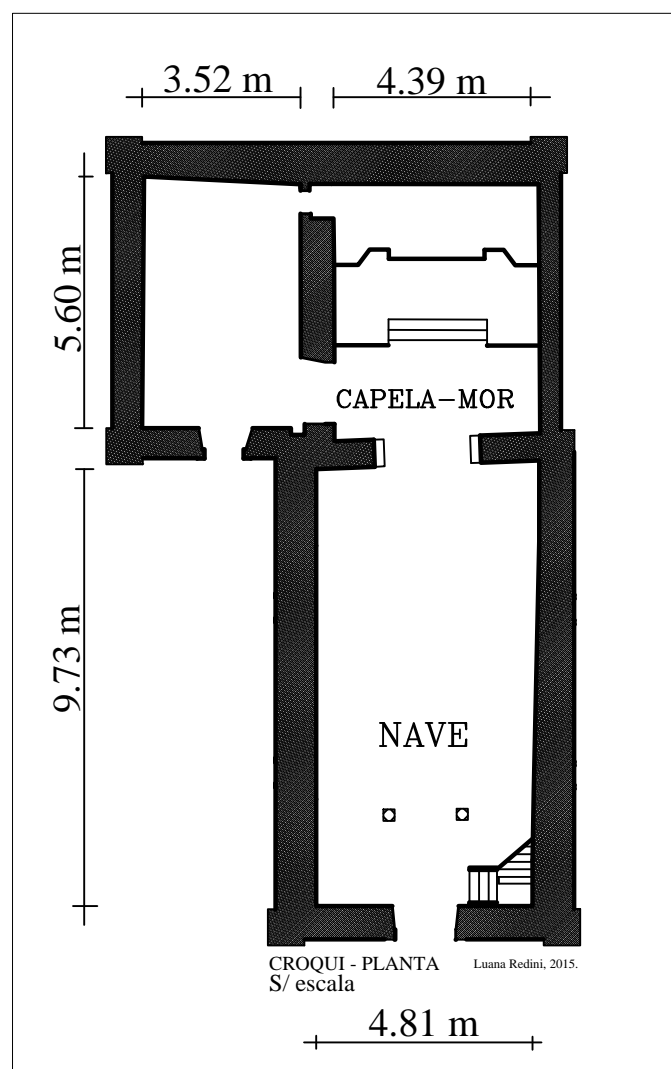
Endereço

Largo da Capela de Nossa Senhora da Piedade, s/nº, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Paróquia de Santa Efigênia
Tel: (31) 3551-5047
paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

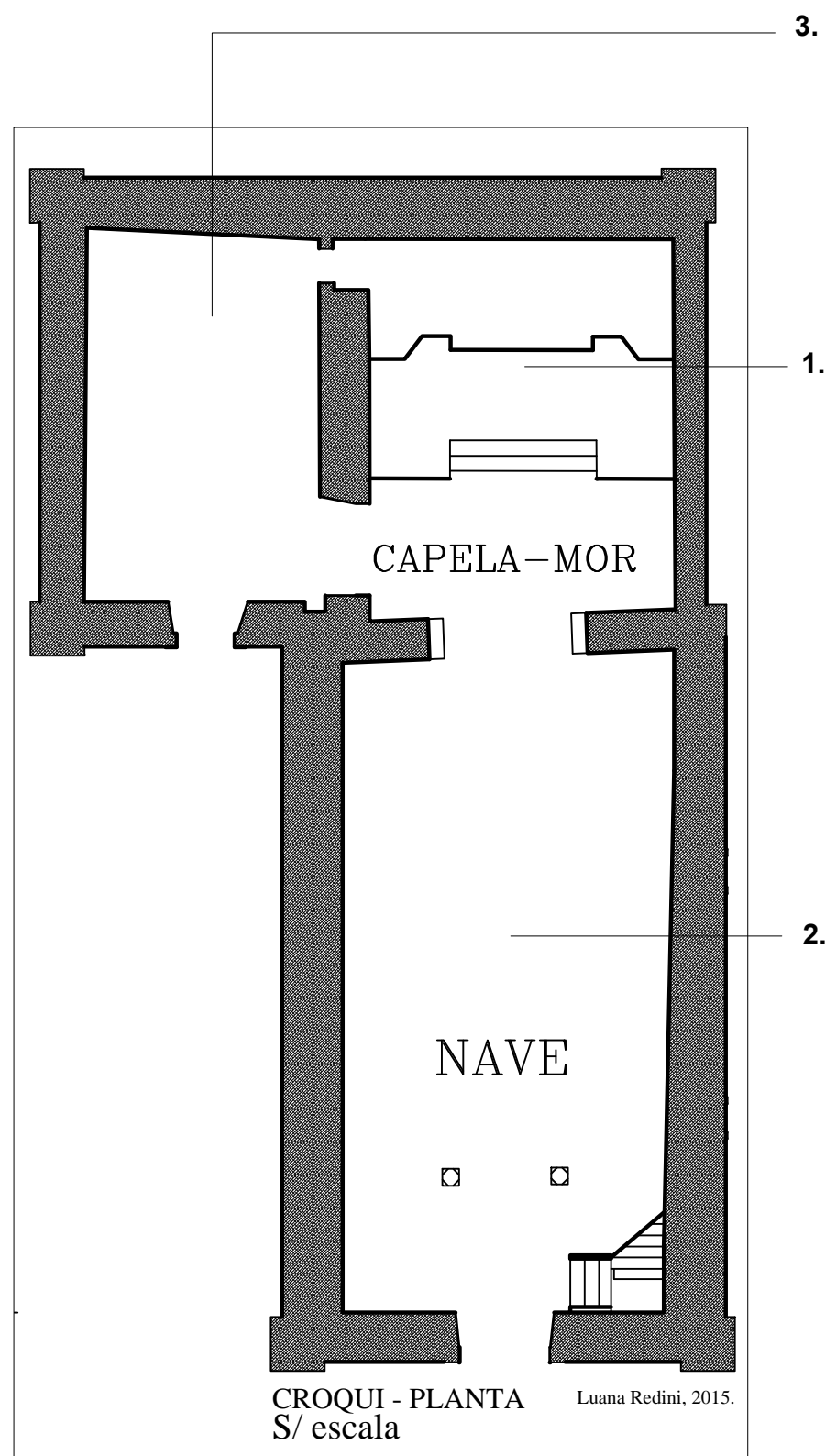
Localizada no topo da serra de Ouro Preto, a capela de Nossa Senhora da Piedade provavelmente foi construída em meados de 1720, já que consta esta data inscrita na cruz. Erigida sobre um platô, a capela é cercada pelas ruínas do arraial Pascoal da Silva. A Inspeção de Monumentos Nacionais realizou em 1937, obra de conservação sob a responsabilidade do engenheiro Epaminondas de Macedo. Devido à falta de manutenção nos anos posteriores, a capela sofreu deterioração acelerada, sendo relatado em inventário no ano de 1946, danos no telhado, nas esquadrias, nos balaústres e na escada de acesso ao coro. A pintura da nave havia praticamente se apagado, bem como as tábuas do forro corroídas por insetos xilófagos e infiltrações de água. A fachada do altar-mor é atribuída a Antônio Carlos Gregório e os laterais a Avelino Joaquim da conceição (Inventário DPHAN, 03/07/1946, escrito por Maria das Mercês Pedrosa e Manoel de Paiva). Dada a urgência e gravidade dos danos diagnosticados, foi reivindicado por meio de ofício (Ofício DPHAN, 05/09/1946, escrito por Francisco de Castro Magalhães e João Trindade), a restauração da Capela de Nossa Senhora da Piedade, a qual ocorreu em 1949 e fora finalizada ainda no mesmo ano (Ofícios DPHAN, 30/09/1949 escrito por Sílvio de Vasconcelos e 24/10/1949, escrito por Renato de Azevedo Duarte Soeiro.). Como acordado entre Governo Federal e Estadual, IEPHA e Diocese de Mariana, a capela recebe nova obra de restauro trinta anos mais tarde, em 1980 através da Construtora Faengel. Nesta última, ocorreu a troca do forro da nave e retoque no forro de estuque, além de ter sido colocado forro de esteira na sacristia.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

2015

FOLHA
1/2



1. Forro em esteira de taquara



2. Forro abobadado em madeira



3. Forro abobadado em madeira



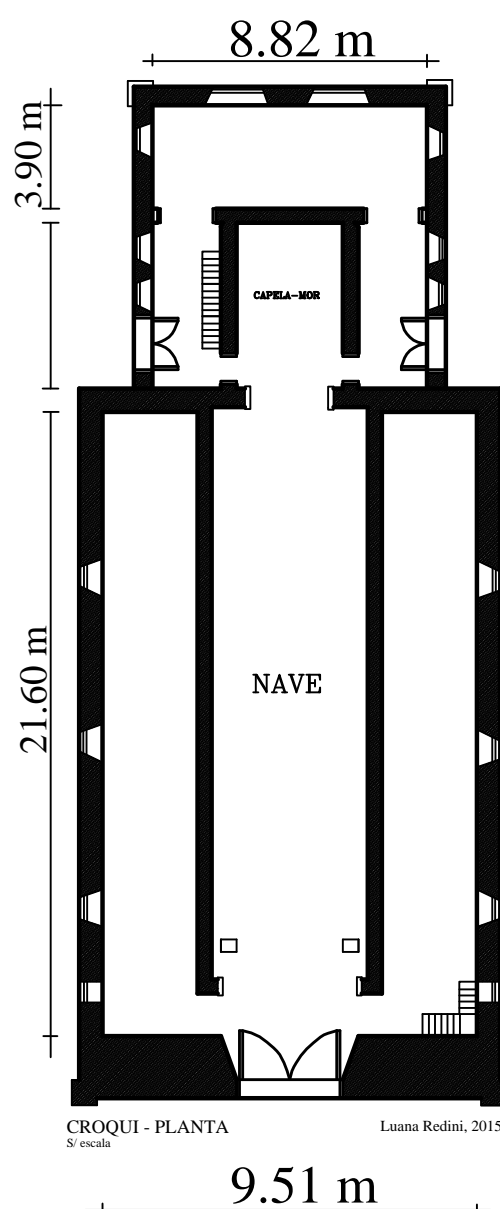
Detalhe medalhão central Nave



Descrição do forro

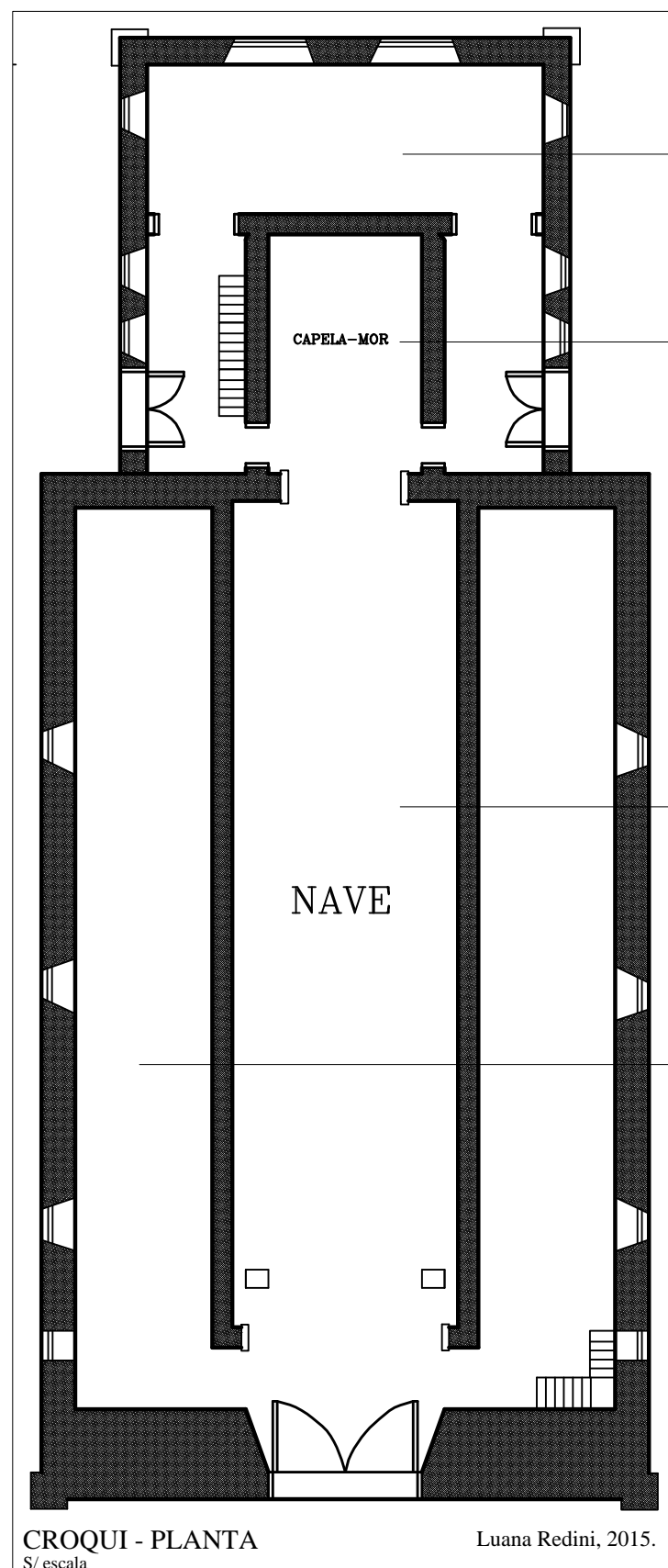
- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abobadado em tábuas de largura média de madeira pintado de branco.
2. Forro da nave: abobadado em tábuas de largura média de madeira pintado de branco. Representação pictórica de medalhão central com temas florais.
3. Forro sacristia: plano, em esteira de taquara pintada de branco.



Breve Histórico da Edificação

A construção da atual capela de Nossa Senhora das Dores provavelmente teve início em 1835 e findou-se entre 1845 e 1850 (Inventário Secretaria de Cultura e Patrimônio da Prefeitura Ouro Preto) . Ao lado da capela está situado um cemitério, provavelmente de datação posterior. Referências documentais, uma do ano 1954 e outra 1964 indicam a restauração do telhado da nave. Em 08 de setembro de 1939, a capela foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.



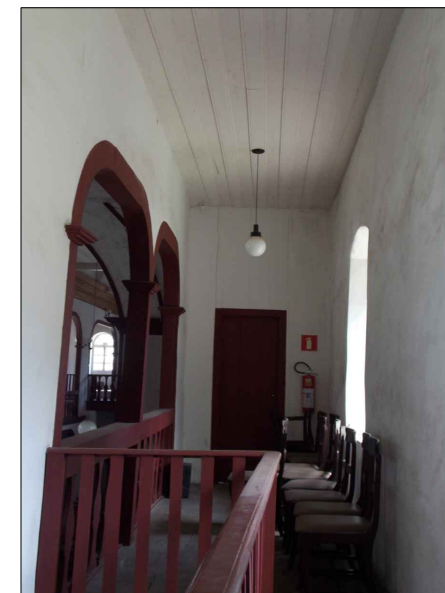
1. Forro abobadado em madeira



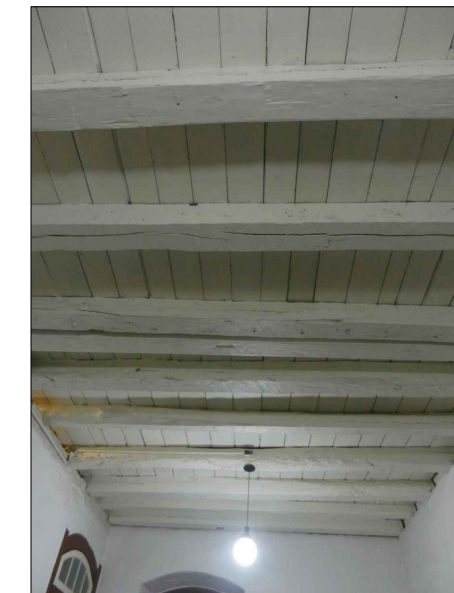
2. Forro abobadado em madeira



3 e 4. Forro saia e camisa em madeira



5. Barrotes de madeira sem forração



5.

1.

2.

3 e 4.

Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abobadado em tábuas de largura estreita em madeira, de tipo junta-seca, pintado de branco e arrematado com cimalthas e guarda-pós perimetrais pintados de branco.

2. Forro Nave: abobadado em tábuas de largura estreita em madeira pintado de branco, arrematado em cimalthas e guarda-pós pintados de amarelo ocre.

3 e 4. Forros corredores laterais: planos, em madeira pintados de branco, de tipo saia e camisa.

5. Forro sacristia: barrotes de madeira expostos sem forração.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1751)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

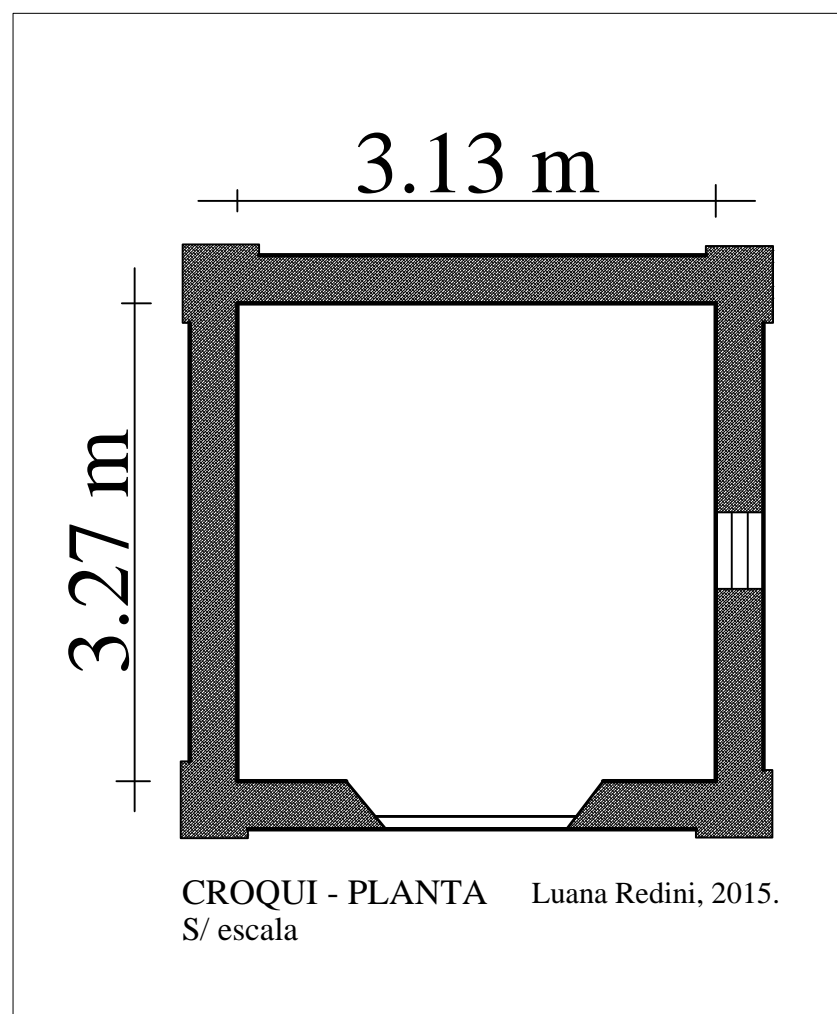
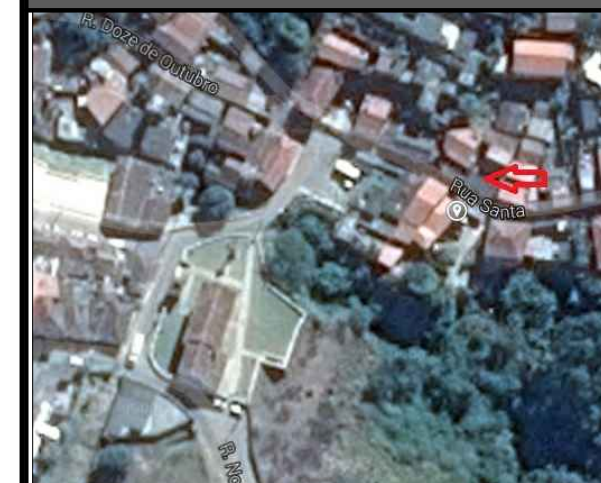
Endereço

Rua: Santa Rita, s/nº, Padre Faria, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

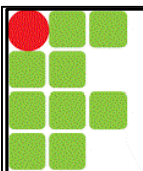
Paróquia de Santa Efigênia
Tel: (31) 3551-5047
paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização

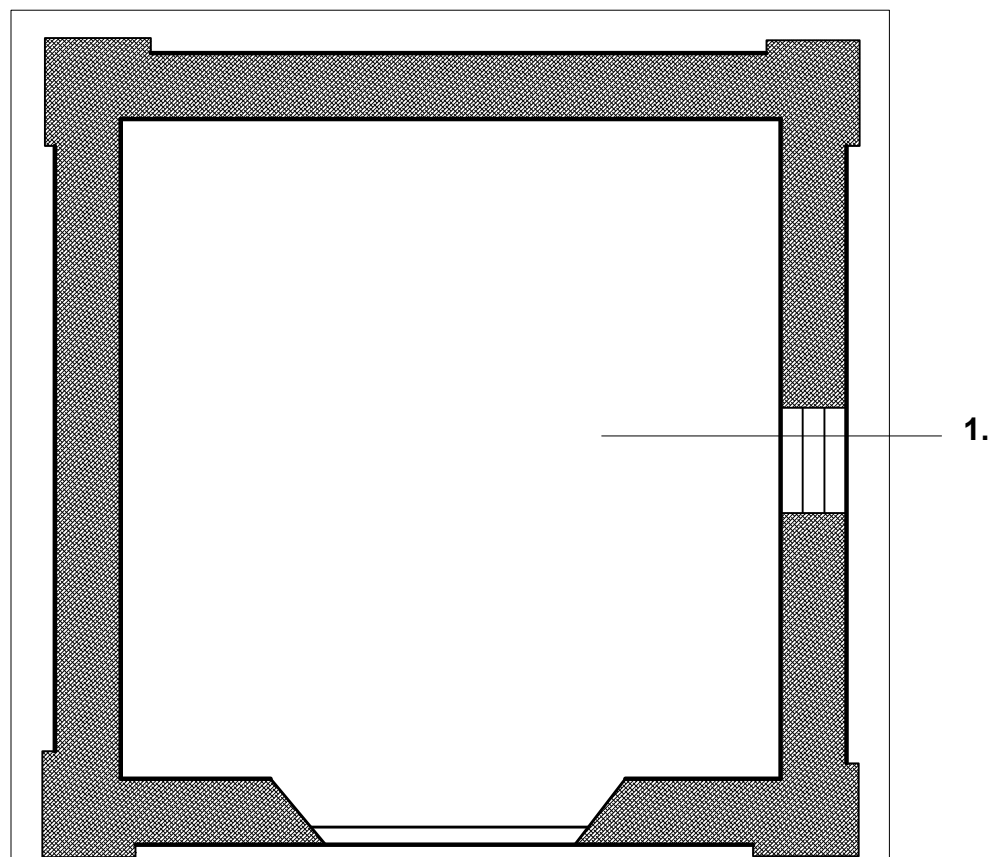


Breve Histórico da Edificação

Segundo o Inventário de Proteção do Acervo Cultural elaborado pela Secretaria de Cultura e Patrimônio de Ouro Preto, a capela de Nossa Senhora das Necessidades foi erigida ainda no século XVIII. A documentação escassa dificultou a precisão exata da construção da capela, entretanto, há a atribuição a data de 1751, já que existe uma inscrição desta data em uma ponte próxima. Segundo relatos orais, a capela foi restaurada por moradores vizinhos para que esta pudesse receber novamente a imagem de sua santa padroeira (MENEZES, Joaquim Furatado. *Igrejas e Irmandade de Ouro Preto: a religião em Ouro Preto. Belo Horizonte, MG: IEPHA, 1975, p.95*). Tem tombamento inserido no Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto tombado pelo IPHAN e ao conjunto arquitetônico tombado pelo município em 1931.



1. Forro em abóbada trifacetada tipo saia e camisa de madeira pintado de branco



CROQUI - PLANTA Luana Redini, 2015.
S/ escala



Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, retangular, em abóbada trifacetada, sendo cada face composta por ripas de madeira de aproximadamente 7 cm de largura, com junção do tipo saia e camisa, pintado de branco. Não há cimalha.

Época de Construção da Edificação

Século XX (Ano provável: 1997)

Época de Construção do Forro

Século XX

Propriedade

Particular

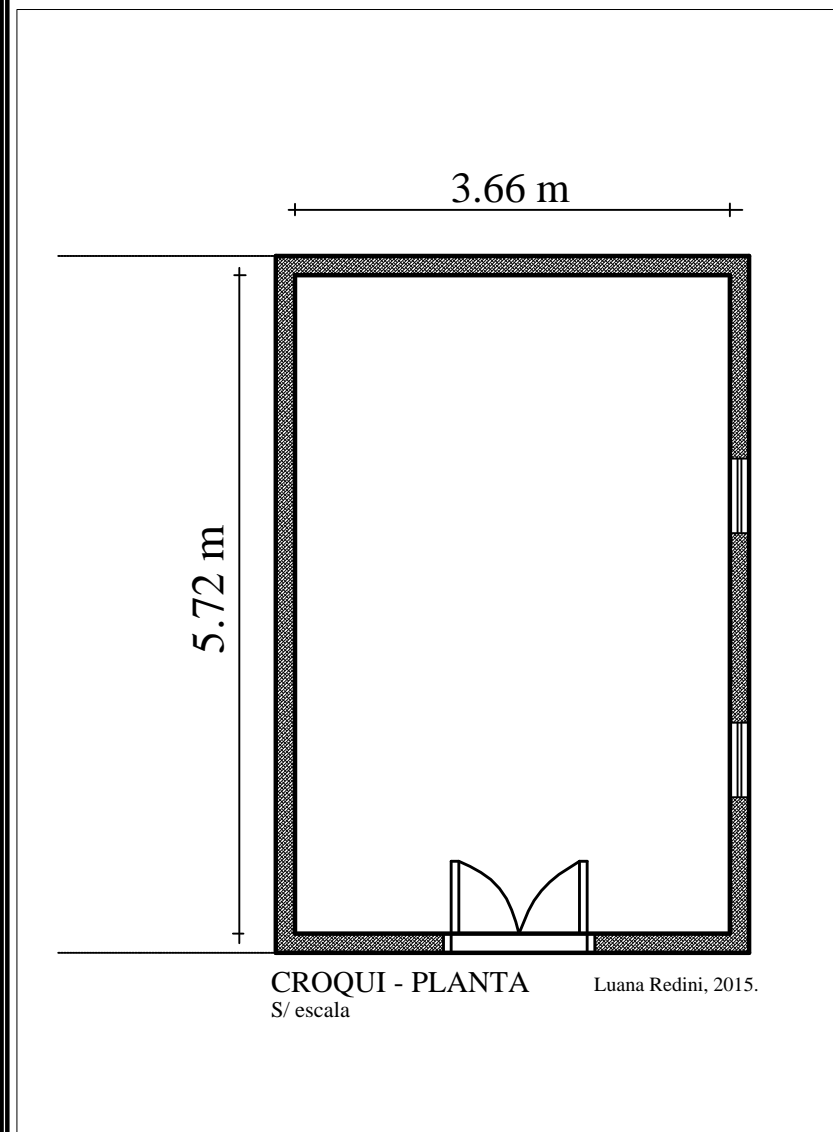
Endereço

Rua: s/nome, s/nº, (próxima ao Largo de
N. Sra. da Saúde) São Sebastião, Ouro
Preto / MG.

Responsável / Zelador

Sr. Moacyr Vicente da Costa

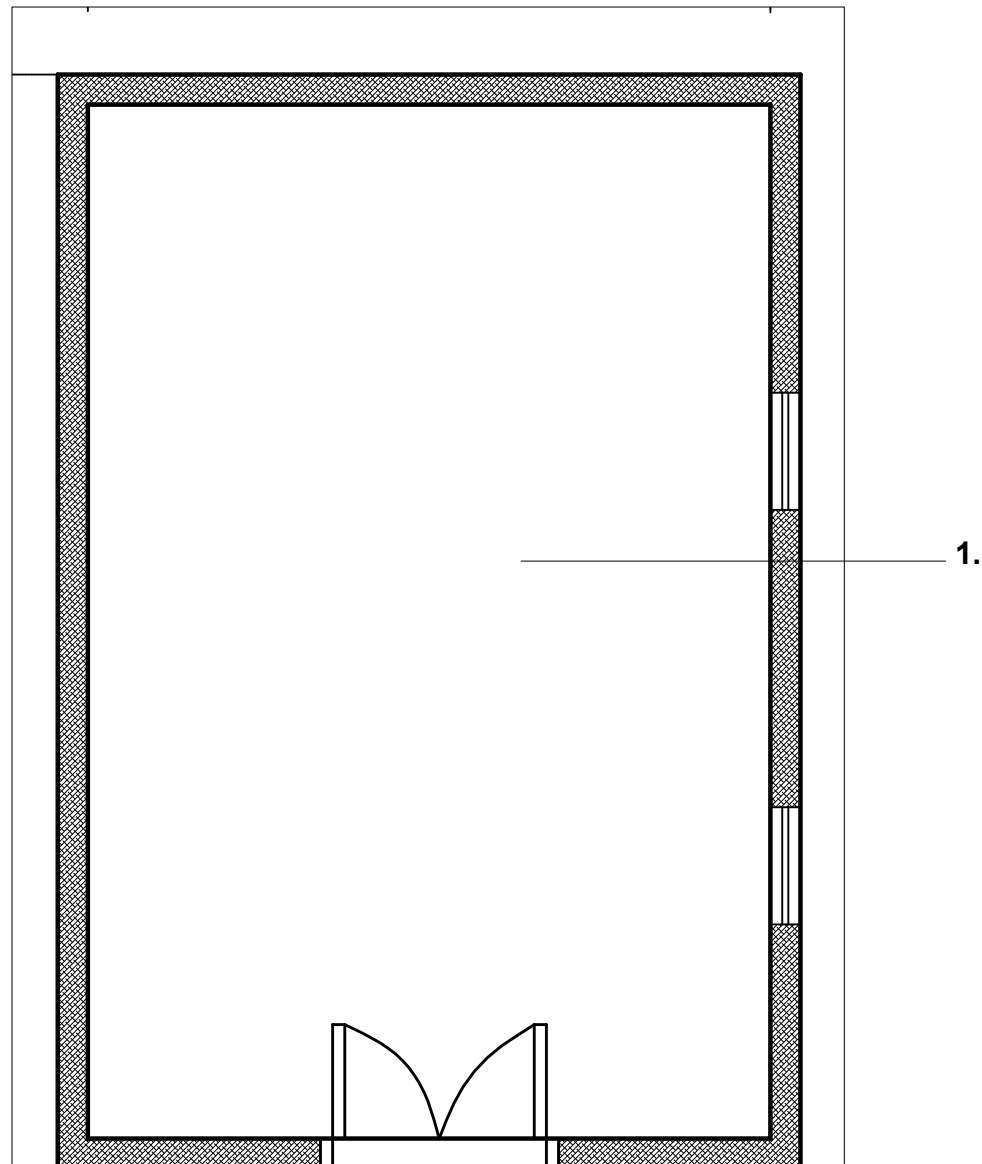
Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

A capela de Nossa Senhora de Lourdes foi construída em 15 de outubro de 1997 e está localizada ao lado da casa de Moacyr Vicente da Costa e de sua esposa Esmeralda Torres da Costa. Apesar de estar localizada dentro da propriedade particular, a capela é aberta ao público.

1. Laje de tijolos cerâmicos pré-moldados



CROQUI - PLANTA
S/ escala

Luana Redini, 2015.



Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, retangular e sem forro, laje plana, em blocos de tijolos cerâmicos pré-moldados de 8 furos sem revestimento e vigas de concreto pintadas de branco intercaladas. Não há cimalha no arremate perimetral.

Época de Construção da Edificação

Século XX

Época de Construção do Forro

Século XX

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

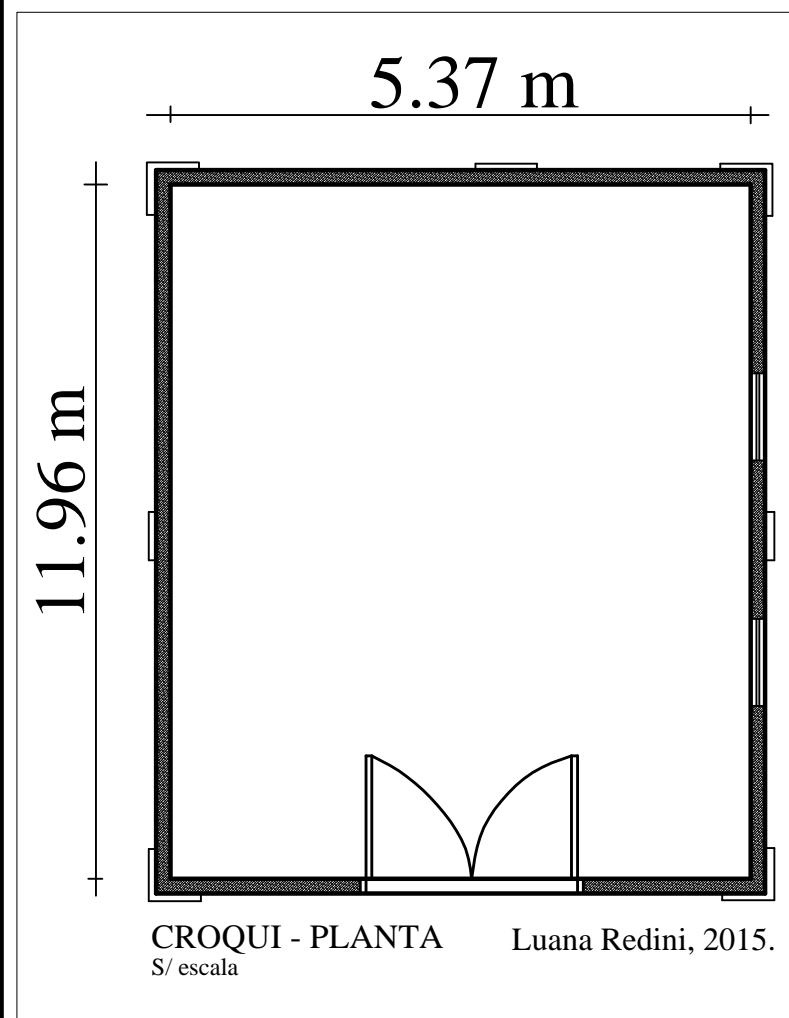
Endereço

Rua: Antônio Esteves de Sacramento.
Vila São José, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

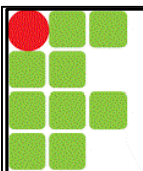
Sra. Petrina ou Sra. Chiquinha
Paróquia Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3552-2353 / (31) 3551-1657
ouropretoparoquiadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização

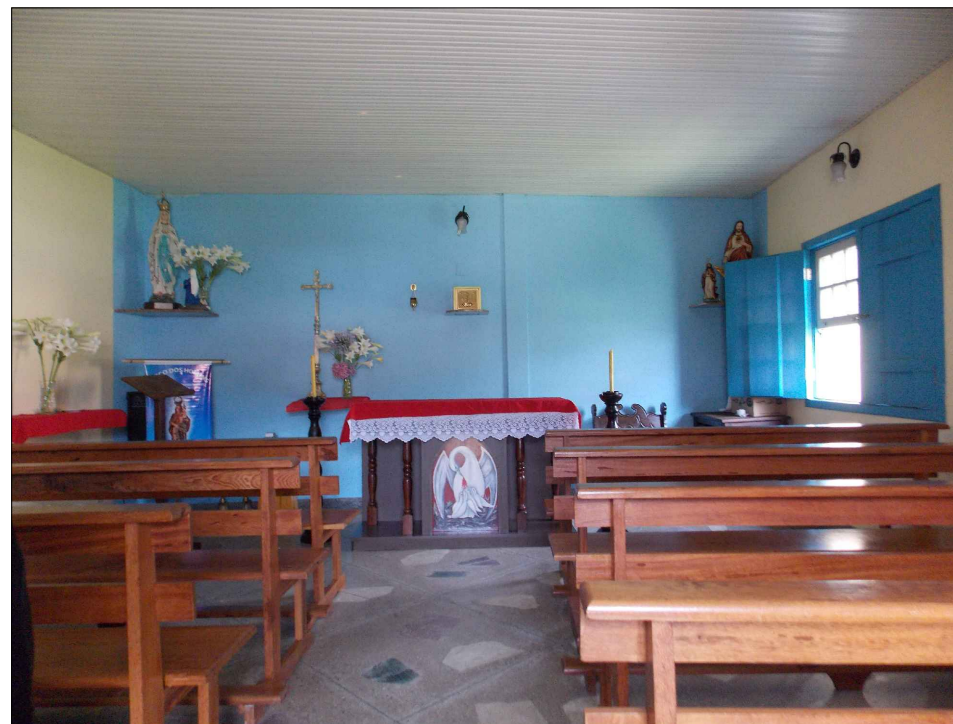


Breve Histórico da Edificação

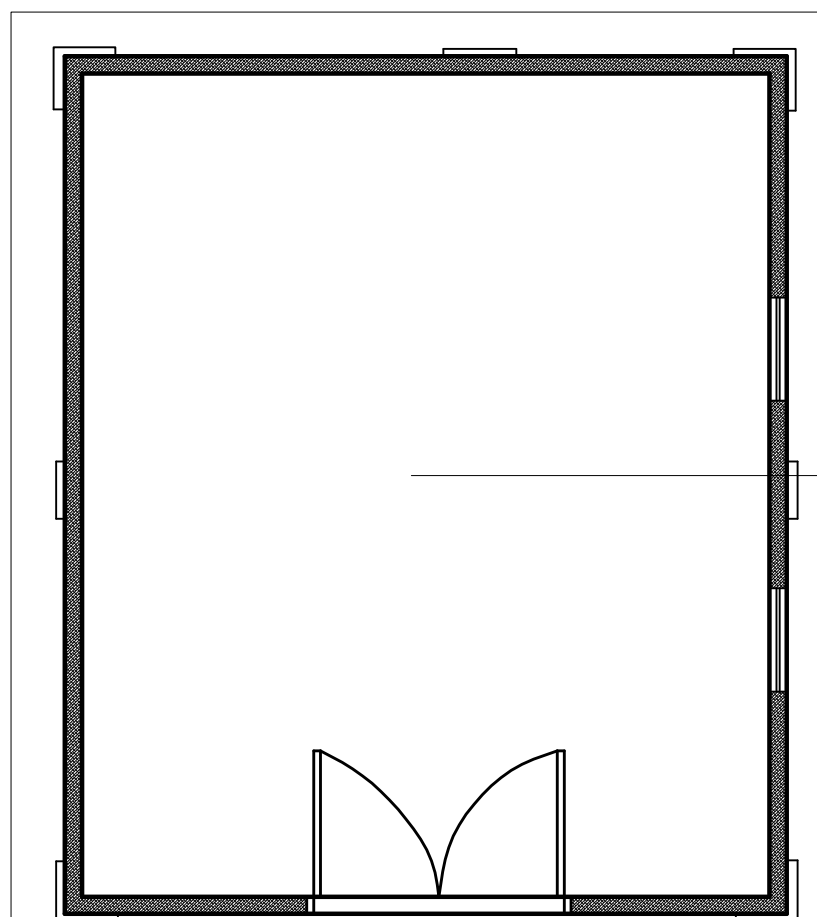
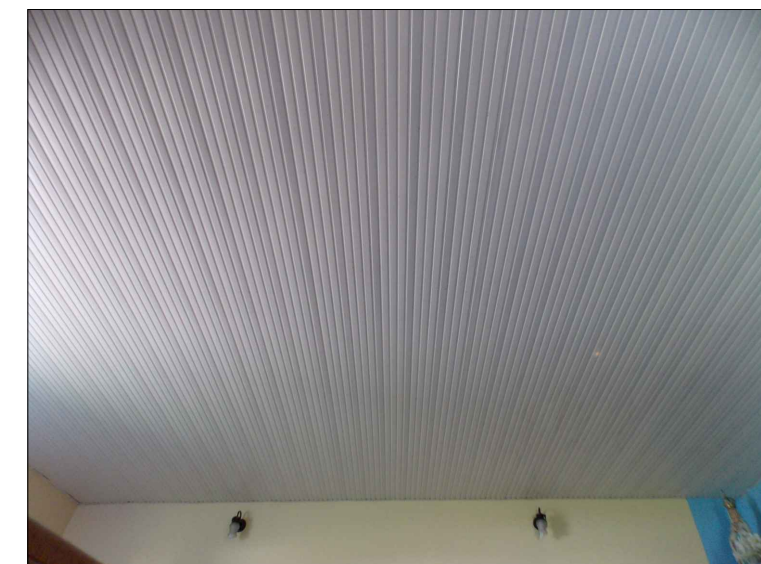
A capela de Nossa Senhora de Lourdes está localizada na Vila São José e a ausência de documentação impossibilitou a precisão da data de sua construção. Segundo depoimento da zeladora Chiquinha, a capela foi edificada no século XX por iniciativa dos moradores do bairro Vila São José.



1. Forro plano em PVC



Detalhe forro capela



CROQUI - PLANTA Luana Redini, 2015.
S/ escala

Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, retangular plano, em PVC branco, com frisos simulando ripas estreitas com juntas do tipo saia e camisa e sem cimalha no arremate perimetral.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1733)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

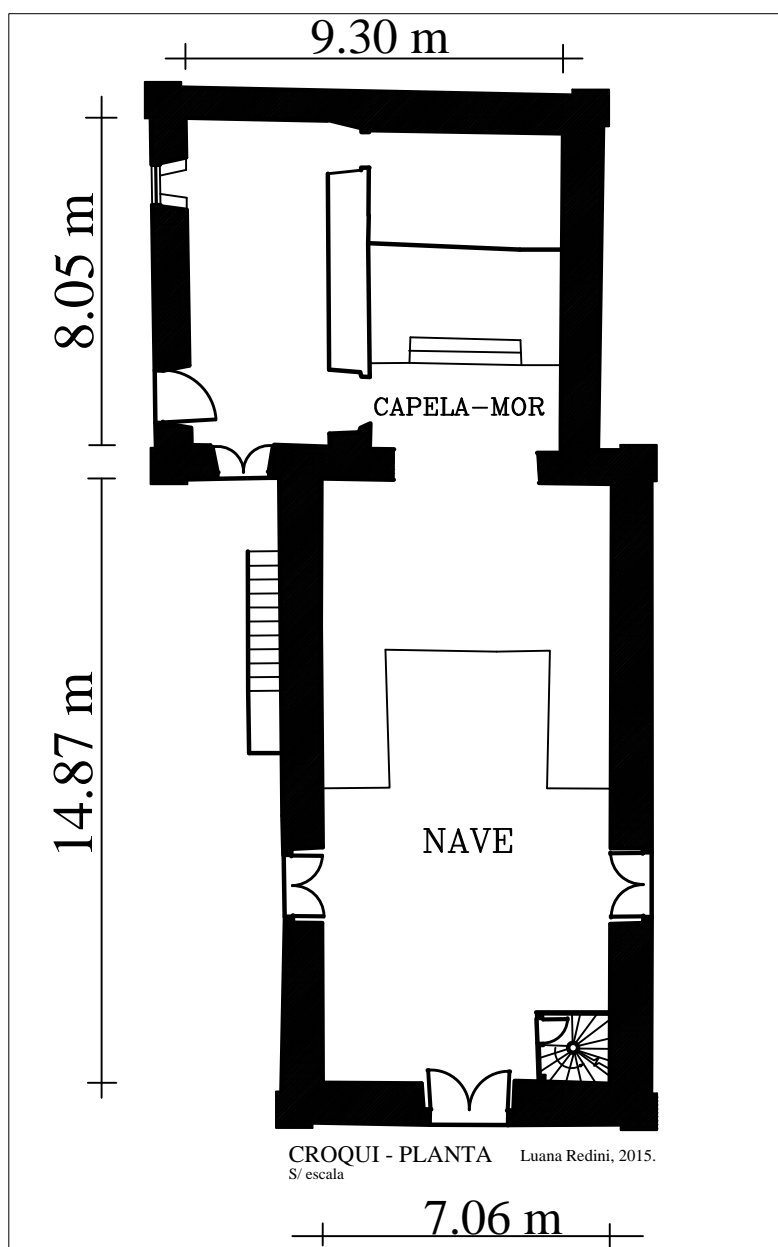
Endereço

Padre Faria, s/nº, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Sr. Jair Nascimento Santos
Paróquia Santa Efigênia
Tel: (31) 3551-5047
paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

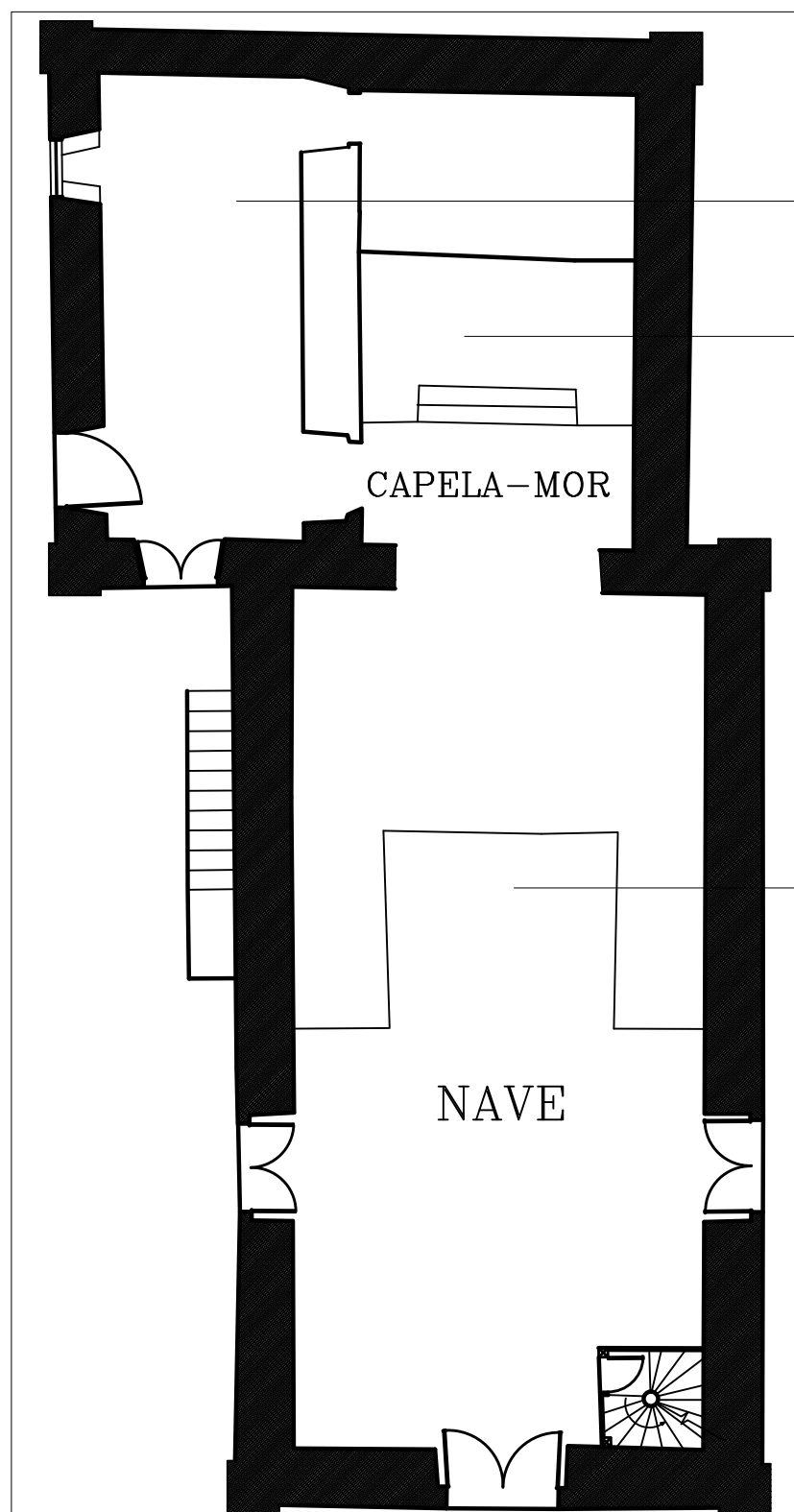
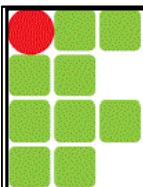
Esta capela foi fundada originalmente para abrigar a imagem de Nossa Senhora do Parto e posteriormente a Confraria dos Brancos do Rosário - que foram expulsas pelos negros da antiga capela de taipa de Santa Efigênia. Não foi possível precisar a data de construção da capela, mas nela está um sino com a forja de 1750 e há também a inscrição da data 1756 na cruz pontifical localizada no adro. Os três retábulos são em madeira talhada ao estilo joanino e a alvenaria é em pedra seca de canga (BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, pág. 82) . Segundo Ivo Porto de Menezes, há indícios de quantias expressivas de pagamentos efetuados para a construção desde 1733 até meados do século. Os dois retábulos laterais (1730-1760) de estilo joanino são posteriores ao retábulo-mor, este último com alguns elementos do Estilo Nacional Português (1696-1730) . Segundo OFÍCIO DPHAN, 03/12/1951, escrito por Sílvio de Vasconcelos, o forro da sacristia era em esteira de taquara e foi solicitada intervenção neste, por se encontrar em mal estado de conservação. A capela de Nossa Senhora do Rosário de Padre Faria foi tombada em 1938 e passou por intervenções no anos 1937, 1945, 1951, 1955, 1961, 1982, dentre outras (Inventário de Proteção ao Acervo Cultural - Prefeitura de Ouro Preto) .

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

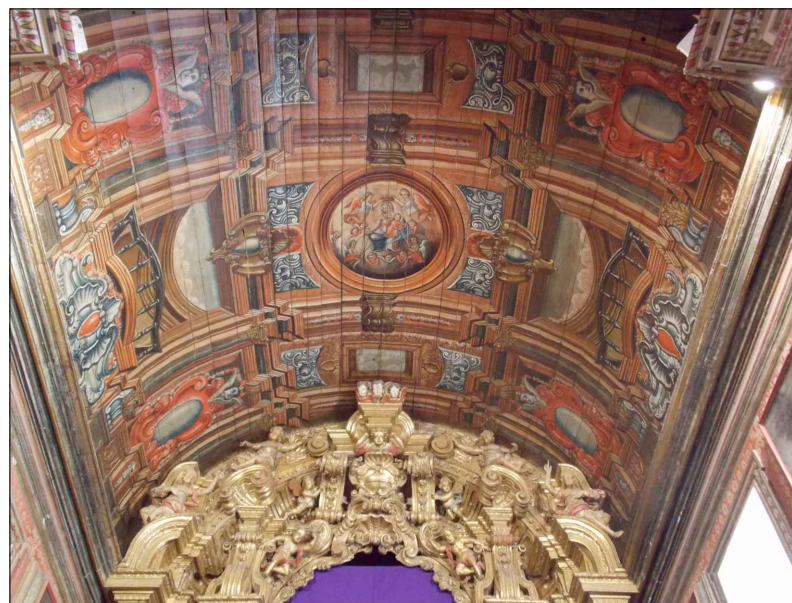
2015

FOLHA
1/2



CROQUI - PLANTA Luana Redini, 2015.
S/ escala

1. Forro abobadado em madeira



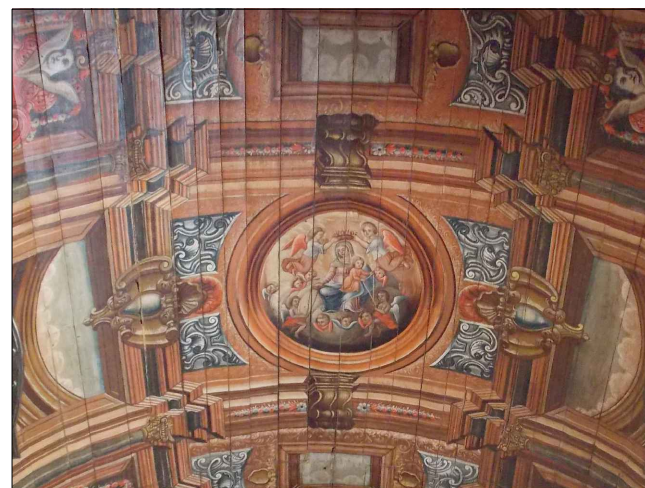
2. Forro abobadado em madeira



3. Forro plano em madeira



4. Detalhe forro capela-mor



5. Detalhe nave



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abobadado de tábuas de espessura média em madeira e representação pictórica em perspectiva com cenas da vida cotidiana. Cimalhas e guarda-pós perimetrais.
2. Forro da nave: abobadado de tábuas de espessura média em madeira e representação pictórica em perspectiva de iconografia bíblica. Cimalhas e guarda-pós perimetrais.
3. Forro sacristia: plano em madeira tipo saia e camisa pintado de branco com cimalhas perimetrais.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1776)

Época de Construção do Forro

Século XX

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

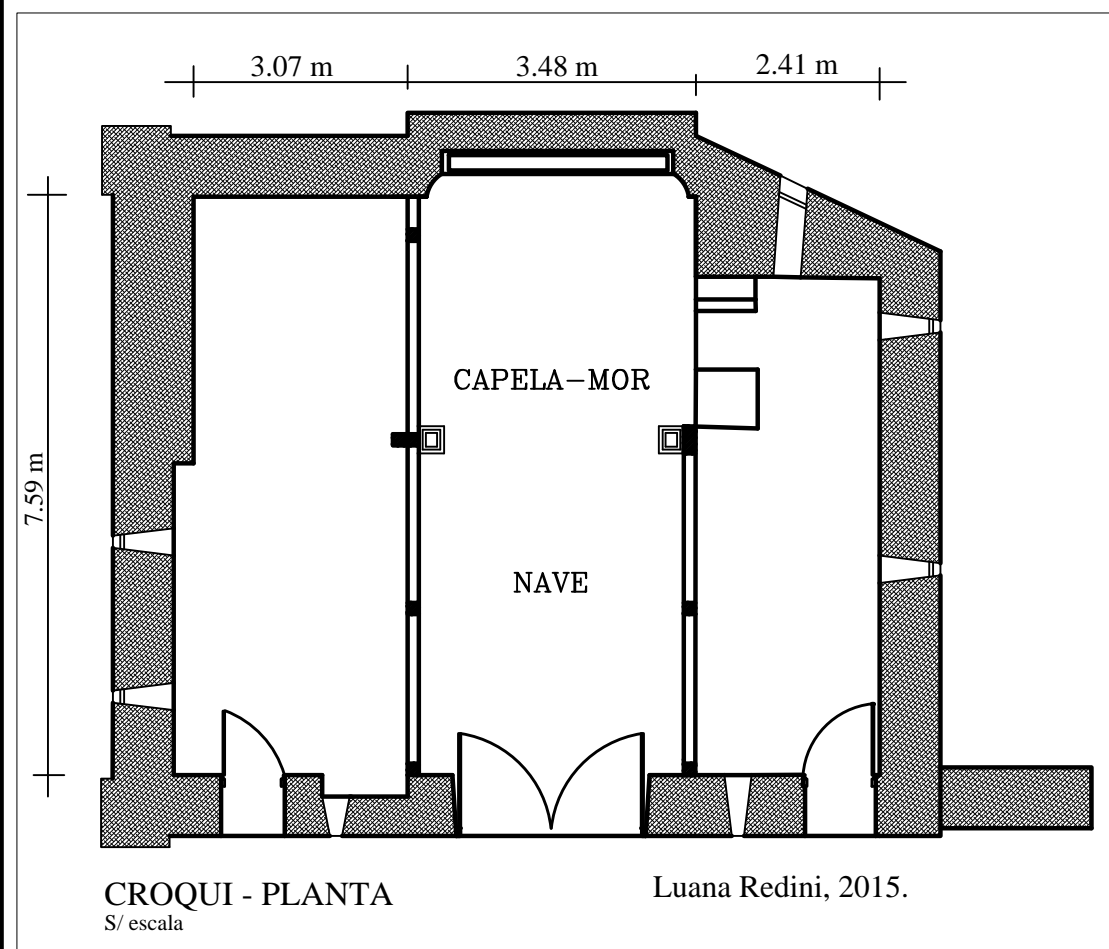
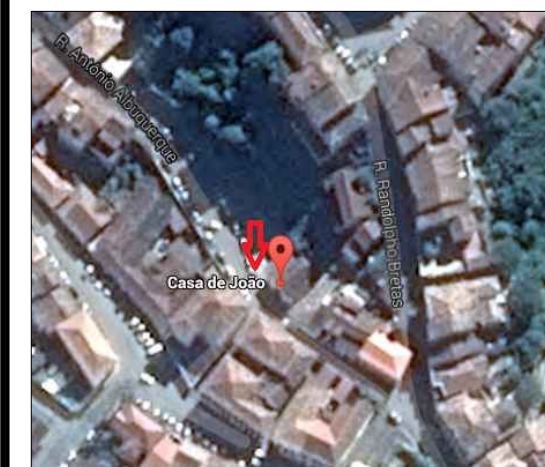
Endereço

Rua Antônio Albuquerque, s/nº,
Pilar, Ouro Preto / MG

Responsável / Zelador

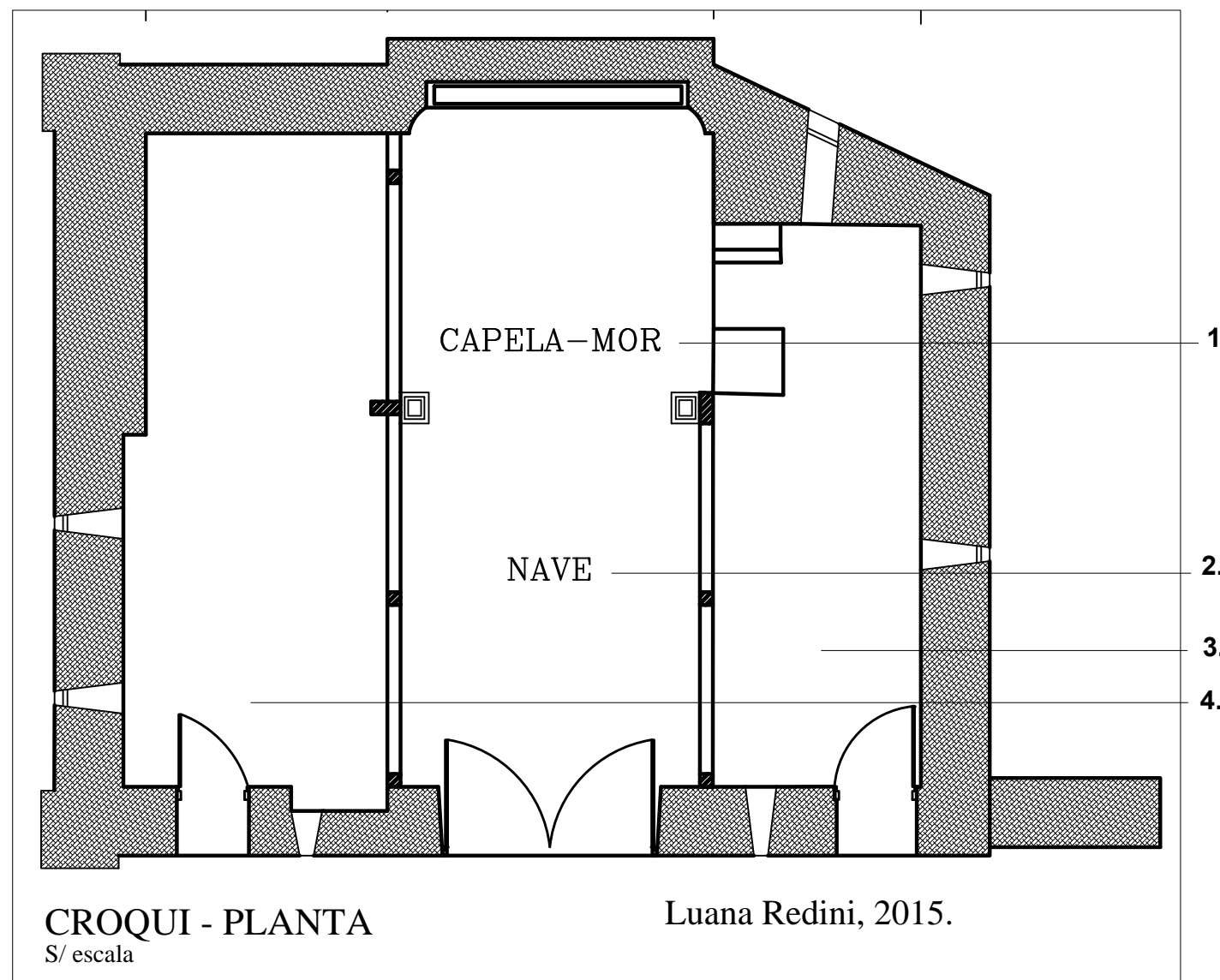
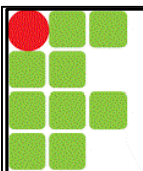
Sr. Mário dos Santos Ansaloni
Paróquia de Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3551-4736
ouropretoparoadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização

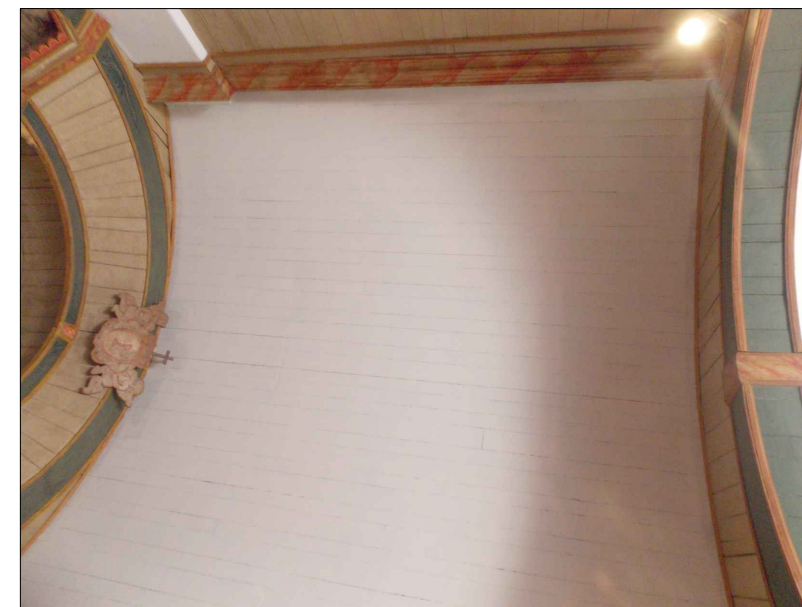


Breve Histórico da edificação

Devido à ausência de documentação e de escassa referência bibliográfica, não foi possível precisar a data de construção da capela de Nosso Senhor do Bonfim. Contudo, é provável que a capela original tenha sido erguida em 1776 e teria sido aumentada em 1778, segundo o Cônego Raymundo Trindade. Esta capela era a única que poderia receber os sentenciados a morte em celebrações religiosas. Possivelmente a capela manteve sua fachada original até o ano de 1851, de acordo com a reprodução em desenho de Hermann Burmeister, um viajante europeu. BAZIN, Germain, em *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, pág. 84, ainda sugere que a capela fora construída no século XVIII e passou por obras que modificaram a estética original da fachada já no século XIX. Em 1946 o chefe do 3º Distrito da DPHAN, Sylvio de Vaconcellos reivindica a intenção de restaurar a fachada no desenho original. As obras iniciaram apenas em 1957, com a recuperação da fachada, do telhado e portas, bem como a execução de alguns reparos. Teve seu tombamento a nível federal inscrito no Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Ouro Preto - Processo nº 70-T-38: - Inscrição nº 39, Livro do Tombo das Belas Artes, fl. 08. Data: 20.IV.1938.



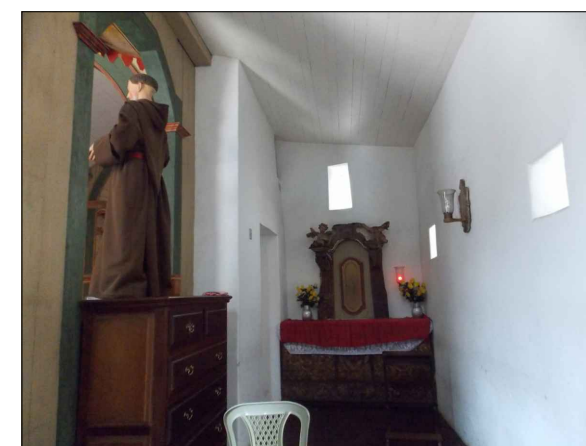
1. Forro abobadado em madeira



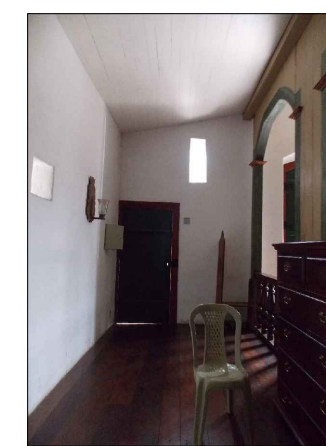
2. Forro abobadado em madeira



3. Forro plano em madeira



4. Forro plano em madeira



Descrição do Forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro capela-mor: abobadado em ripas estreitas de madeira pintado de branco com arremate em cimalthas perimetrais pintadas de mármore fingido nas cores vermelho e bege.
2. Forro nave: abobadado em ripas estreitas de madeira pintado de branco com arremate em guarda-pós perimetrais pintados de mármore fingido nas cores vermelho e bege.
3. Forro capela do santíssimo: inclinado, em ripas estreitas de madeira, tipo junta-seca, pintado de branco.
4. Forro corredor lateral esquerda: inclinado, em ripas estreitas de madeira, tipo junta-seca, pintado de branco.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

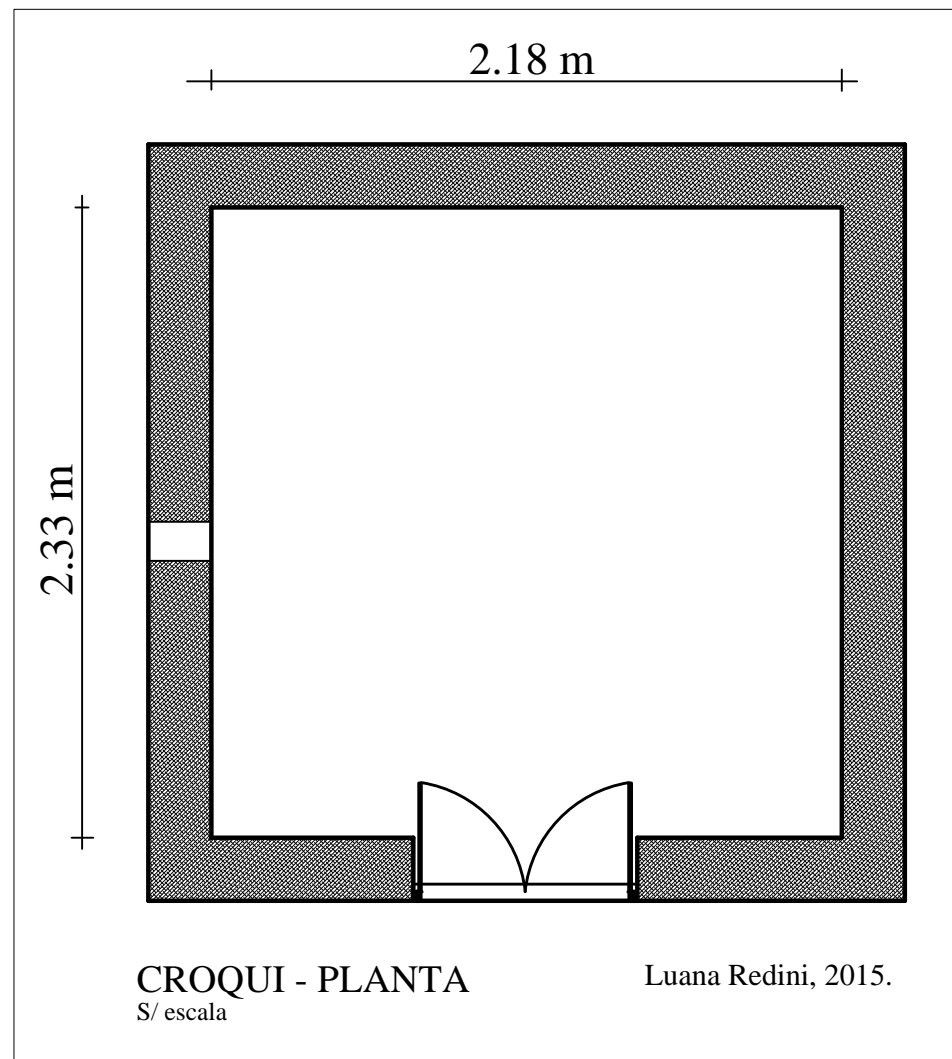
Endereço

Rua: Rezende, s/nº, Alto da Cruz,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

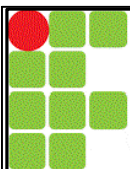
Irmandade Nossa Senhora do Rosário e
Santa Efigênia
Tel: (31) 3552-0878
paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização

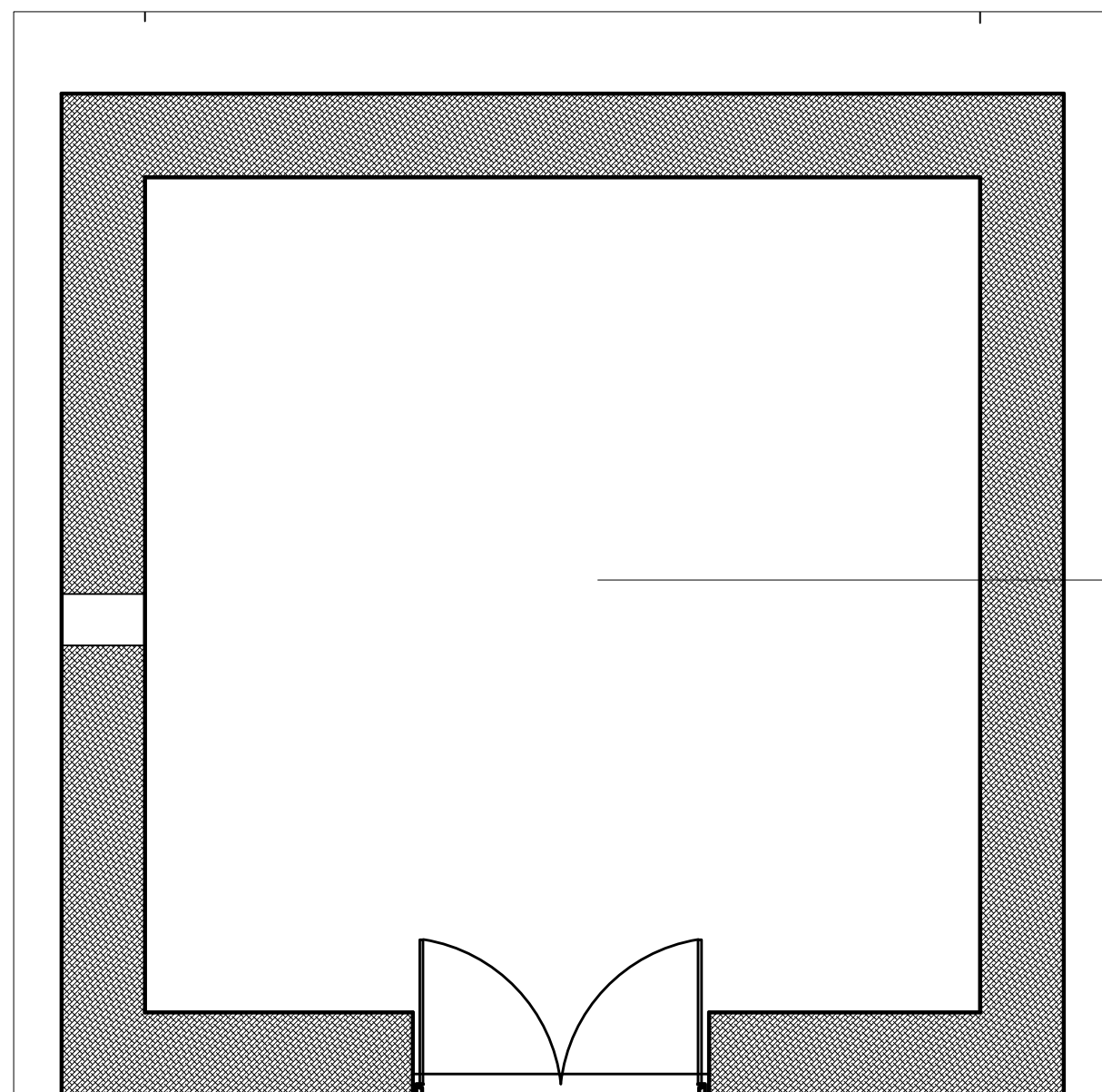


Breve Histórico da Edificação

A capela de Santa Cruz localizada no Alto da Cruz foi construída, segundo BAZIN, Germain, em *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, pág. 84, no século XVIII por iniciativa de fiéis devotos de Santa Cruz. A diminuta documentação ou referência bibliográfica sobre seu histórico dificulta a precisa datação. A capela possui planta simples, retangular, de apenas um partido, dimensão pequena, estando mais próxima das características dos „Passos„ do que das capelas. Por estar localizada na esquina de duas ruas, é possível ver apenas duas de suas fachadas: a frontal e a lateral esquerda. A capela passou por intervenções em 1945, 1961, 1975, e seu tombamento a nível federal foi concedido em 1938.



1. Forro em abóbada trifacetada



CROQUI - PLANTA
S/ escala

Luana Redini, 2015.

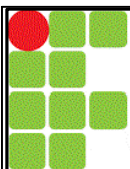


1.

Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, quadrado, em abóboda de trifacetada, em tábuas de madeira de aproximadamente 15 cm de largura, de junção do tipo junta-seca, pintado de branco e sem acabamento perimetral em cimalha.



Época de Construção da Edificação

Século XVIII

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

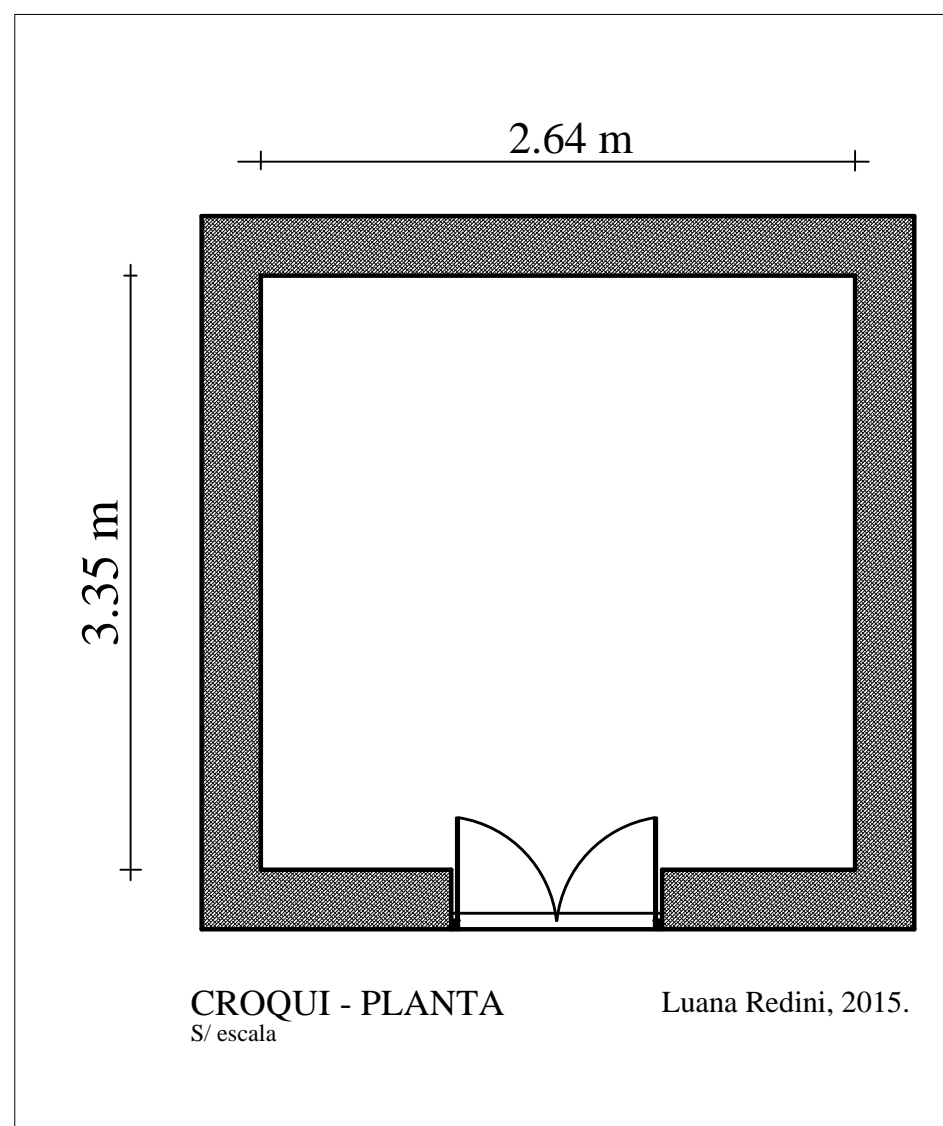
Endereço

Rua: 24 de junho, s/nº, Santana,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Sr. Celeste
Paróquia de Santa Efigênia
Tel: (31) 3551-5047
paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

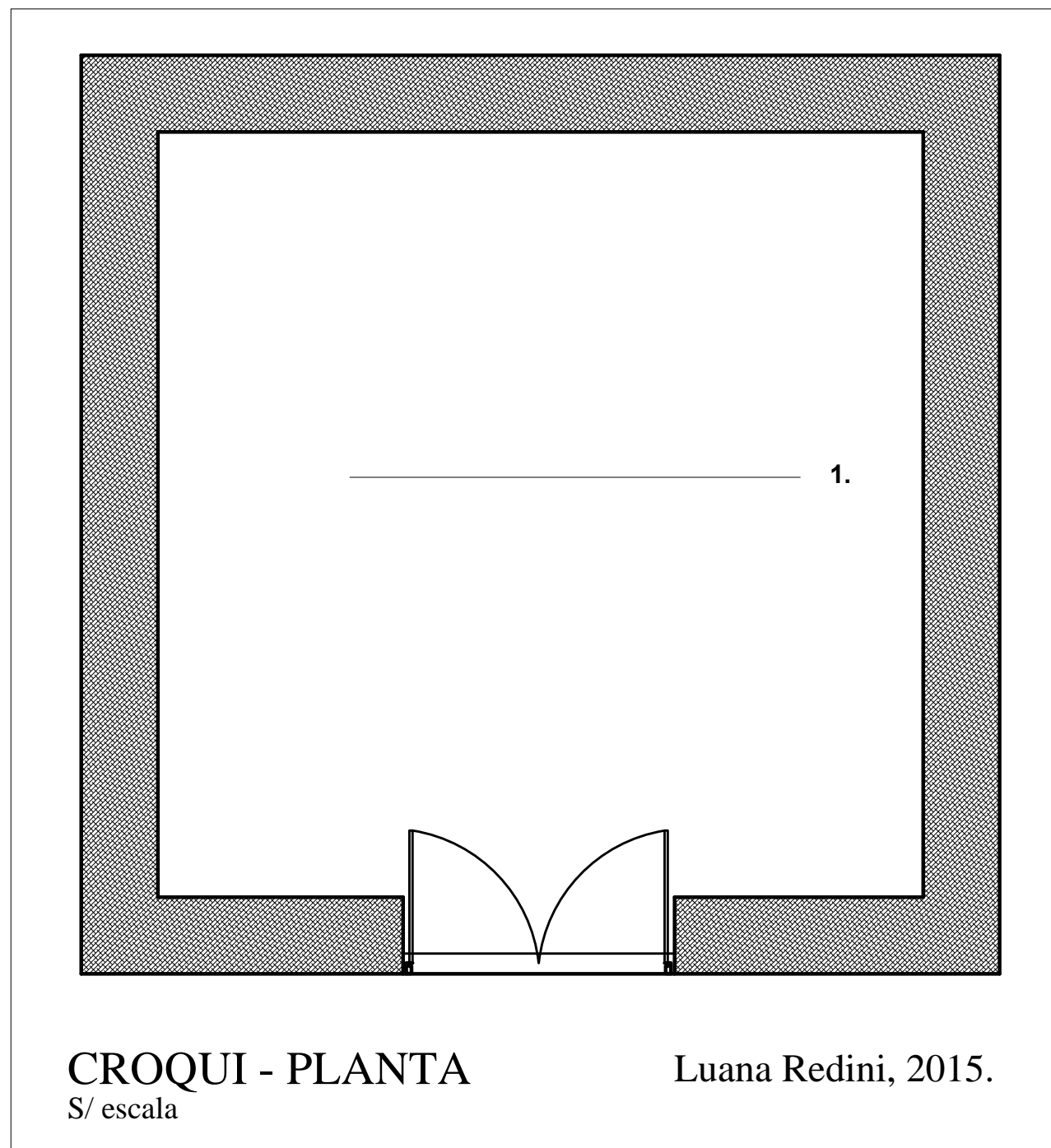
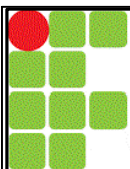
Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

A capela de Santa Cruz provavelmente foi construída no início do século XVIII, devido às suas características arquitetônicas e aos materiais nela empregados. As referências são escassas e se baseiam em relatos orais da zeladora Maria Margarida dos Santos.

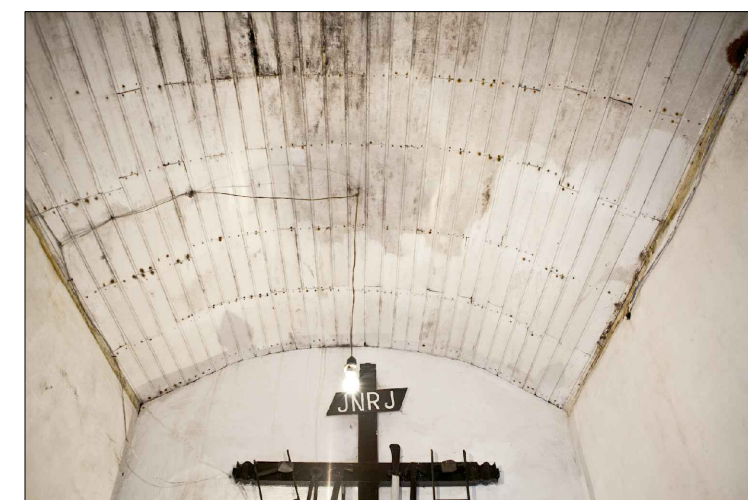
A capela de planta retangular simplificada e metragem reduzida possui estruturação de pedra em algumas partes e intervenções posteriores com outros materiais. Seu tombamento a nível federal se deu em 1938.



1. Forro em abóbada de madeira



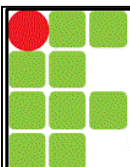
Detalhe forro



Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, quadrado, em abóbada de berço, com ripas de madeira de aproximadamente 7 cm de largura, com junção do tipo junta-seca. O madeiramento do forro é pregado diretamente na estrutura da cobertura.



CAPELA DE SANTANA

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1720)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

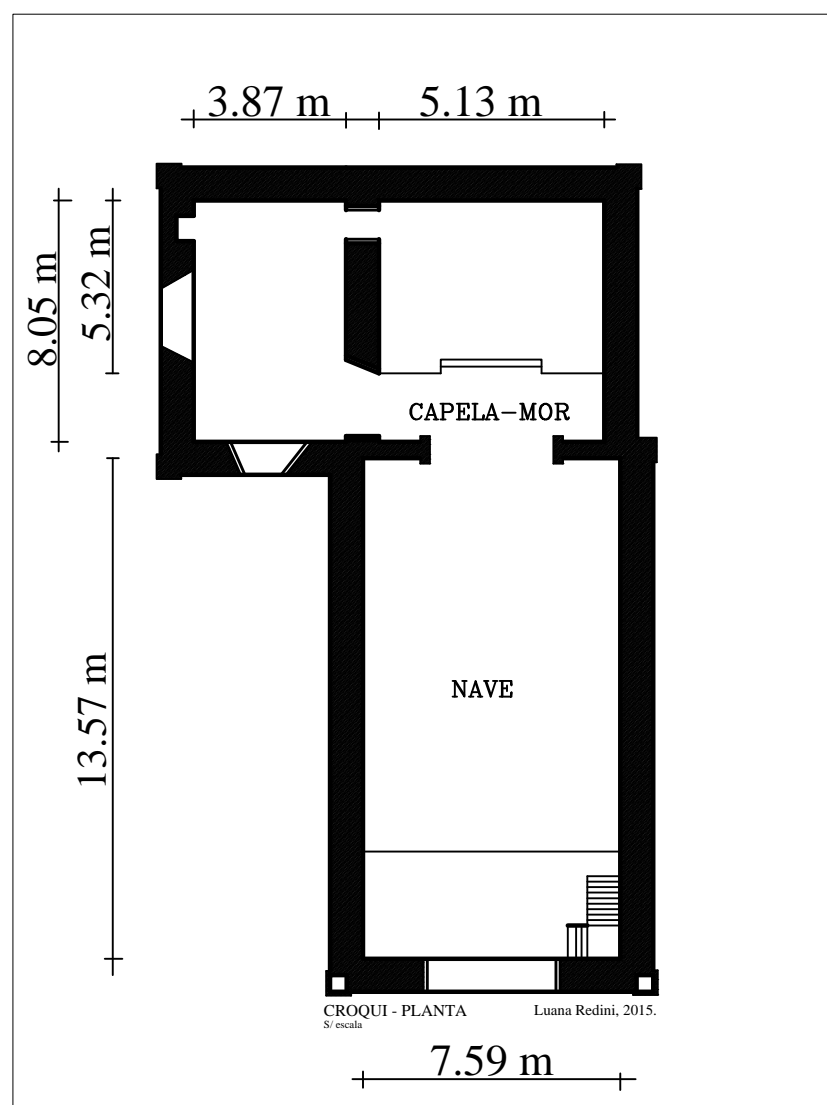
Endereço

Praça de Santana, s/nº,
Santana, Ouro Preto / MG

Responsável / Zelador

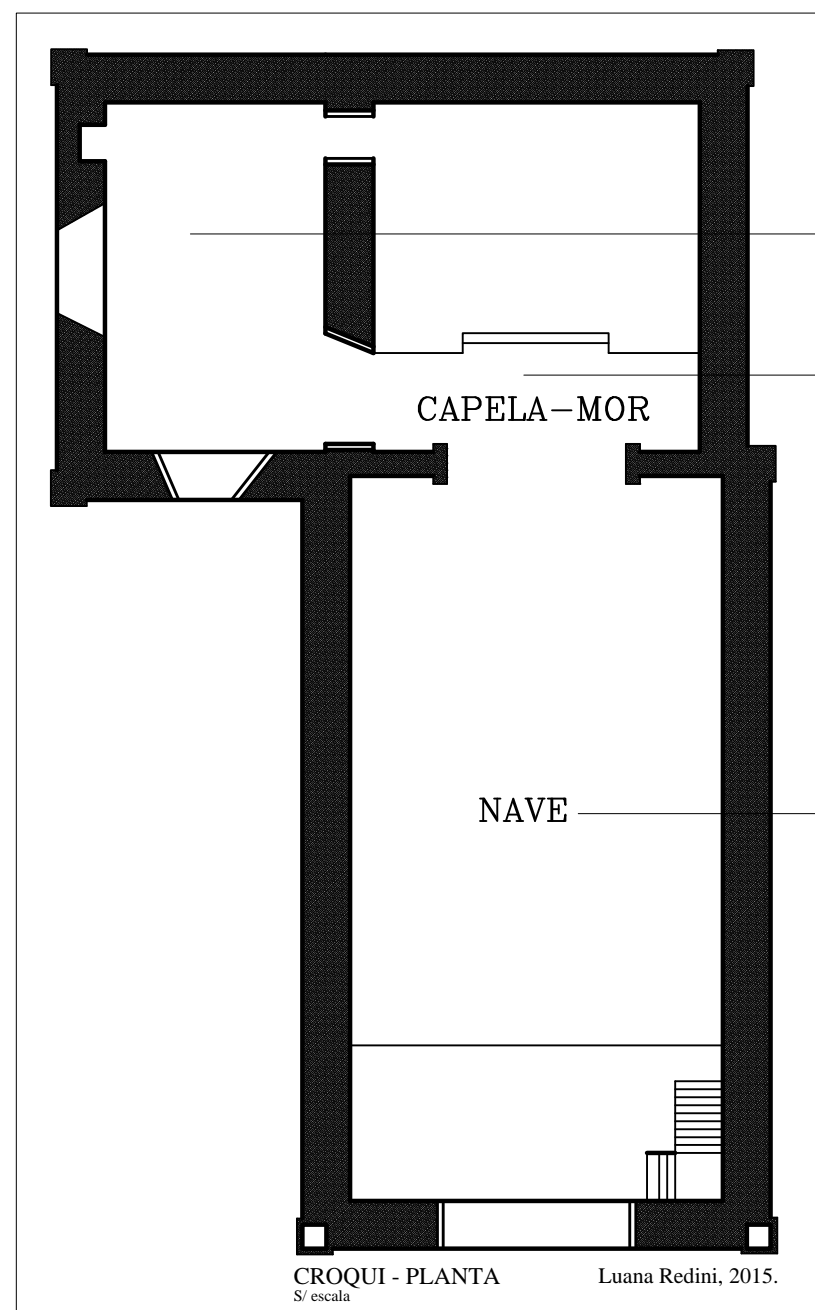
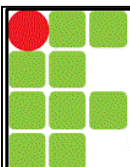
Sr. Vicente Belmiro Ferreira
Paróquia de Nossa da Conceição
Tel: (31) 3551-3282
santuariarquesc@yahoo.com.br

Mapa de Localização

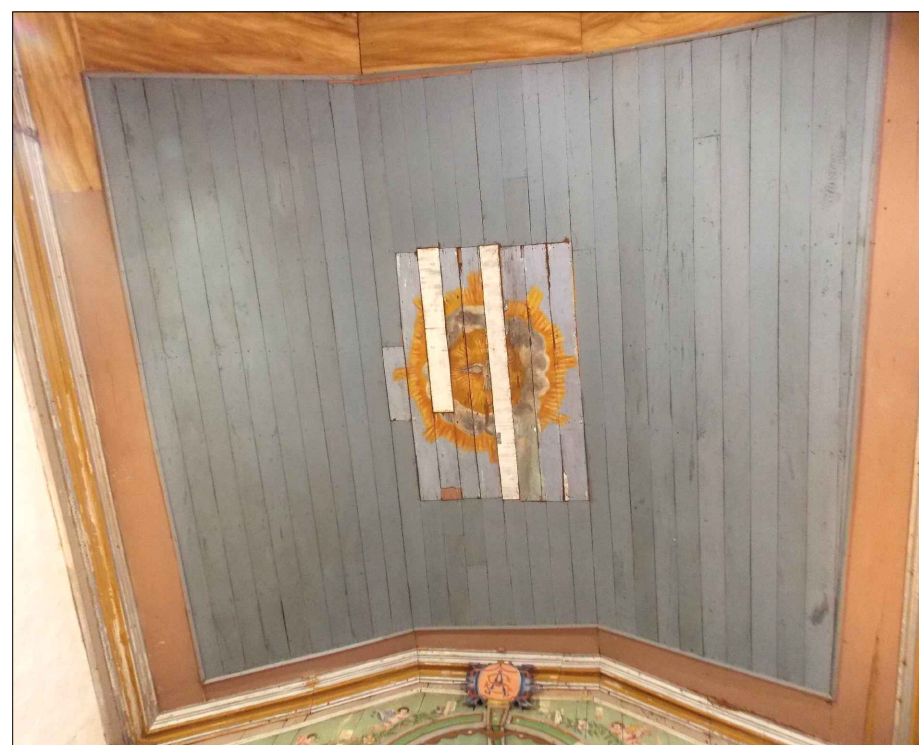


Breve Histórico da edificação

A capela de Sant'Ana é uma das mais antigas capelas de Ouro Preto, com datação de origem em 1720, aproximadamente. Segundo algumas documentações, esta passou por pequenas intervenções no final do século XIX e no século XX. A capela foi inventariada pelo DPHAN em 1946 e em 1949 obteve seu tombamento. Foram feitos reparos no telhado e nas paredes externas em 1952 e por fim, em 1987 foi realizado o restauro mediante um convênio entre SPHAN e a UFOP.



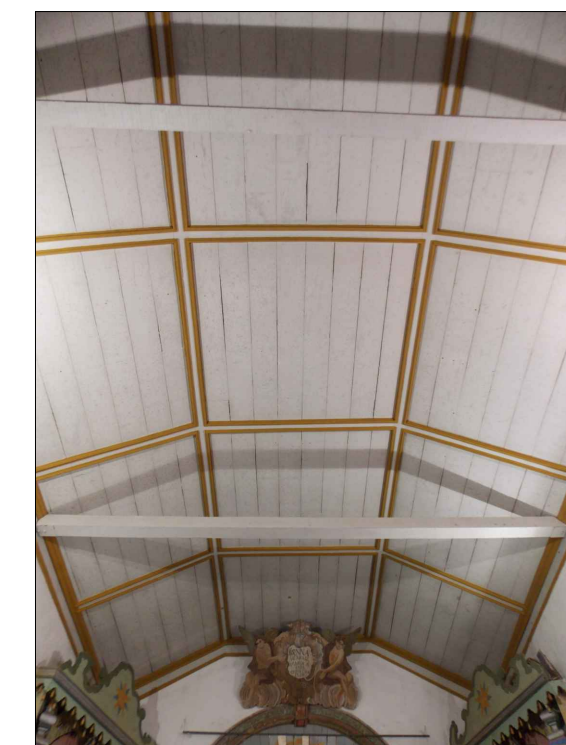
1. Forro trifacetado em madeira



Detalhe forro capela-mor



2. Forro abobadado em madeira



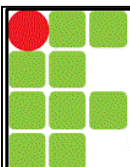
3. Forro plano tipo saia-e-camisa em madeira



Descrição do Forro

- Forro (ou tetos) :

1. Forro capela-mor: trifacetado em tábuas de largura média em madeira pintado de azul, com pintura de um medalhão central representando a pomba do Divino Espírito Santo, nuvens e raios em sua volta. É possível observar que a pintura está em estado precário de conservação e que algumas tábuas originais do forro foram substituídas. Cimalhas perimetrais pintadas de marrom e bege.
2. Forro nave: trifacetado de madeira, pintado de branco, com frisos em 12 caixotões pintados de amarelo. Cimalhas perimetrais pintadas de marrom e bege.
3. Forro sacristia: plano, em tábuas de largura média em madeira tipo saia e camisa, pintado de branco e arrematado com cimalhas perimetrais pintadas de amarelo.



Época de Construção da Edificação

Século XX (Ano provável: 1964)

Época de Construção do Forro

Século XX

Propriedade

Irmandade de São Cristóvão

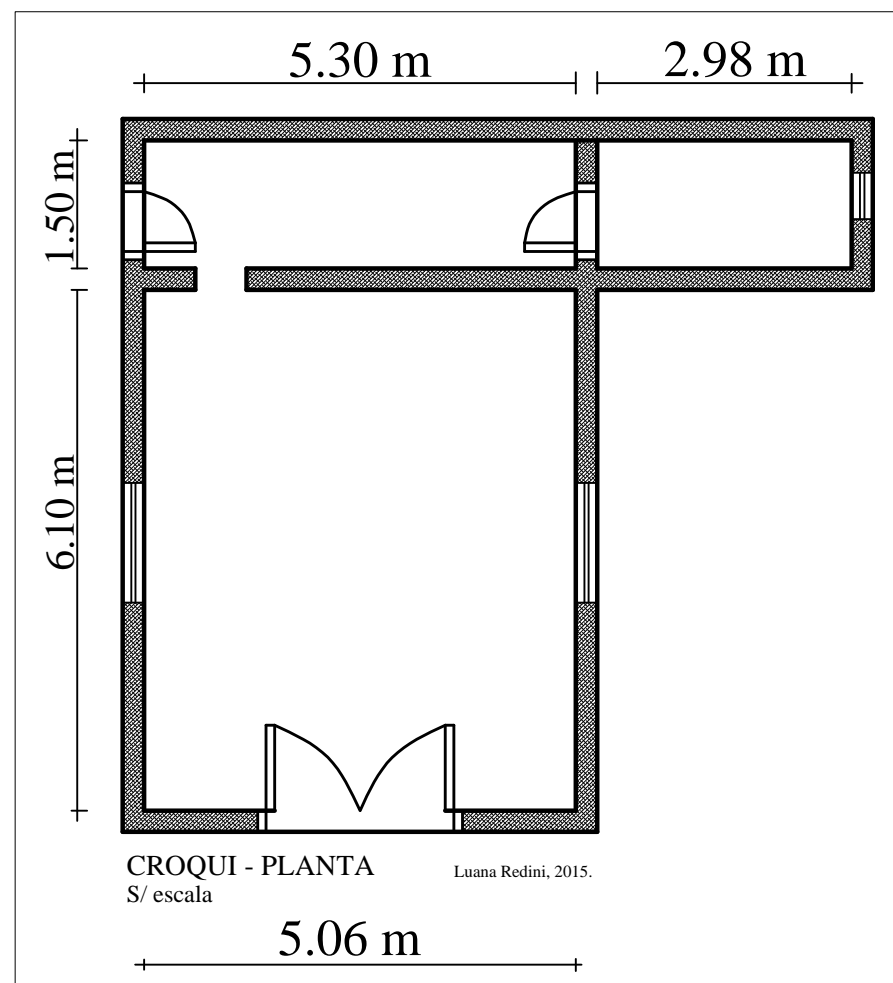
Endereço

Rua: Professor Alberto Barbosa, s/nº,
São Cristóvão, Ouro Preto / MG

Responsável / Zelador

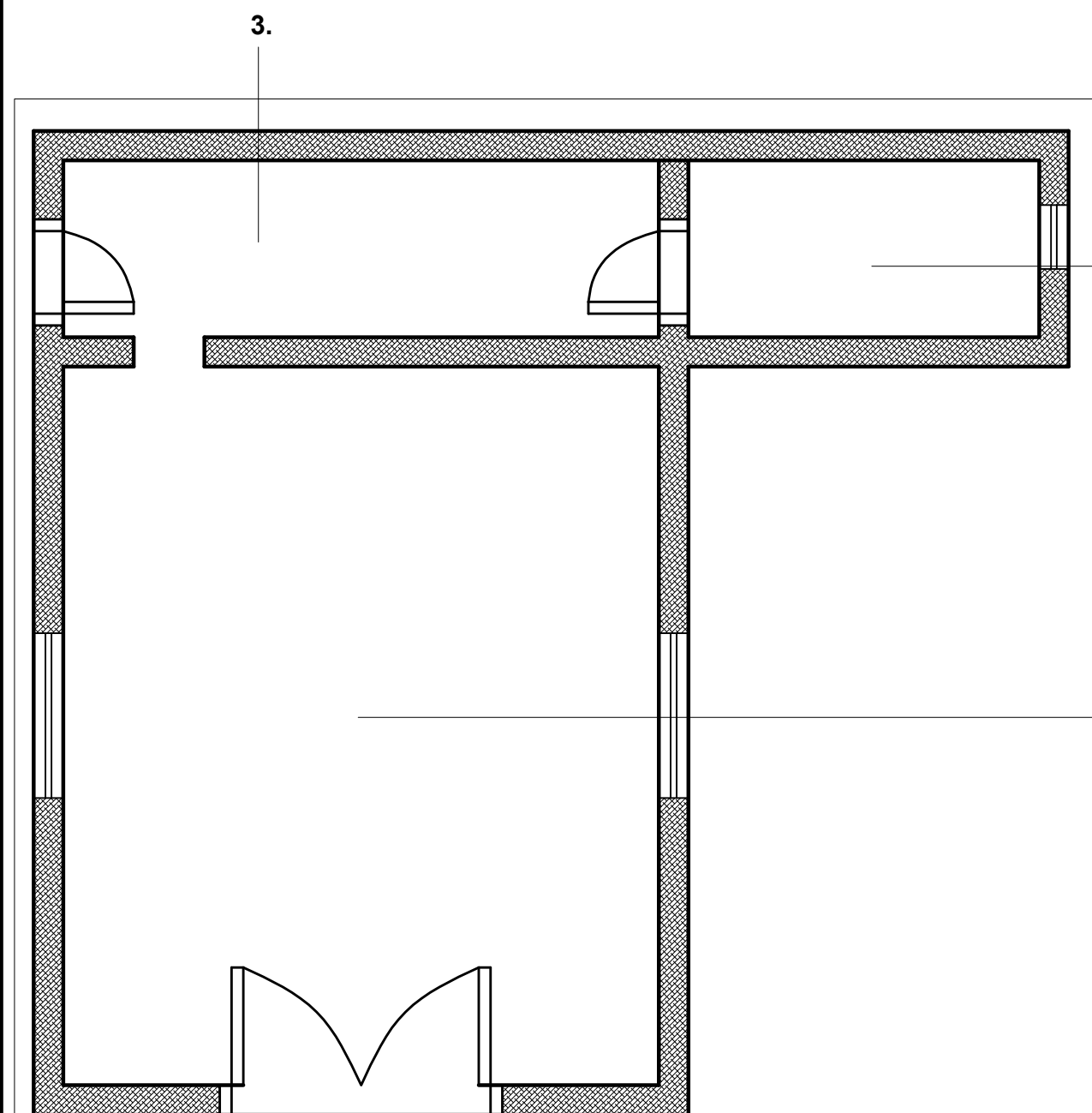
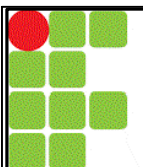
Sr. Milton Neves
Irmandade de São Cristóvão
Tel: (31) 9675-4600

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

A atual capela de São Cristóvão foi construída no século XX, provavelmente em 1964, por iniciativa da comunidade e principalmente dos moradores: Joaquim Moringa, José Pociano, José Pereira, João Peixoto e Milton Neves Geraldo. A Irmandade de São Cristóvão foi fundada logo após a edificação da capela. Não houveram intervenções significativas nesta, apenas limpezas e pinturas. Segundo relatos do zelador Sr. Milton Neves, as cerimônias religiosas passaram a ser realizadas no sub-solo, já que o pavimento superior é menor e não comporta um número grande de pessoas. O forro em PVC do corredor que vai para a capela do santíssimo está atualmente destruído. A capela foi inserida no núcleo de tombamento de Ouro Preto.



CROQUI - PLANTA
S/ escala

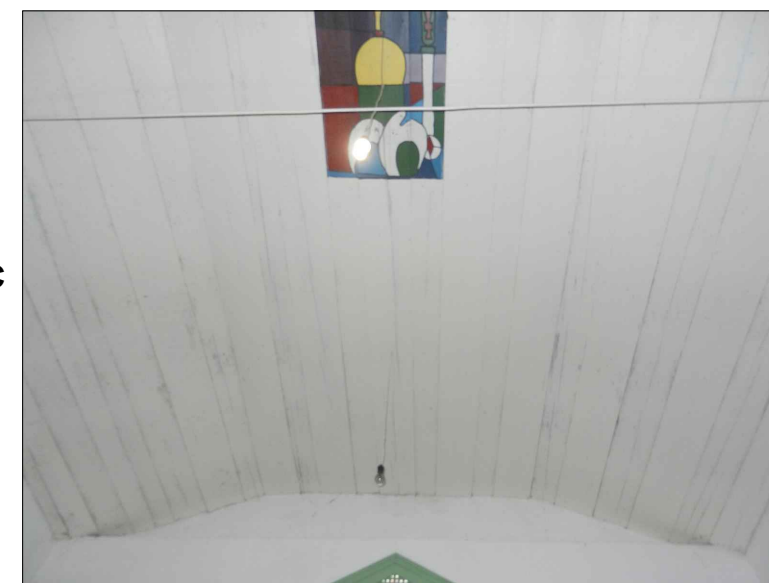
Luana Redini, 2015.

1. Forro plano PVC

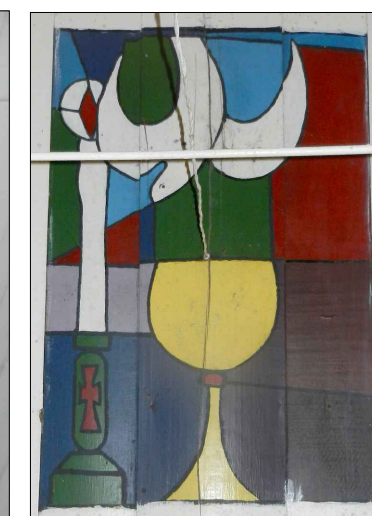


1.

2. Forro trifacetado em madeira



Detalhe forro nave



3. Forro plano em PVC



2.

Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela do santíssimo: plano, em PVC branco.

2. Forro: a capela é construída de um único cômodo, retangular, trifacetado em tábuas estreitas de madeira pintado de branco, com representação pictórica do cálice e da hóstia e uma vela com símbolo da cruz de malta.

3. Forro corredor: plano, em PVC branco.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável 1749)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

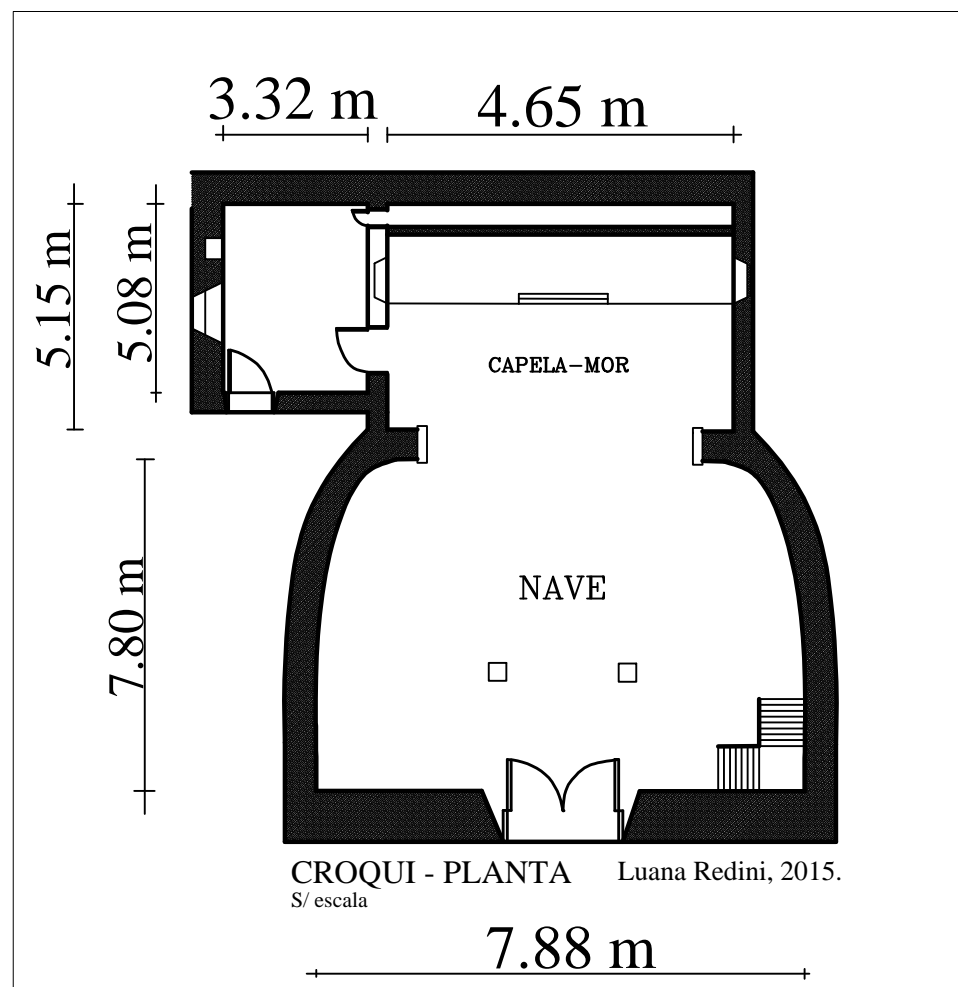
Endereço

 Praça São João Batista do Ouro Fino,
 s/nº, Morro de São João, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

 Sr. Luiz Gordiano
 Paróquia de Santa Efigênia/Irmandade de
 São João Batista
 Tel: (31) 3551-5047 / (31) 3552-0696
 paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização


Breve Histórico da Edificação

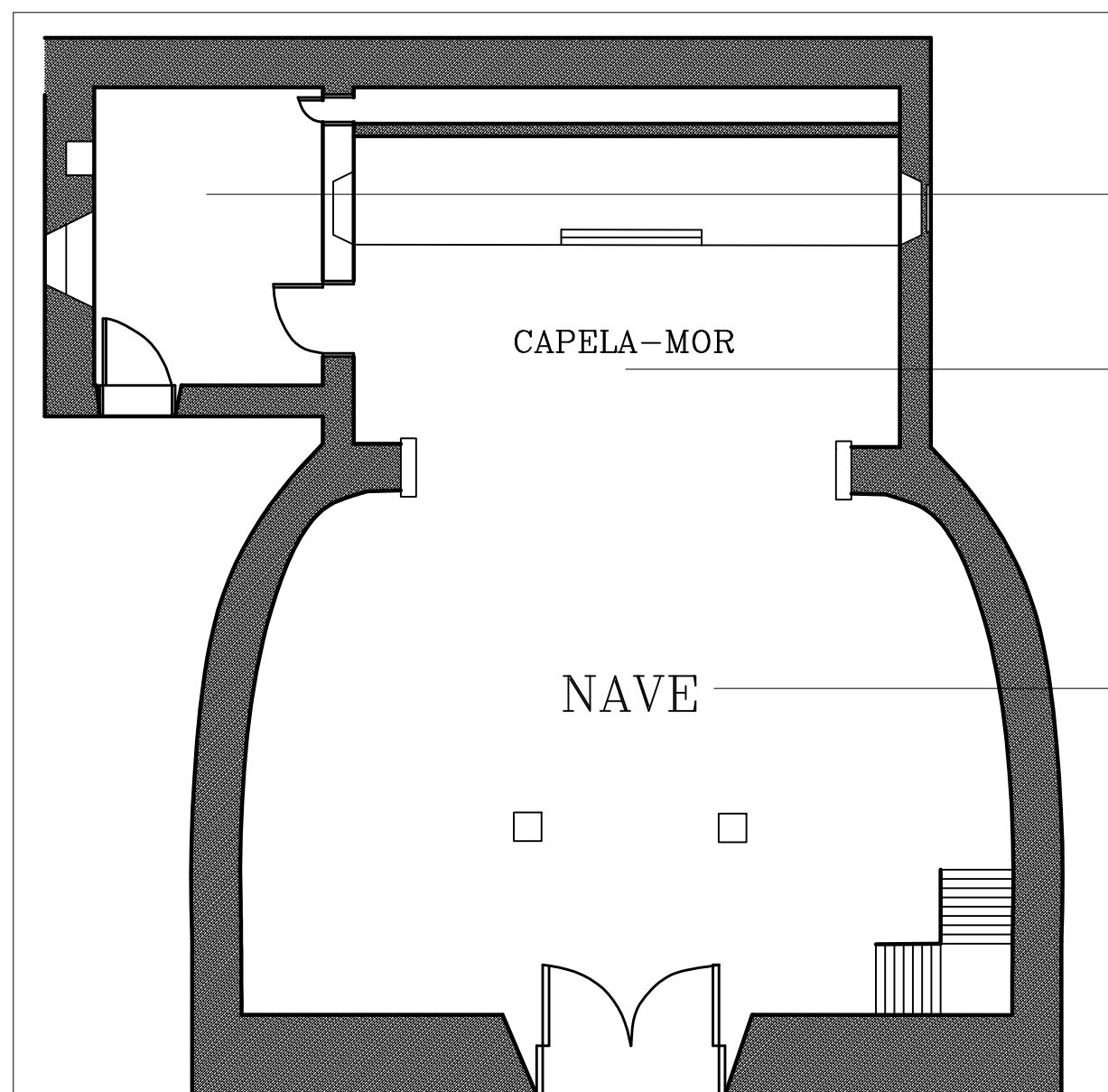
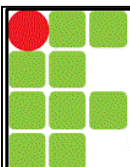
A capela de São João Batista do Ouro Fino foi tombada isoladamente em nível federal, no ano de 1939, inscrito sob o número 250 do Livro do Tombo de Belas Artes (vol. 1, fl.43) e inventariado no ano de 2009 pela Secretaria de Patrimônio da Prefeitura de Ouro Preto. É considerada a primeira capela da cidade de Ouro Preto e foi erguida no início do séc. XVIII. Seguindo uma ordem cronológica de intervenções que se tem registro sobre a capela, podemos começar pela parte física que conhecemos nos dias atuais. Essa foi realizada possivelmente em 17 de junho de 1743, como data a escritura do patrimônio feita pelo padre Gabriel Mascarenhas, substituindo uma primitiva capela que teria no mesmo lugar anteriormente, de registros não precisos de 1698, construída possivelmente pelos bandeirantes, primeiros ocupantes do morro de São João. Mas somente em 1749 a construção da capela é confirmada oficialmente pelo frei Manuel da Cruz, após um lapso de tempo de 10 anos, em 1761 é achado um novo registro sobre a capela, informando a reedificação das paredes da sacristia, por ordem do padre José dos Santos.

Sabe-se que foram feitas algumas intervenções de rotina, durante os séculos XVIII e XIX, não foi possível pontuar quais foram essas alterações, devido à falta de documentação, pois não era de costume da época este tipo de procedimento, ou se foram feitos, acabaram se perdendo ao longo do tempo. A prova que obtivemos no século XIX destas intervenções, são documentos dos anos de 1855, 1878 e 1879, onde o governo provincial destina uma quantia para reforma da capela. Os registros de intervenções no século XX apontam que em 1935 foi feita a pintura das paredes, em 1938 foram feitos outros reparos como a substituição do reboco, do assoalho, de uma janela lateral e assentamento de oito barras de ferro nas duas janelas da fachada frontal (SPDU Prefeitura de Ouro Preto, 197, pág. 8). Segundo a referência, as obras só foram executadas em 1945, devido a liberação dos recursos orçados.

Oito anos mais tarde, em 1953 houve novamente um orçamento para recuperação do forro, telhado, assoalho, revestimento e caiação do templo. Porém, em 1954, a capela é incorporada no plano de obras do IPHAN. Onde foi realizado: A manutenção e correção do telhado, embocamento nas telhas da capela-mor e sacristia, além de reparos nas portas e janelas e limpeza da capela. O Sino original também foi substituído em meados de 2007, segundo o zelador Luiz Gordiano Gonçalves de 63 anos, depois de uma rapaz tocar com demasiada força, e como consequência, aberto uma rachadura.

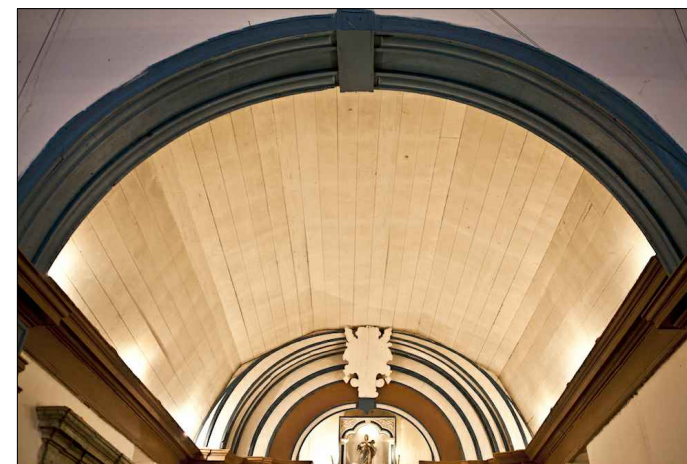
 Autora: Luana L. Safar Redini
 Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO
2015
FOLHA
1/2



CROQUI - PLANTA Luana Redini, 2015.
S/ escala

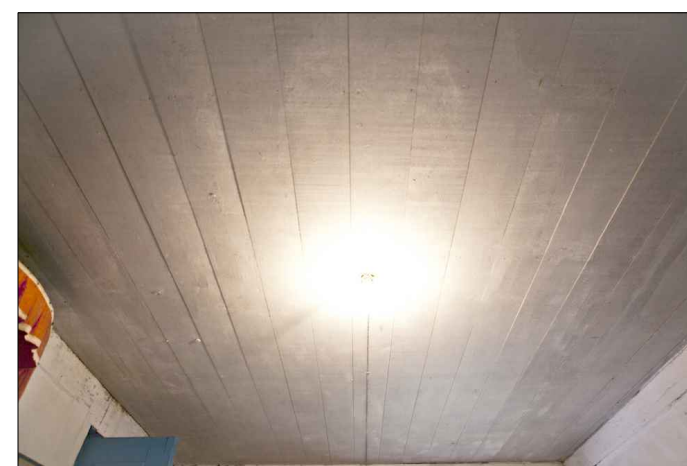
1. Forro abobadado em cinco faces de madeira



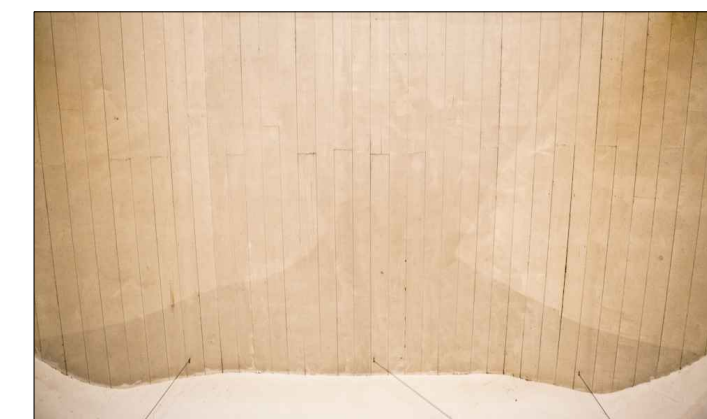
2. Forro abobadado em madeira



3. Forro plano de tabuado de madeira



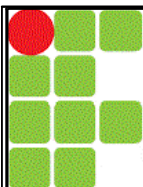
Detalhe forro capela-mor



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abóbada de cinco faces em tabuado de madeira pintado de branco.
2. Forro nave: abóbada de três faces em tabuado de madeira pintado de branco. Segundo relato do Zelador Sr. Luiz Gordiano e foto encontrada no acervo da Escola de Arquitetura da UFMG - Laboratório de Foto documentação Sylvio de Vasconcellos, o forro original era de esteira de taquara na face central.
3. Forro da sacristia: plano, tipo saia e camisa, em tábuas de espessura média de madeira pintado de branco. Segundo relato do Zelador Sr. Luiz Gordiano, o forro original era de junta tipo saia e camisa.



Época de Construção da Edificação

Século XX

Época de Construção do Forro

Século XX

Propriedade

Parque Estadual do Itacolomi

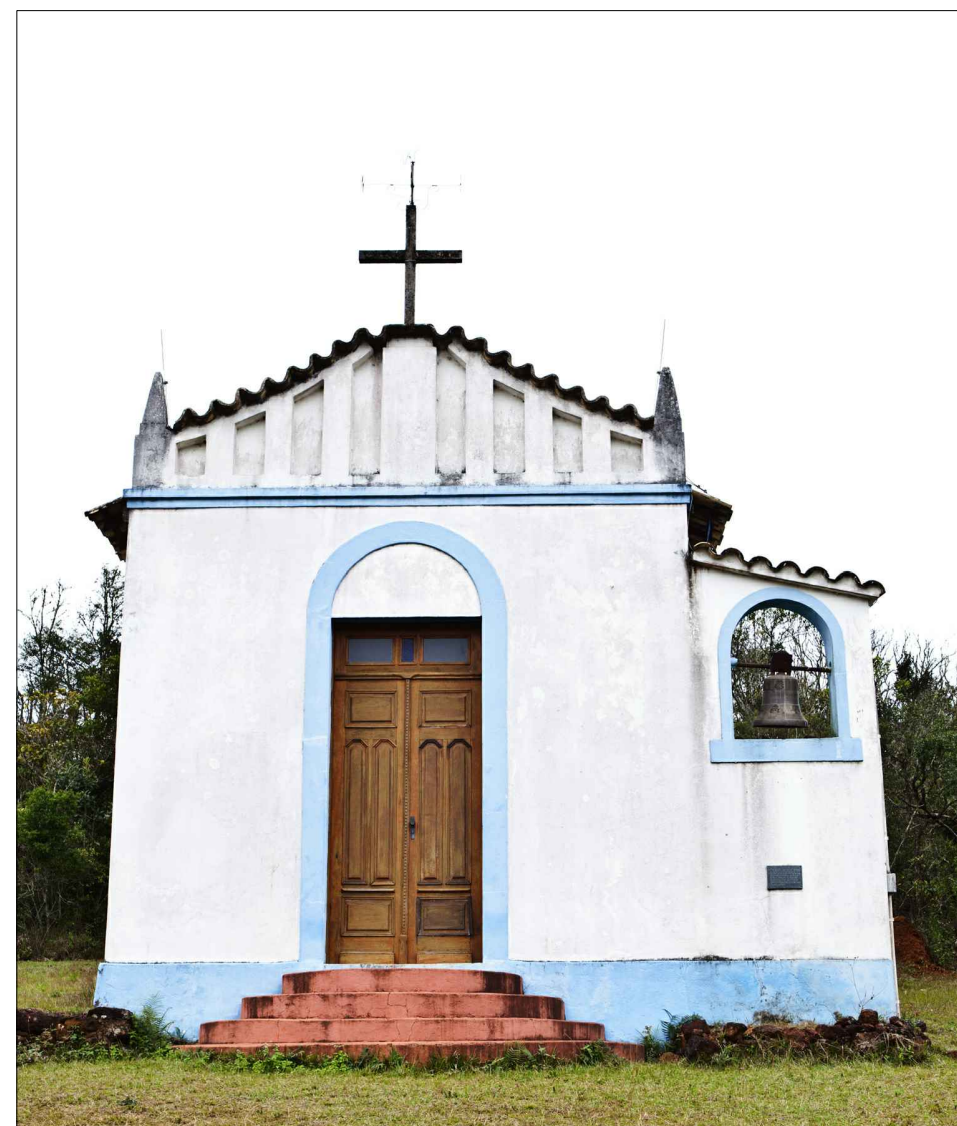
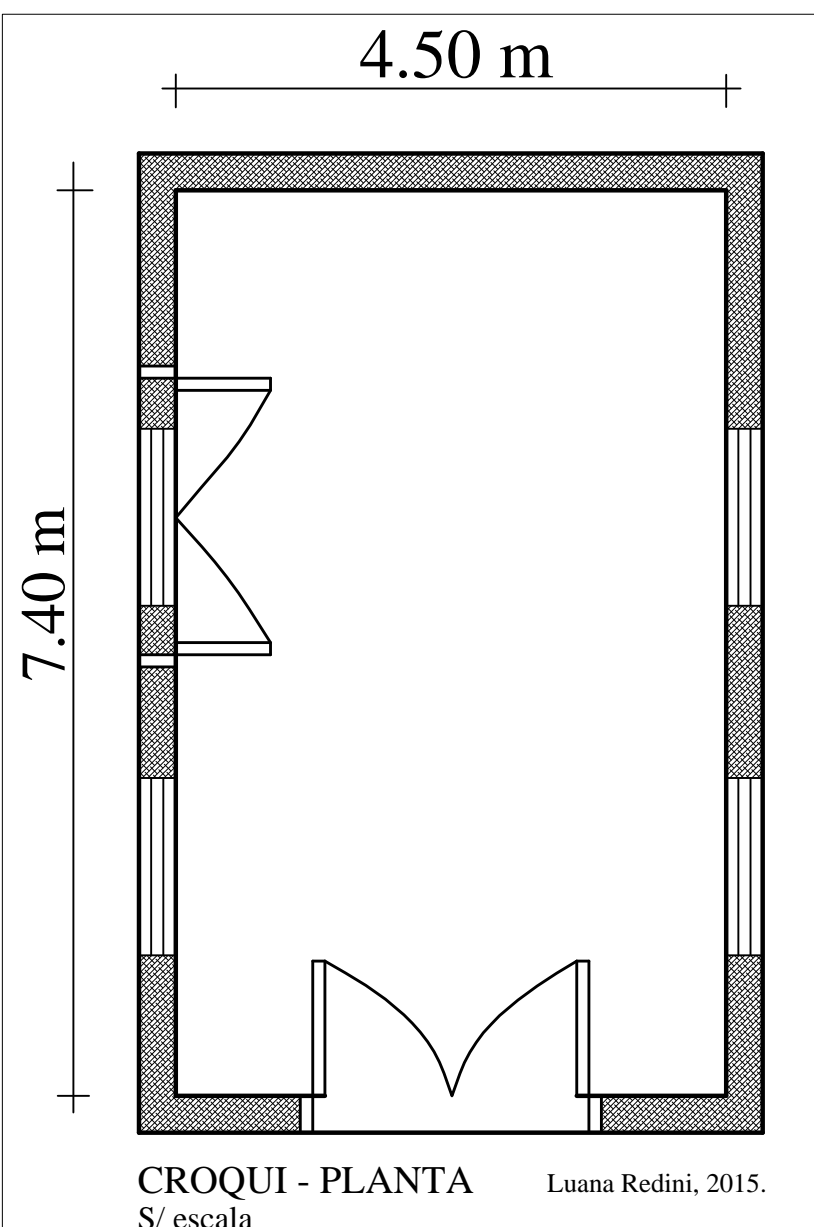
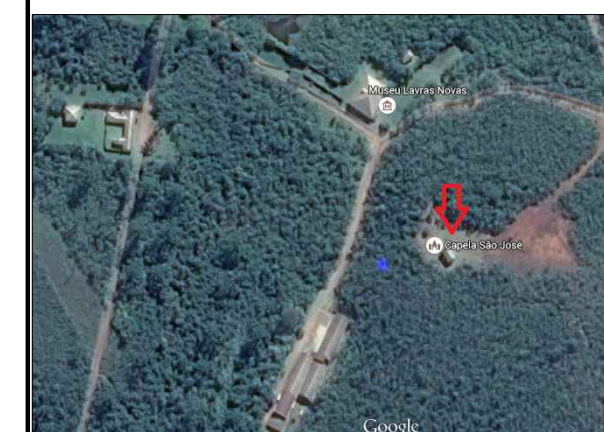
Endereço

Parque Estadual do Itacolomi,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

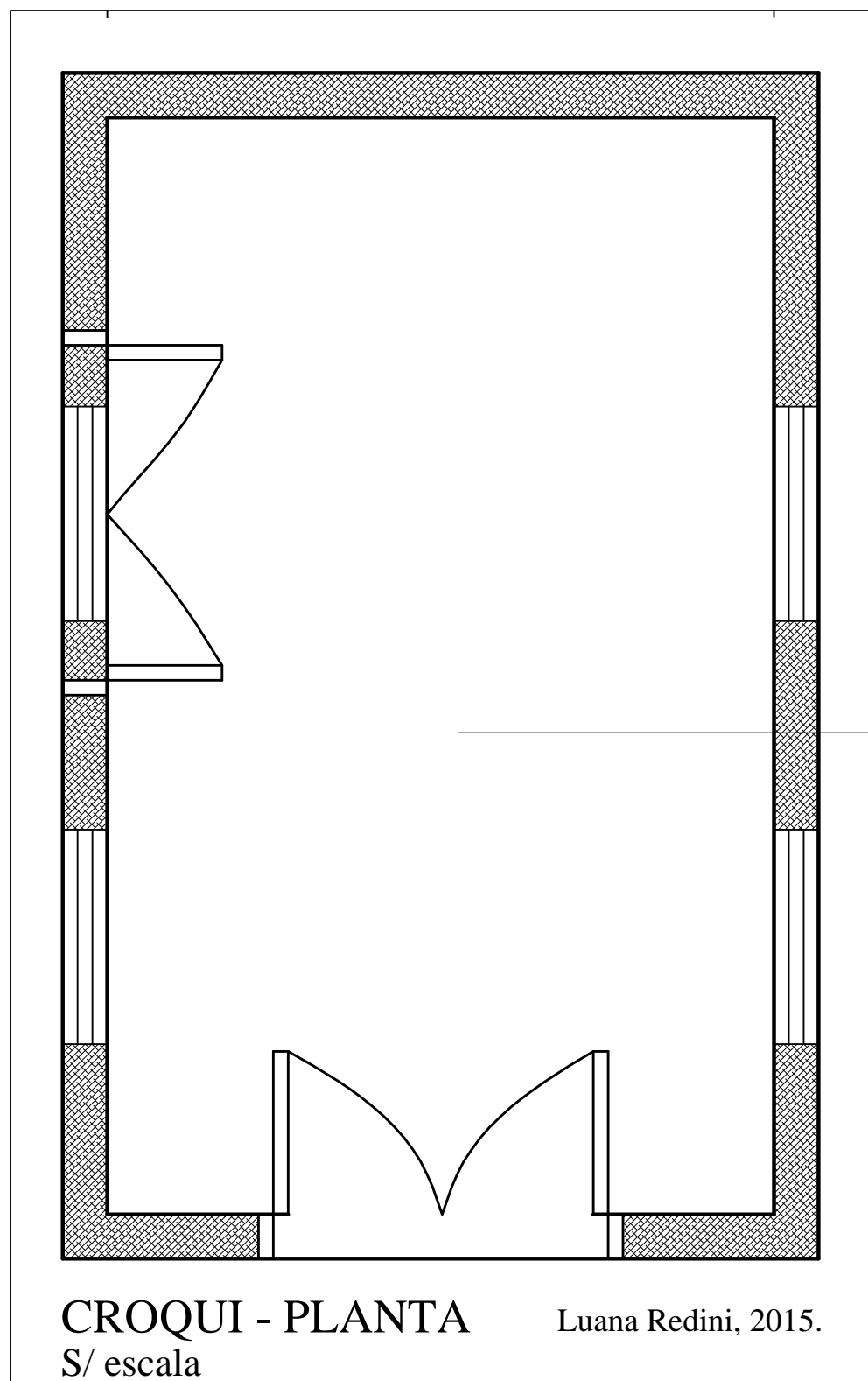
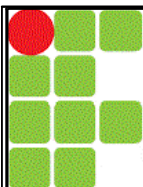
Felipe Pinheiro Chagas Mendonça
Parque Estadual do Itacolomi
Tel: (31) 3551 - 6193 / (31) 8566-8582
fellipe.chagas@meioambiente.mg.gov.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

A capela de São José do Manso foi construída no século XX, não sendo possível precisar a data. Segundo relatos da filha do antigo proprietário da Fazenda do Manso, ou Fazenda do Chá, Thais Moretzsohn de Andrade, o templo religioso foi construído a pedido de um padre para possivelmente afastar assombrações que rodeavam a região. A edificação original se perdeu em um incêndio que ocorreu entre os anos 1760 e 1770. Provavelmente a capela atual foi reconstruída em 1974, quando já era de posse do historiador Tarquínio Barbosa de Oliveira (ANDRADE, Reinaldo (produção textual). Parque Estadual do Itacolomi: Guia de Turismo Ecológico. Nova Lima: Editora Editare, 2007, pág.40).



1. Forro plano em esteira de taquara



Detalhe forro



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

Forro: a capela é construída de um único cômodo de formato geométrico retangular, plano, em esteira de taquara com moldura em ripas de madeira de aproximadamente 10 cm de largura pintadas de azul. A estrutura é dupla e possui abertura/recorte na esteira para acesso à estrutura de madeira que compõe a cobertura.

Época de Construção da Edificação

Provavelmente: final séc. XIX a início séc. XX

Época de Construção do Forro

Provavelmente: final séc. XIX a início séc. XX

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

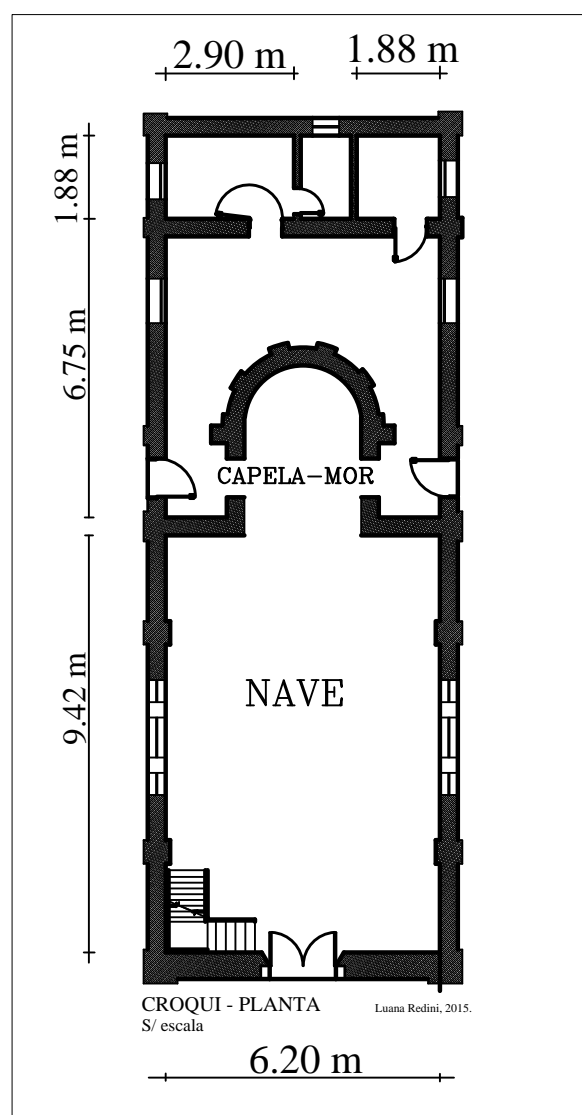
Endereço

Rua: Hugo Soderi, s/nº, Saramenha,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

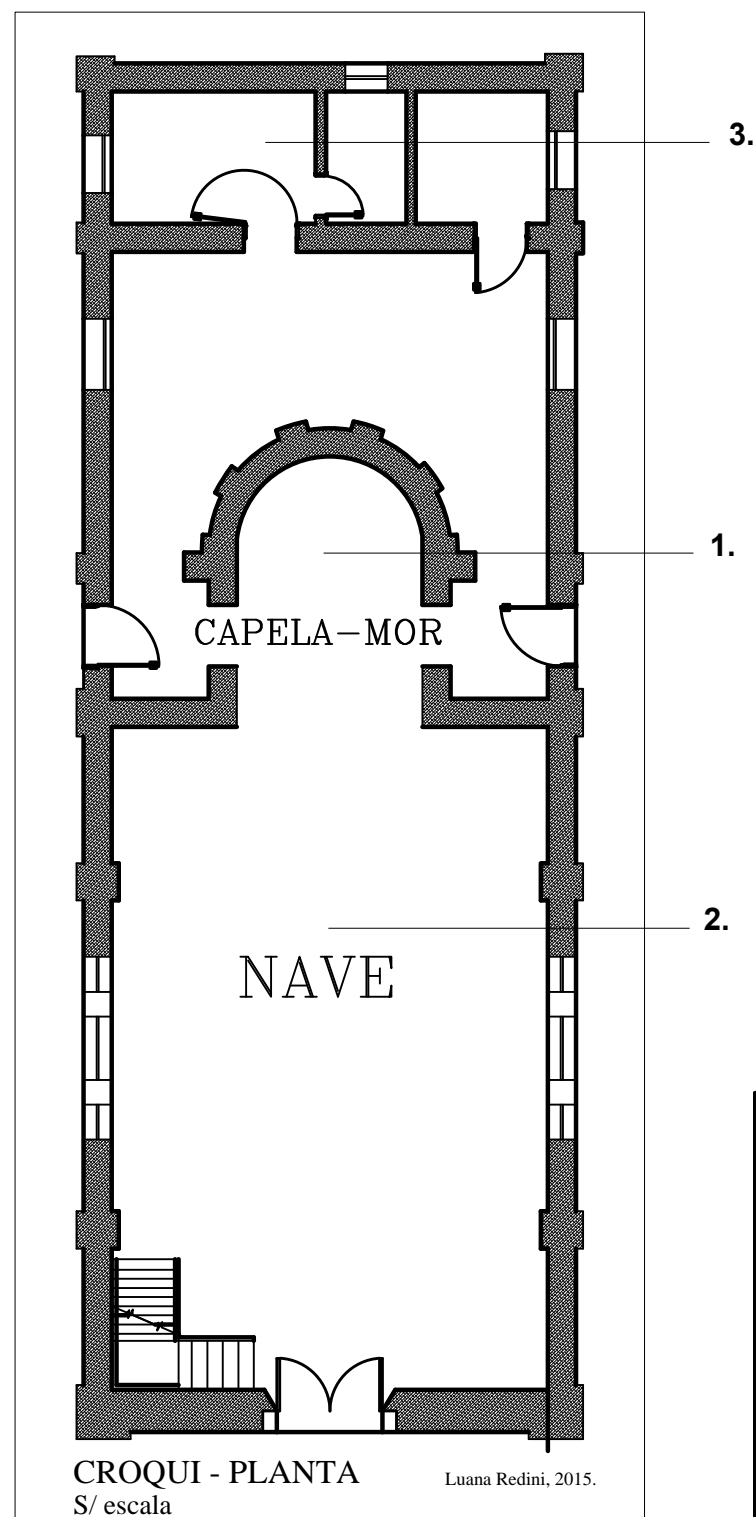
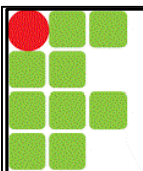
Sr. Celso J. Araújo. Irmandade de São Miguel Arcanjo - Paróquia de Cristo-Rei
Tel: (31) 3551-1479 / (31) 8636-1479
matrizcristorei@gmail.com

Mapa de Localização

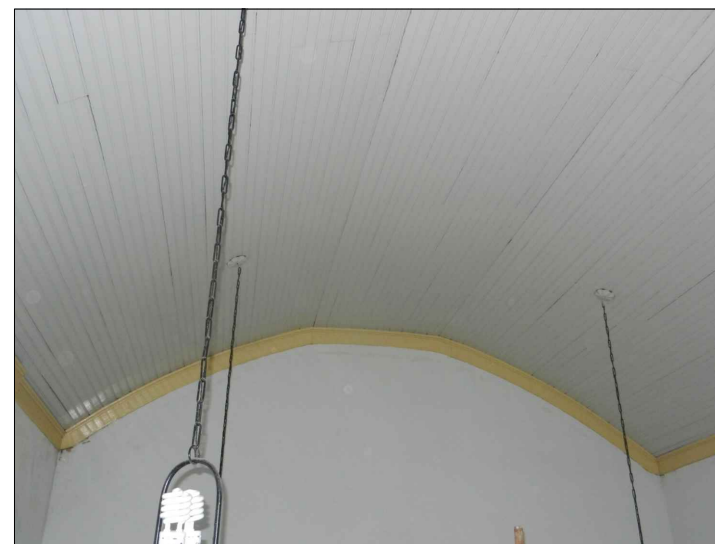


Breve Histórico da Edificação

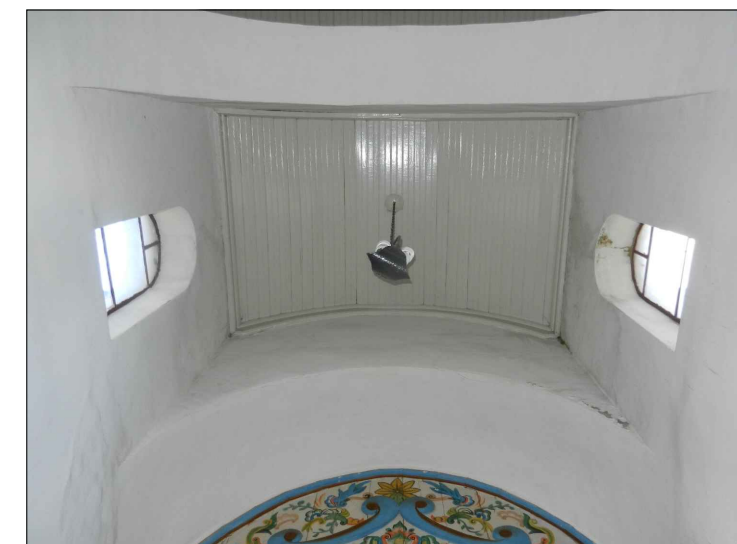
Antes da construção da capela de São Miguel Arcanjo foi fundado um cemitério onde os sepultamentos são datados a partir de 1894. Segundo escritura lavrada em 26 de março de 1953, parte do terreno do cemitério passou a ser de propriedade da empresa Eletroquímica Brasileira S/A, atualmente Alumínio de Minas Gerais S/A, contudo, em 1960 voltou a ser o cemitério Municipal de Ouro Preto. Pressupõe-se que a capela primitiva de Saramenha foi construída em meados do século XIX, em data aproximada à fundação do cemitério. O atual zelador, Sr. Celso Araújo tentou desenvolver o histórico da capela mas não foi possível precisar nenhuma data de construção visto que não há documentação. Foi possível perceber, devido a um pequeno desprendimento de argamassa da cimalha referente a nave, que a parede é composta de tijolos de barro cru e estrutura metálica, sendo possível atribuir datação a partir da segunda metade do século XIX a início do século XX. A capela passou por intervenções em 1946 e em 2015.



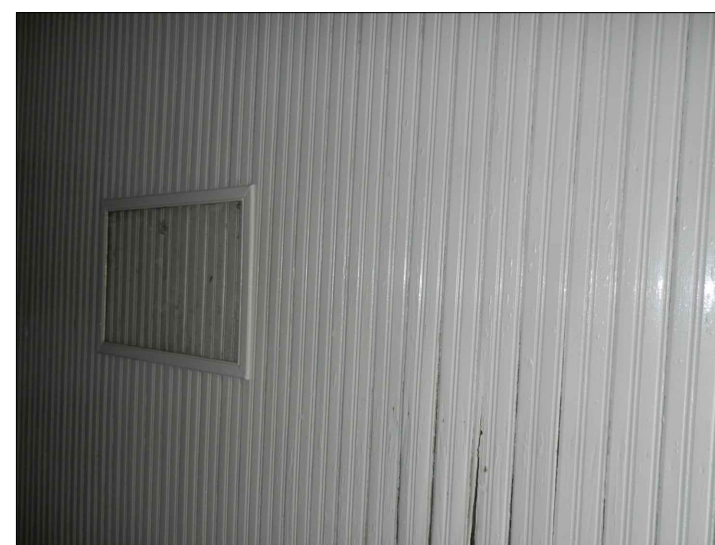
1. Forro abobadado em madeira



2. Forro abobadado em madeira



3. Forro plano em madeira



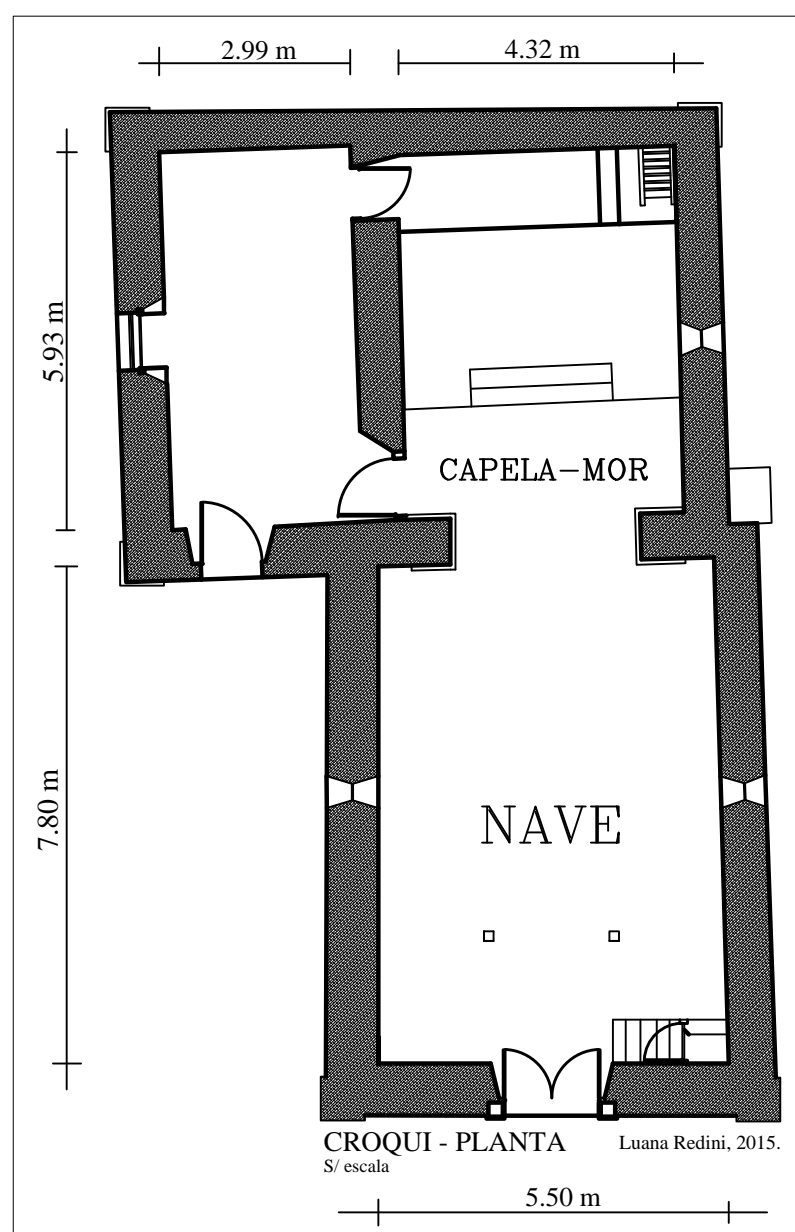
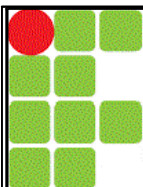
Detalhe forro capela-mor



Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro capela-mor: abobadado, em ripas médias de madeira pintadas de branco.
2. Forro nave: abobadado, em ripas médias de madeira e pintado de branco.
3. Forro sacristia: plano, em ripas estreitas de madeira e pintado de branco.



Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1753)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

Endereço

Praça de São Sebastião, s/nº, Morro de São Sebastião, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

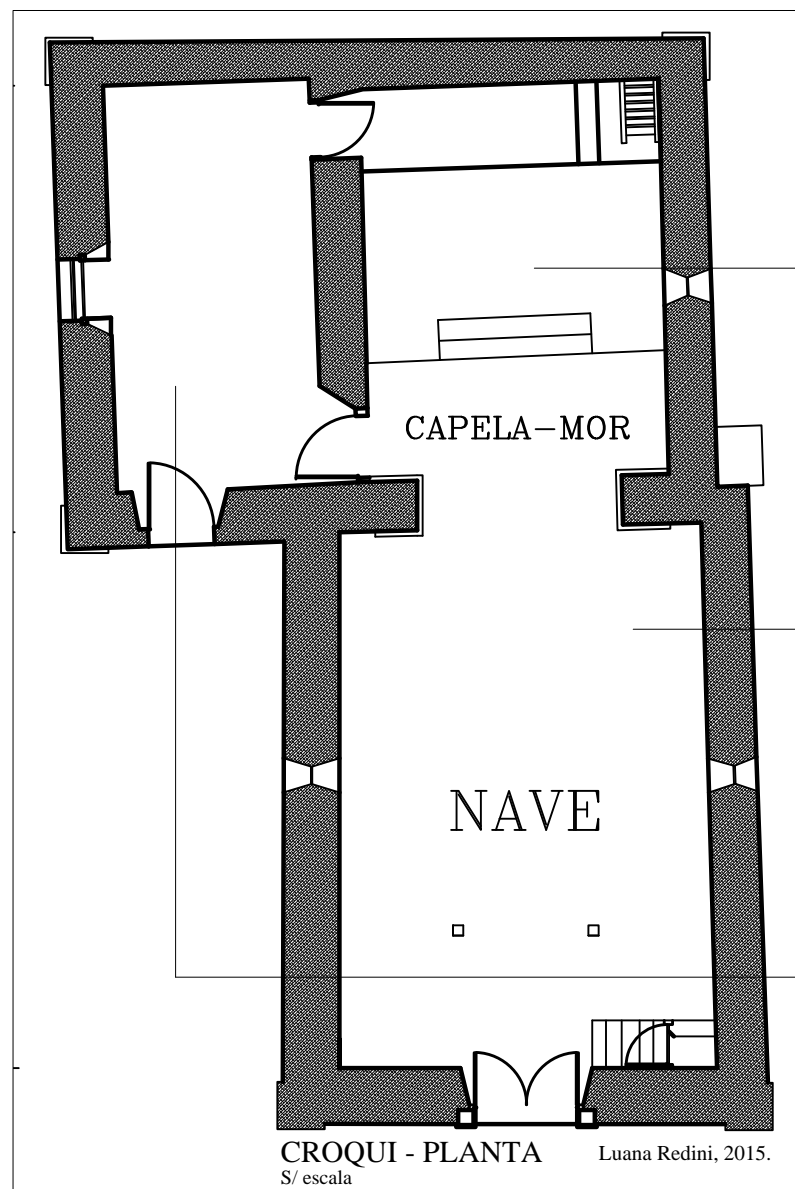
Sr. Antônio ou Sr. José Carlos
Paróquia Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3551-4736 / (31) 8574-0360 / (31)
3552-2707
ouropretoparoadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização

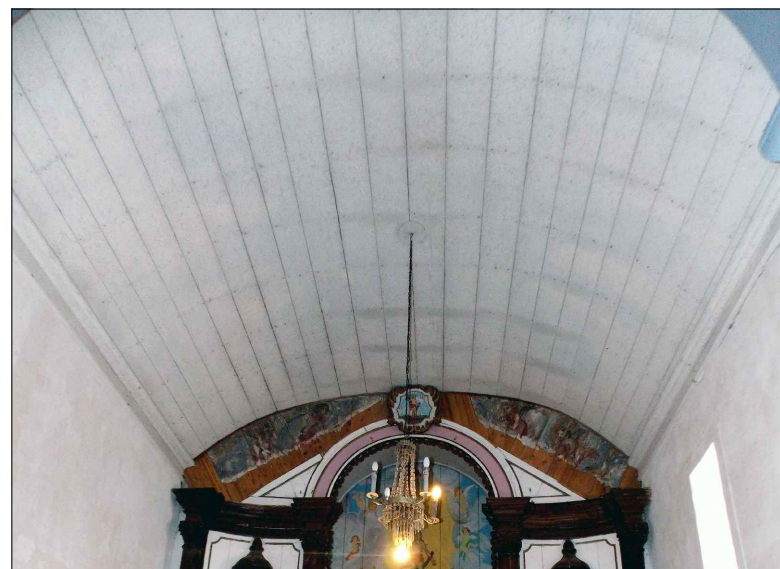


Breve Histórico da Edificação

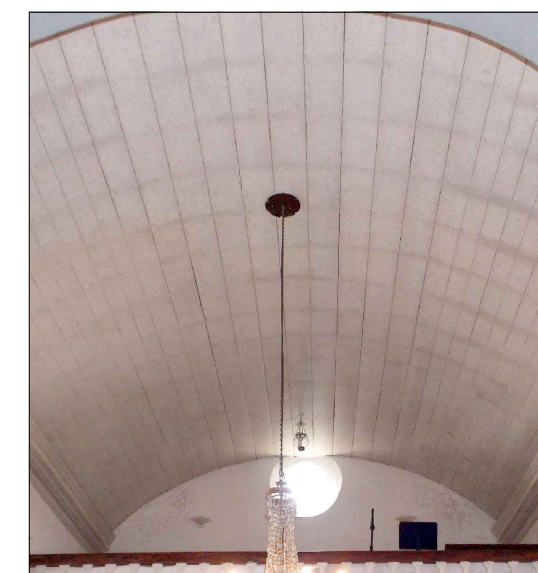
A construção original da Capela de São Sebastião é do princípio do século XVIII, entretanto, a edificação atual provavelmente ocorreu em 1753, de acordo com a inscrição na pedra do arco-cruzeiro. Em 1837 a capela passou por intervenções arquitetônicas significativas (CAMPOS, Adalgisa. *Roteiro Sagrado: monumentos religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, pág. 51). Tombada em 1938, a capela passou por intervenções nos anos 1837, 1885, 1886, 1897-1898. Segundo OFÍCIO da Irmandade de São Sebastião ao SPHAN, 10/09/1962, o telhado ficou comprometido após fortes chuvas e a Irmandade recorreu ao antigo SPHAN, atual IPHAN, para que fossem feitas obras de restauro.



1. Forro abobadado em madeira



2. Forro abobadado em madeira



3. Forro plano em madeira



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abobadado em de tábuas de largura média em madeira pintado de branco, com cimalthas perimetrais.
2. Forro da nave: abobadado em de tábuas de largura média em madeira pintado de branco, com guarda-pós e cimalthas e guarda-pós perimetrais.
3. Forro sacristia: plano em tabuado estreito de madeira tipo saia e camisa pintado de branco, com sancas perimetrais.

Época de Construção da Edificação

Século XIX

Época de Construção do Forro

Século XIX

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

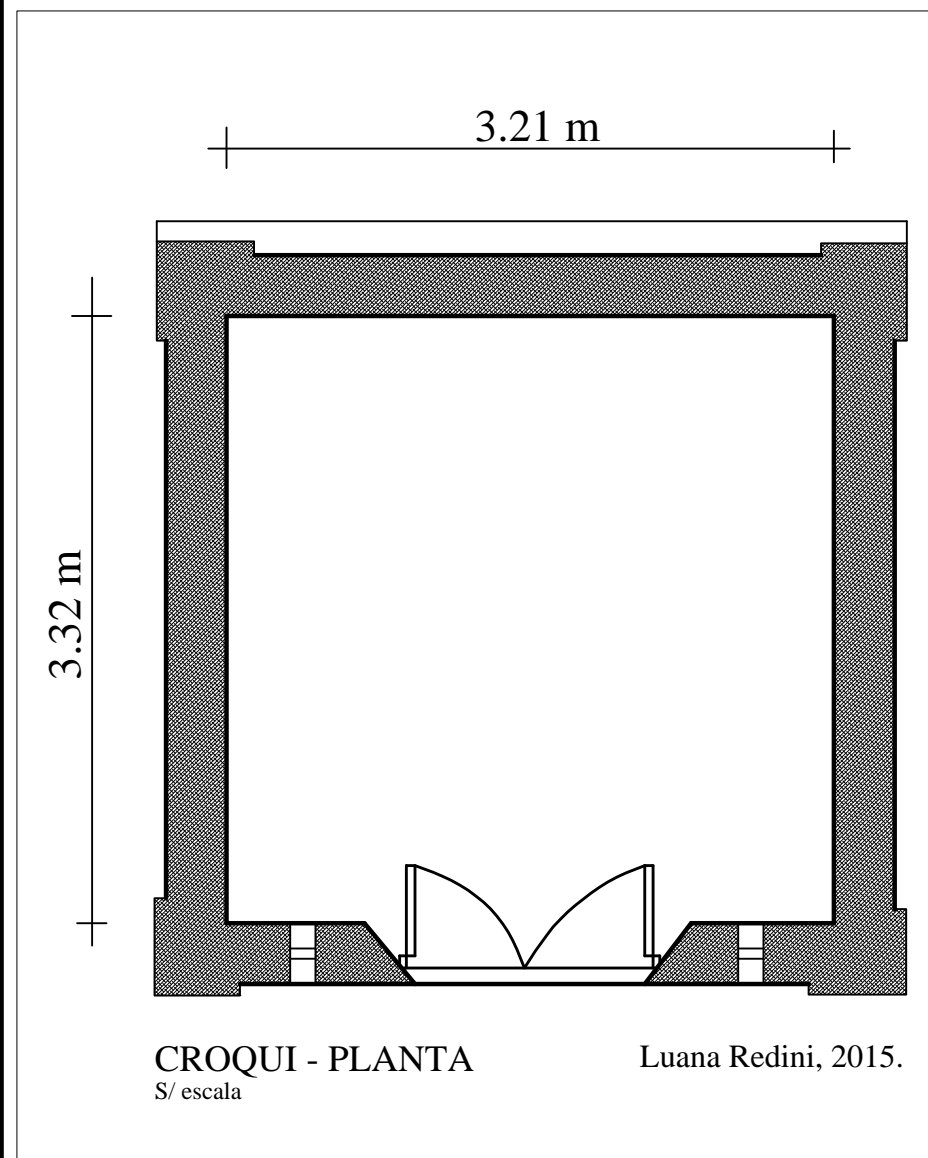
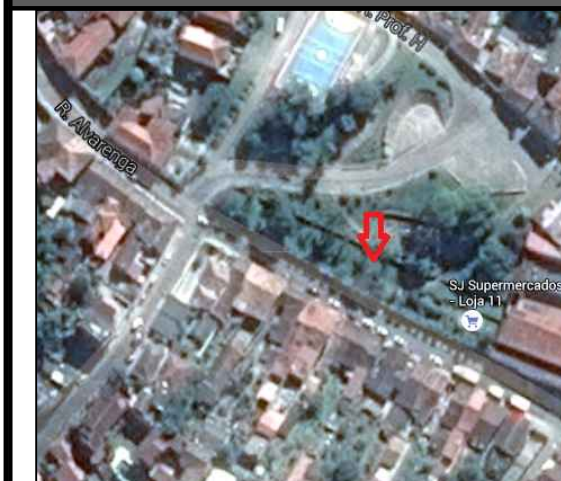
Endereço

Rua: Alvarenga, s/nº, Cabeças,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

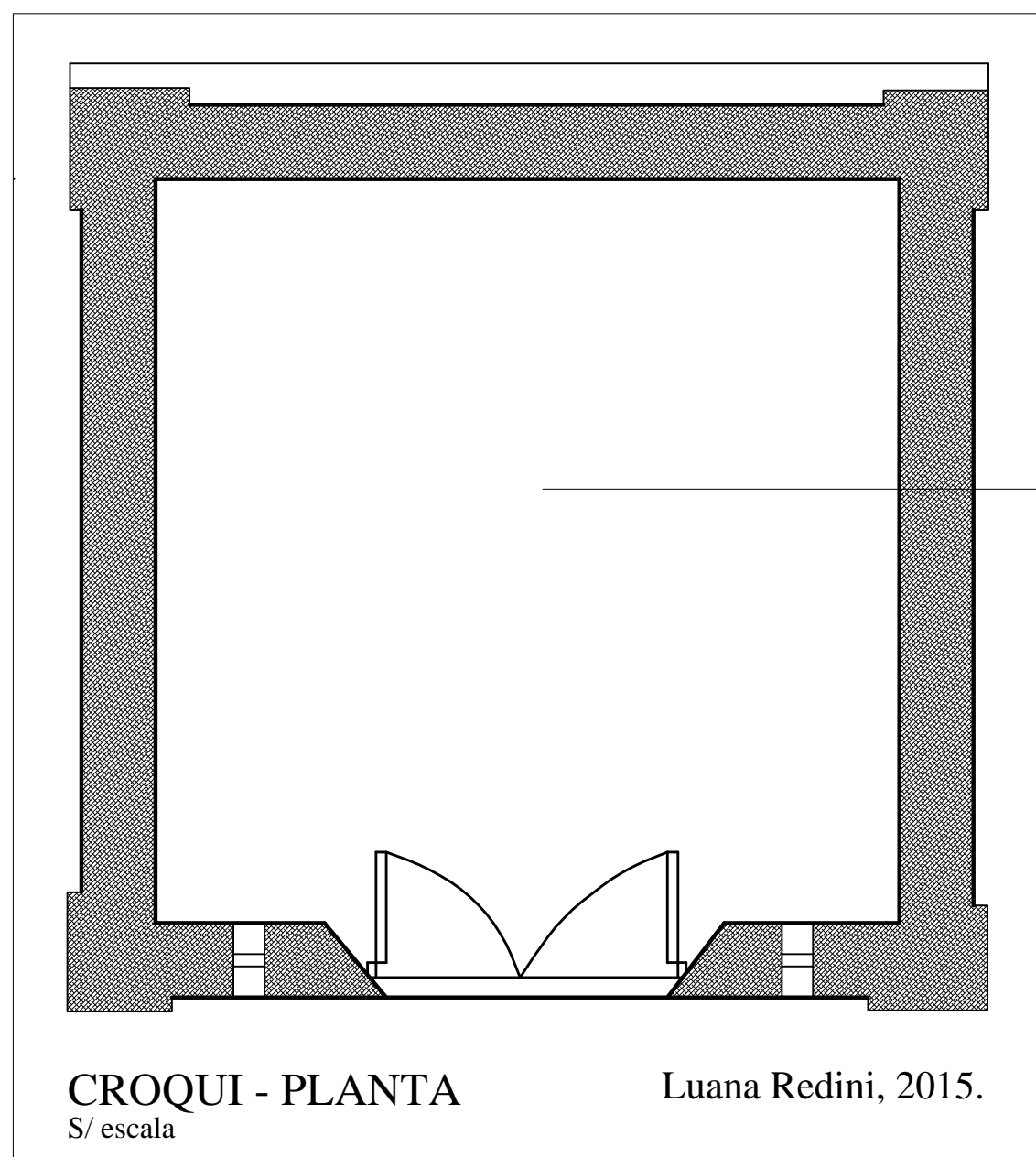
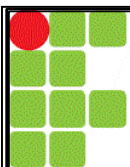
Arquidiocese de Mariana
Tel: (31) 3557-1103
pastoralnorte@bol.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

Segundo MENEZES, Joaquim Furtado de, em *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto*. Belo Horizonte: IEPHA, 1975, p.94., a capela foi construída por uma senhora que residia ao lado, contudo sua casa foi demolida e o terreno vendido a outro vizinho. Sabe-se que a capela primitiva possuía uma torre sineira e que foi construída no século XIX, não sendo possível precisar a data. Provavelmente a edificação passou por intervenções ao longo dos séculos XIX e XX, tendo ocorrido ainda em 1959-1960, uma obra de restauração executada pelo antigo SPHAN, atual IPHAN. Todo o telhado foi substituído. Em 08 de setembro de 1939, a capela foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.



Luana Redini, 2015.

1. Forro tipo saia-e-camisa em madeira



Descrição do forro

- Forros (ou tetos) :

1. Forro: a capela é construída de um único cômodo, de forma geométrica quadrada, plano, em ripas de madeira de aproximadamente 10 cm de largura, de junção de tipo saia e camisa, pintado de branco. Não há moldura que contorne o forro. Observa-se duas boquilhas com lâmpadas incandescentes localizadas bem próximas do madeiramento do forro.

CAPELA DO SENHOR
BOM JESUS DAS
FLORES

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1748)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

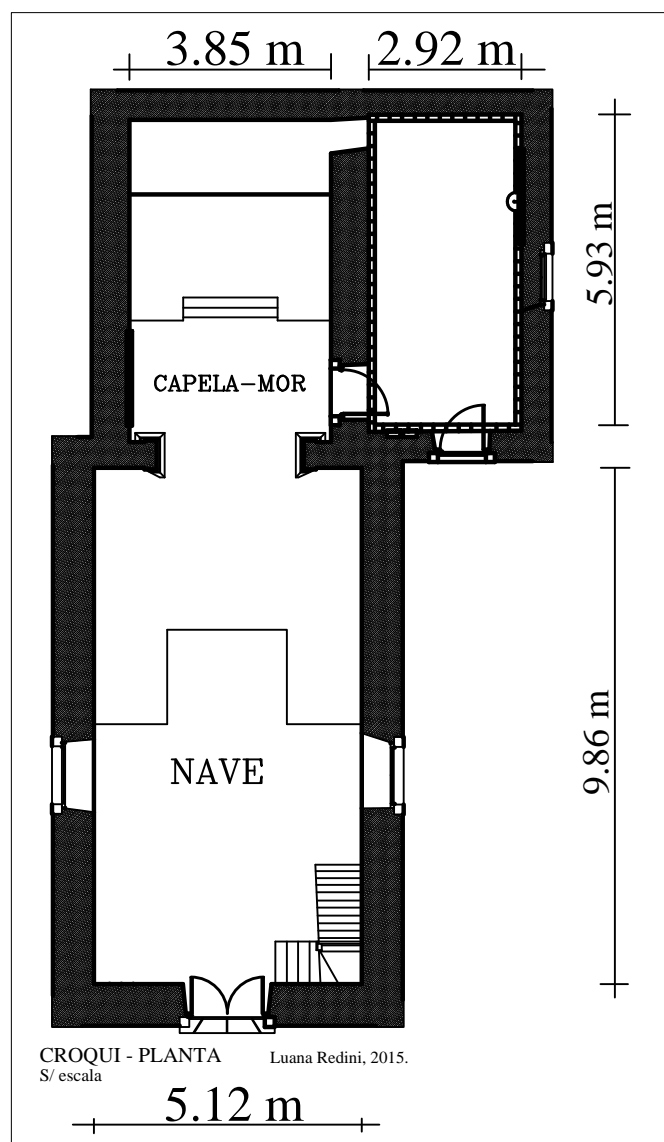
Endereço

Largo da Capela do Senhor Bom Jesus das Flores, s/nº, Taquaral, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

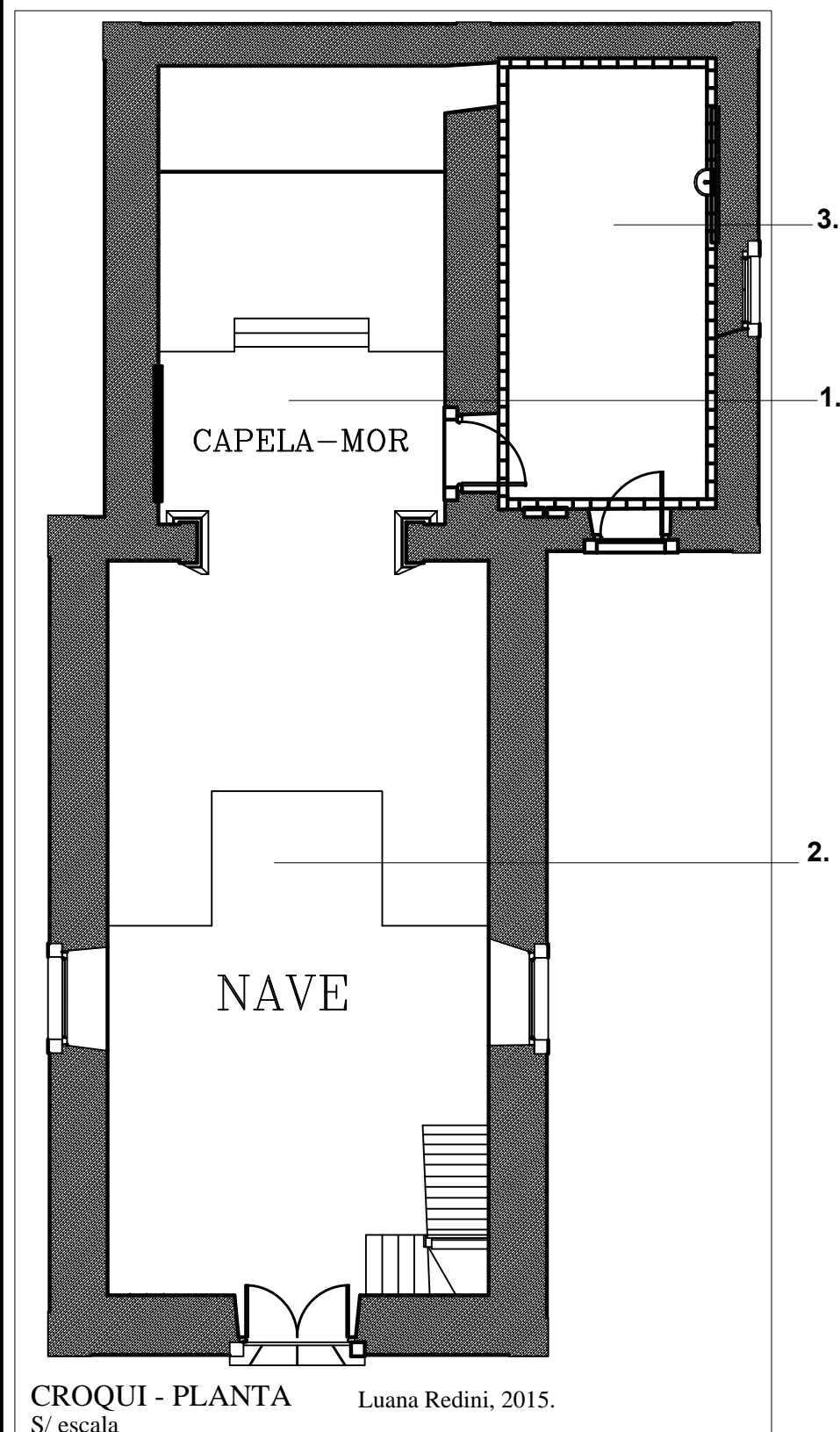
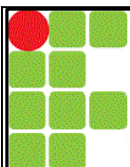
Paróquia de Santa Efigênia
Tel: (31) 3551-5047
paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

Em 1720 havia uma primitiva edificação em taipa que abrigava as missas do povoado. A atual capela de Bom Jesus das Flores foi erigida em 28 de outubro de 1748 a pedido dos moradores das região. Inicialmente tinha como padroeira Nossa Senhora do Pilar e após 1855 a invocação foi alterada para Bom Jesus das Flores. A capela passou por intervenções nos anos: 1920, 1954, 1977 e 1981. Em 1938 esta foi tomabada dentro do conjunto arquitetônico de Ouro Preto. Houve a repintura dos forros por Geraldo Rocha em 1920. A obra de restauro foi executada pela empresa Exágno em 2006, que incluiu a reforma do piso, telhado, pintura, estruturas de dreno e forro dentre outras. A Capela foi reaberta ao público em 19 de abril de 2009 (Inventário de Proteção ao Acervo Cultural - Prefeitura de Ouro Preto).



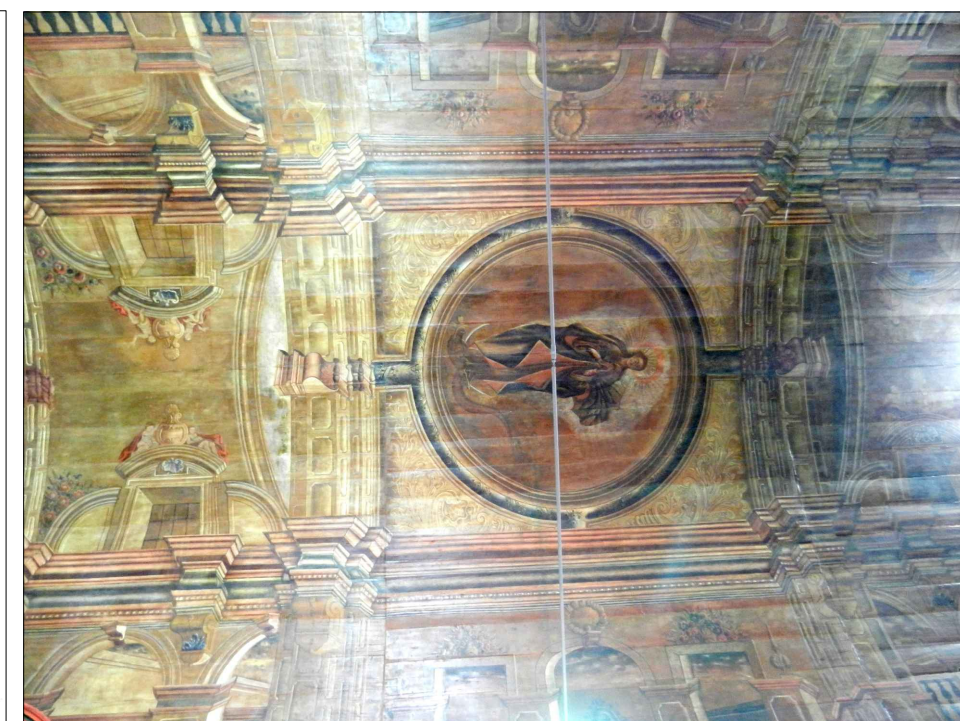
CROQUI - PLANTA
S/ escala

Luana Redini, 2015.

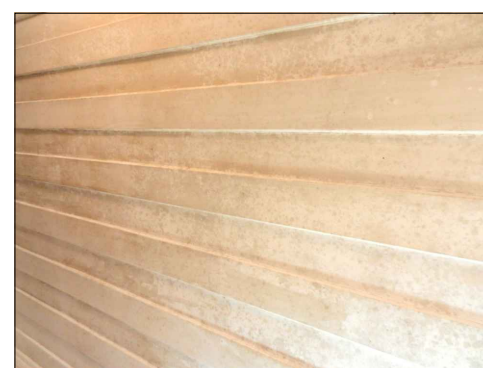
1. Forro abobadado em madeira



2. Forro abobadado em madeira



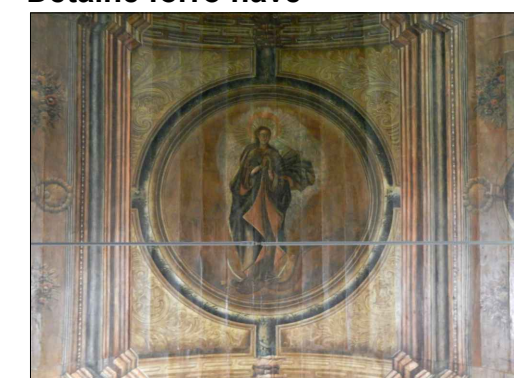
3. Forro plano tipo saia e camisa



Detalhe forro capela-mor



Detalhe forro nave



Descrição do forro

Forros (tetos):

1. Forro capela-mor: abobadado em tábuas de largura média em madeira com pintura em perspectiva sobre base de madeira. Cimalthas e guarda-pós perimetrais. Ao centro está representado um medalhão com a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus no colo, um querubim e núvens.
2. Forro nave: abobadado em tábuas de largura média em madeira com pintura em perspectiva sobre base de madeira. Cimalthas e guarda-pós perimetrais. Ao centro está representado um medalhão com a imagem de Nossa Senhora com as mãos unidas.
3. Forro sacristia: plano em tábuas de madeira estreitas, tipo saia e camisa pintado de branco.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1771-1793)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

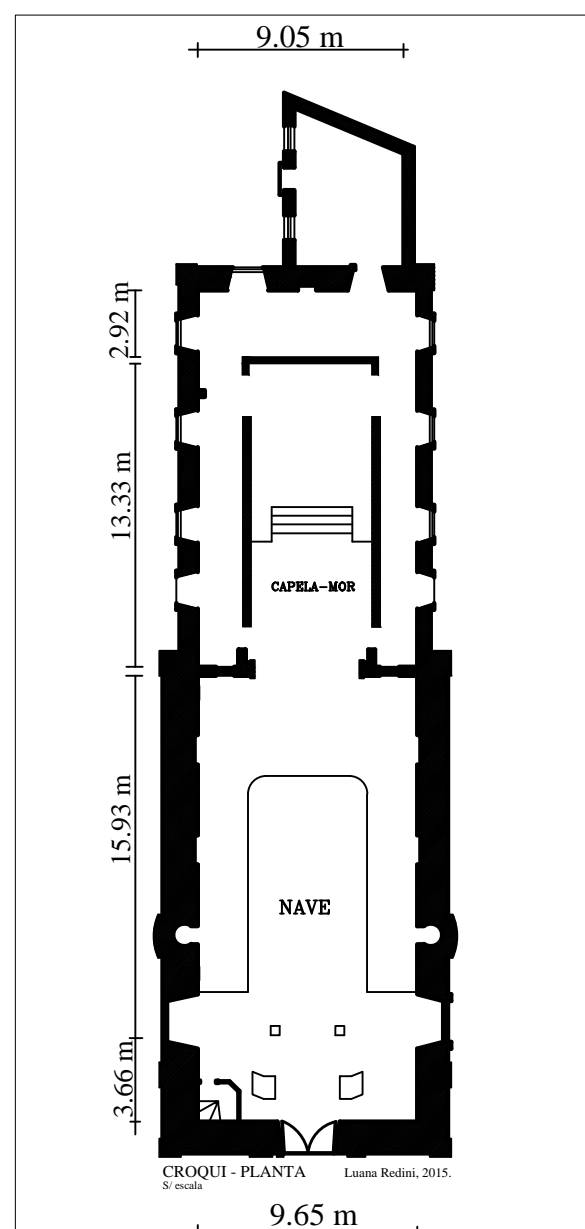
Endereço

Rua: Padre Rolim, s/nº, Centro,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Paróquia Nossa Senhora da Conceição
de Antônio Dias
Tel: (31) 3551 - 3282
santuariarquesc@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

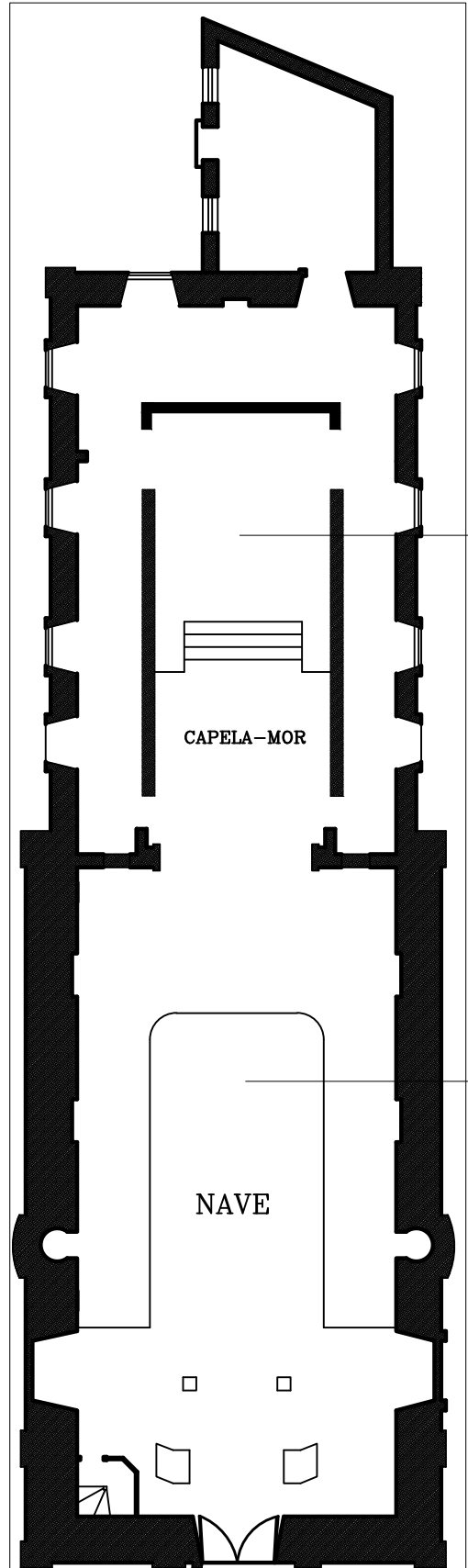
A Confraria de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia estava inserida na igreja de São José durante vinte anos e em 1771 foi decidida a construção de uma igreja própria. Parte desta foi inaugurada em 1º de janeiro de 1773 e a obra referente à construção do telhado e reboco foram arrematadas por Henrique Gomes de Brito em 1774. O forro foi feito e instalado pelo carpinteiro Inácio Pinto Lima em 1782. Devido a problemas estruturais, o consistório e capela-mor foram reconstruídos durante as obras da igreja. Manuel Francisco de Araújo, em 1793, assinou o recibo pela execução dos riscos e assinou contrato para a execução de dois altares (BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1956, pág. 77). Durante dez anos, entre 1805 e 1811, vários pagamentos foram efetuados ao entalhador Silvério Dias. Ainda no início do século XIX foi construído o campanário e finalmente em 1817 foi arrematado o “corpo” da igreja por Gregório Mendes Coelho, que por se achar impossibilitado de prosseguir as obras, transferiu a responsabilidade a Manuel Antônio Viana. Devido à intensa infestação de insetos xilófagos, parte dos forros e dos outros elementos em madeira se perderam ou encontram-se em estado precário. Entre 1958 e 1959 a igreja passa por obras de restauração do telhado e das fachadas. Outras intervenções se sucederam em 1966, 1970, 1984, 1986, 1992 e 1999. A igreja foi tombada a nível federal em 8 de setembro de 1939.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

2015

FOLHA
1/3



CROQUI - PLANTA Luana Redini, 2015.
S/ escala

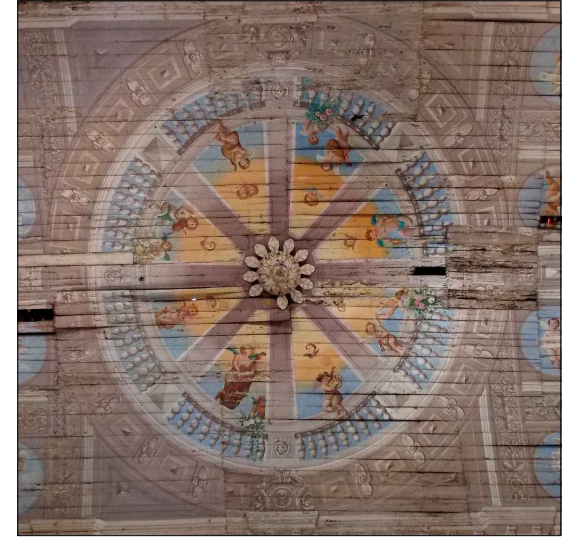
1. Forro abobadado em madeira



2. Forro abobadado em madeira



Detalhe forro nave

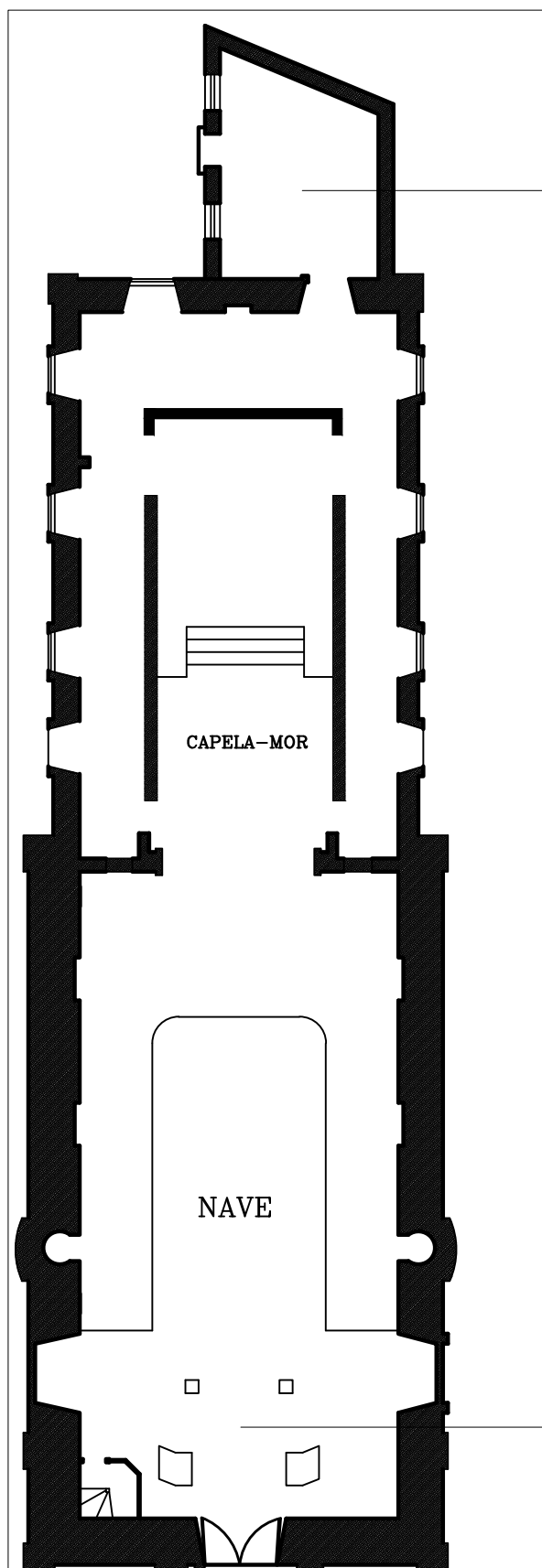
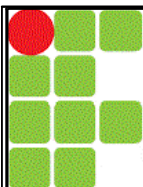


Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

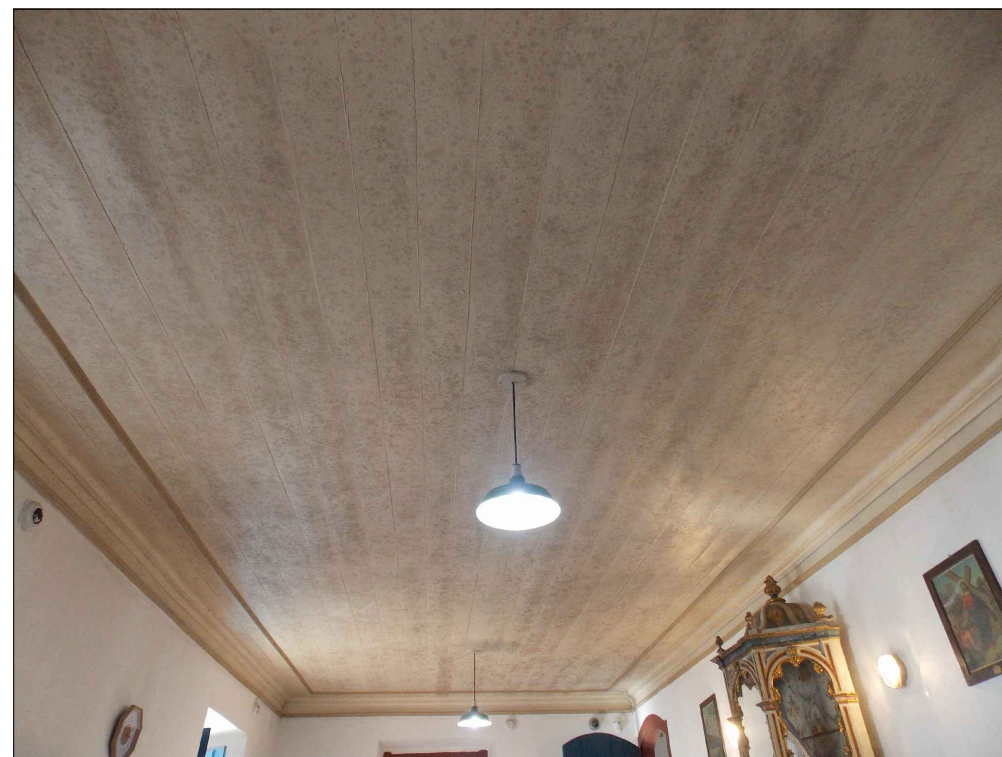
1. Forro capela-mor: abobadado em tábuas de largura estreita em madeira, de tipo junta-seca, pintado de branco e arrematado com cimalthas e guarda-pós perimetrais pintados de bege .

2. Forro nave: abobadado em tábuas de largura estreita em madeira com representação pictórica em tons de azul claro, amarelo e marrom. No centro há uma mandala com anjos e querubins por detrás de uma balaustrada. Nas laterais estão representados oito medalhões de cada lado, totalizando em 16 medalhões, com anjos e arcanjos. Arremate em guarda-pós pintados de azul claro.

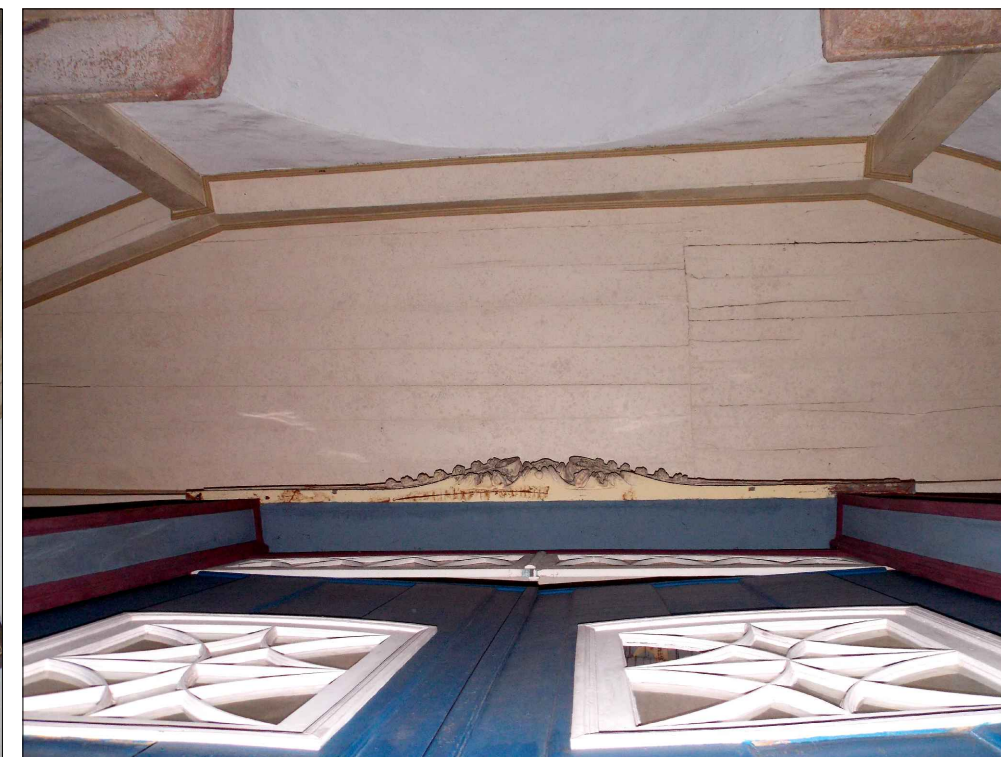


CROQUI - PLANTA S/escala Luana Redini, 2015.

1. 1. Forro plano em madeira



2. Forro plano em madeira



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro sacristia: forro plano em tábuas de largura média em madeira, tipo de junta-seca, pintado de cor ocre e arrematado em cimalthas perimetrais de mesma cor e material.
2. Forro nártex: forro plano em tábuas de largura estreita de madeira pintado de cor ocre claro e com a representação de um elemento *rocaille* próximo à porta de quebra-vento.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1742)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

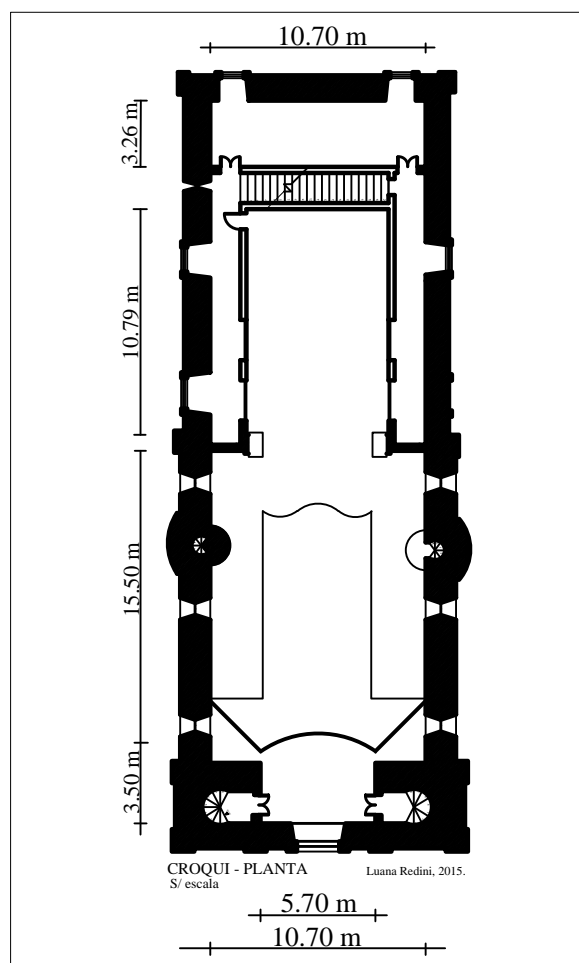
Endereço

Rua: das Mercês, s/nº, Centro,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição
Tel: (31) 3551-3282
santuariorqnc@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

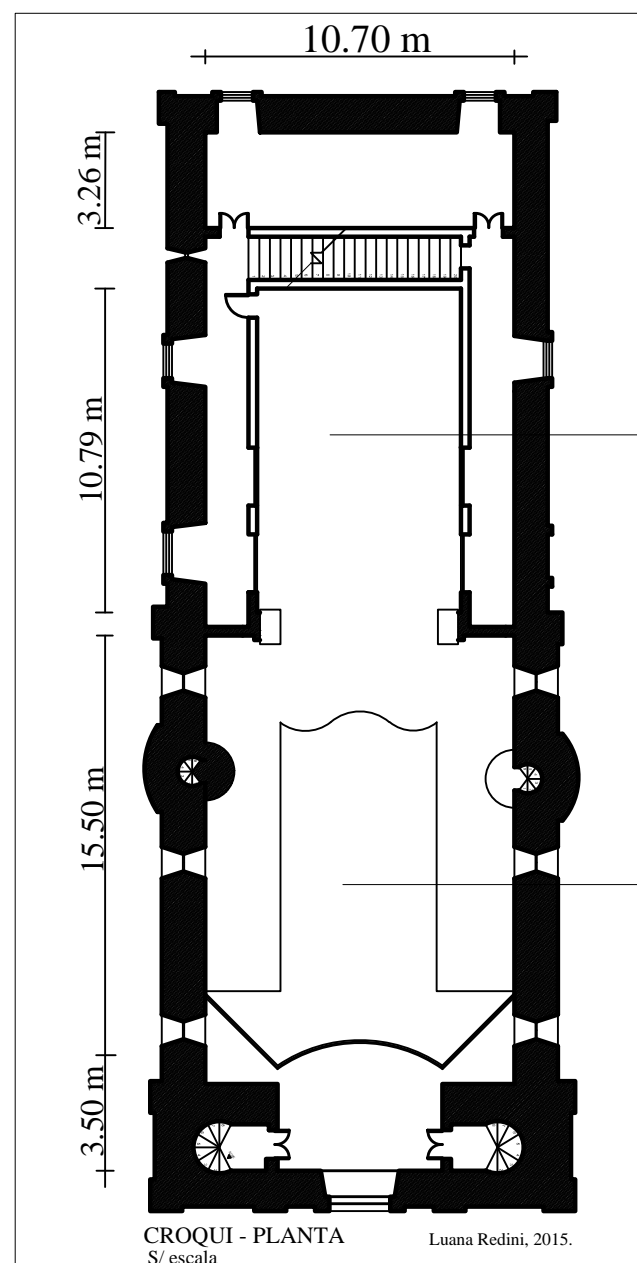
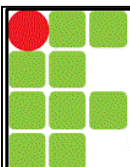
A irmandade das Mercês e Perdões, formada por crioulos, pardos e até mulheres, estava inserida na Matriz de Nossa Senhora da Conceição e transformou-se em ordem canônica em 1847 (CAMPOS, Adalgisa. *Roteiro Sagrado: Monumentos religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tatos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, pág. 102). Em 1742, a capela de Bom Jesus dos Perdões foi construída primitivamente por Padre José Fernandes Leite, que em doou em 1770 para a Ordem Terceira de N. Sra. das Mercês e Redenção dos Cativos para prosseguir com a construção da atual Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões. Todavia, há outra versão defendida por Furtado de Menezes, Xavier da Veiga e Diogo de Vasconcelos. Nesta, a capela foi fundada por Dona Branca, esposa do Coronel Antônio de Oliveira Leitão, que eloqueceu e assassinou a própria filha ao descobrir que ela estava apaixonada por um homem de seu desagrado. O risco da capela-mor foi fornecido por Aleijadinho em 1775 e 1778. Os arrematantes da obra da capela-mor foram Amaro José Nunes e Elias Xavier da Silva. No século XIX a igreja passou por significativas intervenções, apresentando atualmente, feição muito diversa da original (BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2000, pág. 78). Os retábulos foram assentados pelo carpinteiro Inácio Pinto Lima, em 1782. Em 08 de setembro de 1939, a capela foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

2015

FOLHA
1/2

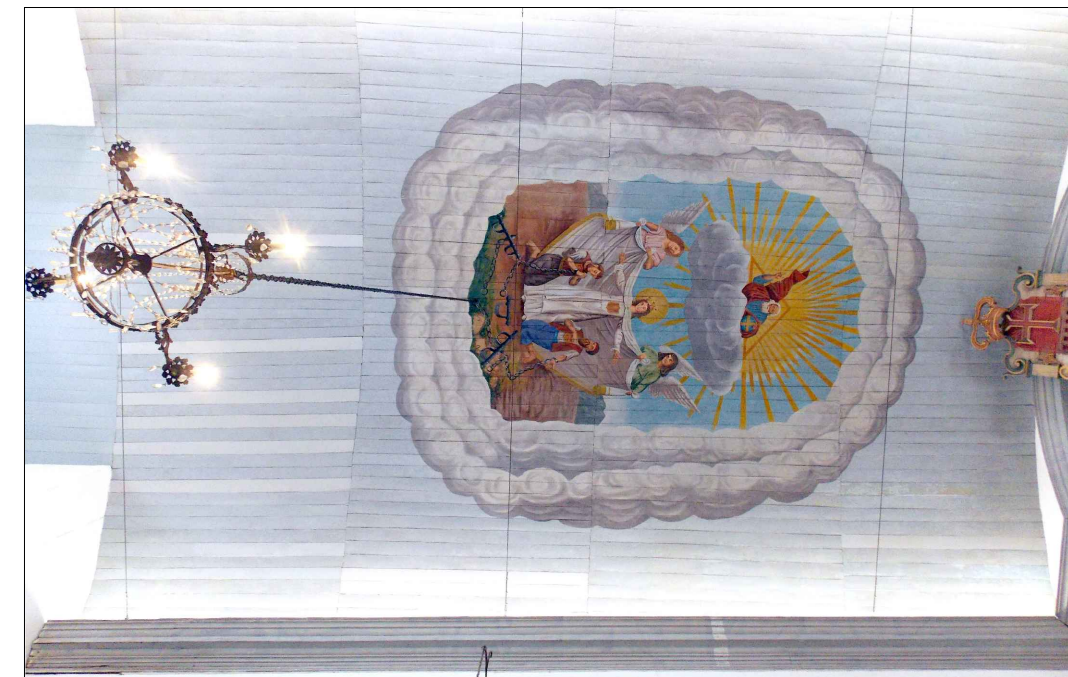


1. Forro abobadado em madeira



1.

2. Forro abobadado em madeira



3. Forro plano em ripas estreitas de madeira



2.

Detalhe forro capela-mor



Detalhe forro nave



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-Mor: abobadado de tábuas de espessura média em madeira pintado de branco com pintura iconográfica de um cálice e uma hóstia ao centro e em sua volta estão uma coroa, duas conchas e um brasão. Cimalhas pintadas de bege nos arremates de encontro com as paredes laterais.

2. Forro nave: abobadado em tabuado de espessura média em madeira pintado de azul claro e com representação pictórica ao centro de Nossa Sra. das Mercês com seu manto branco aberto sobre seus fiéis emoldurada por núvens. Cimalhas e guarda-pós perimetrais.

3. Forro nártex : plano em tabuado fino de madeira, tipo junta-seca, pintado de azul claro. Friso perimetral.

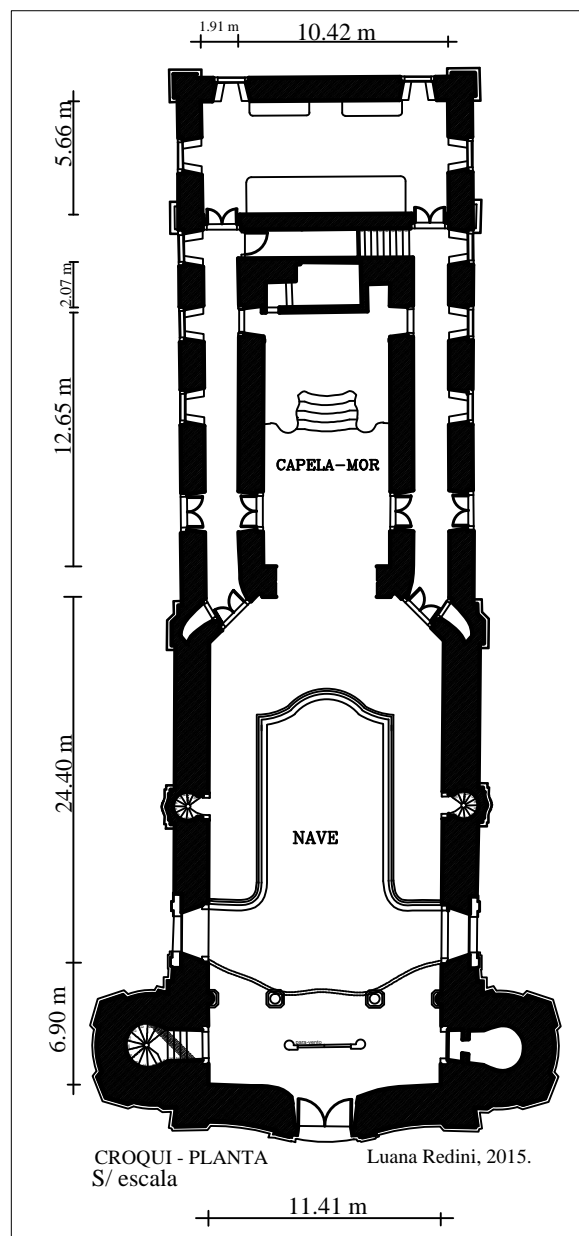
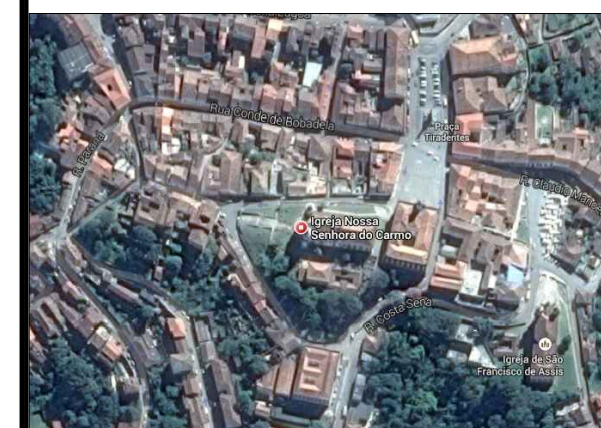
**INVENTÁRIO DOS FORROS DAS EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS HISTÓRICAS DE
OURO PRETO**
**IGREJA NOSSA
SENHORA DO CARMO**
Época de Construção da Edificação
Século XVIII (Ano provável: 1766-1805)

Época de Construção do Forro
Século XVIII-XX
Propriedade
Arquidiocese de Mariana
Endereço

 Rua: Brigadeiro Musqueira, s/nº,
Centro, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

 Paróquia de Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3551-4736
ouropretoparoquiadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização

Breve Histórico da Edificação

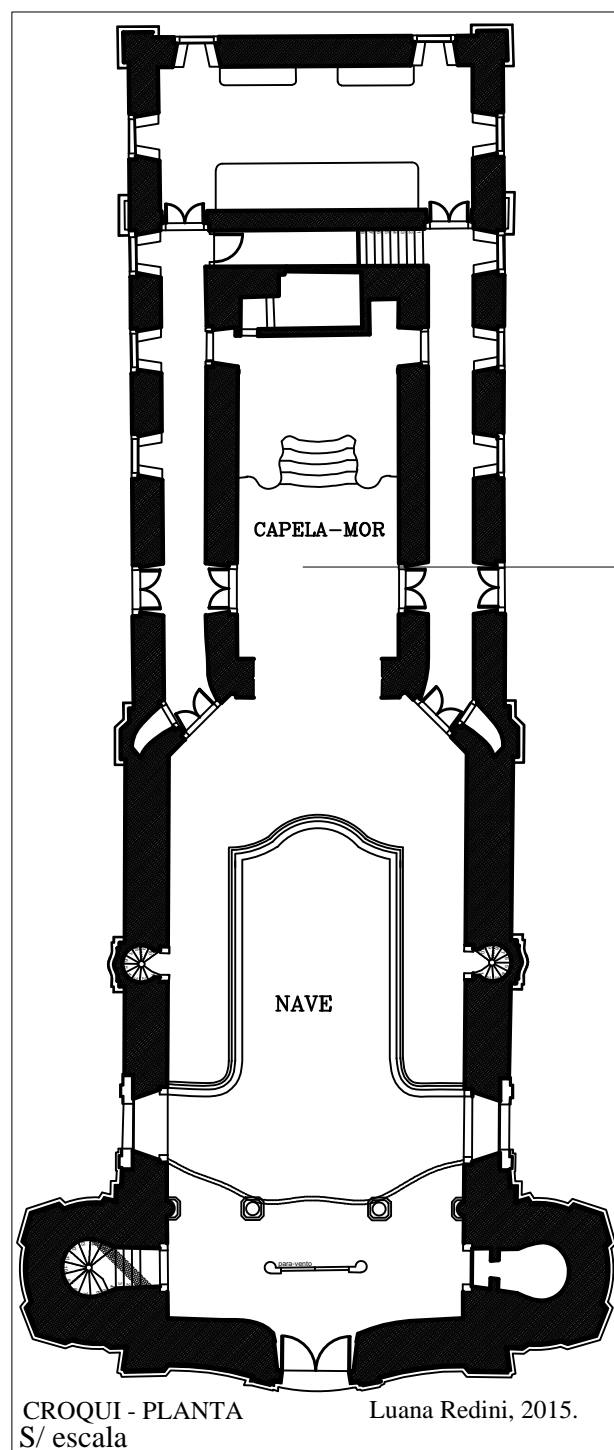
O projeto da igreja de Nossa Senhora do Carmo é de autoria do também irmão da Ordem, Manoel Francisco Lisboa e data de 1766. Além de Manoel, trabalharam na Igreja os mestres José Pereira dos Santos e João Alves Viana. Formada apenas por brancos abastados de alto escalão social, a Ordem do Carmo foi firmada a partir de 1740. O traço da fachada frontal é de 1771 e comporta uma portada com talha em pedra sabão, a qual foi arrematada por Francisco de Lima Cerqueira entre os anos 1771 e 1780. Manuel Francisco de Araújo foi o responsável, dentre outras obras, pela confecção dos forros em meados de 1782. Os altares laterais foram traçados pelo pintor João Nepomuceno Correia e Castro. A pintura do forro da sacristia, em 1805, é atribuída a Ataíde, contudo, segundo a historiadora CAMPOS, Adalgisa, em Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, págs. 83-88) esse pintor. Embora tenha desenvolvido um projeto de pintura em perspectiva para o forro da nave, Ataíde acabou por não executá-la, sendo esta então efetivada entre 1908 e 1909, por Angelo Clerici, assim como da pintura do forro da capela-mor. A igreja de Nossa Senhora do Carmo passou por intervenções e obras de restauro ao longo do século XX, tendo a última delas ocorrido em 1965. Seu tombamento se deu em 20 de abril de 1938. Vale ressaltar que esta é a única igreja de Ouro Preto ornada com azulejos em seu interior, mais precisamente na barra das paredes da capela-mor.

 Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO
2015
**FOLHA
1/5**

1. Forro abobadado em madeira

Detalhes forro capela-mor

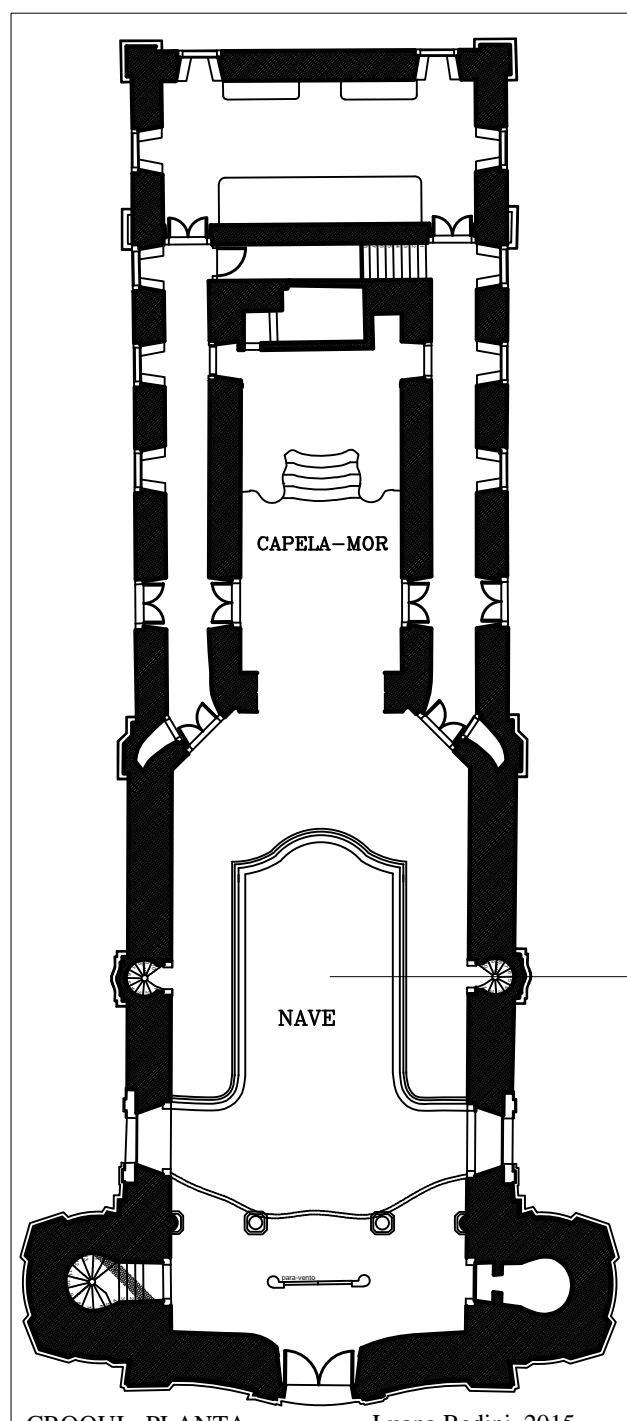


Descrição do forro

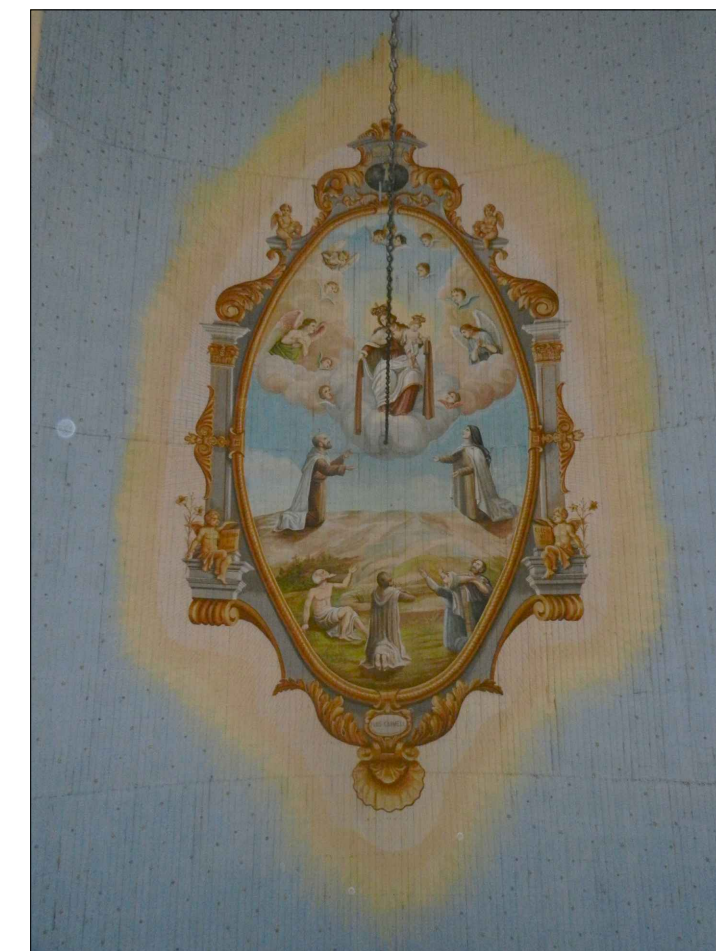
- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-Mor: abóbada dupla de aresta, em estuque, sendo representados no lado mais próximo ao arco do cruzeiro: dois doutores da Igreja e dois símbolos da iconografia cristã (cruz e espada e a tábua dos dez mandamentos) ; e no outro lado, mais próximo do altar-mor: dois doutores da Igreja e dois elementos da iconografia cristã (o cálice e a hóstia e o cordeiro e a cruz) . Os dois forros são emoldurados e ressaltados nas suas extremidades por pintura que finge uma espécie de rendilhado em tons de amarelo. Em 1908 foi executada a pintura do forro por Angelo Clereci.

1. Forro abobadado em madeira



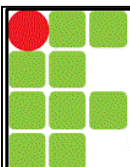
Detalhe forro nave



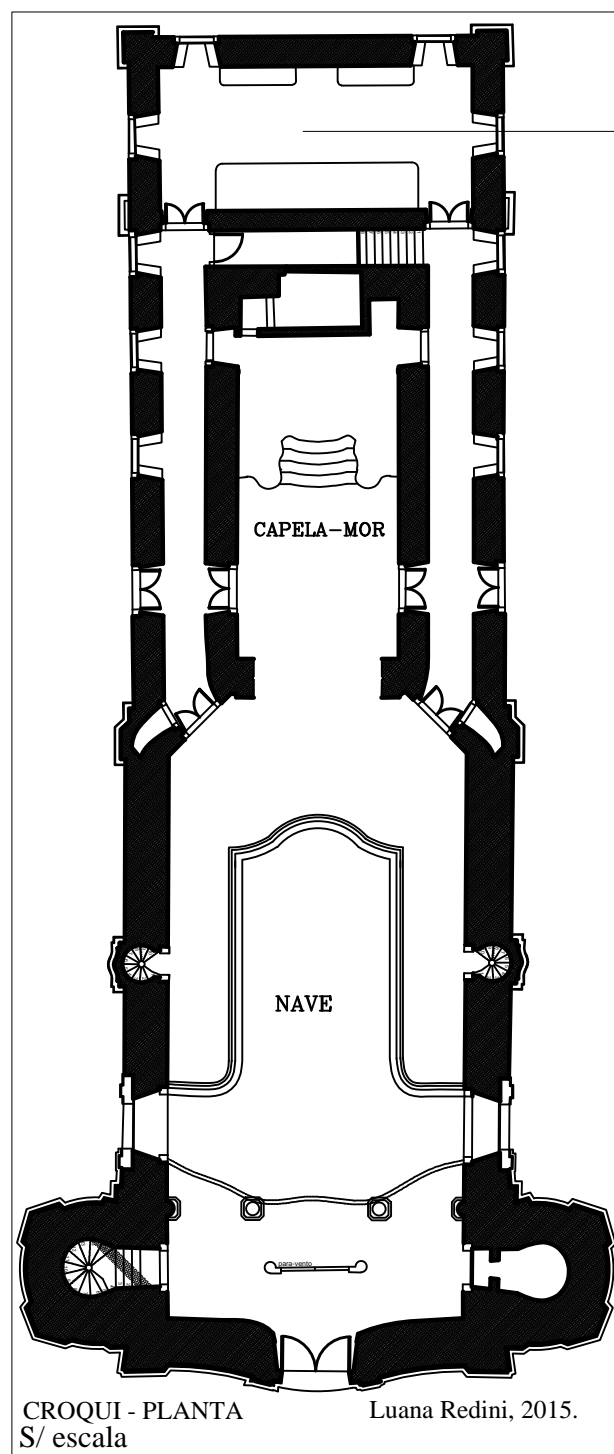
Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro nave: abobadado de estreitas tábuas em madeira, pintado de azul claro, estrelas douradas em relêvo e uma pintura central representando Nossa Senhora acima do Monte Carmelo com o menino em seus braço esquerdo. Em 1908 foi executada a pintura do forro por Angelo Clereci. Cimalhas e guarda-pós perimetrais.



1. Forro abobadado em madeira



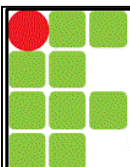
Detalhes forro sacristia



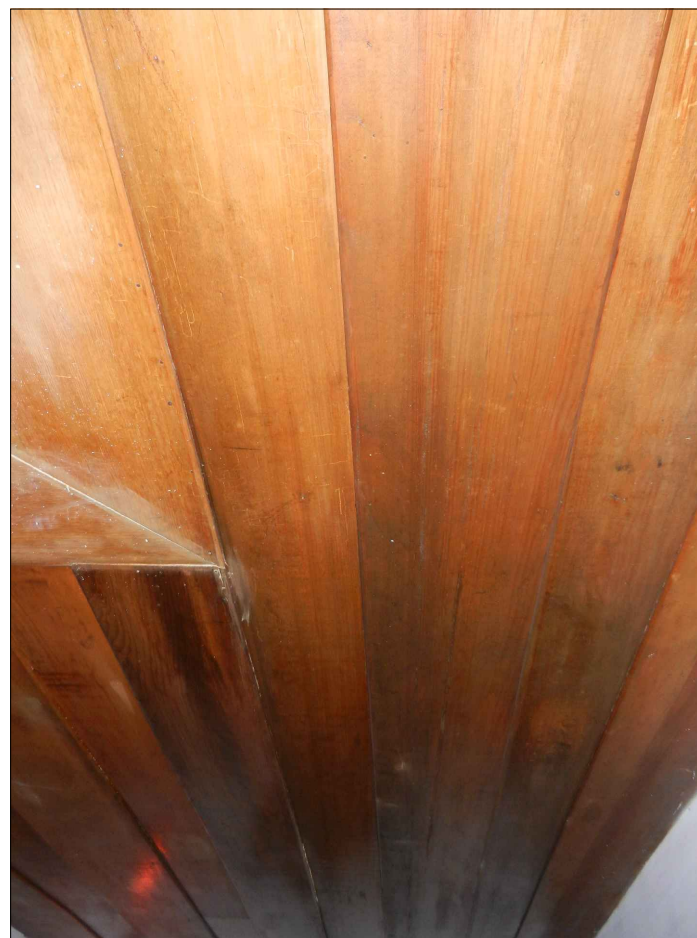
Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro sacristia: plano, em madeira, todo emoldurado por "cimalhas" proeminentes, com quatro mísulas nas quinas e duas outras ao centro das paredes maiores. O forro é ainda composto por cinco painéis emoldurados. No medalhão oval ao centro está representado o Decoro do Carmelo (*Decor Carmeli*), com Nossa Senhora do Carmo coroadada, vestindo um manto branco com estrelas e o menino em seu colo, cercados por nuvens e querubins e alguns elementos da iconografia carmelita. Na mão direita da virgem está o escapulário a ser entregue a São Simão Stock. O Apocalipse de João está representado pelo livro com sete corações e sete selos cadeados, segurado por um arcanjo. Ainda é possível observar elementos *rocailles* e fitomórficos. Abaixo dos pés de Nossa Senhora está a inscrição "*Gloria Libani, data est ei, Decor Carmeli, & Saron*" (Livro de Isaías: 35,2). Os outros quatro painéis recebem a representação pictórica de importantes passagens da devoção carmelita (BASTOS, Rodrigo. Tese doutorado: A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822). São Paulo: FAUUSP, 2009, págs. 217, 218 e 229).



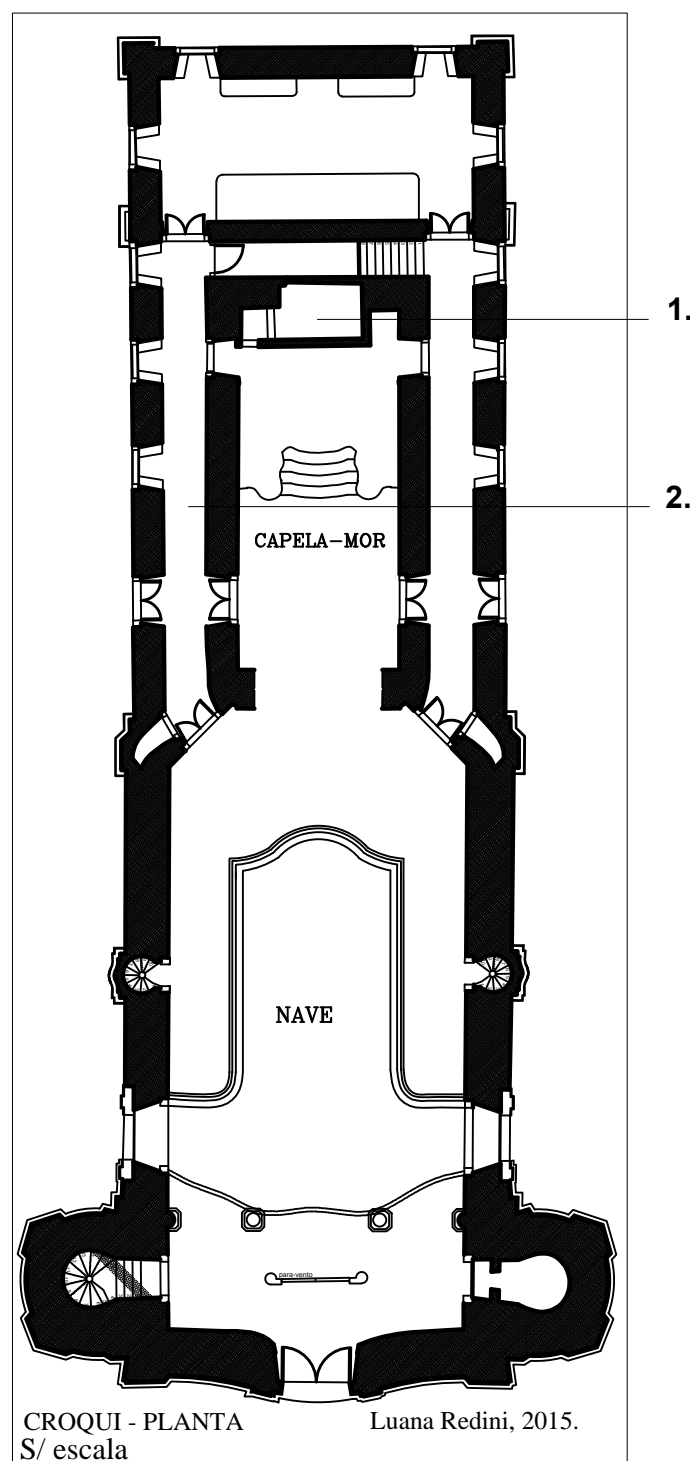
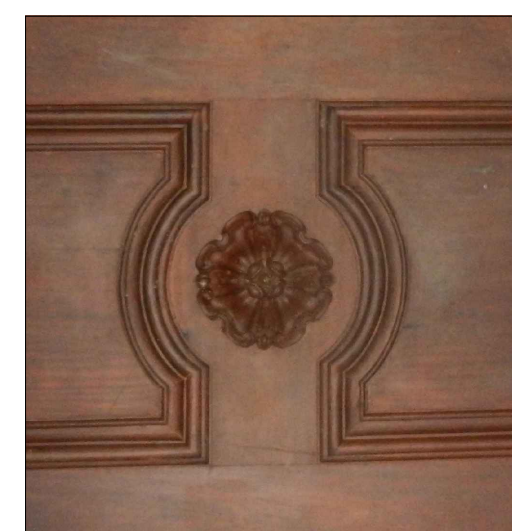
1. Forro plano em madeira



2. Forro plano em madeira



Detalhe forro corredores laterais



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela do santíssimo: plano em madeira de largura aproximada de 15cm, tipo saia e camisa, envernizado.
2. Forro corredores laterais: plano em madeira com frisos salientes e mísula com talha elaborada de volutas em "S" e rocalhas. Ou centro, elemento floral talhado em madeira.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1785)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

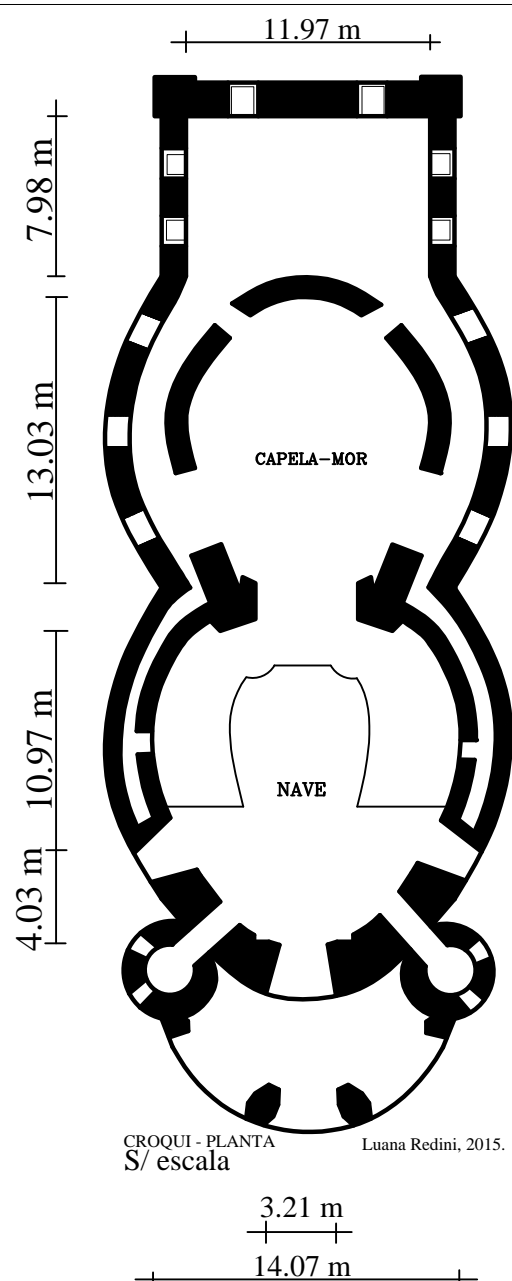
Endereço

Largo do Rosário, s/nº, Rosário,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Sr. Mário dos Santos Ansaloni
Paróquia Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3551- 4736
ouropretoparoadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

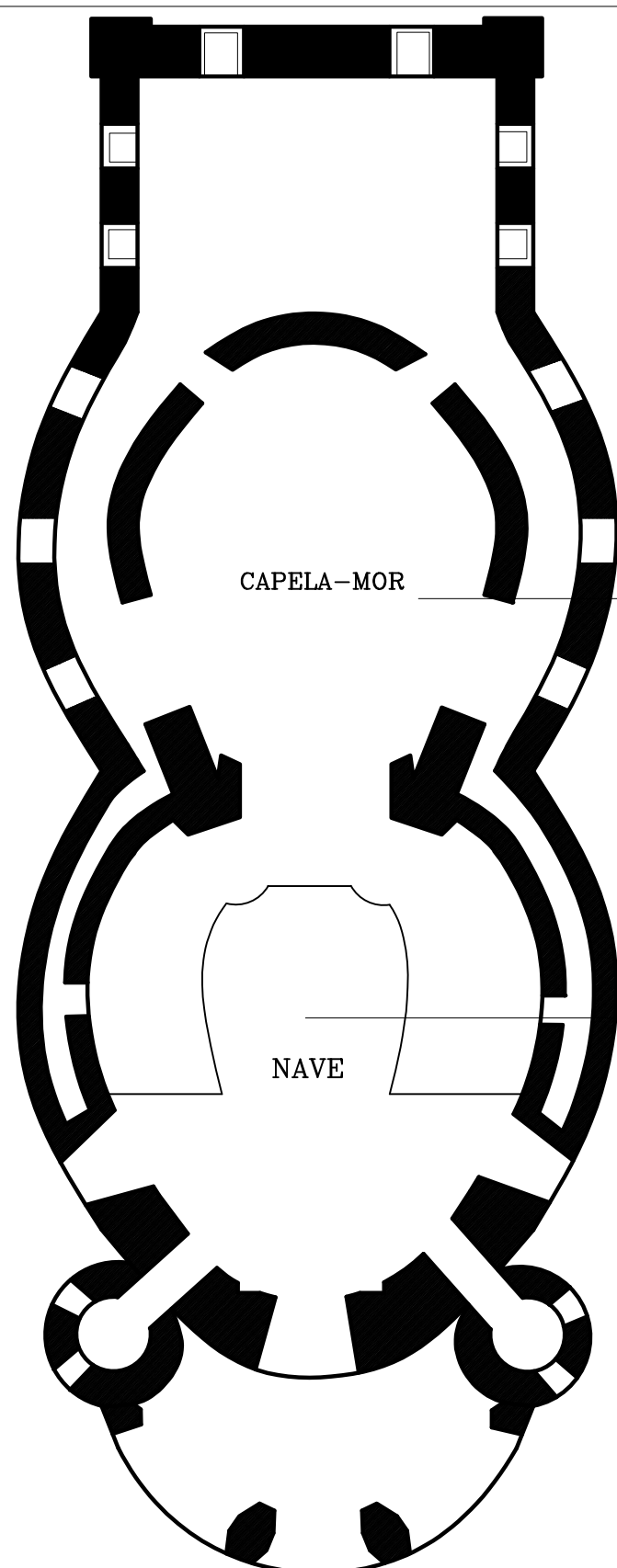
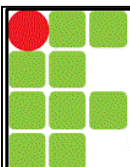
A data exata de construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário não pode ser aferida, dadas algumas contradições em documentos encontrados e entre alguns historiadores. Segundo Rodrigo Bretas, após recolher o testemunho de Joaquim José da Silva, foi constatado que o risco da Igreja foi executado por Antônio Pereira de Sousa Calheiros, de nacionalidade portuguesa. Diogo de Vasconcelos definiu a data de início em 1785. Contudo, Rodrigo Melo Franco, baseando-se em documentação encontrada, define a data de contratação para a execução do frontispício em 1784. Outrossim, BAETA, Rodrigo Espinha, em *Teoria do Barroco*. Salvador: EDUFBA-PPGAU, 2012, pág. 99, afirma que esta foi erguida em 1750 e projetada pelo mesmo mestre já cogitado por Joaquim José da Silva. A igreja do Rosário apresenta um desenho semelhante à igreja de São Pedro de Mariana e a capela de São José de Congonhas e se afasta dos esquemas de composição em relação à todas as outras edificações religiosas de Ouro Preto, provavelmente em nome da inovação ao gosto italiano influenciado por Borromini. As Irmandades dos Rosários dos Pretos constituiu o templo legalmente na Igreja Matriz do Pilar, em 1715. Constitui templo próprio de em taipa e posteriormente foi transferida para a atual localização. Segundo CAMPOS, Adalgisa, em *Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, pág. 35, a Irmandade do Rosário era composta por mulheres, escravos, mulatos, alguns brancos pobres e alguns poucos ricos. Entre 1791 e 1792 a obra da fachada foi concluída. O pintor e irmão do Rosário, José Gervásio de Souza Lobo, executou a pintura do altar-mor entre 1798 e 1799. A pintura do forro da sacristia foi executada por Manuel Ribeiro Rosa, entre 1790 e 1791. A Igreja passou por diversas intervenções, as mais relevantes para o tema em questão em 1869, 1882, 1893, 1908, 1936, 1954, 1961, 1965, 1967, 1970, 1979 e 1999. Em 08 de setembro de 1939, a capela foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

2015

FOLHA
1/3



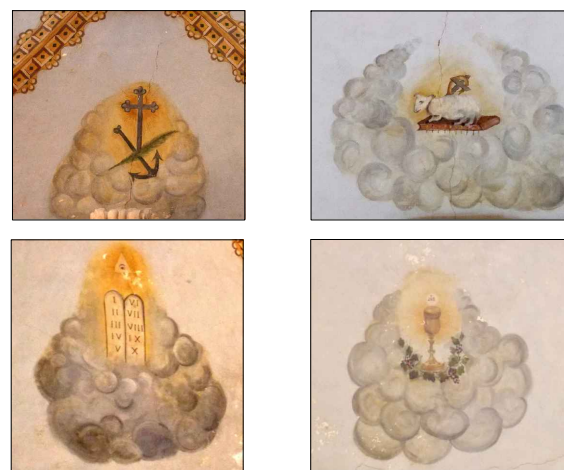
CROQUI - PLANTA
S/ escala

Luana Redini, 2015.

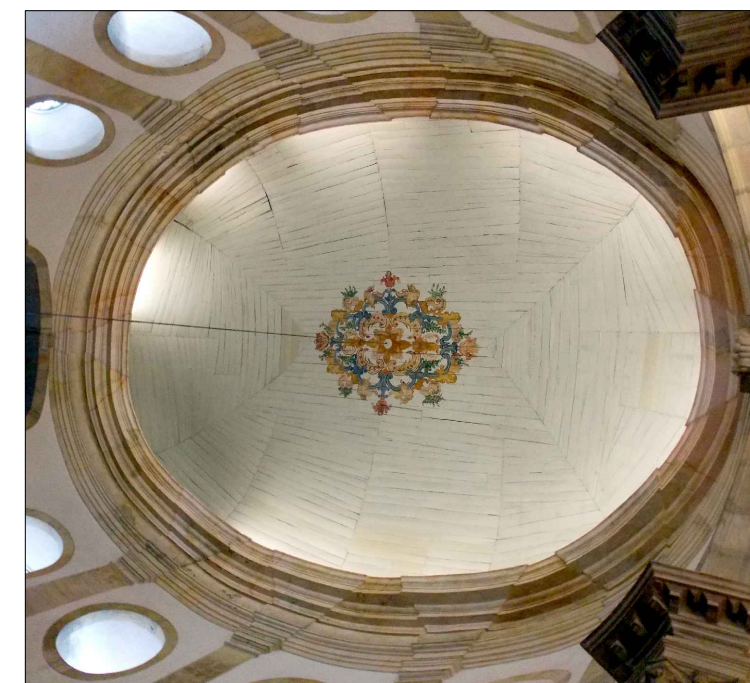
1. Forro em abóboda de madeira



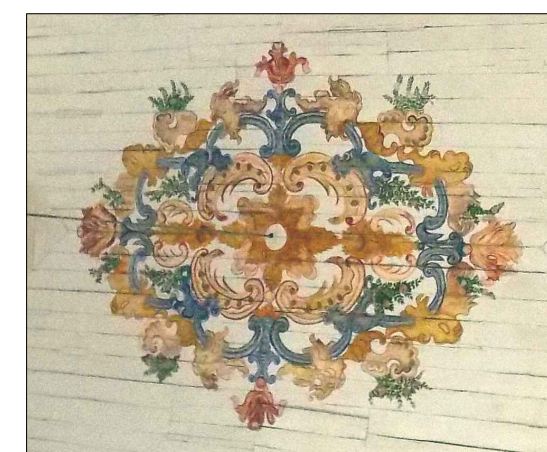
Detalhes forro capela-mor



2. Forro em abóboda oval de madeira



Detalhe forro nave

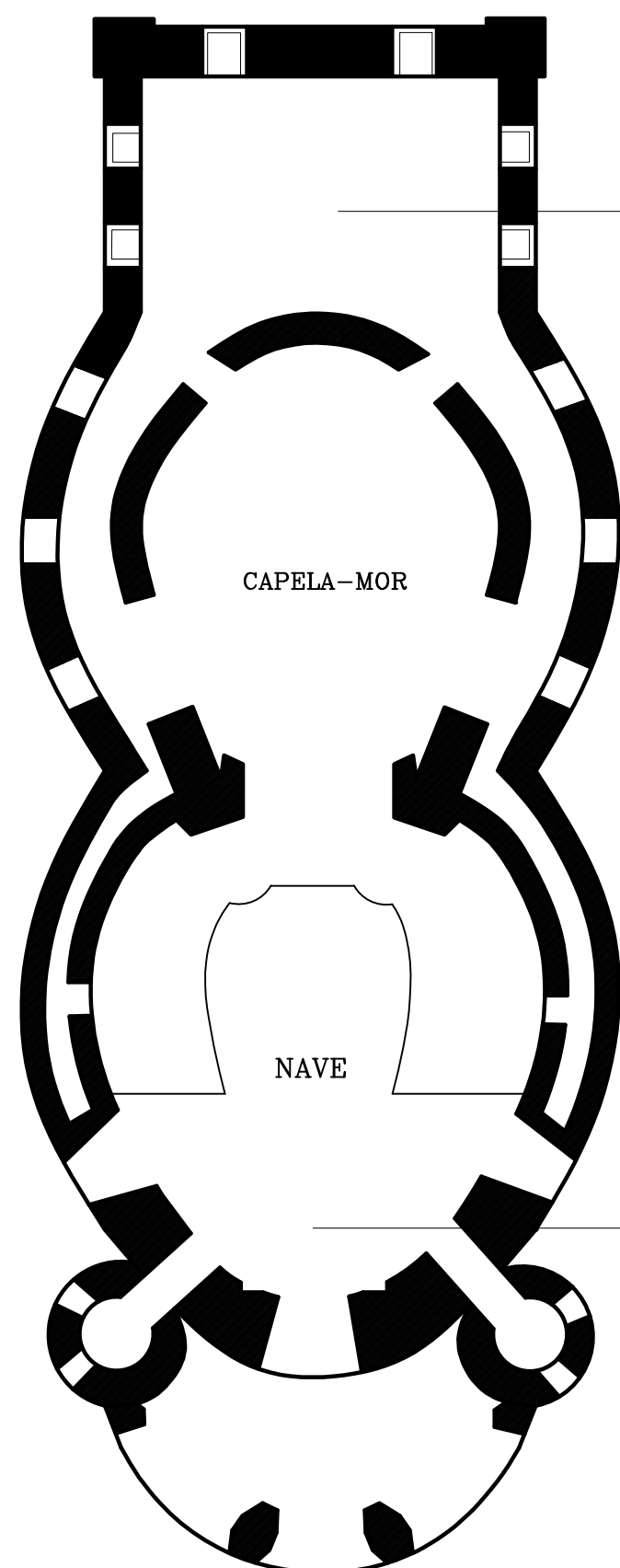
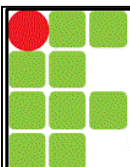


Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abóbada de aresta, em estuque, com pintura de 4 temas da iconografia bíblica (Tábua dos dez mandamentos, o cálice e a hóstia, cruz associada a uma âncora e o Cordeiro de Deus) em fundo azul claro. Pintura de rendilhado em amarelo acentuando as extremidades dos leque das abóbadas.

2. Forro nave: oval em planta, abobadado, de ripas de madeira de largura média em 13 sessões, pintado de branco e com temas *rocailles* e florais ao centro. Cimalhas e guarda-pós perimetrais em cantaria.



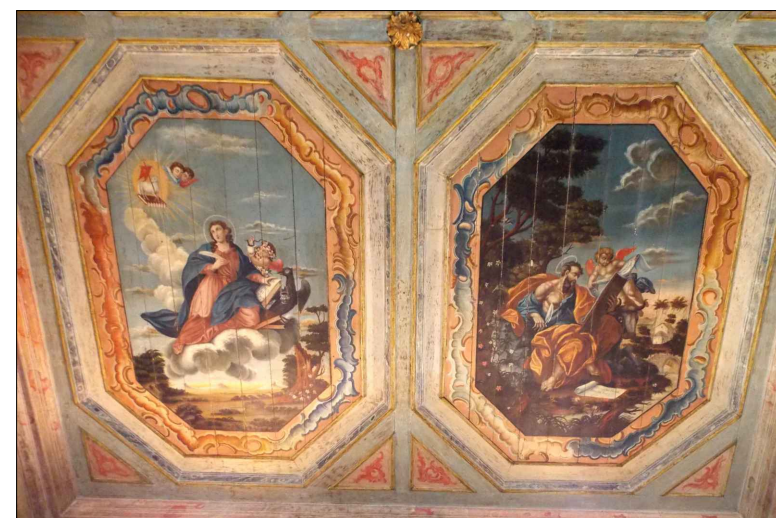
CROQUI - PLANTA
S/ escala

Luana Redini, 2015.

1. Forro em caixotão de madeira



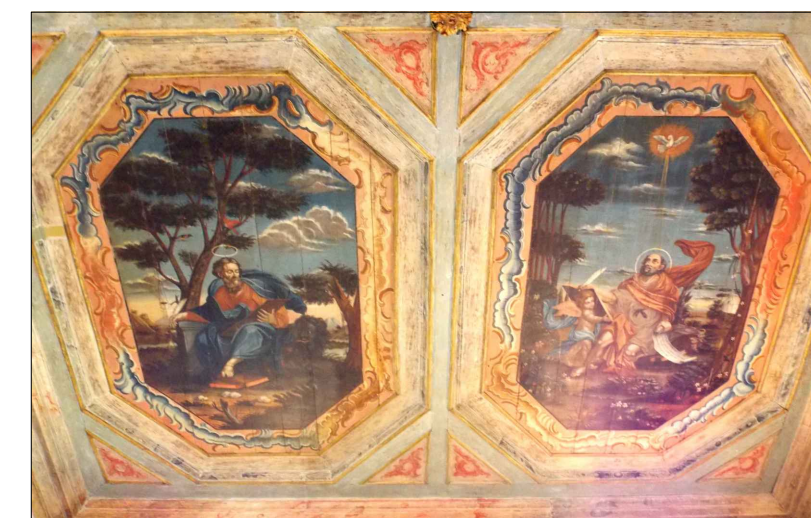
Detalhes forro sacristia



2. Forro plano em tabuado de madeira



Detalhes forro sacristia



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro sacristia : plano, ornado de quatro painéis de cenas da iconografia bíblica, com molduras imitando mármore e temas rocailés. Cimalhas perimetrais.

2. Forro nártex: plano, tabuado de madeira com a pintura de um medalhão central em base branca, cujo tema é bíblico, e contém a inscrição "*In hoc signo vinces, que signica*": "Por este sinal conquistarás".

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável 1770-1810)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

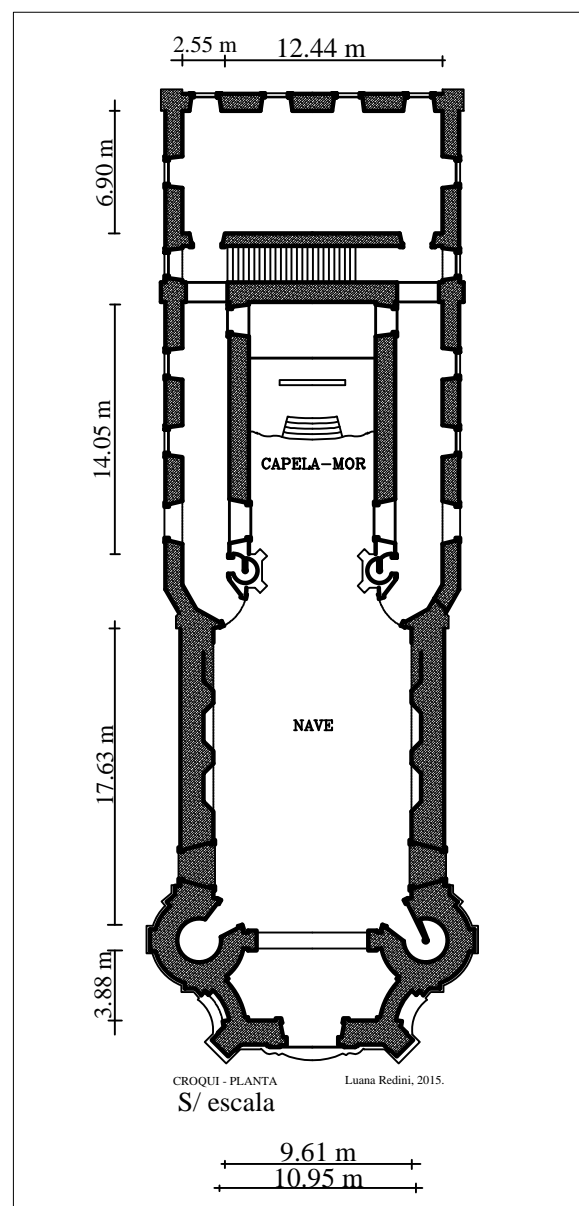
Endereço

Largo de Coimbra, s/nº, Centro,
Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Paróquia Nossa Senhora da Conceição
Tel: (31) 3551-3282
santuariocarqnc@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

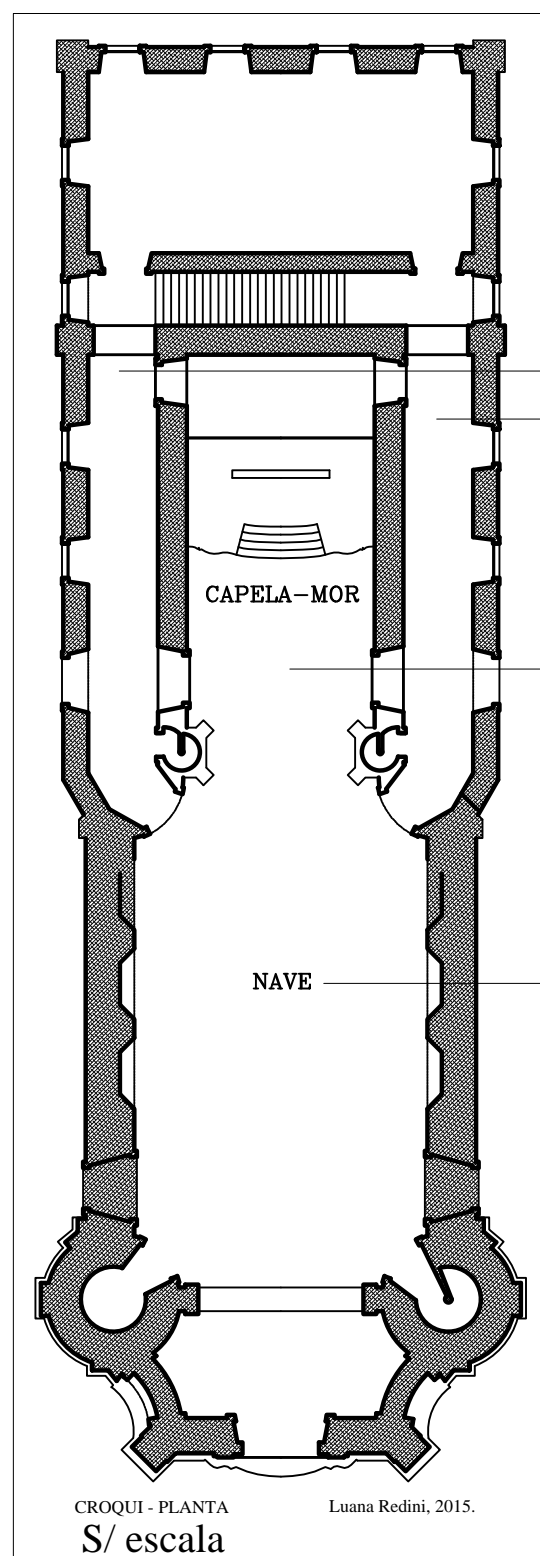
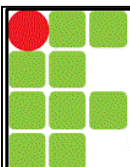
A Ordem de São Francisco de Assis, fundada em 9 de janeiro de 1946 decidiu construir sua própria capela e em 1767. Apesar de Rodrigo Bretas e Furtado de Menezes afirmarem que o risco seria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a autoria no entanto é incerta, uma vez que há documentação apenas afirmado que o artista encarregado de recopiar o traço chamava-se André de Souza Banavides. O restante da documentação e das plantas foram extraviados ao longo dos anos. (BAZIN, Germain. *A Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, Rio de Janeiro: Record, 1956, pág. 87). A capela-mor foi concluída em meados de 1771 e em 1772 as abóbodas e corredores do mesmo espaço foram arrematadas por Bento Luis e Henrique Gomes de Brito. A cobertura foi executada entre 1776 e 1779. O grosso da obra foi terminado em 1788, já que há documentação que comprove o arremate dos rebocos por Domingos Moreira de Oliveira. Este por sua vez finalizou seu trabalho em 24 de agosto de 1794. Aleijadinho estava presente como louvado, fato este que corrobora para sua autoria nos traços da Igreja. A construção só foi definitivamente terminada em meados de 1801. A pintura do forro da nave foi executada por Manuel da Costa Ataíde, o qual como membro da Ordem Terceira, assinou o contrato em 9 de agosto de 1801 (ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Contribuição para o Estudo da Obra do Aleijadinho*, Revista do SPHAN, 1938, págs. 273-295). A primeira obra de restauração ocorreu no fim do século XIX, e desde então outras intervenções ocorreram no decorrer do século XX. O tombamento da igreja de São Francisco de Assis ocorreu no dia 4 de junho de 1938. Em 2010, esta é considerada uma das 7 Maravilhas da Arquitetura Portuguesa.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

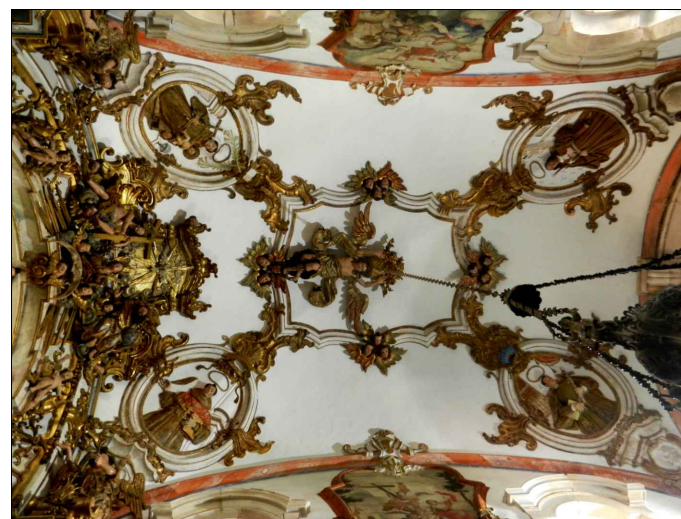
FORRO

2015

FOLHA
1/3



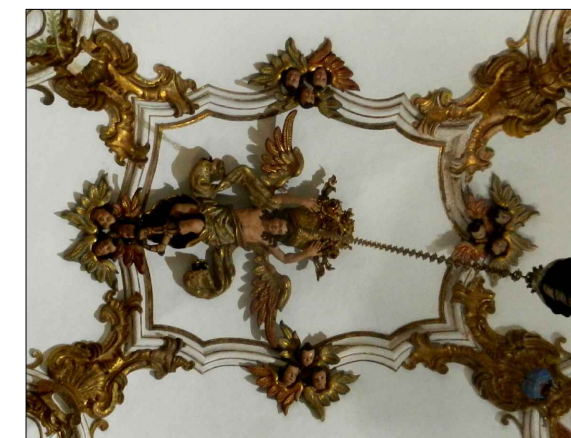
1. Forro abobadado em madeira



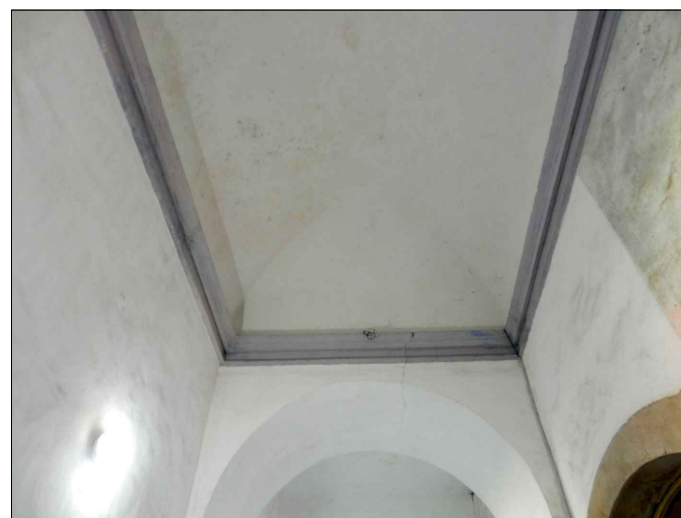
2. Forro abobadado em madeira



Detalhe forro capela-mor



3. Forro abobadado em estuque



4. Forro abobadado em estuque



Detalhe forro nave



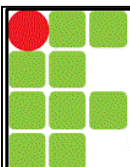
Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

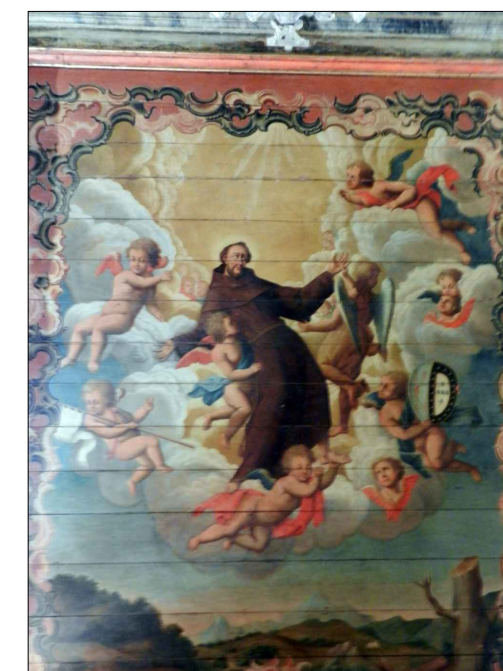
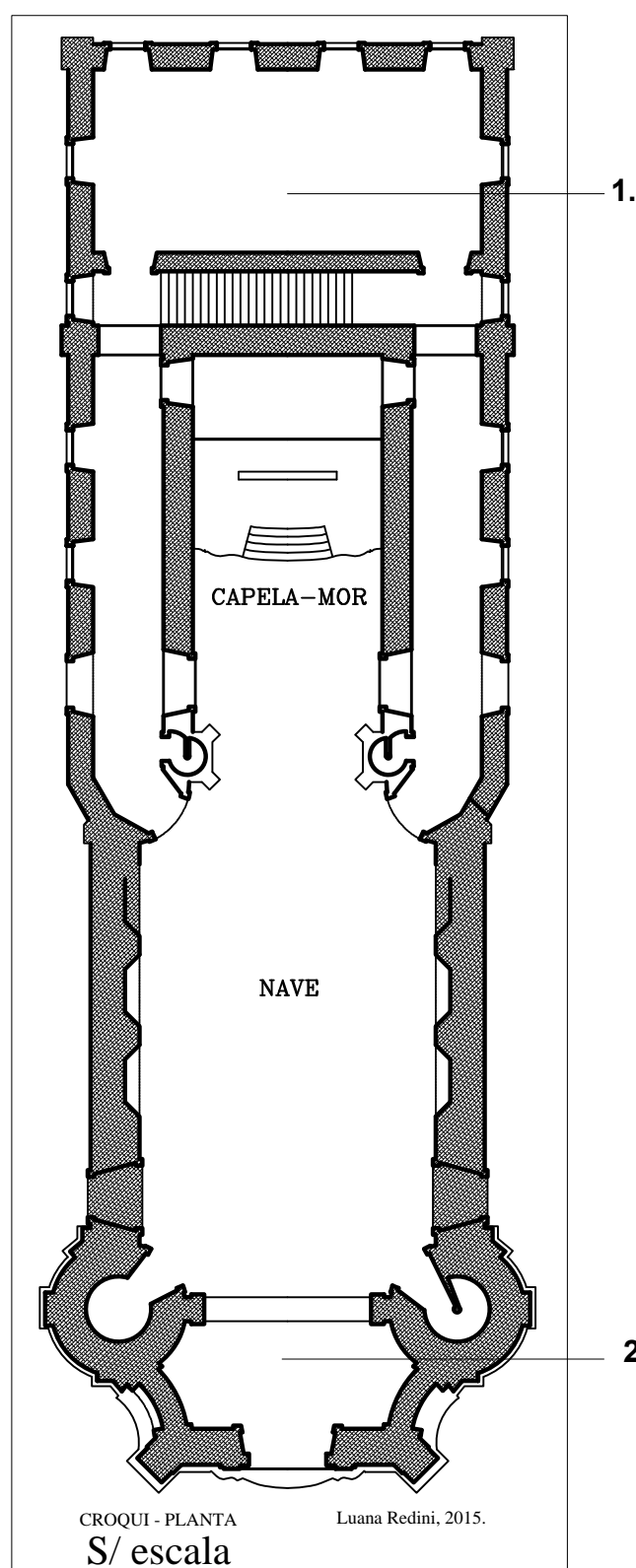
1. Forro capela-mor: abóbada em barrete de clérigo, artesoado, em estuque pintado de forma a criar ilusão de ótica fazendo a cobertura assemelhar-se a uma abóbada de leque, com representações de um anjo com uma cesta de flores na cabeça ao centro, e em volta, os quatro Doutores da Igreja (S. Ambrósio, S. Agostinho, S. Jerônimo, S. Gregório Magno) , elementos fitomórficos e querubins em estuque.

2. Forro nave: em gamela, de tabuado de madeira com representação pictórica em perspectiva de elementos arquitetônicos, a imagem de Nossa Senhora Rainha dos Anjos ao centro, rodeada de anjos e querubins, todos eles com feições mulatas. Nas extremidades estão representados os os quatro Doutores da Igreja (S. Ambrósio, S. Agostinho, S. Jerônimo, S. Gregório Magno) . A autoria atribuída ao Mestre Ataíde. Cimalhas e guarda-pós perimetrais pintados de mármore fingido.

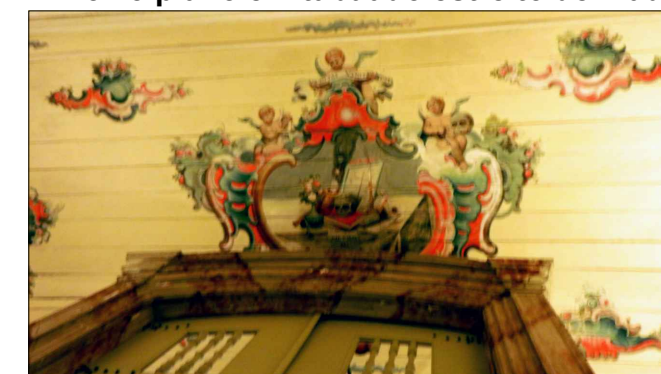
3 e 4. Forros corredores laterais: abobadados em estuque, pintados de branco e com sancas perimetrais pintadas de azul claro.



1. Forro plano com painéis em madeira



2. Forro plano em tabuado estreito de madeira



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro sacristia: plano em madeira formado por molduras de quatro painéis com pinturas da iconografia bíblica, em volta do painel central com a representação pictórica de São Francisco de Assis. A autoria é atribuída a Manoel Pereira de Carvalho e a Francisco Xavier Conçalves, em 1782. Cimalhas perimetrais pintadas em mármore fingido da cor azul.
2. Forro nártex: plano em tabuado de madeira pintado de branco com representações pictóricas típicas do período rococó, segundo a historiadora CAMPOS, Adalgisa, em Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, págs. 99-100 , "os motivos macabros são inspirados no livro do Eclesiastes (1,2) . A autoria é atribuída ao Mestre Ataíde, entre 1801 e 1812.

Época de Construção da Edificação

Século XIX (Ano provável: 1804-1898)

Época de Construção do Forro

Século XIX

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

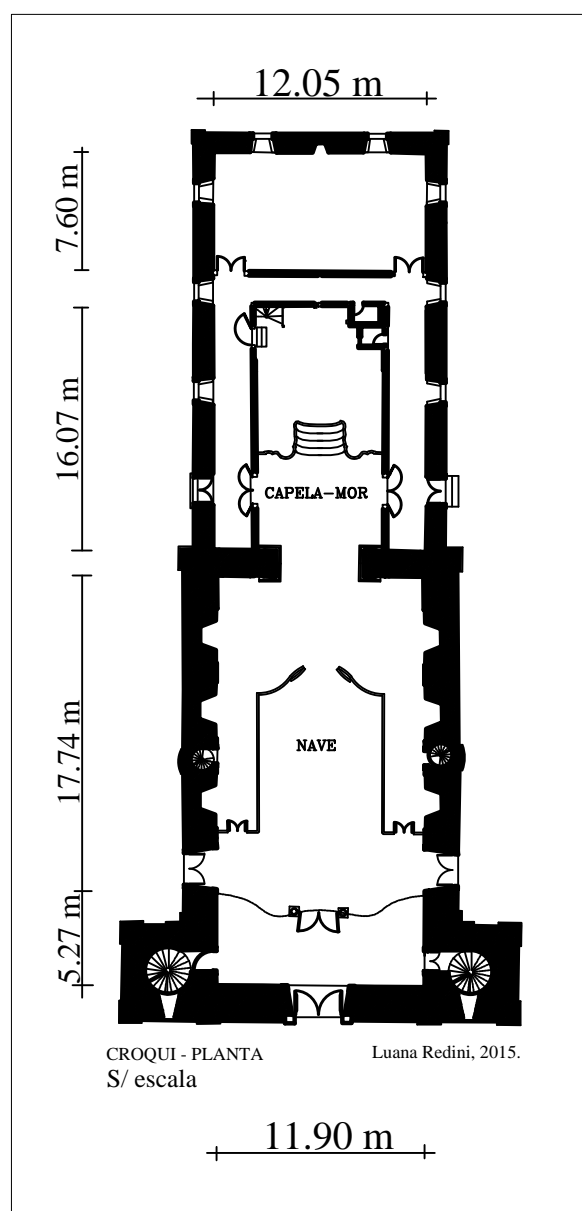
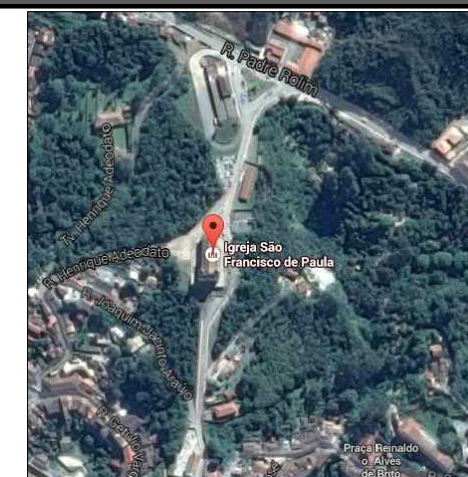
Endereço

Rua: Teixeira Amaral, s/nº, Centro, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

 Paróquia Nossa Senhora do Pilar
 Tel: (31) 3551-4736
 ouropretoparoquiadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização

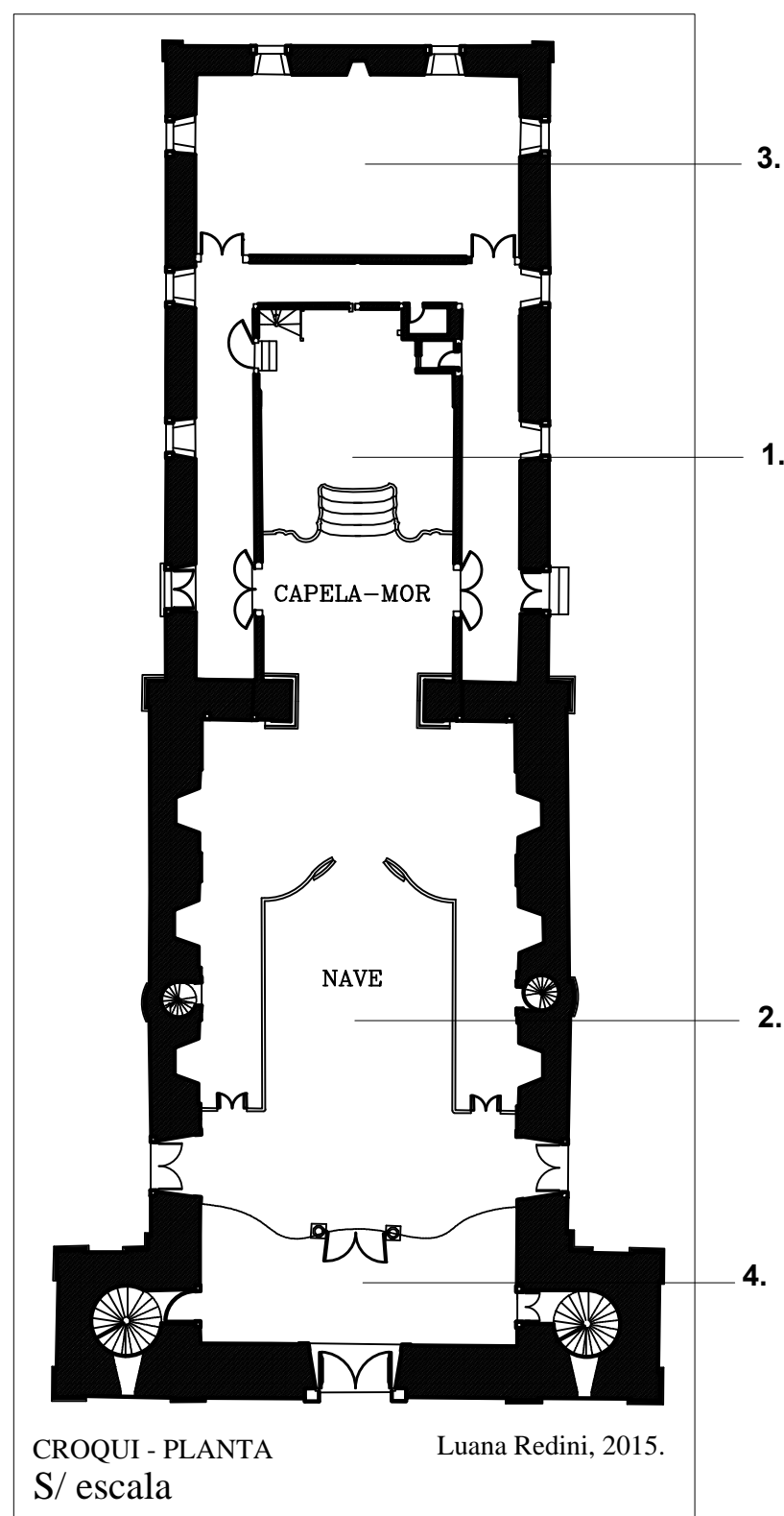


Breve Histórico da Edificação

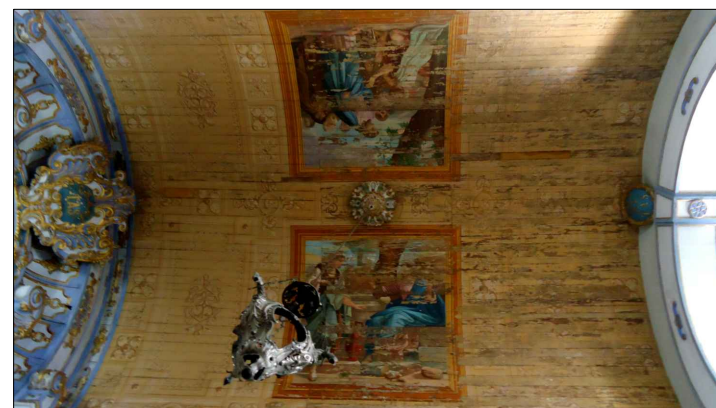
Originalmente, São Francisco de Paula era uma confraria inserida na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias e posteriormente foi transformada em ordem terceira, representando os mulatos e os crioulos abastados. A Igreja São Francisco de Paula foi construída entre os anos 1804 e 1878, inicialmente projetada pelo Sargento-mor Francisco Machado da Cruz, a capela-mor foi edificada pelo Mestre Felipe Eugênio e em 1834 o contrato foi reajustado com o Capitão-mor Francisco Machado da Cruz para o arremate das obras. Segundo a historiadora CAMPOS, Adalgisa, em Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Tratos Culturais/ Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, pag. 49, por este motivo a igreja apresenta formas lineares próprias do Neoclassicismo. A construção da nave aconteceu entre os anos 1857 e 1878. O Governo Provincial contribuiu para a realização de algumas intervenções ao longo do século XIX. Em 1935, o antigo DPHAN, atual IPHAN, observou a necessidade de obras de restauração. Houveram intervenções na cobertura em 1948 e outras demais em 1954 e 1970. Em 08 de setembro de 1939, a capela foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

 Autora: Luana L. Safar Redini
 Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO
2015
FOLHA
1/2



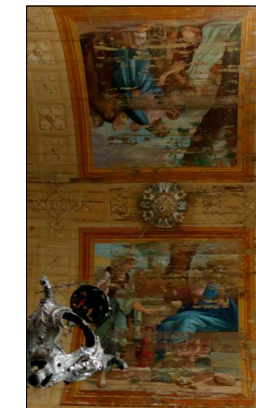
1. Forro abobadado em madeira



2. Forro plano em madeira



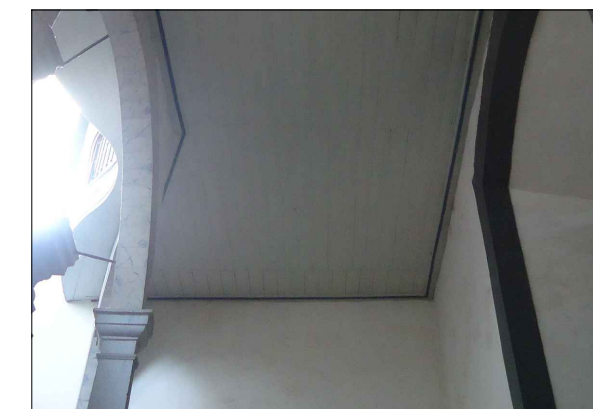
Detalhe capela-mor



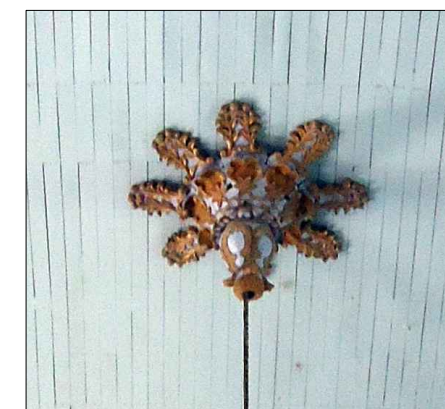
3. Forro plano em madeira tipo saia-e-camisa



4. Forro plano em madeira



Detalhe nave



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: abobadado em tabuado de madeira com duas pinturas iconográficas de passagens bíblicas.
2. Forro nave: plano em tábuas de largura média em madeira, pintado de azul claro. Na saída da fição do lustre há um arremate em talha de madeira com elementos fitomórficos e *rocailles* representados. Arremate em cimalthas perimetrais de madeira, pintadas de branco.
3. Forro sacristia: plano em madeira tipo saia e camisa pintado de bege.
4. Forro nártex: plano em tabuado estreito de madeira tipo junta-seca pintado de branco. Arremate em friso perimetral da cor azul escuro.

INVENTÁRIO DOS FORROS DAS EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS HISTÓRICAS DE OURO PRETO

IGREJA DE SÃO JOSÉ DOS PARDOS

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1755)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

Endereço

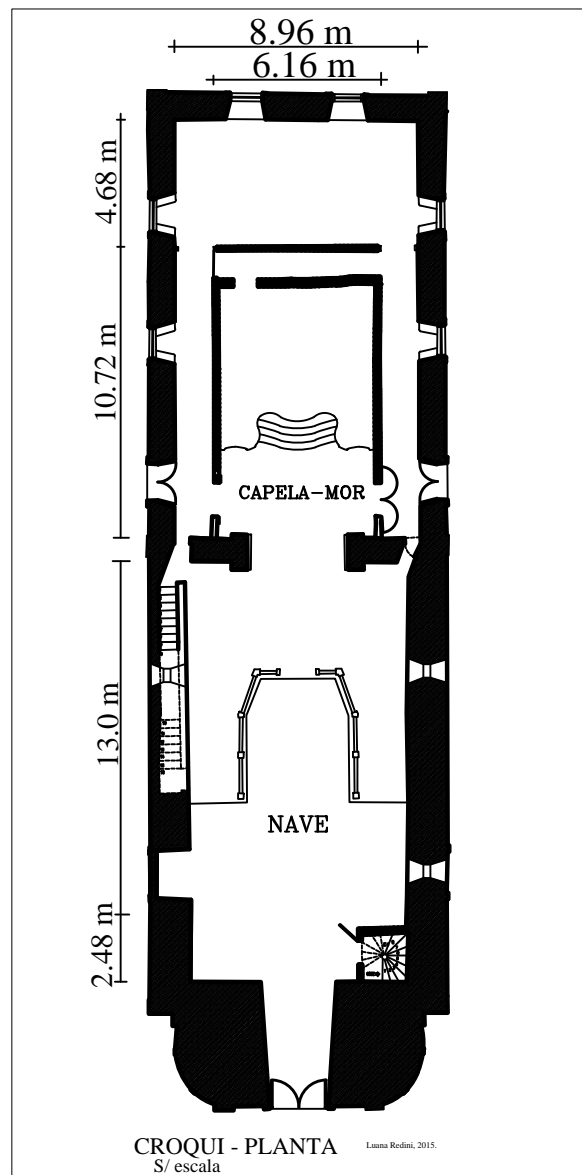
Rua: Teixeira Amaral, s/nº, Largo do Coimbra, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Sr. Mário

Paróquia Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3551-4736 / (31) 8604-7313
ouropretoparoadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

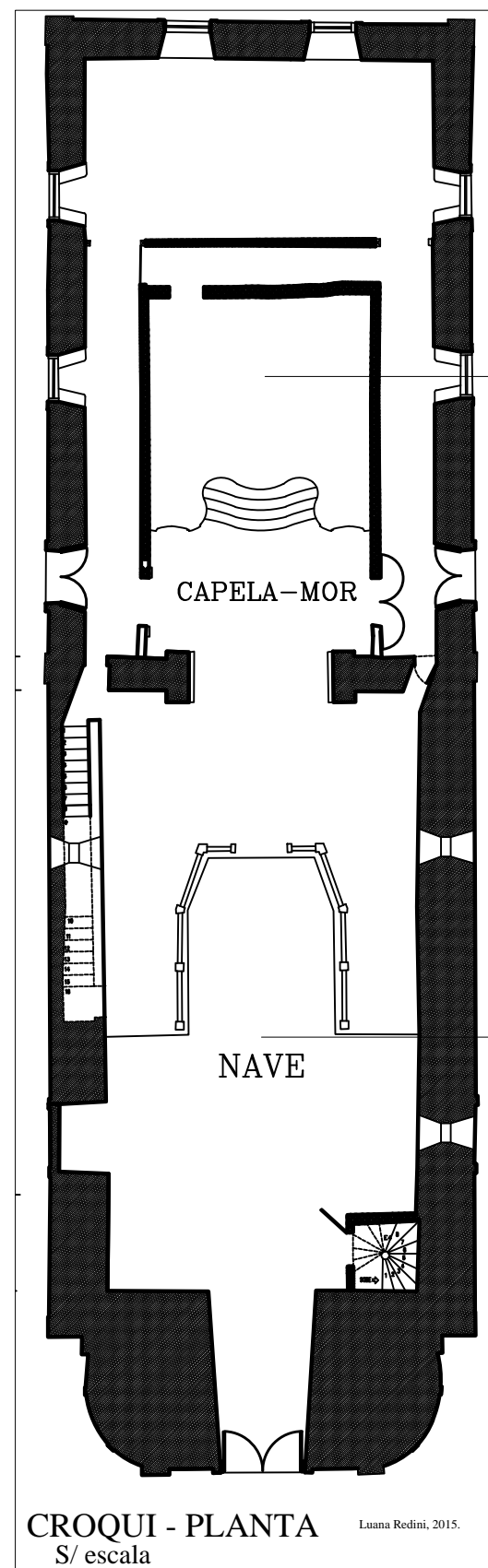
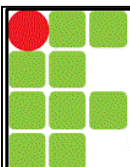
A Irmandade de São José dos Bem Casados foi estabelecida formalmente em meados de 1730 e era formada por pardos, em sua maioria, artistas liberais (CAMPOS, Adalgisa. *Roteiro Sagrado: monumentos religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, pág.43) . A data de construção da igreja de São José é indeterminada por falta de documentação, entretanto, foram encontrados recibos das obras entre os anos 1775 e 1779, sendo possível supor que os trabalhos do grosso da obra foram finalizados em meados de 1779. A talha da capela-mor foi executada por Lourenço Rodrigues de Sousa a partir de 1778, a partir dos desenhos desenvolvidos em 1772 por Aleijadinho (Livro do Tesoureiro da Irmandade de São José, fl. 40) . As obras do frontispício foram contratadas em 1810, por Miguel Moreira e em 1885. A igreja passou por intervenção no altar - douramento e pintura (BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, págs. 90 e 91) . As obras do madeiramento da cobertura e muro de arrimo foram executadas em 1785. O Imperador Dom Pedro I, concedeu-lhe o título de Imperial capela de São José em 22 de março de 1889. Após a Proclamação da República, o título foi suprimido. Em 08 de setembro de 1939, a igreja foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN. Esta passou por intervenções nos anos 1855, 1862, 1885, 1889, 1895, 1889, 1895, 1901, 1947, 1954, 1983, 1995-2002, 2002 (forro restaurado pela FAOP- Fundação de Arte de Ouro preto) e 2012.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

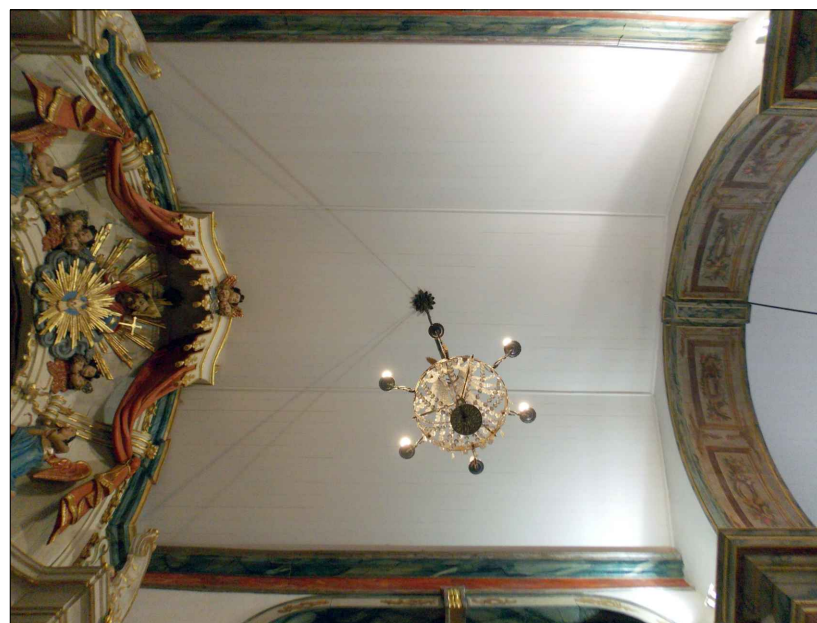
FORRO

2015

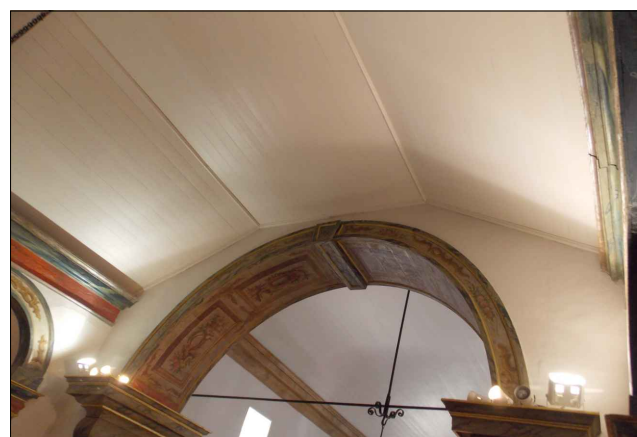
FOLHA
1/3



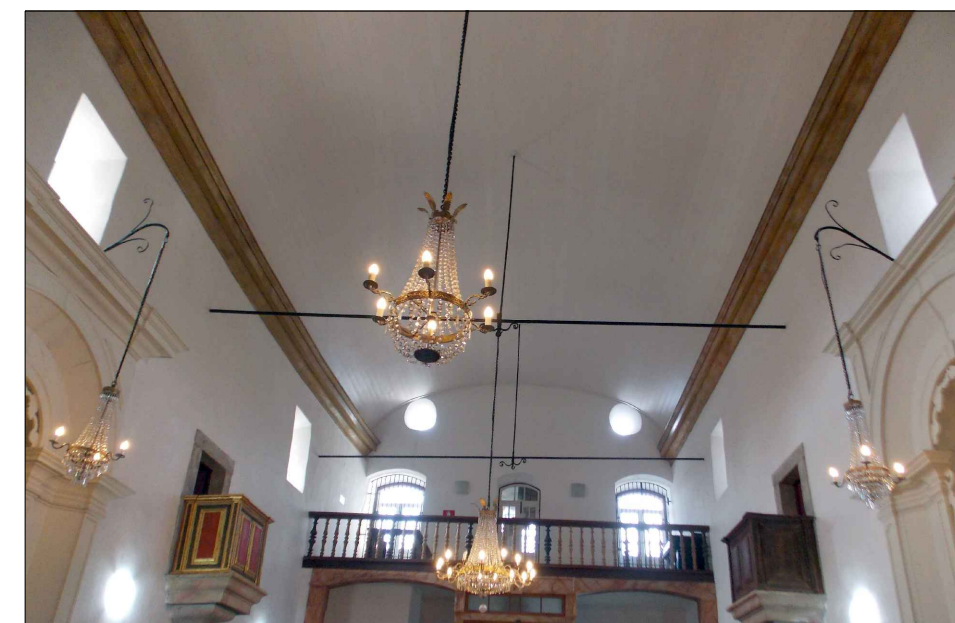
1. Forro abobadado em madeira



Detalhe forro capela-mor



2. Forro abobadado em madeira



Detalhe forro nave

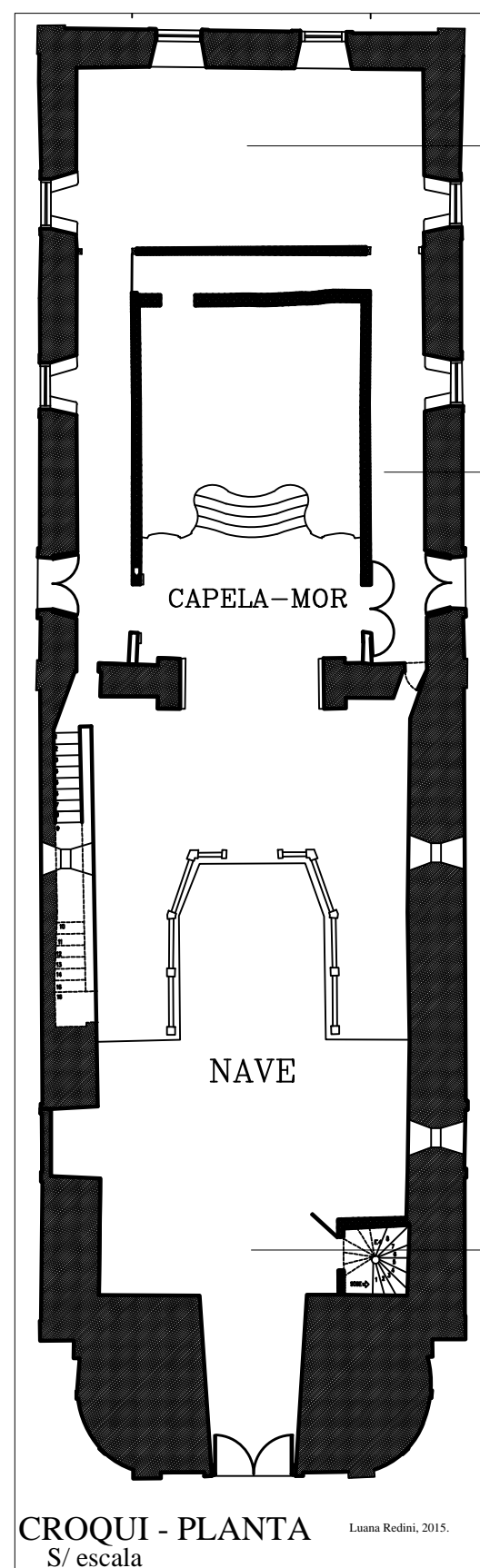
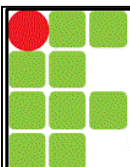


Descrição do forro

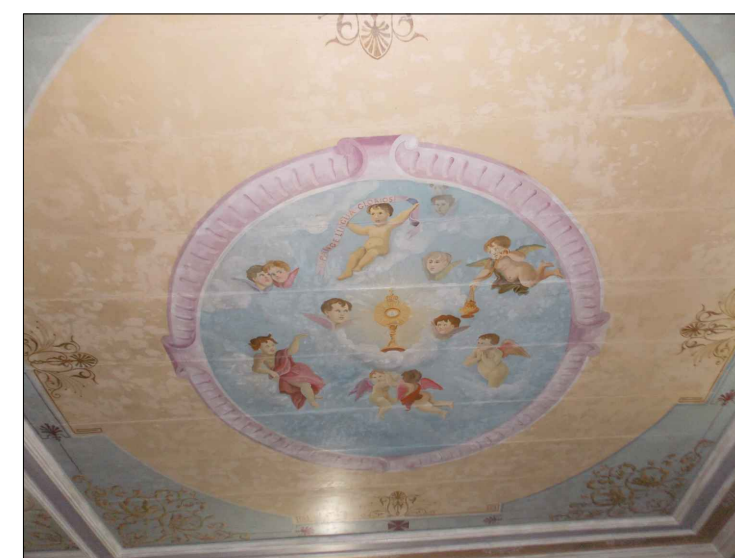
- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: em abóbada trifacetada, composto por tábuas de espessura média em madeira, pintado de branco, arrematado por sanca com perfil de cimalha pintada com mármore fingido.

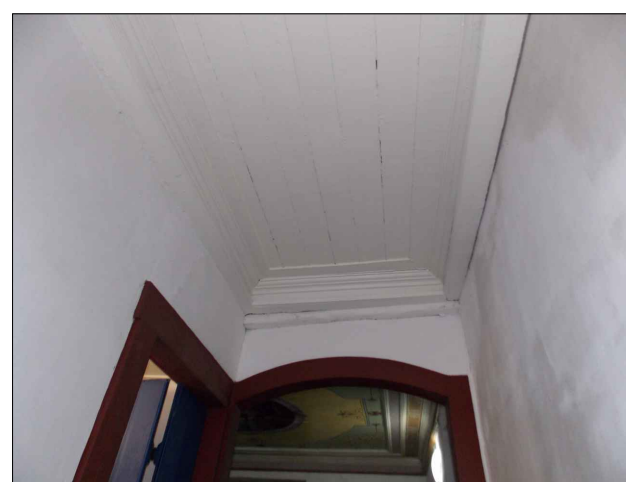
2. Forro nave: abobadado, composto por tábuas de espessura média em madeira pintado de branco, arrematado por sanca com perfil de cimalha pintada com mármore fingido.



1. Forro plano em madeira



2. Forro plano em madeira



3. Forro plano em madeira



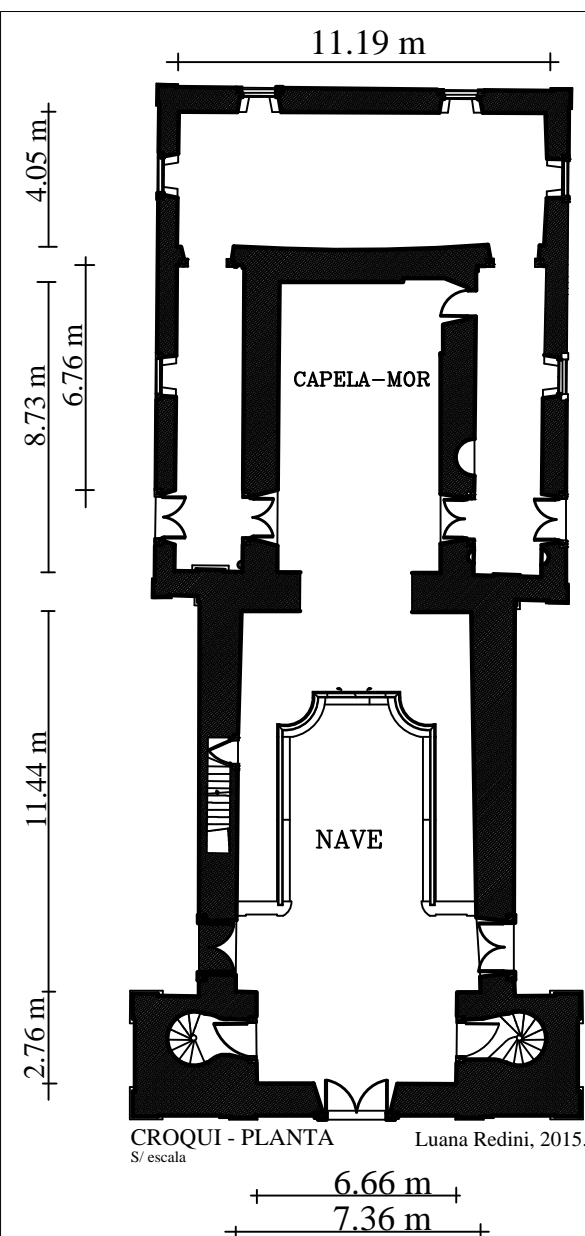
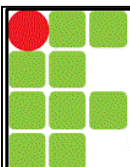
Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro sacristia: plano em madeira com a pintura de dois medalhões com representações da iconografia bíblica (um com o cálice e a hóstia com anjos, querubins e a inscrição "*Pange língua glórios!*") e outro com uma passagem e alguns elementos como a tábua dos dez mandamentos) . Todo o forro é emoldurado por dois frisos brancos em estuque, apresenta pinturas de temas florais e é arrematado por frisos e sanca com perfil de cimalha.

2. Forros corredores laterais: forro plano em tabuado estreito de madeira, em junta-seca, pintado de branco com arremate em cimalthas perimetrais.

3. Forro nártex: forro plano de junta-seca em ripas estreitas de madeira, em junta-seca, pintado de branco.



IGREJA BOM JESUS DE
MATOSINHOS

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano aprox. 1778)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

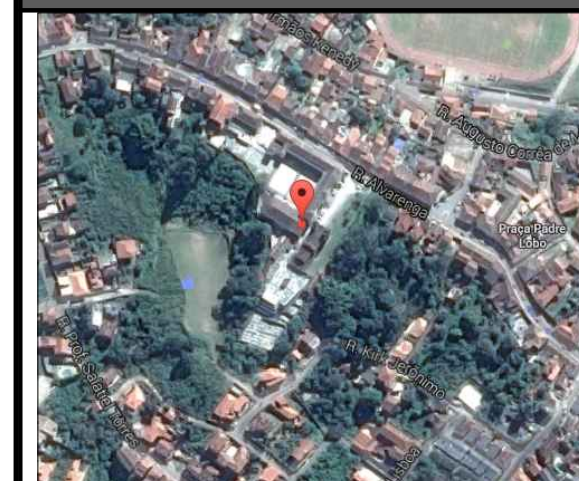
Endereço

Rua: Alvarenga, s/nº, Cabeças, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

Paróquia Nossa Senhora do Pilar
Tel: (31) 3551-4736
ouropretoparoquiadopilar@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

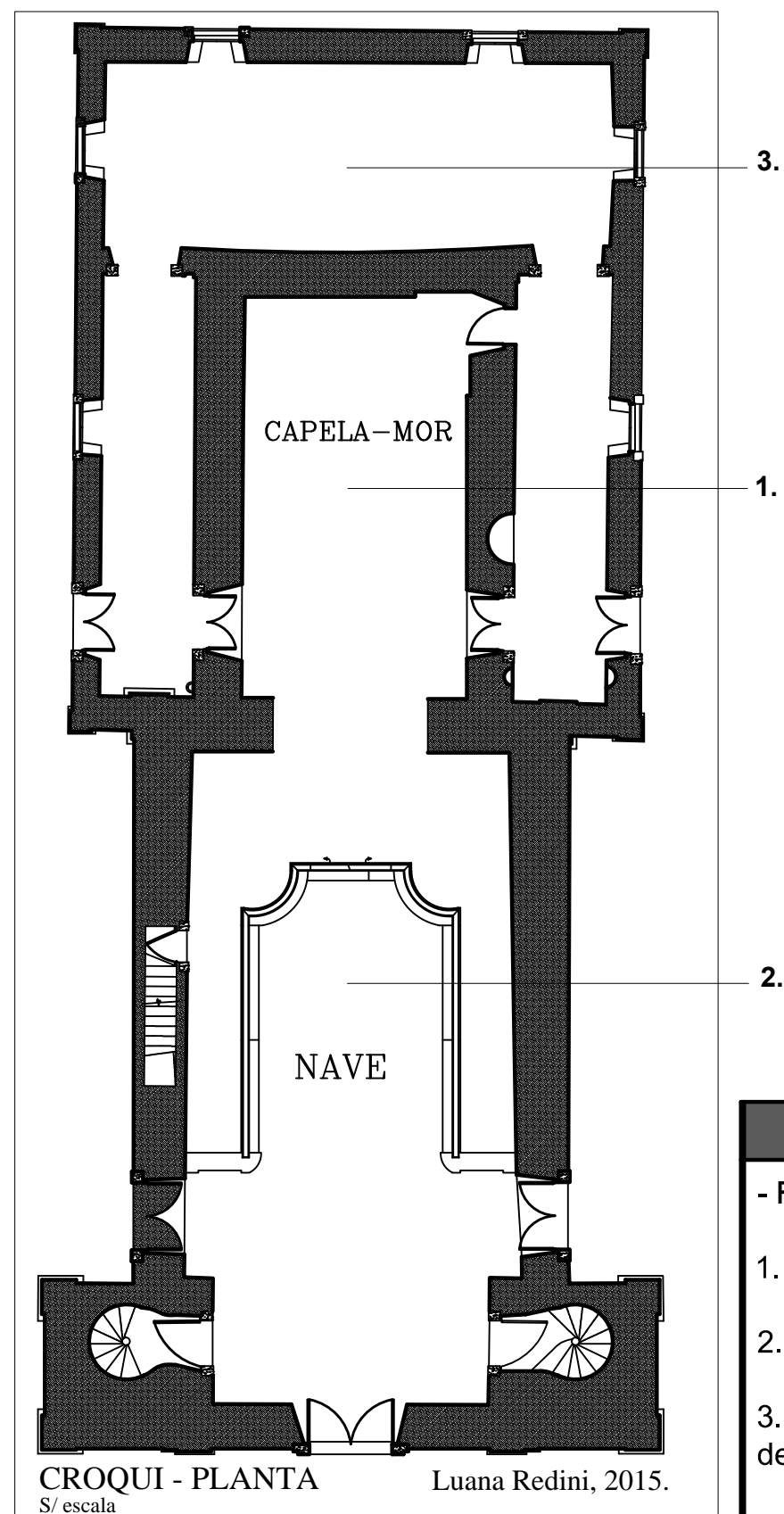
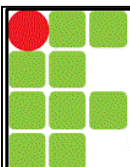
Segundo documentos encontrados por Francisco Antônio Lopes, que posteriormente veio editar um livro sobre a igreja de Bom Jesus de Matosinhos, a Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro decidiu construir em 1754, uma confraria autônoma em Ouro Preto. A nova capela seria erguida seguindo os traços de um dos seus irmãos, Manuel Francisco Lisboa, projeto este aprovado em 1766. João Alvares Viana foi o arrematador da obra em 14 de setembro do mesmo ano. Os arremates do madeiramento da capela-mor foram realizados em 1769 e da nave em 1778. Em 1771, Francisco de Lima Cerqueira assina procuração para se encarregar das esculturas, entretanto, BAZIN, Germain, em *A Arquitetura Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, pág 91, sugere que a autoria da escultura em pedra sabão da portada seja de Aleijadinho, devido à semelhança no traçado. A igreja passou por intervenções nos anos: 1855, 1874, 1879, 1935, 1947, 1949, 1954, 1958, 1977, 1979, 198 e em, 2007 a 2009. Em 2010 foi constatada a instabilidade do forro da nave, entretanto, até a data atual não houveram nova obra de restauro. Em 08 de setembro de 1939, a igreja foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

2015

FOLHA
1/2



1. Forro abobadado em madeira



2. Estrutura do forro abobadado em caibro armado de madeira



3. Forro plano em madeira



4. Detalhe forro capela-mor



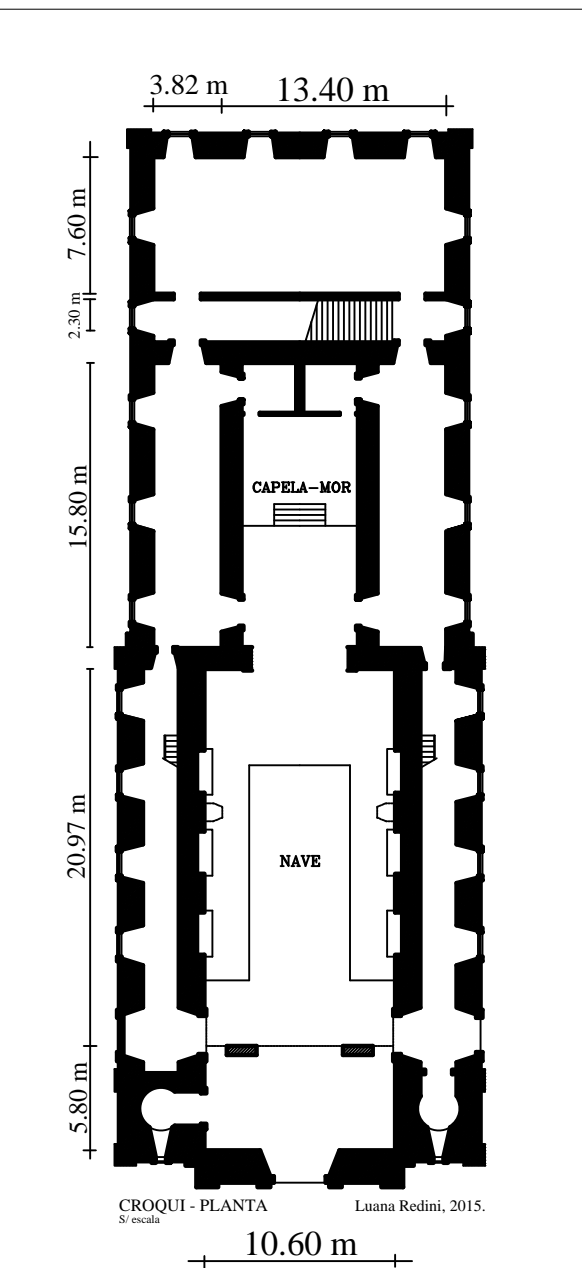
5. Detalhe forro nave



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: forro abobadado em madeira, pintado de branco e com representação pictórica de temas florais ao centro
2. Forro nave: sem forro, com estrutura de caibro armado de madeira aparente.
3. Forro sacristia: forro plano em tabuado estreito de madeira, tipo junta-seca, pintado de azul claro e com representação pictórica de temas *rocailles* no centro. Cimalhas perimetrais.



IGREJA MATRIZ DE N.
SRA. DA CONCEIÇÃO

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1707)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

Endereço

Praça Antônio Dias, nº 9, Ouro Preto /
MG.

Responsável / Zelador

Paróquia Nossa Senhora da Conceição
Tel: (31) 3551-3282
santuarioarqnscc@yahoo.com.br

Mapa de Localização



Breve Histórico da Edificação

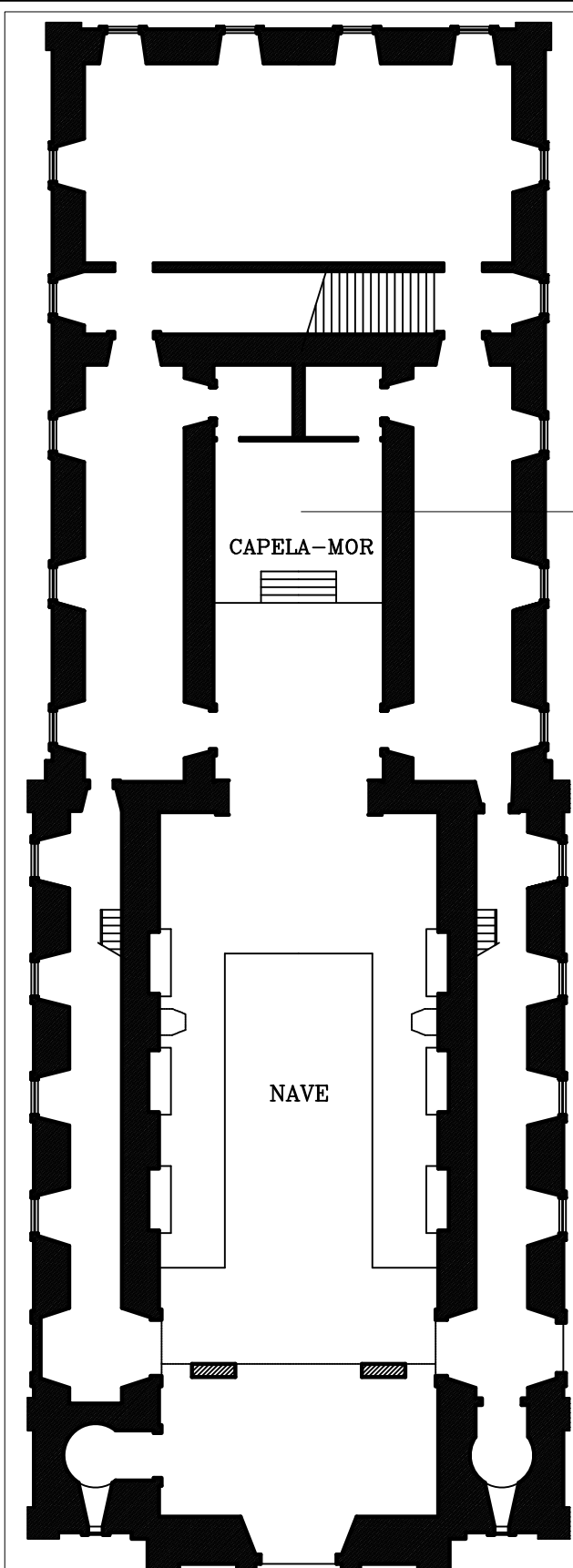
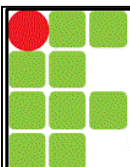
A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias foi concebida em 1707 e se estenderam até meados do século XVIII (MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e irmandades de Ouro Preto* - notas de Ivo Porto de Menezes In: Publicações do IEPHA. 1 (1975) : 60-7 e 135-7 (notas) . O mestre de obras Manuel Francisco Lisboa projetou e iniciou sua construção em 1727. Os livros da Irmandade do Santíssimo Sacramento foram perdidos e com isto, restaram poucas informações a respeito da história da Igreja. Sabe-se a partir dos registros da irmandade de N. Sra. Da Conceição que em 15 de dezembro de 1738 foi construída a sacristia e que entre 1739 e 1740 o forro da sacristia foi montado por Manuel Francisco Lisboa. A credência foi pintada em 1741 por José Martins e em 1745, uma das paredes da igreja teve que ser reconstruída por problemas estruturais. Em 1752-1753 foi feito o conserto do telhado pelo Pedreiro Antônio Rodrigues (BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, pág. 76) . Houveram intervenções em 1854 (frontispício) , 1980, 2008 e atualmente, em 2015 a igreja de Nossa Senhora da Conceição, através de verba ofertada pelo PAC Cidades Históricas (Programa do Governo Federal) . A edificação é tombada dentro do perímetro federal.

Autora: Luana L. Safar Redini
Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO

2015

FOLHA
1/3



CROQUI - PLANTA
S/escala

Luana Redini, 2015.

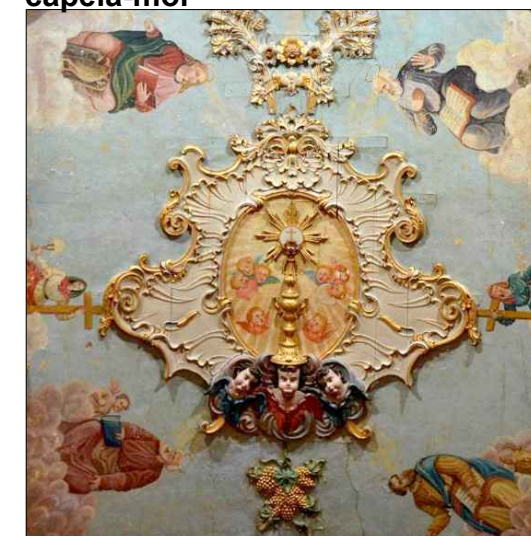
1. Forro abobadado em estuque



Detalhe forro capela-mor



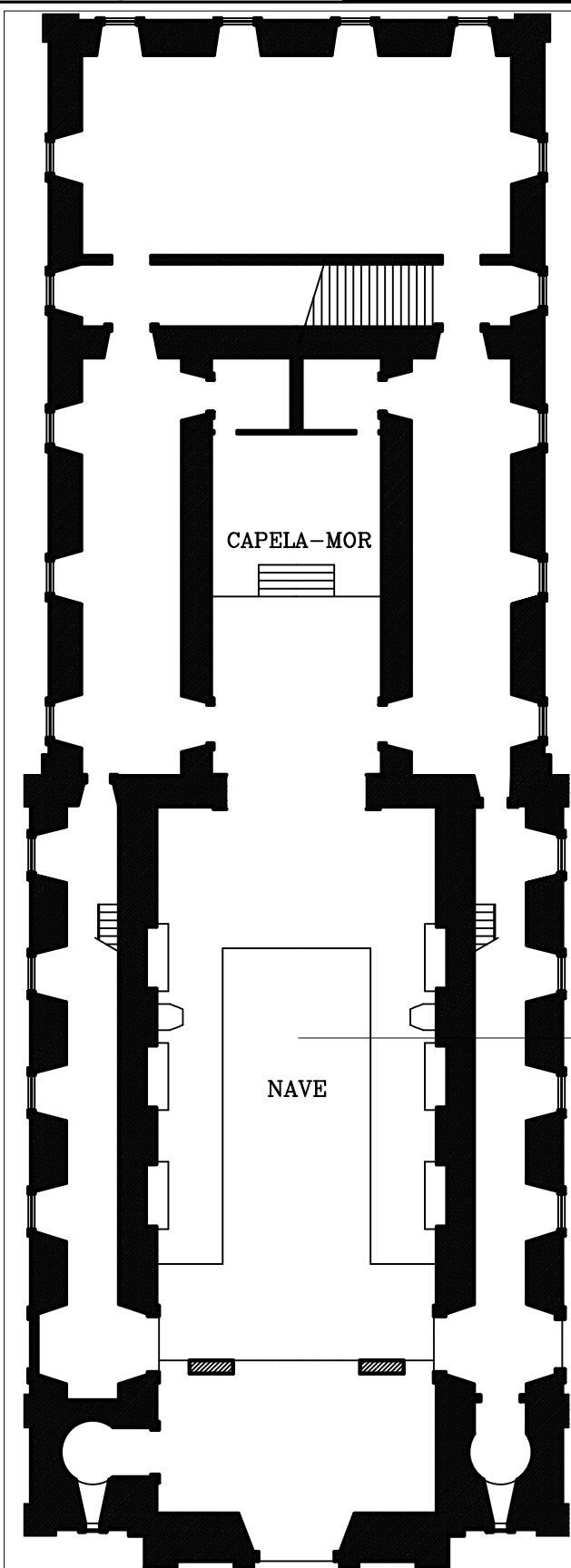
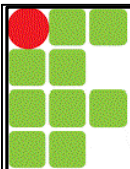
Detalhe medalhão central forro
capela-mor



Descrição do forro

Forros (tetos) :

1. Forro capela-mor: abóbada de berço, em estuque com representação pictórica dos quatro evangelistas e os seus respectivos elementos iconográficos nas extremidades: João (a águia) , Mateus (o anjo) , Lucas (o touro) e Marcos (o leão. Envoltos em molduras ovaladas em estuque estão os quatro doutores da Igreja: Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Gregório Magno e São Jerônimo . O medalhão central, com moldura em volutas, possui a representação simbólica do cordeiro místico, os martírios da Paixão, os atributos papais e os Mandamentos da Lei de Deus. A data da pintura é de 1833 e a autoria é atribuída a Lourenço Petriza (CAMPOS, Adalgisa. *Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto* Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, págs. 58-59.



CROQUI - PLANTA
S/ escala

Luana Redini, 2015.

1. Forro abobadado em tabuado de madeira



Descrição do forro

Forros (tetos) :

1. Forro nave: abobadado em tábuas de madeira de largura média e pintado de branco. Arremate em sanca espessa de pedra sabão de tonalidade bege. Junção entre tábuas do tipo junta-seca.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1712)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

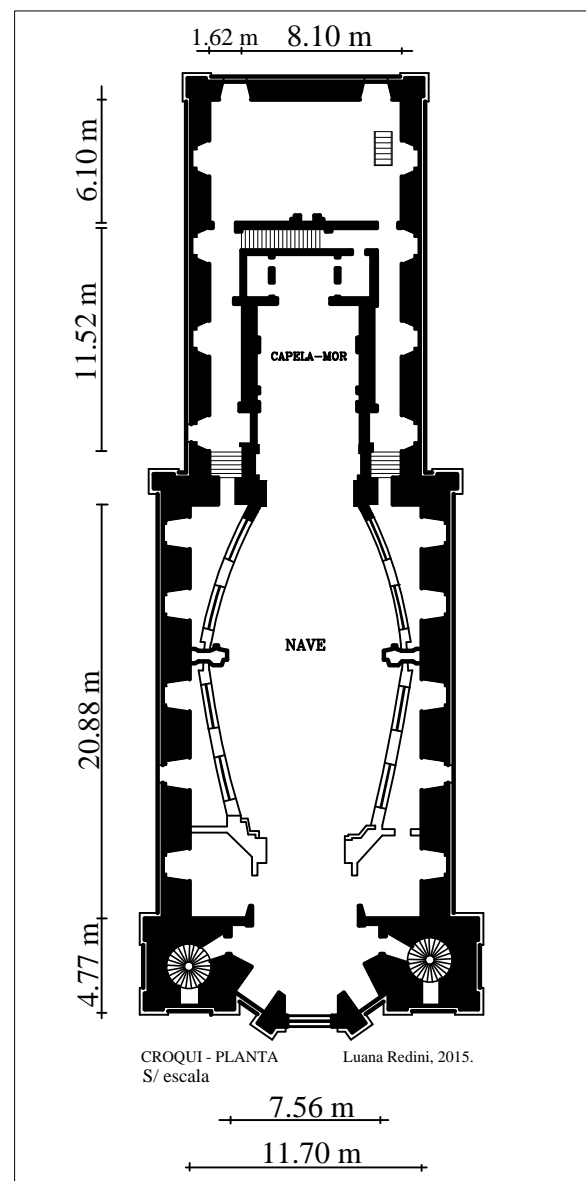
Endereço

 Praça Monsenhor Castilho Horta, s/nº,
 Pilar, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

 Sr. Mário dos Santos Ansaloni
 Paróquia de Nossa Senhora do Pilar
 Tel: (31) 3551- 4736
 ouropretoparquiadopilar@yahoo.com.br

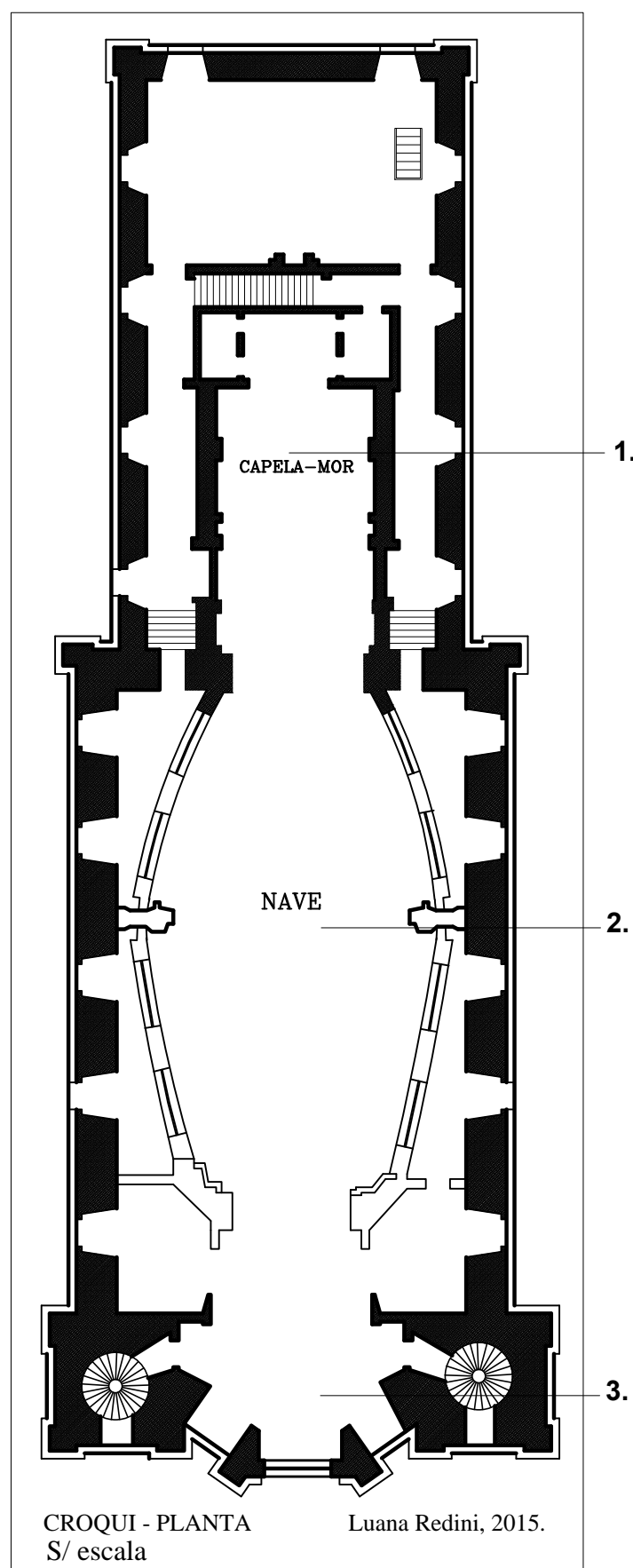
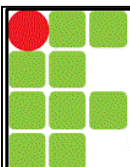
Mapa de Localização


Breve Histórico da Edificação

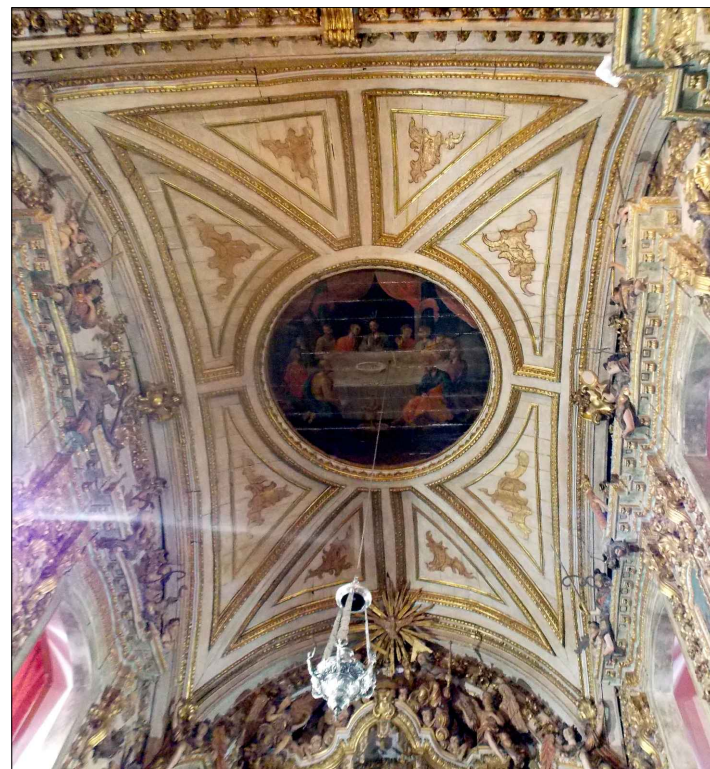
Há documentação que comprova que a primitiva capela de Nossa Senhora do Pilar já existia em 1712, não sendo possível precisar sua data de construção. Em 1724 esta foi elevada à paróquia e em meados da década de 1720 foi executado o desenho da parte externa pelo Sargento-mor Engenheiro Pedro Gomes, arrematado por João Francisco Oliveira. Em 1730 foi optado por demolir a primitiva capela e outra foi construída por João Francisco Oliveira, já em 1731 com estrutura maior e mais resistente. A construção teve início pela nave e nos anos seguintes foram feitos os forros, assoalhos, cimbalhas e pés direitos (1736). As obras se estenderam até 1752. Na década de 1930 foram colocadas tesouras de ferro laminadas no telhado e aplicação de ferro e concreto na estrutura deste. Em 1939 ocorreu o tombamento pelo IPHAN, a nível federal. Na década de 1940 foram feitas revisões no projeto elétrico da Igreja e em 1951 e 1961 houveram reformas no telhado. Nos anos 1963 e 1964 os forros do consistório e da sacristia foram reconstituídos. Entre os anos 1952 e 1965 foram executados douramentos e pintura na parte interna da Igreja do Pilar. A Matriz que também é tombada pelo IEPHA. As fachadas foram repintadas as cantaria passaram por processo de limpeza em 2010. No dia 1º de dezembro de 2012 a Matriz foi elevada à Basílica Menor. Segundo CAMPOS, Adalgisa, em *Roteiro Sagrado: Monumentos Religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais / Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000, págs. 12-13, a carpintaria nos forros, cimbalha real e pés direitos foi executada por Antônio Francisco Pombal, provavelmente entre os anos de 1721 e 1745, já que em documentação firmada em 1736 aparece os dados acordados na execução do forro poligonal da nave.

 Autora: Luana L. Safar Redini
 Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

FORRO
2015
FOLHA
1/3



1. Forro abobadado em madeira



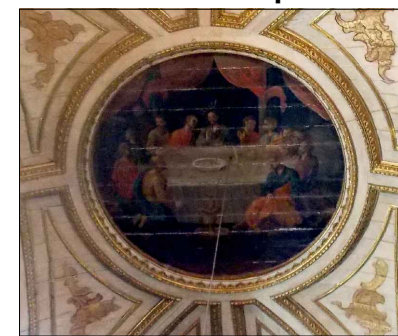
2. Forro plano no centro e curvo nas extremidades, em madeira



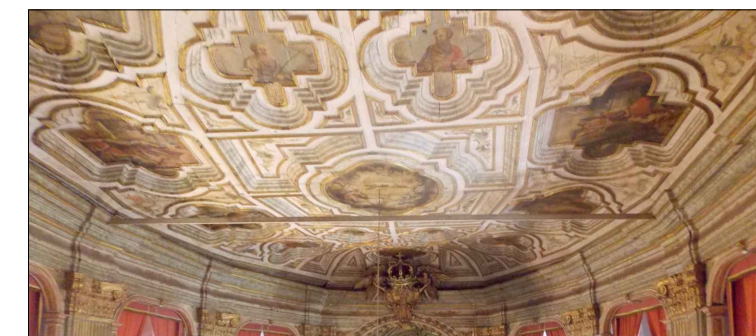
3. Forro plano em madeira



Detalhes forro capela-mor



Detalhe forro nave



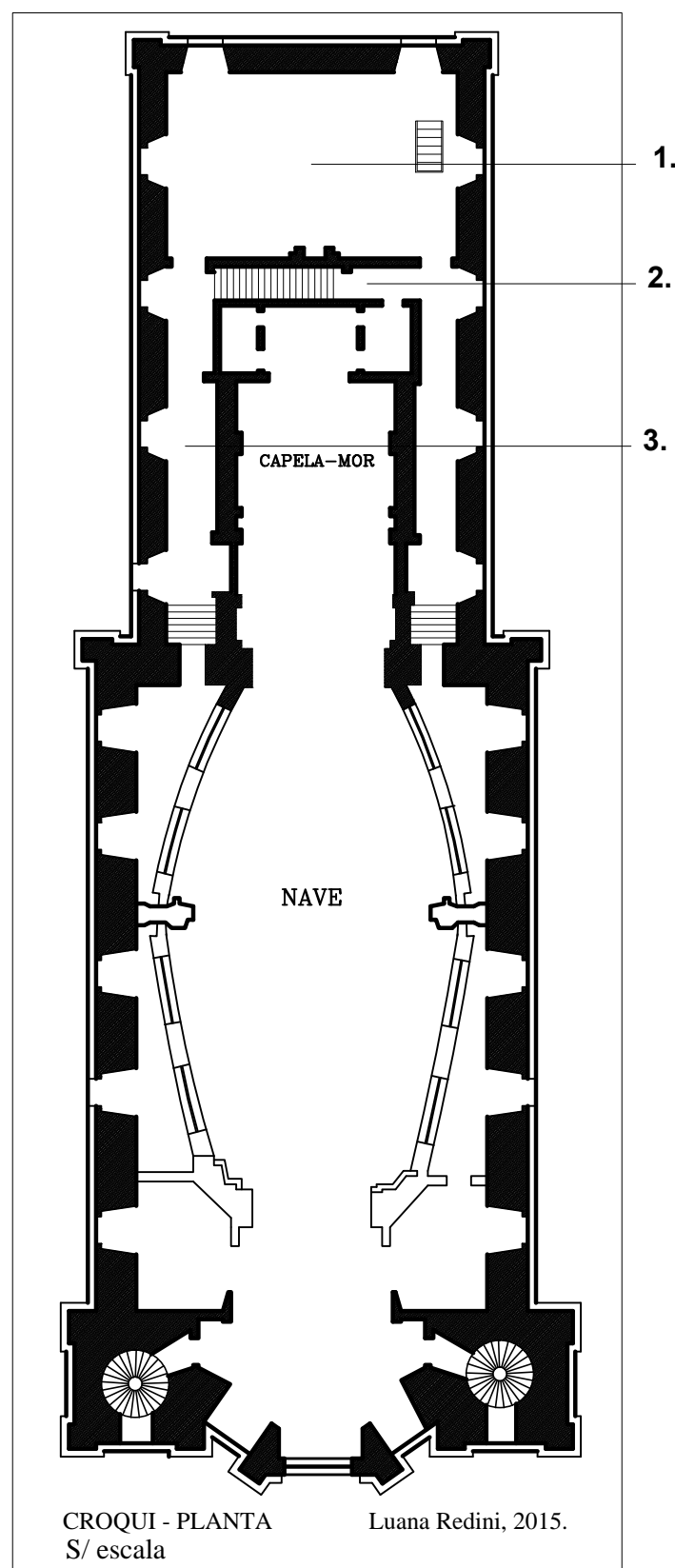
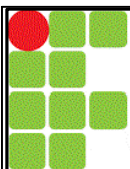
Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

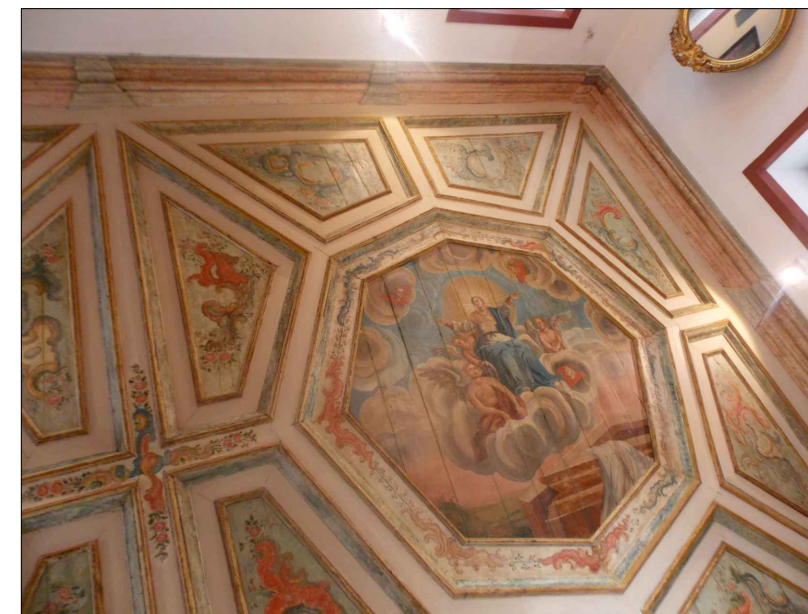
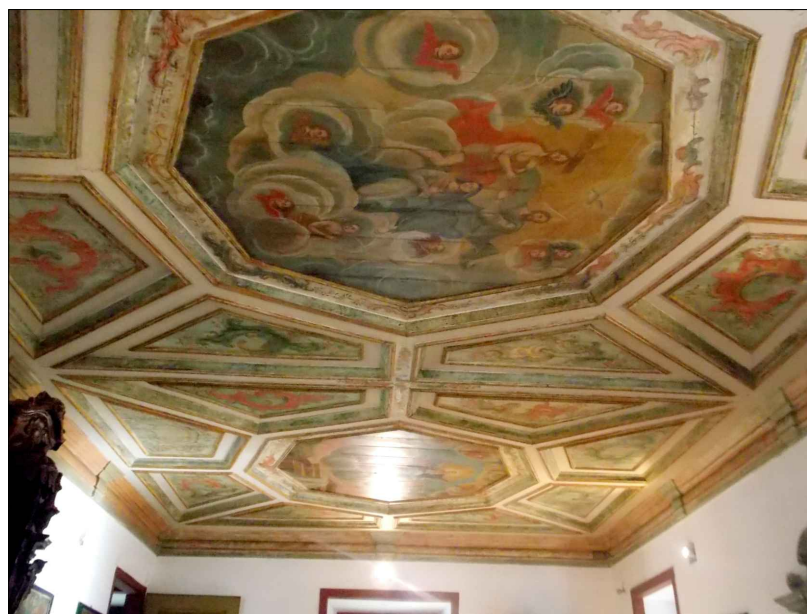
1. Forro capela-mor: em abóbada de barrete de clérigo artesoado, composto por ripas de madeira montadas e pintadas de forma a criar ilusão de ótica, fazendo a cobertura assemelhar-se a uma abóbada de leque, ornado com molduras em estuque e representação pictórica da Santa Ceia em um medalhão central de madeira e elementos *rocailles* nos espaços vazios. Segundo o historiador BASTOS, Rodrigo, em sua tese de doutorado, "*A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)*". São Paulo: FAUUSP, pág. 191, afirma que havia um zimbório em figura sextavada localizado no lugar do atual óculo de madeira, e que fora demolido e substituído após dezesseis anos de severas infiltrações. Ainda segundo BASTOS, o "zimbório era elemento comum na arquitetura europeia, geralmente alçado por cima de cúpulas e abóbadas que recobriam altares e capelas, permitindo a entrada de luz zenital, um símbolo da ressurreição de Cristo". BAZIN, Germain, em *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, pag. 81, cita que o elemento foi retirado por Elias Xavier da Silva em 12 de agosto de 1770.

2. Forro nave: sanquado, artesoado, com curvatura nos cantos e plano no centro, sendo composto por uma série de 15 caixotões profundos delineados em curvas e retas formando medalhões em médio relevo, sendo 15 painéis com representações de personagens e temas do antigo testamento, referentes à "expectativa messiânica". O medalhão central de moldura destacada pelo maior relevo em relação às demais, marmorizada e de frisos dourados representa o "Agnus Dei" com a imagem do cordeiro sobre uma cruz. No canto próximo ao arco-cruzeiro há uma pintura de *Adoração Eucarística* representando uma missão gloriosa ao centro. O risco chanfrado da nave de autoria do Mestre Antônio da Silva possui ainda elementos *rocailles* pintados em espaços menores intermediários..

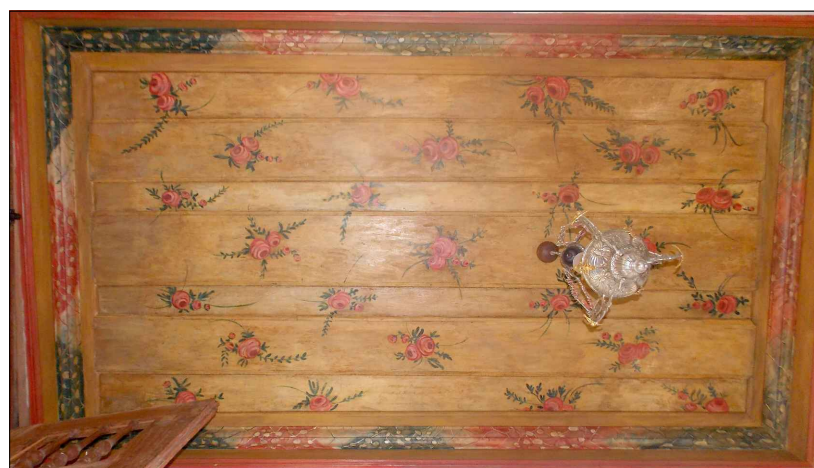
3. Forro nártex: plano tipo junta-seca em madeira pintado de azul claro.



1. Forro plano em madeira



2. Forro plano tipo saia-e-camisa em madeira



3. Forros corredores laterais



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro sacristia: plano, artesoado em madeira formado por molduras de dezoito painéis, sendo dois deles poligonais com pinturas de iconografia bíblica mariana ao centro, e outros menores em volta com pinturas *rocailles*. Cimalhas perimetrais.
2. Forro capela do santíssimo: plano, tipo saia e camisa com pinturas de temas florais sobre a base em madeira arrematado com frisos e cimalhas perimetrais.
3. Forros corredores laterais: planos com molduras em madeira e pintados de branco com frisos e cimalhas perimetrais.

Época de Construção da Edificação

Século XVIII (Ano provável: 1730-1790)

Época de Construção do Forro

Século XVIII

Propriedade

Arquidiocese de Mariana

Endereço

Rua: Santa Efigênia, s/nº, Ouro Preto / MG.

Responsável / Zelador

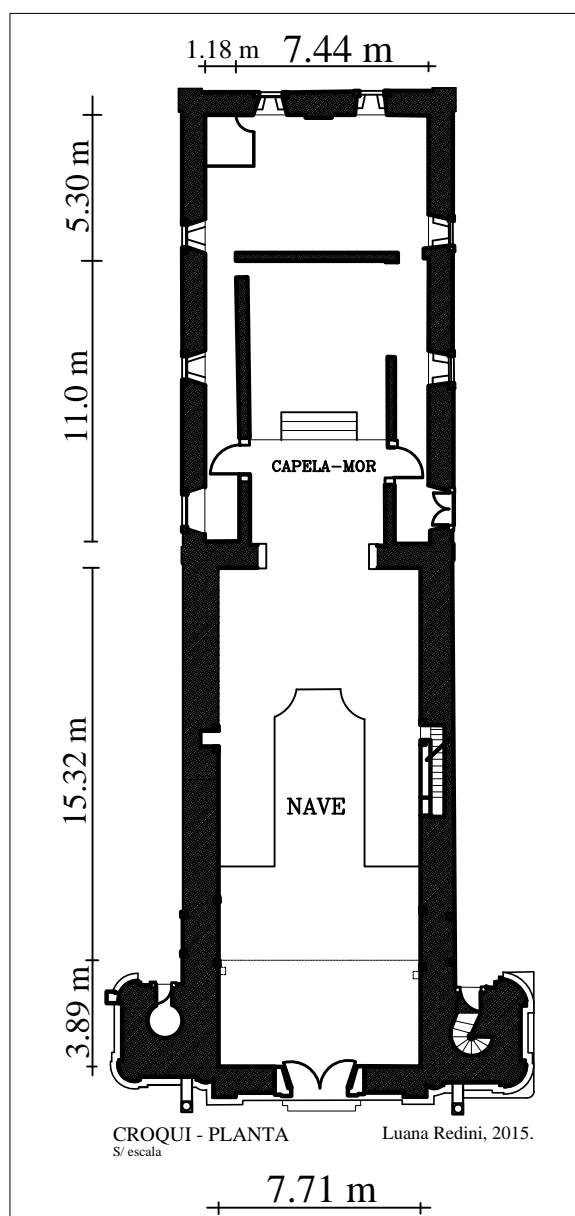
Sr. Jair Nascimento Santos

Paróquia Santa Efigênia

Tel: (31) 3551-5047

paroquiasantaefigenia@yahoo.com.br

Mapa de Localização

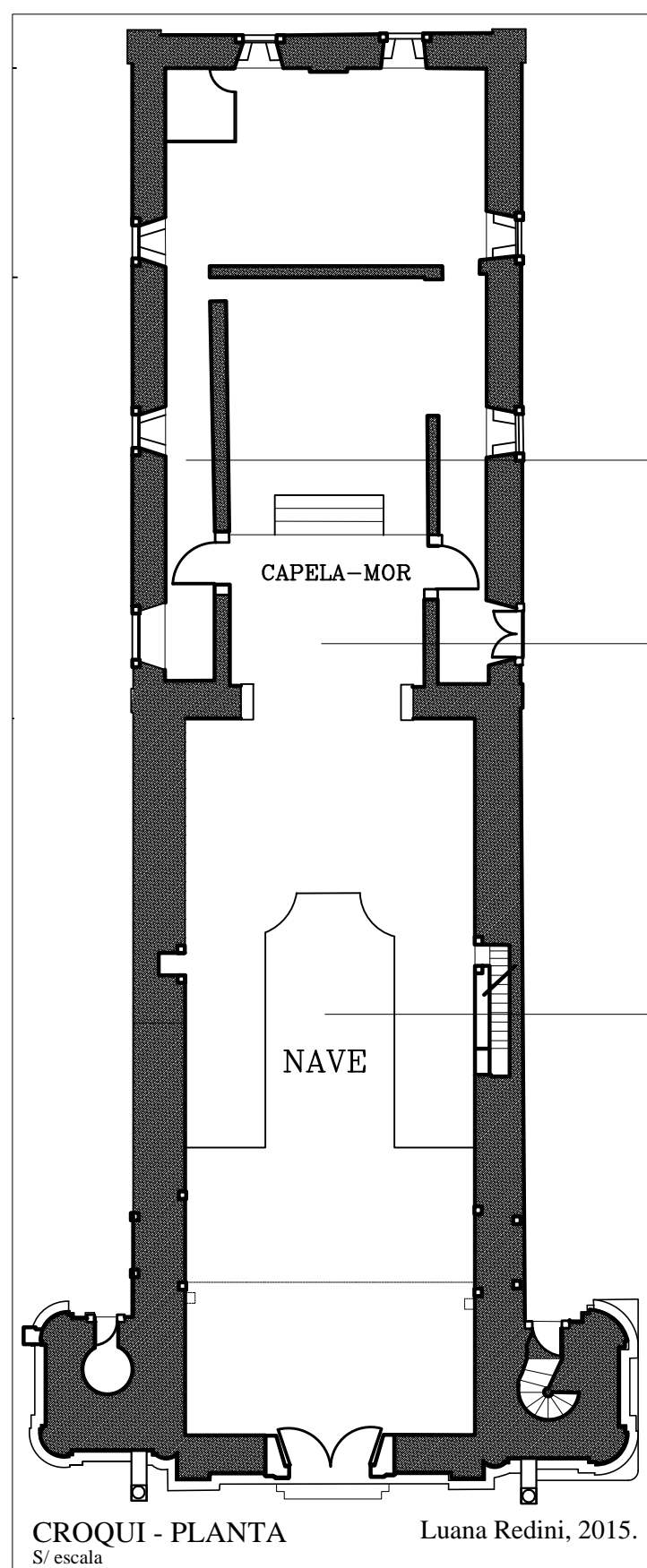
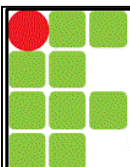


Breve Histórico da Edificação

A antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da capela da Cruz do Alto do Padre Faria decide edificar a capela de pedra de Santa Efigênia para substituir a anterior de taipa e segundo consta em documentação, a obra foi arrematada em 1733 por Antônio Coelho da Fonseca. Segundo o livro de despesas do ano fiscal de 1743-1744, Manuel Francisco Lisboa participou ativamente dos trabalhos realizados. Felipe Vieira executou as obras do forro da capela-mor em 1754. Antônio da Silva foi o responsável pela execução do apontamento para o forro da nave e em 1767, Henrique Gomes de Brito recebeu pagamento pela cobertura. Ao que indica a inscrição na cruz sobre o frontispício, as obras foram concluídas em meados de 1785 (BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956, págs. 84 e 85). A igreja de Santa Efigênia passou por diversas intervenções e obras de restauro ao longo dos séculos XIX e XX. Informa o Inventário feito pela Secretaria de Patrimônio da Prefeitura de Ouro Preto que na década de 60, em obra realizada pelo IPHAN, foram retiradas as sucessivas camadas de pinturas dos forros da capela-mor e nave para a recuperação de seu original. Em 08 de setembro de 1939, a igreja foi tombada a nível federal, incluindo todo seu acervo, assim descrito na Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN.

 Autora: Luana L. Safar Redini
 Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas

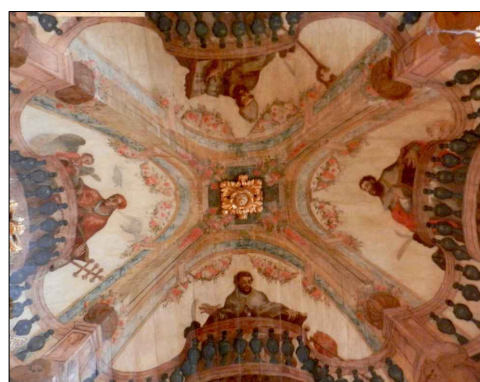
FORRO
2015
FOLHA
1/3



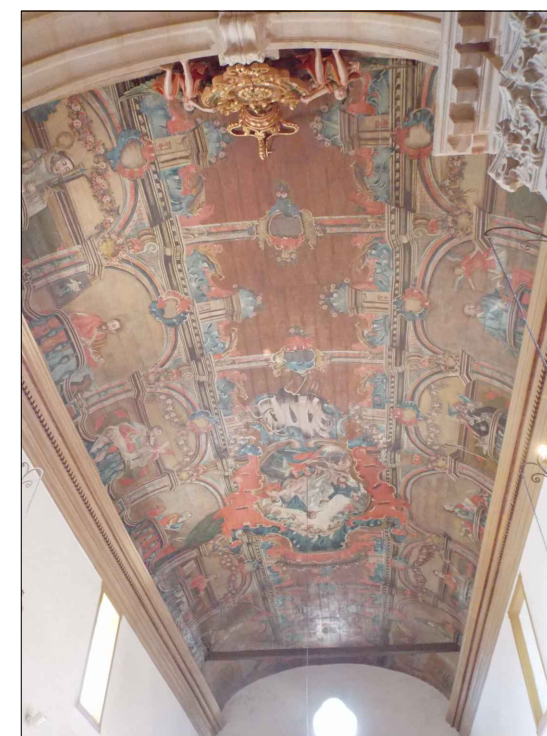
1. Forro abobadado em madeira



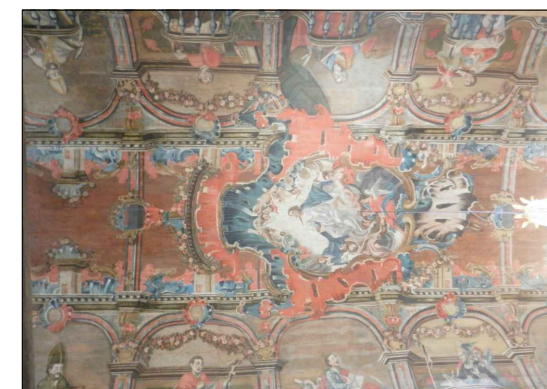
Detalhe forro abobadado em madeira



2. Forro abobadado em madeira



Detalhe forro abobadado em madeira



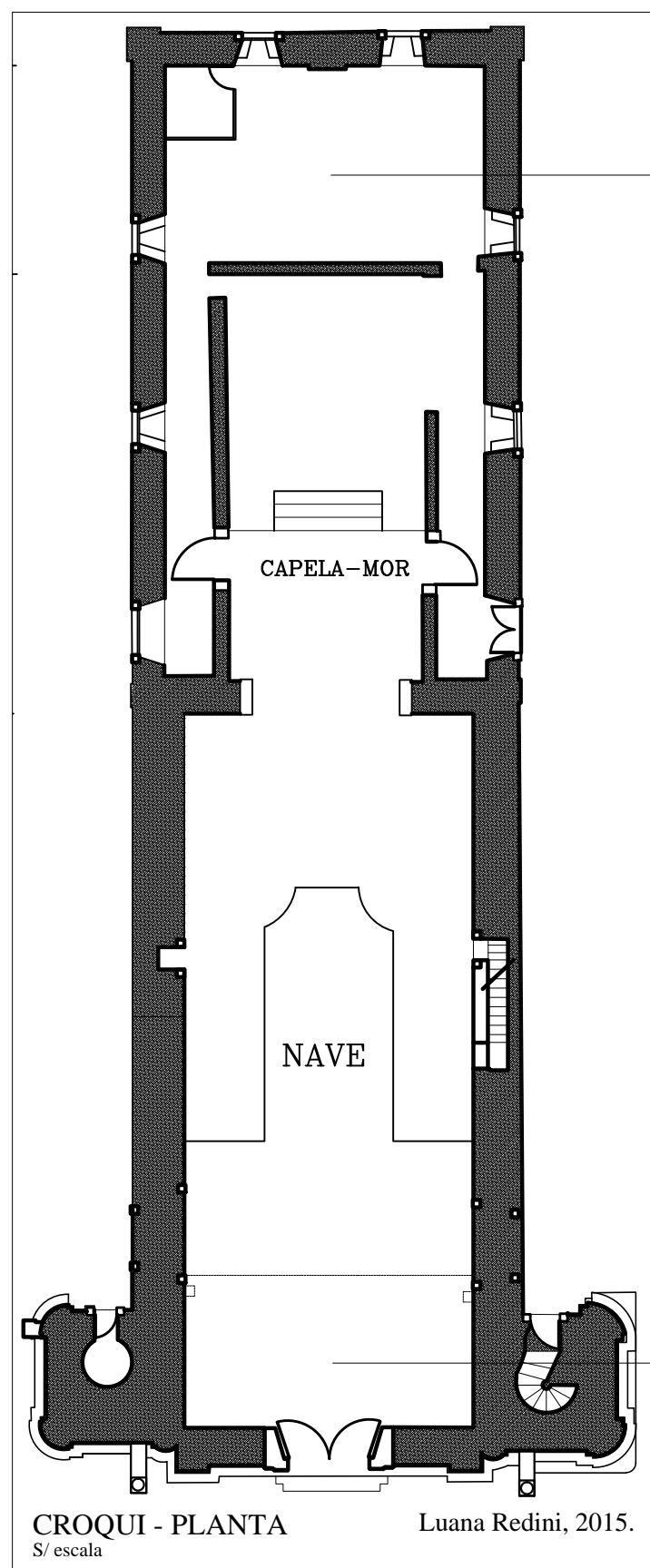
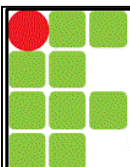
3. Forro plano em madeira



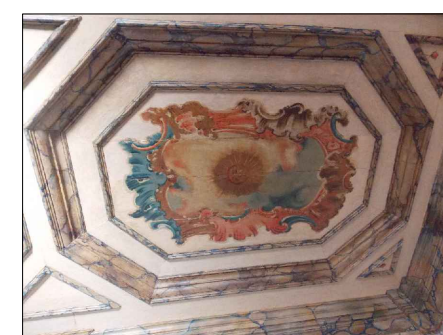
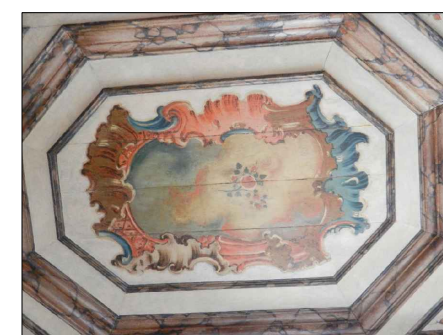
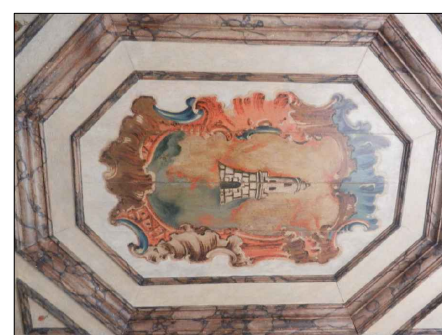
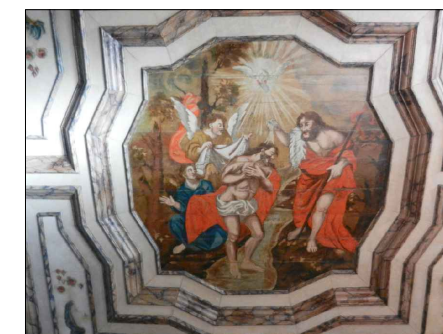
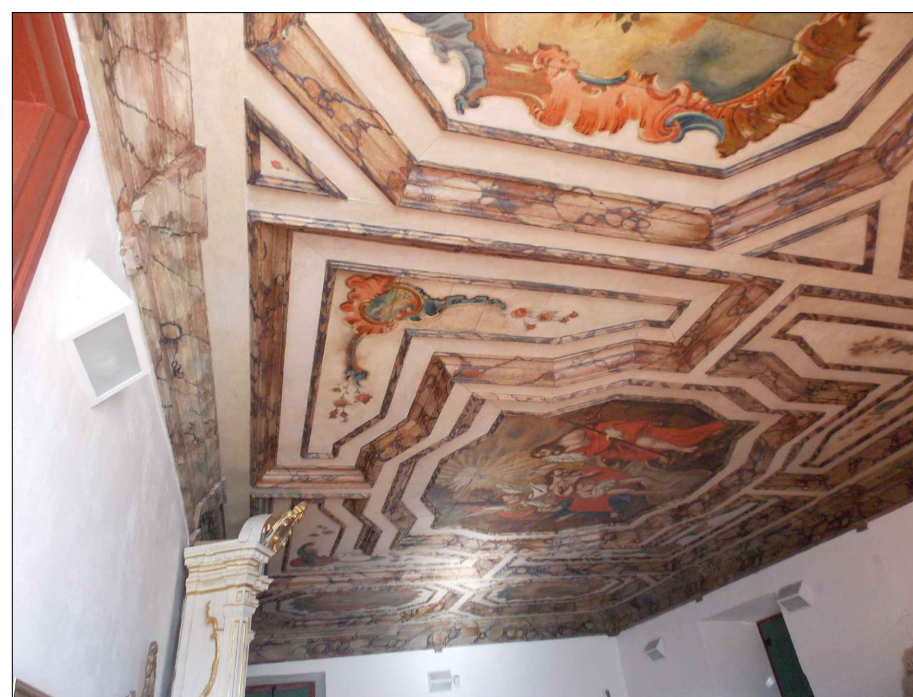
Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro capela-mor: em abóbada de leque, composto por ripas de madeira. Está representada a pintura dos quatro Doutores da Igreja por detrás de uma balaustrada. Há a predominância das cores: vermelho, azul e marrom. No centro há uma talha de folhas de acanto com douramento.
2. Forro nave: abobadado, em madeira e inteiramente pintado retratando figuras de bispos e doutores da igreja em volta da imagem de Santa Efigênia ao centro. Os espaços vazios foram preenchidos com pintura *rocailles* e florais. Há a predominância das cores: vermelho, azul e marrom. Cimalhas e guarda-pós perimetrais.
3. Forro corredores laterais: plano com frisos geométricos em madeira pintado de branco.



1. Forro plano de madeira em caixotão



2. Forro plano com moldura em madeira



Descrição do forro

- Forros (ou teto) :

1. Forro Sacristia: plano em madeira formado por quatro painéis emoldurados e com pinturas de elementos da iconografia cristã (farol, flor, sol e estrela) e um painel central com moldura poligonal saliente com a representação pictórica do Divino Espírito Santo representado pela pomba branca em uma passagem da bíblia. Os espaços vazios são preenchidos por talhas *rocailles* em madeira e pinturas florais. Cimalhas perimetrais.

2. Forro Nártex: plano em madeira com representação ao gosto rococó emoldurada em madeira com pintura de "mármore" bege fingido.